

Um quadro de Paul Klee mostra um anjo que avança, com a cabeça virada para o espaço que já percorreu. Walter Benjamin comenta: parece que uma tempestade o empurra enquanto olha para um amontoado de ruínas. “O que chamamos de progresso é esta tempestade,” conclui o filósofo.

A psicanálise também parece ser empurrada por uma tempestade: Adler, Stekel, Tausk, Rank, Ferenczi – que, em carta a Groddeck, afirma acreditar que morria cedo devido à sua decepção com Freud –, tais são os nomes de suas ruínas. Falta o de Otto Gross. Este livro vem marcar a inclusão de seu nome nessa paisagem desolada.

LUIZ EDUARDO PRADO DE OLIVEIRA

Psicanalista membro do Espace Analytique. Diretor de pesquisa do CRPMS - Centre de Recherches Psychanalyse, Médecine et Sociétés (Universidade Paris 7 - Denis Diderot) e professor emérito de psicopatologia.



Por uma psicanálise revolucionária



Otto Gross

Por uma psicanálise revolucionária

Otto Gross

Marcelo Checchia
Paulo Sérgio de Souza Jr.
Rafael Alves Lima
Organizadores



Por uma psicanálise revolucionária



COLEÇÃO ATO PSICANALÍTICO

Conselho científico: Christian Dunker (direção), Nina de Araújo Leite, Dominique Fingermann, Antonio Quinet, Raul Albino Pacheco, Vladimir Safatle, Nelson da Silva Jr., Maria Ângela Vorcaro, Ana Paula Giansi, Maria de Fátima Milnitzki, Heloísa Helena Aragão e Ramirez, Tatiana Carvalho Assadi, Fuad Kirillos Neto, Ronaldo Torres

A Coleção Ato Psicanalítico objetiva tornar público trabalhos de orientação psicanalítica voltados para a reflexão sobre sua prática clínica. Compreende tanto estudos temáticos sobre grandes figuras da psicopatologia psicanalítica quanto desenvolvimentos de formalização sobre a estrutura do tratamento, o diagnóstico e as variedades de intervenção clínica. Inclui-se neste projeto estudos epistemológicos sobre a história e constituição da clínica psicanalítica, com ênfase na perspectiva de Freud e de Lacan, privilegiando a interlocução com a filosofia e a teoria social.

Série | PSICANÁLISE E GÊNERO

Coordenação: Pedro Ambra

A série PSICANÁLISE E GÊNERO da coleção Ato Psicanalítico congrega publicações que estejam nas fronteiras da psicanálise, estudos de gênero, teorias queer e feminismos, buscando tanto apresentar quanto tencionar diferentes perspectivas teóricas sobre sexualidade, desejo, identidade e processos de subjetivação. O selo promoverá publicações nacionais e traduções que enriqueçam e problematizem a relação da psicanálise com tais campos, bem como discussões específicas de cada um deles.

Série | PSICANÁLISE, HISTÓRIA E POLÍTICA

Coordenação: Marcelo Checchia, Rafael Alves Lima e Paulo Sérgio de Souza Jr.

A série PSICANÁLISE, HISTÓRIA E POLÍTICA, que integra a Coleção Ato Psicanalítico, congrega publicações que abarcam reflexões sobre a história da psicanálise, seu lugar e sua finalidade na sociedade. Para isso, contempla desenvolvimentos da epistemologia historiográfica e da teoria da história contemporânea dedicados à psicanálise ou atravessados por ela. A série compreende, então, estudos voltados à historicização da prática clínica e da teoria psicanalítica em uma perspectiva política, bem como reflexões sobre dispositivos institucionais a elas correlatos. Propõe-se ainda realizar o resgate de autores clássicos ou marginalizados da história da psicanálise, viabilizando o levantamento de arquivos e traduções de textos inéditos em português.

Conheça ao fim do livro os títulos da coleção.



Otto Gross

**Por uma psicanálise
revolucionária**

**Marcelo Checchia
Paulo Sérgio de Souza Jr.
Rafael Alves Lima
(Orgs.)**

Tradução e notas: Paulo Sérgio de Souza Jr.



Dados Internacionais de Catalogação na Publicação (CIP)
Bibliotecária Juliana Farias Motta CRB7/5880

O912

Otto Grosso: por uma psicanálise revolucionária / Organização Marcelo Checchia, Paulo Sérgio de Souza Jr., Rafael Alves Lima; Tradução e notas Paulo Sérgio de Souza Jr. – [1.ed.].
-- São Paulo : Annablume, 2017.

270 p. 16 x 23 cm

Inclui Referências

ISBN: 978-85-391-0883-1

1. Gross, Otto, 1877-1920. 2. Psicanálise. I. Checchia, Marcelo. II. Souza Jr, Paulo Sérgio de. III. Lima, Rafael Alves. IV. Título: por uma psicanálise revolucionária. V. Série

CDD 150.195

Índice para catálogo sistemático:

1. Gross, Otto, 1877-1920
2. Psicanálise

POR UMA PSICANÁLISE REVOLUCIONÁRIA

Projeto Gráfico
Coletivo Gráfico Annablume

Diagramação
Tereza Kikuchi

Annablume Editora
Conselho Editorial
Eugênio Trivinho
Gabriele Cornelli
Gustavo Bernardo Krause
Iram Jácome Rodrigues
Pedro Paulo Funari
Pedro Roberto Jacobi

1ª edição: novembro de 2017

©Marcelo Amorim Checchia | Paulo Sérgio de Souza Jr. | Rafael Alves Lima

Annablume Editora
Rua dos Três Irmãos, 489 – Conj. 3
05615-190 . São Paulo . SP . Brasil
Televentas: (11) 3539-0225 –Tel.: (11) 3539-0226
www.annablume.com.br

SUMÁRIO

Apresentação:	
O retorno do recalcado	7
<i>Gottfried M. Heuer</i>	
 Prefácio:	
Otto Gross, um psicanalista anarquista (biografia resumida)	17
<i>Marcelo Checchia</i>	
Violência parental (1908)	77
Pela superação da crise cultural (1913)	83
O “Psicanálise” de Ludwig Rubiner (1913)	89
A psicanálise ou Nós, clínicos (1913)	91
A influência da coletividade sobre o indivíduo (1913)	95
Observações para uma nova ética (1913)	101
Nota sobre relações (1913)	105
O caso Otto Gross — Carta a Maximilian Harden (1914)	107
Sobre a simbologia da destruição (1914)	111

Do conflito entre o próprio e o estrangeiro (1916)	129
A ideia de base comunista na simbologia do Paraíso (1919)	135
Orientação dos intelectuais (1919)	151
Um problema: o parlamentarismo (1919).....	157
Protesto e moral no inconsciente (1919)	163
Por uma formação intelectual funcional do revolucionário (1919)	171
Por um trabalho preliminar renovado: Do ensino (1920).....	181
Três ensaios sobre o conflito interno (1920)	189

TEXTOS INÉDITOS

Sobre o problema da solidariedade na luta de classes (não datado)	243
Temas da psicologia revolucionária (não datado)	253
[Pela reconstrução do verdadeiro humano] (não datado)	259

APRESENTAÇÃO

O retorno do recalcado¹

GOTTFRIED M. HEUER

“A vontade de relação em oposição à vontade de potência deve ser [...] o mais elevado e mais intrínseco objetivo das revoluções.”

OTTO GROSS (1919)

É um privilégio e uma grande honra para mim ter sido convidado a escrever esta breve introdução para a coleção mais completa dos escritos de psicanálise e política de Otto Gross (1877-1920), em todas as línguas, até a presente data — mais completa que qualquer outra edição², por incorporar os três importantíssimos textos finais de Gross que tive a felicidade de descobrir nos últimos anos. Agradeço e ofereço minhas mais sinceras congratulações. Desejo sucesso à Editora Annablume, em São Paulo, e à equipe que concebeu esta edição: ao editor, José Roberto Barreto Lins; aos coordenadores da Série “Psicanálise, História e Política”, Marcelo Checchia, Paulo Sérgio de Souza Jr. e Rafael Alves Lima; ao tradutor, Paulo Sérgio de Souza Jr.; à colaboradora Ana Cláudia Holanda — um grupo seletivo de “pessoas que contribuem com seus recursos individuais para uma onda geral de cura” (Williamson, 1996, p. 206). Fico muito feliz e orgulhoso também de poder dizer que se juntam a mim nessas felicitações: *Frau* Sophie Templer-Kuh (filha de Otto Gross e

1. Traduzido do original inglês por Ana Cláudia Holanda.

2. Cf. bibliografia das coleções sobre Gross atualmente disponíveis internacionalmente em: www.ottogrossgesellschaft.com/publikationen-publications-2.

Marianne “Mitzi” Kuh), que celebrou seu centésimo aniversário (!) novembro passado, e seu filho, *Herr* Anthony Templer — ambos residentes em Berlim, Alemanha.

Sophie não tinha sequer um ano de idade quando viajou com os pais, o tio — o célebre escritor e satirista Anton Kuh (1890-1941) — e Franz Kafka em um trem noturno de Budapeste a Praga. Alguns anos depois isso seria lembrado por Kafka, que mencionou “o bebê enigmaticamente silencioso”:

Pouco conheci Otto Gross; mas percebi que havia algo essencial ali que, pelo menos, buscava alcançar algo fora do “ridículo” (*aus dem “Lächerlichen”*). O semblante perplexo de seus amigos e parentes (esposa, cunhado, até o enigmático bebê junto às malas [...]) era algo que lembrava o ânimo dos seguidores de Cristo enquanto punham-se aos seus pés ao que ele era pregado à cruz (Kafka, 1983, pp. 78-79).

No final da adolescência, Sophie Templer-Kuh esteve com Sigmund Freud em Viena em uma caminhada dominical junto com sua filha Anna. Ela não somente é um elo vivo, mas vívido (posso dizer, por ter celebrado com ela o seu centenário!), com aquilo que, para o resto de nós, é passado histórico.

Eis o “retorno do recalcado”, sobre o qual falou Freud, famigeradamente: em 1921, pouco depois da morte de Otto Gross, Anton Kuh, mencionado acima, escreveu que se tratava de “um homem cujo nome era conhecido por poucos — tirando um punhado de psiquiatras e agentes secretos — e, desses poucos, apenas por aqueles que arrancaram suas penas para enfeitar os próprios traseiros” (Kuh, 1921, pp. 161-162). E isso a despeito do fato de ter sido um dos maiores inovadores e contribuidores da teoria e da clínica psicanalíticas em desenvolvimento, com efeitos que, aliás, continuam a ter impacto nos dias de hoje: “Cem anos atrás, Otto Gross escreveu a teoria para a terapia do futuro” (Madison apud Heuer, 2017, p. viii).

O próprio Freud dizia que ele era “talentoso” (Freud in Freud; Jung, 1976, p. 201) e que seu trabalho era “notável” (p. 278). Ele admirava Gross como sendo um dos únicos dois analistas “capazes de dar uma contribuição original” (p. 171); Jung, o outro da dupla, chamava Gross de “meu irmão gêmeo” (p. 203). O que fez, em seguida, com que Gross se tornasse uma *persona non grata*? Gross não somente tomou Freud ao pé da letra para entender as neuroses individuais como estando ligadas à sociedade patriarcal/capitalista, como também se envolveu ativamente na política revolucionária, declarando, em 1913:

Só me misturei com anarquistas e também me declaro anarquista. Sou psicanalista e, pela minha experiência, fui capaz de concluir que a organização familiar existente é ruim. A autoridade na família como fonte de autoridade *per se* precisa ser transformada — o conflito básico no interior da personalidade é aquele entre o caráter inato e a vontade imposta contra a pessoa —; estamos todos envolvidos em sugestões que chamamos de “educação”. Acredito que há uma ética inata, que está em contato com uma sexualidade inata, a qual é diferente daquela que nos é imposta [...] e já que quero mudar tudo, sou um anarquista. (Berze; Stelzer, 1913/1999-2000, p. 24)

Já em 1908, no 1º Congresso psicanalítico de Salzburgo, Freud repreendeu Gross: “Somos médicos e queremos permanecer médicos” (Freud apud Gross, 1913a, p. 89). Por causa de sua política radical, Gross virou um pária da instituição analítica. Na Roma Antiga, as pessoas utilizavam o termo *damnatio memoriae*³ para isso; quase uma maldição que, pelo menos nos recintos ortodoxos da psicanálise, dura até hoje: periódicos analíticos *ainda* relutam em aceitar publicações — quando não as recusam de cara — de quaisquer tentativas de “retornar o recalcado”. Com o recalque de Otto Gross e de seus trabalhos, cometeu-se um assassinato de

3. Do latim, “condenação da memória”. (N. de E.)

personalidade, um crime que deixou uma ferida em nossa história coletiva. A publicação destes importantes escritos no Brasil — conservando ainda hoje sua relevância — pode ser vista como parte do processo de “cura da história ferida” (Parker, 2001).

Há uma pungência particular no fato de que a mais completa coleção dos escritos psicanalíticos e políticos de Otto Gross esteja sendo publicada no Hemisfério Sul, no Brasil: em uma perspectiva histórica geral, podemos traçar um paralelo entre a sina pessoal de Otto Gross e a dos países latino-americanos, que permanecem taxados arrogantemente de “Terceiro Mundo” pelos países estabelecidos como governantes atuais do nosso planeta. Se consideramos a exploração e a subsequente condenação de Gross por aqueles que governavam a psicanálise — e que, portanto, escreveram sua história da maneira que bem querem os vitoriosos —, há aí uma correspondência com a forma como as Américas, especialmente a Central e a do Sul, foram tratadas desde a sua “descoberta” pelos europeus há cerca de 500 anos: exportação de terrorismo e barbárie para esse continente numa escala sem precedentes, com a benção da Igreja, a ponto de o Papa Alexandre VI ter infamemente declarado não haver pecado ao sul do equador — isto é, uma licença papal para atrocidades inimagináveis, incluindo o genocídio de milhões de nativos, bem como sua escravização (mediante violência intencional) e a importação de doenças letais. O eco dessa vergonhosa história reverbera ainda hoje na desdenhosa rotulação de “Terceiro Mundo”.

Contudo, “o recalcado”, como dizia Freud, desenvolve uma energia especial, uma força irrefreável que irrompe, derradeiramente, em qualquer tentativa de mantê-lo reprimido: foi o jugo da opressão colonial nas Américas que conflagrou as primeiras revoluções, primeiro no Norte, e, dali em diante, em uma dialética revolucionária mútua Atlântico afora. Entre o “Novo Mundo” e o “Velho”, as fagulhas foram levadas de um lado para o outro, acendendo as revoluções francesa e, subsequentemente, centro-americanas, no Haiti e no México; os movimentos de independência em toda a América Latina e, até mesmo, os levantes

européus da metade do século XIX: a Comuna de Paris, a Revolução Russa etc. Em última análise, isso pode ser compreendido como a “onda de cura geral” de que fala Williamson (1996, p. 206), acima mencionada. Como um psicanalista revolucionário, Gross concebia que se relacionar mutuamente como iguais era um dos pré-requisitos para a cura. Acreditava, ainda, que “todo o sofrimento de toda essa humanidade em si mesma e toda a esperança de que isso mude: é isso a nossa clínica” (Gross, 1913b/2017, p. 91). Hoje sabemos que “os personagens importantes dos próximos anos serão as pessoas que se veem como estando aqui para contribuir para a cura do mundo” (Williamson, 1996, p. 209). Esse é o contexto político e revolucionário em que vejo a ressurreição de Gross sincronicamente ligada ao projeto da Editora Annablume — especialmente pelo fato de que, nesta tradução, ele fala, de certa maneira, com uma voz latino-americana. Então, mais uma vez, cumprimentos e felicitações a todos os envolvidos. Desejo calorosamente que seja um grande e duradouro sucesso!

Talvez não seja inadequado concluir com algumas palavras sobre mim, para que você, leitor, saiba por que fui convidado a escrever esta introdução: tendo ouvido falar de Otto Gross no início dos anos 1970, pela primeira vez, comecei a pesquisar seriamente a sua vida e o seu trabalho em meados dos anos 90. Nesse ínterim, dei início à Sociedade Internacional Otto Gross, fundada em 1998 em São Francisco, Califórnia, na companhia de Anthony Templer, neto de Gross, e Raimund Dehmlow (*in absentia*), de Hannover, Alemanha⁴. Após nove congressos internacionais sobre Otto Gross (na Alemanha, Áustria, Suíça e Inglaterra, totalizando mais de 5.500 trabalhos inscritos e publicados pela Verlag Literaturwissenschaft⁵, de Marburg, Alemanha, e pela Routledge, Londres/Nova York), o padrão descrito acima se repetiu em nossa sociedade: em um movimento contrário ao an-

4. Dehmlow disponibilizou uma cronologia detalhada da vida de Otto Gross e de seus contemporâneos no site: <www.dehmlow.de/index.php/de/database/lebenslinien>.

5. <www.literaturwissenschaft.de>.

seio de Gross de substituir a vontade de potência pela vontade de relação, os membros fundadores foram alienados e excluídos de futuras atividades. *Contudo*, também verdade para esse padrão, o então recalcado está de volta: continuo como mantenedor do Arquivo Otto Gross, em Londres — a maior coleção de material relacionado a Gross no mundo, com milhares de documentos —, e de uma biblioteca de fontes primárias e secundárias em mais de 20 idiomas. Recentemente, publiquei o fruto de minha pesquisa (Heuer, 2017), que discuto com meu amigo Jonathan Chadwick em um vídeo disponível na internet⁶. E ao passo que a antiga sociedade parece estar inoperante, fundei uma associação alternativa: Associação Internacional para Estudos Otto Gross (Internationale Assoziation für Otto Gross Studien / International Association for Otto Gross Studies / Association Internationale pour l'Études d'Otto Gross / Associazione Internazionale di Studi su Otto Gross / Asociación Internacional de Estudios de Otto Gross / Международная Ассоциация Исследований Отто Гросса / Międzynarodowe Towarzystwo Studiów o Otto Grossie).

Com o apadrinhamento de *Frau* Sophie Templer-Kuh, somos uma associação livre de pesquisadores, cientistas, historiadores, acadêmicos e leigos com interesse em Otto Gross e que se apoiam mutuamente em seus respectivos empreendimentos. Sem burocracia, hierarquia, mensalidades ou qualquer outra obrigação, um simples e-mail é o suficiente para tornar-se membro⁷. Tendo sido cofundador da, hoje mais ou menos finada, primeira Sociedade Gross, Anthony Templer tem novamente um papel central como gestor do site da nova associação⁸ e de nossa página no Facebook⁹. Bibliografias dos trabalhos de Gross (em inglês e alemão), assim como fontes secundárias sobre ele, estão disponíveis nesse site. Atualmente estamos organizando o 10º Congresso

6. <<https://vimeo.com/196609212>>.

7. <join@ottogross.org>.

8. <<https://ottogross.org>>.

9. <www.facebook.com/OttoGross.Psychoanalyst>.

Internacional Otto Gross, que ocorrerá em Moscou, em outubro de 2017, e coincidirá com o centenário da Revolução Russa (Gross não viveu o suficiente para testemunhar sua deterioração). Minha esperança é que a publicação dos escritos de Gross no Brasil suscite interesse suficiente na América Latina, de modo que possamos fazer o próximo congresso em São Paulo! Este livro, seguramente, é um marco do retorno do recalcado — e não somente para Otto Gross.

Londres, primavera de 2017.

REFERÊNCIAS

BERZE, J.; STELZER, D. K. (1913) Befund und Gutachten, *Gegner*, n. 3, Berlin, 1999/2000, pp. 24-36.

FREUD, S.; JUNG, C. G. (1976) *Correspondência completa [1906-1914]*. Trad. L. Fróes; E. A. M. Souza. Rio de Janeiro: Imago.

GROSS, O. (1913a) “O ‘psicanálise’ de Ludwig Rubiner”. In: *Por uma psicanálise revolucionária*. Orgs. M. Checchia; P. S. Souza Jr.; R. A. Lima; Trad. P. S. Souza Jr. São Paulo: Annablume, 2017.

———. (1913b) “A psicanálise ou Nós, clínicos”. In: *Por uma psicanálise revolucionária*. Orgs. M. Checchia; P. S. Souza Jr.; R. A. Lima; Trad. P. S. Souza Jr. São Paulo: Annablume, 2017.

———. (1919) “Por uma formação intelectual funcional do revolucionário”. In: *Por uma psicanálise revolucionária*. Orgs. M. Checchia; P. S. Souza Jr.; R. A. Lima; Trad. P. S. Souza Jr. São Paulo: Annablume, 2017.

———. (2000). *Von geschlechtlicher Not zur sozialen Katastrophe (mit einem Essay von Franz Jung zu Werk und Leben von Otto Gross sowie einem Nachwort von Raimund Dehmlow)*. Hamburg: Nautilus.

———. (2003). *Más allá del diván. Apuntes sobre la psicopatología de la civilización burguesa*. Introd. H. Rosenberger. Barcelona: Ali-kornio.

———. (2009) *Werke 1901-20*. Ed. L. L. Madison. Hamilton, NY: Mindpiece.

———. (2011) *Psychanalyse et révolution: Essais*. Trad. J. Étoré; Pref. J. Le Rider. Paris: Edition du Sandre.

_____. (2012) *Selected Works 1901-20*. Trad. L. L. Madison. Hamilton, NY: Mindpiece.

HEUER, G. (2017) *Freud's 'Outstanding' Colleague/Jung's 'Twin Brother', The Suppressed Psychoanalytic and Political Significance of Otto Gross*. London. New York: Routledge.

KAFKA, F. (1983) *Briefe an Milena*. Frankfurt: Fischer.

KUH, A. (1921) *Juden und Deutsche*. Berlin: Reiss.

PARKER, R. (2001) *Healing wounded history*. Cleveland: Pilgrim.

WILLIAMSON, M. (1996) *A return to love*. London: Harper Collins.

PREFÁCIO

Otto Gross, um psicanalista anarquista (biografia resumida)

MARCELO CHECCHIA

“É muito grande o respeito que tenho por Otto Gross”, “é um homem muito inteligente”, “um homem tão talentoso, tão decidido”, “tão valioso”, um dos poucos capazes “de dar uma contribuição original”, disse Sigmund Freud (Freud; Jung, 1976, 19/04/1908; 29/05/1908; 25/02/1908; 07/06/1909; 01/07/1907, passim). Ernest Jones (1879-1958), que foi introduzido na psicanálise por Gross, o descreve como “o exemplo mais próximo que já conheci da ideia romântica de gênio [...] Nunca mais eu haveria de encontrar um poder tão penetrante de adivinhar os pensamentos íntimos dos outros” (Jones, 1959/1990, p. 173). Sándor Ferenczi (1873-1933), dirigindo-se a Freud (1856-1939), disse a respeito dele: “sem dúvida: entre os que têm seguido o senhor até agora, ele é o mais importante” (Ferenczi in Freud; Ferenczi, 1994, 22/03/1910). Alfred Adler (1912) o qualificara de “brilhante” e Wilhelm Stekel (1920), de “engenhoso”. Se Otto Gross foi muito bem qualificado e reconhecido nos primórdios da psicanálise, hoje ele é quase completamente desconhecido. Quando raramente se ouve algo a seu respeito, o que se diz é que se trata de um psicanalista psicótico. Será? Quem foi, afinal, Otto Gross? Sua vida foi tão interessante, com tantas histórias ricas, excêntricas e controversas que renderia um livro inteiro para contá-las. Tentarei aqui resumir alguns de seus pontos essenciais¹.

1. As possíveis razões de seu esquecimento serão discutidas em “Otto Gross: um caso de segregação e esquecimento na história da psicanálise”, artigo a ser publicado em outro momento. Já uma síntese de suas ideias é apresentada em “Otto Gross e o combate à

Em 17 de março de 1877, num vilarejo chamado Gniebing, no distrito de Feldbach (Sudeste da Áustria), nasceu Otto Hans Baptist Adolf Gross, único filho de Adelaide Maria Eleonara Gross (1854-1942) e Hans Gustav Adolf Gross (1847-1915). De Adele — como era chamada a mãe de Otto — pouco se sabe, a não ser que teve um papel secundário nessa tradicional família patriarcal da Áustria do século XIX. Já de Hans se sabe muito mais, tanto de sua vida pública como da influência que exerceu na vida do filho. Aliás, pode-se dizer — parodiando o título do texto² publicado por Carl Jung (1875-1961) a partir de sua experiência de análise mútua com Otto Gross — que Hans teve uma importância crucial no destino de Otto.

À época, Hans já era um cidadão bastante renomado na Áustria e, posteriormente, tornou-se mundialmente conhecido como o pai da criminologia moderna. Seu percurso até se tornar essa figura proeminente começou ao trabalhar como juiz de instrução. Nessa função, percebeu que os oficiais da polícia, e mesmo outros juízes de instrução com os quais tinha de trabalhar, não possuíam nenhuma formação científica e não seguiam nenhum método rigoroso de investigação. Ele, então, encarregou-se de instituir na Universidade de Graz (maior cidade austríaca depois de Viena) uma formação em criminologia científica, integrando ao conhecimento preexistente de investigação criminal uma metodologia científica e alguns aspectos da psicologia do criminoso. Em suas pesquisas, inicialmente Hans procurava classificar os tipos de crime e os diferentes meios de cometê-los. Esse trabalho o levou a estabelecer uma grande coleção dos índices aparentes do crime — tipos de armas, ossos marcados ou deformados pelos delitos, diferentes instrumentos para aborto, objetos de crimes que eram famosos etc. —, o que, posteriormente, transformou-se num museu

vontade de potência”. In: M. Checchia (org.) *Combate à vontade de potência*. São Paulo: Annablume, 2016, pp. 123-151.

2. “A importância do pai no destino do indivíduo” (Jung, 1909/2011).

de criminologia, considerado ainda hoje um dos principais do mundo.

Mas as pesquisas de Hans iam bem além desse esforço classificatório. Em 1893, publicou seu *Handbuch für Untersuchungsrichters*



Figura 1 - Hans Gross

© Otto Gross Archive/

Gottfried M. Heuer, Londres

chters [Manual para os juizes de instrução], livro que condensa seus anos de experiência de investigação de crimes ocorridos. Já em 1898, veio a publicar *Die Kriminalpsychologie* [Psicologia criminal], livro no qual sintetizou suas ideias sobre as causas psicológicas dos crimes e dos criminosos. Esse interesse pelos fatores psicológicos também levou Hans a se aproximar dos estudos de Sigmund Freud. Este, inclusive, publicou em 1906 o texto “Psicanálise e a determinação dos fatos nos processos jurídicos” justamente na revista que Hans dirigia (*Archiv für Kriminalanthropologie und Kriminalistik* [Arquivo

de Antropologia Criminal e Criminalística]). Essa aproximação, porém, não se estreitou. Hans se tornou um dos principais defensores da teoria da degenerescência e defendia que não só os criminosos, mas todo e qualquer indivíduo que não seguisse e respeitasse os padrões da sociedade, deveriam ser punidos. Assim, os chamados “vagabundos”, “psicopatas”, “homossexuais”, “perversos” etc. compunham a escória da humanidade e deveriam ser banidos da sociedade. A polícia, segundo Hans, deveria reprimir, sob quaisquer meios, as manifestações dos marginais para garantir a ordem e demonstrar a força da lei. Era claro, como bem diz Martin Green (1979, p. 50), “que Hans Gross se identificava com a função punitiva, um dos traços da cultura patriarcal”.

Entretanto, curiosamente Hans não aplicou tais ideias na educação de seu próprio filho, ao menos enquanto este ainda era

criança. Ele não lhe censurava, nem o punia, e ainda se dispunha a satisfazer seus caprichos. Otto, por exemplo, durante anos dormiu no quarto dos pais, onde, aliás, testemunhou algumas cenas sexuais que o perturbaram — quando adulto, ele disse: “eu estava terrivelmente assustado com a sexualidade de meus pais; com cinco anos de idade, associei-a à imagem de uma galinha esfaqueada até a morte, e tive a sensação de estupro” (Gross apud Heuer, 2017, p. 161). Otto também foi excessivamente protegido pelos pais, que durante bastante tempo o impediram de conviver com outras crianças de sua idade. Para educá-lo, contrataram os melhores preceptores da Áustria e, posteriormente, quando passou a ir à escola, seus pais sempre o levavam e buscavam, impossibilitando que ele se tornasse mais independente. Foi educado, conforme nos conta Else Jaffé³, “como um príncipe” (Jaffé apud Le Rider, 2011, p. 8).

Essa educação, contudo, logo suscitou alguns problemas. Sobre os dez anos do filho, Adele (apud Heuer, 2017, p. 161) disse: “nosso menino malvado, cujo principal empenho é não ser do jeito que deveria”. Essa imagem de um menino malvado aparece igualmente no discurso de Hans. Uma das lembranças mais remotas de Otto — contada para Freud à ocasião da apresentação, feita por este, do caso “Homem dos Ratos” no primeiro Congresso Internacional de Psicanálise em Salzburgo, 1908 — é a de seu pai dizendo para as visitas em sua casa: “cuidado, ele morde!” (Freud in Freud; Jung, 1976, 19/05/1908).

Mas se, por um lado, os pais satisfaziam os caprichos de Otto, por outro, Hans era bastante exigente quanto aos estudos. Segundo Franz Jung (1888-1963), um dos melhores amigos de Otto, ele tinha de tirar dez em todas as matérias e durante toda a sua escolaridade, “senão seu pai preferiria morrer” (F. Jung apud Le Rider, 2011, p. 8). Otto, por sua vez, correspondia a essa exigência, mostrando-se desde cedo bastante prodigioso.

3. Elisabeth Helene Amalie Sophie Freiin (1874-1973), Baronesa de Richthofen, foi a primeira mulher cientista social na Alemanha. Foi também uma das amantes de Otto Gross.



Figura 2 - Otto Gross

© Otto Gross Archive/Gottfried M. Heuer, Londres

Ele se recusava a ler livros infantis e pedia para substituí-los por enciclopédias, especialmente sobre a natureza. Segundo seu pai, “antes mesmo de saber ler, ele conhecia osso por osso a anatomia dos animais pré-históricos” (H. Gross apud Le Rider, p. 9). Tornou-se um adolescente calmo, estudioso e interessado por botânica e biologia. Distintamente de seus colegas, evitava o álcool e as mulheres, embora as desejasse ardorosamente. No entanto, já nessa época, interessou-se também pelas drogas e seus efeitos. A primeira que experimentou foi o arsênico, acreditando que aumentaria sua virilidade.

Incentivado pelo pai, aos vinte e dois anos Otto se formou em medicina na Universidade de Graz (1899). Sua tese de doutorado, publicada em 1901⁴, tratava justamente dos efeitos de diferentes drogas. Logo após sua formatura, Otto passou a trabalhar como médico de bordo de navios que faziam a rota Hamburgo-América do Sul. Foram apenas seis meses de viagens, mas que lhe renderam grandes consequências: desde então, desenvolveu forte vício em ópio, morfina e cocaína.

Durante 1901 e 1902, Otto fez estágios como médico assistente em clínicas neurológicas em Graz e Munique, com uma intensa dedicação a pesquisas científicas — a qual se manteve ao longo de sua breve vida. Nesse período, publicou seis artigos: “Zur den cardirenalen Theorien” [Sobre as teorias cardio-renais, 1901]; “Zur Frage der sozialen Hemmungsvorstellungen” [Sobre a questão das representações de inibição sociais, 1901]; “Die Affektlage der Ablehnung” [O estado afetivo da rejeição, 1902]; “Über Vorstellungszerfall” [Sobre a desintegração da representação, 1902] e “Zur Phyllognese der Ethik” [Por uma filogênese da ética, 1902] — o primeiro e o último tendo sido publicados na revista dirigida por seu pai. Em 1902, porém, Otto teve de paralisar suas atividades científicas para tratar de sua adição. Internou-se voluntariamente para uma desintoxicação no Burghölzli — hospital psiquiátrico da Universidade de Zurique, na Suíça, onde trabalhavam Eugen Bleuler (1857-1939) e Carl Jung (é provável que eles tenham se conhecido nessa circunstância) —, solicitando, inclusive, que fosse mantido contra sua própria vontade, caso necessário. Tudo indica que nessa mesma época ele começou a se interessar pelos trabalhos de Freud.

Após alguns meses, ao sair da internação, Otto Gross deu prosseguimento às suas atividades científicas, mas ainda num viés psiquiátrico. Nos dois anos seguintes, publicou mais alguns artigos: “Über die Pathogenese des spezifischen Wahns

4. O. Gross, *Compendium der Pharmako-Therapie für Polikliniker und junge Ärzte* [Compendio de farmacoterapia para policlínicos e jovens médicos]. Leipzig: Vogel, 1901.

bei Paralytikern” [Sobre a patogênese do delírio específico em paralíticos, 1903]; “Beitrag zur Pathologie des Negativismus” [Contribuição para a patologia do negativismo, 1903-04]; “Ein Todesfall infolge von latentem *Aneurysma arteriae vertebralis*” [Um caso de morte por *Aneurysma arteriae vertebralis* latente, 1904]; “Zur Biologie des Sprachapparates” [Sobre a biologia do aparelho de linguagem, 1904]; “Zur Differentialdiagnostik negativistischer Phänomene” [Sobre o diagnóstico diferencial dos fenômenos negativistas, 1904]; “Über Bewusstseinszerfall” [Sobre a desintegração da consciência, 1904]; “Zur Nomenclatur *Dementia sejunctiva*” [Sobre a nomenclatura *Dementia sejunctiva*, 1904]. Apesar de ter entrado em contato com os trabalhos de Freud desde 1902, alguns desses textos são exclusivamente médicos e outros, embora abordem temas sociais e filosóficos, tratam mais da fisiologia e da anatomia do cérebro⁵.

Nessa época, Otto apoiava-se principalmente na noção de “sejunção” do psiquiatra organicista Carl Wernicke (1848-1905)⁶, segundo a qual os distúrbios psíquicos seriam provocados pela disjunção de fibras nervosas do cérebro, para fundamentar a tese de que haveria uma associação entre os elementos nervosos (as excitações sensoriais, a percepção) e as representações mentais (palavras). Haveria, então, por uma lesão do cérebro ou das fibras associativas, uma disjunção entre a excitação sensorial e as cadeias de representação que poderia levar ao estado maníaco ou paranoico.

Esse estudo da fisiologia e da anatomia do sistema nervoso, entretanto, não deixava de lado questões éticas relativas à vida social. Otto questionava, por exemplo, o que leva uma pessoa a cometer ou não um crime, supondo haver no criminoso algum tipo de inclinação neurofisiologicamente determinada. Nessa fase de sua vida e de seus estudos, sua posição é mais condizente

5. Apenas em “Sobre o diagnóstico diferencial dos fenômenos negativistas” Gross faz menção a Freud, para destacar um ponto de convergência com Wernicke.

6. Freud também dialogou com Wernicke em seus estudos sobre a afasia (Freud, 1891), mas posteriormente abandonou essa referência.

com as concepções de seu pai⁷; Otto afirma, por exemplo, que os indivíduos que “cedem à sua tendência criminosa devem ser sacrificados para o bem comum, ainda que saibamos que eles estavam predestinados à sua falha e a seu castigo” (Gross apud Le Rider, 2011, p. 14). Foi somente depois de 1904, quando conheceu Freud pessoalmente (cf. Jones, 1975), que seus textos passaram a ter uma influência maior da psicanálise.

Em meio a toda produção desse período algo bastante significativo se passava na vida pessoal de Gross. Depois de permanecer afastado das mulheres durante a fase de estudos, repentinamente, segundo seu amigo Franz Jung, “do dia pra noite ele estava procurando alguém com quem pudesse ser capaz de se comunicar” (F. Jung apud Heuer, 2017, p. 163). Em 1903, para surpresa e desgosto da família, casou-se com Frida Emilie Marie Sofie Schloffer (Frieda, como preferia ser chamada), filha de um advogado de Graz e amiga íntima das irmãs Von Richthofen⁸, pioneiras do feminismo na Alemanha, bem como de Marianne Weber (1870-1954), esposa de Max Weber (1864-1920) — intelectual alemão considerado um dos fundadores da sociologia moderna.

O ano de 1905 foi decisivo para a vida de Otto e Frieda. Pela primeira vez eles foram a Ascona, Suíça, onde se reuniam os anarquistas e comunistas perseguidos pela polícia de diversos países europeus e outros que buscavam uma vida alternativa aos valores e costumes-padrão, como poetas e naturistas. Em uma das colinas de Ascona, que ficou conhecida como “Monte Verità”⁹, havia uma comunidade que vivia sob os princípios do

7. Como ainda são textos anteriores à sua incursão psicanalítica, e devido ao fato de ele próprio ter querido excluir tais textos de suas obras — cf. carta que escreveu a seu amigo Fritz Brupbacher (1874-1945), em 1912 (Le Rider, 2011, p. 51) —, optamos por não incluí-los nesta coletânea.

8. Else (1874-1973) e Frieda (1879-1956). A primeira se casou com o economista Edgar Jaffé (1866-1921), passando a se chamar Else Jaffé; a segunda, com o filólogo Ernest Weekley (1865-1954), de quem se separou para viver com o escritor David Herbert Lawrence (1885-1926). Otto Gross, como veremos, manteve relações amorosas com ambas.

9. Cf. nota 4 de “O caso Otto Gross, carta aberta a Maximilian Harden”, pp. 108-109.

anarquismo. Os relacionamentos amorosos, sociais e econômicos eram livres do modelo patriarcal, ou seja, independentes das leis do Estado e dos valores morais da família patriarcal. Homens e mulheres podiam viver relações amorosas e sexuais com quem quisessem e quantas vezes quisessem. Eram frequentes atividades de libertação sexual, como, por exemplo, saraus em que todos se despiam enquanto recitavam poesias. Por isso, os habitantes dessa comunidade ficaram conhecidos como imoralistas sexuais e Ascona ficou conhecida como a capital mundial dos “psicopatas”¹⁰. Por lá passaram anarquistas como Mikhail Bakunin (1814-1876), Errico Malatesta (1853-1932) e Piotr Kropotkin (1842-1921) — que se tornou uma referência para Gross —, assim como diversos artistas e escritores, principalmente de Munique e de Berlim — dentre eles, o poeta anarquista Erich Mühsam (1878-1934), que se tornou um grande amigo e mesmo um discípulo de Gross.

A experiência dessa estadia em Ascona, associada à descoberta de um inovador método de tratamento e de uma nova ciência dele derivada — a psicanálise —, culminou numa verdadeira subversão subjetiva e numa literal revolução na vida de Otto Gross. O primeiro efeito foi o engajamento quase imediato num projeto de libertação sexual, iniciado ali mesmo em Ascona. Gross encontrara na psicanálise uma excelente fundamentação para a revolução sexual anarquista e rapidamente se tornou uma referência importante para esse grupo. O fim da repressão das manifestações da sexualidade e o fim do jugo das mulheres ao poder dos homens foram as principais bandeiras levantadas nesse momento.

Após esse primeiro período em Ascona, a permanência em Graz ficou insustentável. Otto desejava estar em contato contínuo com os pensadores e artistas que conhecera. Ademais, em Graz sua reputação já estava denegrida devido a seus vícios. Viver segundo os princípios anarquistas nessa interiorana

10. Esse era então o termo para designar os imoralistas sexuais.

e tradicional cidade iria piorar sua imagem e suas condições, ainda mais com a presença do pai, que acabara de se mudar para Graz para assumir uma cadeira na Universidade (até então ele lecionava na Universidade de Praga). Assim, em 1906, antes mesmo de sua titularização na Universidade de Graz, Otto e Frieda passaram a residir em Munique e a integrar os círculos intelectuais e artísticos de Schwabing — bairro boêmio, considerado o “Quartier Latin suíço” —, frequentados por pessoas como Frank Wedekind (1864-1918), Alfred Schuler (1865-1923), Max Brod (1884-1968), Franz Kafka (1883-1924), Franz Jung e Erich Mühsam.

Entre 1906 e 1909, Otto circulou bastante entre Ascona e Munique, incorporando em seu dia a dia os princípios anarquistas e a clínica psicanalítica. Em uma dessas idas e vindas, ocorreu uma situação muito delicada e que veio marcar sua vida. Seu nome foi associado ao suicídio, em 1906, de Lotte Chattemer, uma anarquista analisada por ele. Otto foi acusado e perseguido por ter ajudado no suicídio, o que o levou a escrever, em 1914, uma carta aberta na qual assume que deixou um veneno letal nas mãos de Lotte e procura justificar por que o fez (Gross, 1914a).

Houve também outros fatos controversos nesse período. Ainda em 1906 Frieda engravidou e logo convidou Else Jaffé, já mãe de duas crianças, para morarem juntos e ajudá-la. Com a ciência de Frieda e Edgar Jaffé — marido de Else, que também aderiu ao amor livre —, rapidamente Otto e Else tornaram-se amantes e geraram mais uma criança. Os filhos de ambas nasceram em 1907 e foram igualmente chamados de Peter. Nesse mesmo período, Otto conheceu e tornou-se amante de Frieda (von Richthofen) Weekley, irmã de Else. Todas essas relações eram abertas e condizentes com a revolução sexual idealizada por Otto. Além de viver essas relações, ele incentivava sua mulher e suas amantes a terem relações com outros homens. Entretanto, o que se mostrava inicialmente muito promissor e realizador, aos poucos foi dando sinais de alguns problemas. Frieda Gross começou a se queixar da

vida que levava. Otto, por sua vez, passou a vê-la cada vez mais como uma mulher muito tímida e um pouco apagada, como alguém que jamais acreditou na revolução que ele propunha. Já Frieda Weekley tornou-se, a seus olhos, a mulher do futuro, a mulher que lhe ensinou a acreditar em si mesmo. Mas o relacionamento com Weekley não lhe bastara. No mesmo ano em que nasceram seus dois filhos, Otto também teve um caso amoroso com Regina Ullmann (1884-1961), uma escritora suíça a quem havia analisado — cujos trabalhos, aliás, eram admirados por Rainer Maria Rilke (1875-1926). No ano seguinte, fruto desse caso, nascia agora uma filha, Camilla.

Essa vida amorosa conturbada trouxe algumas dificuldades para Gross conseguir espaço para divulgar suas ideias. Else Jaffé, por exemplo, incentivou Gross a enviar um texto a Max Weber — que foi seu orientador e amante —, intitulado “Über psychologische Herrschaftsordnung. I. Der Psychologismus seit Nietzsche und Freud” [Sobre a dominação psicologista. I. O psicologismo a partir de Nietzsche e Freud]. O texto foi enviado, mas recusado por Weber, com a justificativa de que Gross não adotaria um ponto de vista científico com sua proposta de uma nova ética. Marianne Weber, no entanto, conta que seu marido ficou consternado com os “estragos” cometidos por Gross em certas pessoas. A interpretação grossiana da psicanálise freudiana, segundo ele, ameaçaria os mais altos valores da vida (Le Rider, 2011, p. 28). A vida amorosa de Gross parece ter tido papel mais decisivo na recusa de Weber (ambos tiveram a mesma amante), mesmo porque o argumento utilizado por Weber não se mostra muito consistente, se considerarmos a influência que as ideias de Gross exerceram sobre o seu próprio pensamento — como nos mostra Green (1979).

Se Weber fala do estrago que Gross teria cometido na vida de algumas pessoas, há, em contraste, depoimentos desse mesmo período que retratam o contrário. Alguns fragmentos de um deles vale deixar aqui registrado, pois se trata de um relato de Erich Mühsam, encaminhado para Freud, de sua experiência

de análise com Gross. Além de agradecer a Freud pela criação da psicanálise, Mühsam procura fazer sua própria descrição do funcionamento do método psicanalítico:

Honradíssimo *Herr Professor*,

Devo-lhe agradecimentos por me ver recuperado de uma severa histeria através de um tratamento realizado por vosso discípulo, Dr. Otto Gross, conforme vosso método. Espero que um relato de um paciente de um tratamento imensamente bem-sucedido seja de interesse suficiente para o senhor me perdoar por lhe escrever esta carta. Eu sofria de uma série de sintomas patológicos: forte irritabilidade, indo a surtos de raiva que frequentemente terminavam em estados semiconscientes durante os quais eu permanecia absolutamente imóvel enquanto estava no total controle de todos os meus sentidos, sem ser capaz de reunir energia suficiente para mudar e sair de minha embaraçosa situação. Às vezes, esses ataques aumentavam em intensidade a ponto de uma total confusão mental até o fracasso dos sentidos individuais, isto é, uma cegueira temporária completa [...] O sucesso superou todas as expectativas. Ao final de seis semanas eu estava completamente curado [...] Meu talento poético me tornou particularmente capaz de encontrar as associações apropriadas de palavras e, seguindo-as, associei muito rapidamente longas cadeias de pensamento, o que não só me proporcionou preciosos insights sobre meu método de pensamento, mas também me deu valiosas revelações sobre minha produção artística e trouxe à tona memórias do inconsciente que me permitiram uma perspectiva clara de todo o meu desenvolvimento. Gradualmente percebi como a despertada capacidade de reduzir os sintomas de minha doença a suas causas profundas faz desaparecer os sintomas. Fui capaz de observar como frequentemente uma pergunta do médico, com uma resposta que a seguia com minhas próprias associações, de repente fez com que toda uma crosta da doença saísse de mim. Mesmo fora das sessões e depois de terminado o tratamento, automaticamente o método continuou a ter efeito sobre mim [...]

Evidentemente, como sou escritor, o funcionamento de vosso sistema de trabalho deixou em mim um interesse especial. Encontrei valor particular no fato de a principal tarefa do médico consistir em tornar o próprio paciente um médico. O paciente é levado a diagnosticar seu mal e, assim, a trabalhar em sua própria cura [...] Eu temia que o tratamento pudesse paralisar minha produtividade como poeta, uma vez que toda produção artística consiste numa projeção direta do processo inconsciente em uma ação física sem processamento intelectual [...] Para meu deleite, posso dizer hoje que esse temor não se realizou. Ao contrário: com a remoção de inúmeros fenômenos perturbadores que se agrupavam em torno do centro de meu ser, minha psique se tornou mais sensível e reage mais facilmente às influências que estimulam produções artísticas [...] Não quero deixar de conceder ao *Herrn* Dr. Gross os méritos desse sucesso. Sem seu inteligente questionamento, sua assegurada empatia por minha construção psíquica, seu amor, cuidado e atitude frente ao paciente [...], meu tratamento teria sido impossível. Por fim, não posso esquecer que mesmo meu médico teria sido impotente sem vossa genial psicologia. Então, tenho de agradecer a ambos os senhores pelo alívio de um fardo incessantemente deprimente e pelo enriquecimento de ideias infinitamente preciosas. Por favor, aceite meus cordiais e honestos agradecimentos na forma deste breve relato! (Mühsam apud Heuer, 2017, p. 52)

Além desse relato, que mostra o bom andamento das análises empreendidas por Gross, ele mesmo demonstrou que sua vida excêntrica, repleta de casos amorosos, não atrapalhou sua produção científica, não obstante ela sofresse algumas resistências para ser aceita. Em 1907, ele conseguiu um trabalho com Emil Kraepelin (1856-1926), já considerado na época um dos principais psiquiatras da Europa¹¹. Nesse mesmo ano, publicou *Das Freud'sche*

11. Até hoje o nome de Kraepelin tem lugar de destaque e suas ideias ainda influenciam os psiquiatras, sendo considerado o fundador da psiquiatria moderna. Uma de suas

Ideogenitätsmoment und seine Bedeutung im manisch-depressiven Irresein Kräpelins [O fator de ideogenidade freudiano e a sua significação na insanidade maníaco-depressiva de Kraepelin¹²], um livro ainda numa linguagem mais psiquiátrica, mas que já demonstra a originalidade e a genialidade de Otto Gross nesse início de incursão psicanalítica.

Freud foi ambíguo em relação a esse texto. Por um lado, a Jung — que já havia dado um breve parecer negativo sobre o livro¹³ — teceu duras críticas, principalmente por Gross ter associado e feito uma espécie de síntese das ideias de Wernicke, de Grabriel Anton (1858-1933) e dele mesmo, Freud: “ele me lembra um pouco os antigos egípcios, que nunca modificavam seu panteão, mas sobrepunham novos deuses e conceitos ao que já existia, disso resultando uma confusão incrível”. Freud também diz que “há teoria demais e observação de menos” e que “a análise que faz é incompleta — não por culpa dele, sem dúvida; o ponto principal, os passos que levariam ao roubo, inquestionavelmente confere, mas a motivação é inadequada”. Ele ainda se queixa do uso abusivo de superlativos no texto, ironizando o fato de que não recebeu nenhum desses superlativos: “todo mundo é um ‘lídimo pioneiro’, um ‘arauto de uma nova era’ etc., exceto eu, o que já é uma distinção”. Freud ainda critica Wernicke por estender “à psique um hábito de anatomista que tem; qual seja, o de dividir tudo em seções e camadas” (Freud in Freud; Jung, 1976, 01/07/1907).

principais contribuições foi o estabelecimento da distinção entre psicose maníaco-depressiva e demência precoce.

12. Presente no volume II desta coletânea.

13. “O senhor há de também ter recebido o livro de Otto Gross; por certo não encampo a ideia dele de que o senhor será apenas um pedreiro a trabalhar na obra inacabada do sistema de Wernicke. Essa demonstração de que *todas* as linhas convergem sobre sua pessoa é, porém, muito gratificante. Excluindo-se isso, o livro de Gross é pródigo em ideias bizarras, embora no fundo ele seja muito inteligente. Estou ansioso por sua opinião” (Jung in Freud; Jung, 1976, 28/06/1907). Essa foi a primeira vez que Otto Gross foi mencionado nas correspondências entre Freud e Jung.

De fato, Gross procura um equivalente orgânico para cada processo psíquico descrito por Freud e mantém uma concepção segundo a qual o organismo tenderia ao equilíbrio, que seria abalado pelos afetos traumáticos. O organismo traumatizado deveria, então, buscar um novo equilíbrio a partir de algum mecanismo de adaptação que, uma vez alcançado, proporcionaria uma sensação de prazer. Gross ainda associa esse princípio biológico ao que Nietzsche (1844-1900) chama de “vontade de potência”¹⁴, expressão que ganhará um valor conceitual mais específico na obra grossiana. Outra ideia que será bastante presente em seus escritos, também apoiada em Nietzsche, é a do papel das exigências da coletividade nos conflitos patógenos: as restrições da sociedade impedem tais regulações biológicas. Gross, inclusive, já indica que o problema primeiro de tais conflitos não é a sexualidade, mas a sociedade.

Freud, no entanto, nada comenta — ao menos em cartas ou textos publicados — sobre essa nova teoria da etiologia do conflito psíquico, algo que foi motivo de preocupação e de contenda com diversos psicanalistas. A Jung, provavelmente ele não diz nada justamente porque a hesitação deste em aceitar a tese freudiana da etiologia sexual das neuroses já havia trazido dificuldades na relação entre ambos. A outros, ele não menciona essa teoria e, ao invés de criticar seu autor, é mais elogioso.

Freud o citou algumas vezes como uma boa referência nas reuniões da Sociedade Psicanalítica de Viena¹⁵, ressaltando a tese de Gross de que nas ciclotimias o recalque é substituído por um humor tóxico e de que a mania é uma espécie de recalque. Esse

14. Sobre a influência de Nietzsche no pensamento de Gross, cf. G. H. Dionísio, “Pulsão e vontade de potência: algumas considerações sobre o conflito psíquico a partir de Otto Gross e Friedrich Nietzsche”. In: M. Checchia (org.) *Combate à vontade de potência*. São Paulo: Annablume, 2016, pp. 79-101.

15. Conforme se pode constatar nas *Atas da Sociedade Psicanalítica de Viena* (Checchia; Hoffmann; Torres [orgs.] — os volumes II e III, nos quais se encontram as menções ao livro de Gross, estão no prelo). Cf. reuniões de 24/03/1909 e 01/05/1912. Em 07/04/1909 e 20/12/1911, Otto Rank também cita Gross e esse livro.

ponto, com efeito, é muito importante, na medida em que, para explicar esse mecanismo específico de recalque, Gross associou os conceitos de *sejunção* (Wernicke), *dissociação* (Kraepelin) e *clivagem* (Freud), construindo assim uma teoria original a respeito da psicose que veio a ter um valor histórico e político. Ela acabou servindo de base, por exemplo, para o conceito de *esquizofrenia* estabelecido por Bleuler, tendo assim sua importância na história da psiquiatria¹⁶. Em acréscimo, para Freud, que lutava pela inserção da psicanálise no meio médico e social, ter um texto que o associava ao “Super-Papa” — como chamara Kraepelin uma vez (Freud in Freud; Jung, 1976, 01/07/1907) — e publicado com sua autorização — uma vez que Gross trabalhava com Kraepelin — era de uma enorme relevância política.

Ainda em 1907, Gross apresenta no Congresso Internacional de Psiquiatria (Amsterdã) outro texto importante, baseado em — e homônimo a — seu livro publicado em 1902: “Die cerebrale Sekundärfunktion. Autoreferat.” [A função secundária cerebral. Súmula]¹⁷. Nesse texto do congresso ele enfatiza sua teoria dos dois tipos psicológicos derivados da função secundária do aparelho psíquico. O primeiro tipo, superficial e amplo, tende mais aos prazeres e às realizações rápidas e tem uma vida afetiva mais embrionária, apoiada em ideais pobres e banais, porém mais expansiva e voltada às ações. O segundo tipo, estreito e profundo, caracteriza-se por ser mais introvertido, sensitivo, contemplativo, voltado mais à abstração simbólica e à produção cultural, levando assim a uma vida afetiva mais rica. Enquanto Freud se mostrou mais obtuso quanto a essa teoria — considerando-a interessante, mas não o bastante para desviá-lo do percurso que já estava traçando —, Jung não hesitou em se apropriar dessas ideias para estabelecer seus famosos dois tipos psicológicos: o

16. Bleuler, no entanto, não citou Otto Gross em seus textos, o que fez o último, posteriormente, escrever uma carta a Freud solicitando ajuda em sua acusação de plágio (ver adiante, p. 50).

17. Cf. O. Gross, *Die cerebrale Sekundärfunktion*. Leipzig: Vogel, 1902. Também no volume II desta coletânea.

introvertido e o extrovertido¹⁸. Freud, no entanto, mesmo sem acompanhar de perto tais ideias, ficou muito grato a Gross por esse texto, pois, nesse congresso, enquanto Jung foi duramente atacado por defender a etiologia sexual das neuroses, Gross conseguiu aproximar mais os espectadores das teses freudianas a partir das noções de *processo primário* e *secundário*. Nas palavras do próprio Jung: “É uma pena que G. seja um psicopata¹⁹; inteligência, de fato, não lhe falta e com a *Função Secundária* ele soube influenciar os psicólogos. Tivemos uma longa conversa e verifiquei que é um firme partidário de suas ideias” (Jung in Freud; Jung, 1976, 11/09/1907).

Contudo, se por um lado as ideias de Gross eram bem acolhidas e respeitadas — ele se tornou a principal referência de psicanálise em Munique, onde analisou muita gente e onde estabeleceu um grupo razoavelmente grande de discípulos (algumas dezenas) —, sua vida pessoal o deixava numa situação cada vez mais complicada. Ele já não tinha boa fama por conta de seus vícios; com a acusação de participação no suicídio de uma paciente e com seu envolvimento em relações extraconjugais — o que, fora do circuito anarquista, era considerado um grande escândalo para a sociedade —, ficou ainda mais difamado.

Seu pai, já bastante renomado, e um dos maiores defensores da exclusão dos degenerados, não podia deixar o filho propagar essa imagem. Como suas relações com Freud eram estreitas — em 1906 Freud chegou inclusive a apresentar aos alunos de Hans o já mencionado texto que viria a ser publicado na revista dirigida pelo professor de criminologia (“Psicanálise e a determi-

18. Nesse caso, ao menos, Jung citou Gross como uma referência importante nessa construção.

19. Com dito acima, “psicopata” era o termo utilizado na época para se referir aos imoralistas sexuais. Otto Gross defendeu diante de Jung um manejo da transferência a partir do imoralismo sexual: “Diz-me o Dr. Gross que, convertendo as pessoas em imoralistas sexuais, consegue impor à transferência uma parada brusca. A transferência para o analista e sua persistente fixação, no entender dele, são meros símbolos monógamos e, como tais, sintomáticos do recalque. O estado realmente saudável, para o neurótico, é a imoralidade sexual” (Jung in Freud; Jung, 1976, 25/09/1907; trad. modificada).

nação dos fatos nos processos jurídicos”) —, Hans não hesitou em pedir ajuda a um dos pouquíssimos homens cuja autoridade ainda era respeitada por Otto.

Primeiramente, Hans solicitou a Freud que internasse o filho para uma desintoxicação. Em seguida, sabendo que ele o encaminharia para um tratamento no Burghölzli, escreveu a Bleuler implorando pela sua internação: “Eu lhe imploro, honorável colega, por todo o mundo, para admitir meu filho, talvez inicialmente somente para conversar com ele sobre o tratamento e, então, usar uma razão para internação” (H. Gross apud Heuer, 2017, p. 74). Além da internação, Hans queria um diagnóstico que pudesse servir de justificativa legal para assumir o controle sobre a vida do filho.

Otto, de fato, estava mal. O uso intenso e prolongado de ópio e cocaína estava deixando-o cada vez mais perturbado: exigia que a luz permanecesse acesa durante toda a noite; por vezes passava a noite em claro e depois dormia por até dezesseis horas seguidas; não queria se lavar; pensou em travar duelo com Kraepelin pelo fato de este ignorar a obra freudiana; exigia dinheiro do pai para ajudar os japoneses; enfim, não conseguia se organizar para ser financeiramente independente do pai, que continuava lhe dando dinheiro. Poucos dias antes do Primeiro Congresso Internacional de Psicanálise²⁰, realizado em Salzburgo (Áustria), em abril de 1908, Freud escreveu a Jung: “não esqueçamos também de falar sobre Otto Gross; ele precisa urgentemente de sua ajuda médica; que pena, um homem tão talentoso, tão decidido! Está viciado em cocaína e, talvez, já na primeira fase de uma paranoia tóxica de cocaína” (Freud in Freud; Jung, 1976, 19/04/1908). O próprio

20. A International Psychoanalytical Association - IPA considera como primeiro congresso internacional o encontro de Nuremberg, em 1910, pois foi nessa data que ela própria foi fundada. Mas antes da fundação houve esse evento em Salzburgo, que reuniu quarenta e dois participantes (metade já praticantes da psicanálise) provenientes da Áustria, Suíça, Alemanha, Hungria, Inglaterra e Estados Unidos. A lista de todos os participantes pode ser encontrada nas *Atas da Sociedade Psicanalítica de Viena*.

Otto sabia que precisava se tratar e aceitou de bom grado ser internado novamente no Burghölzli, sob os cuidados de Jung.

Antes, porém, foi ao congresso de Salzburgo, acompanhado de Frieda, por quem Freud nutria bastante estima: “tenho a maior simpatia pela mulher dele: uma das poucas teutônicas de que até hoje gostei”, disse ele a Jung (Freud in Freud; Jung, 1976, 19/04/1908). Foi ali que, como dissemos, após assistir à conferência de Freud sobre o caso do Homem dos Ratos, Gross lhe confidenciou que a palestra o fez se lembrar de uma cena remota da infância, na qual o pai diz às visitas: “cuidado, ele morde!”. E embora não tenha apresentado um trabalho, Gross não deixou de expressar algumas de suas ideias, afirmando, por exemplo, que a psicanálise abre perspectivas novas referentes aos problemas da cultura. Ele também comparou Freud a Nietzsche e retratou o primeiro como um revolucionário científico e um destruidor de preconceitos e tabus (Stekel apud Heuer, 2017, p. 67).

Freud indicou não ter apreciado nem um pouco essa intervenção de Gross. No mês anterior acabara de publicar “A moral sexual ‘civilizada’ e a doença nervosa moderna”, em que afirmara que “certamente não é atribuição do médico propor reformas”, mas que “poderia defender a necessidade de tais reformas [...] indicando o importante papel que essa moral desempenha no incremento da doença nervosa moderna” (Freud, 1908/1996, p. 186). A Gross, contudo, ele apenas respondeu secamente: “somos médicos e devemos permanecer médicos”. Alguns anos depois, Gross comenta brevemente esse episódio em “O ‘Psicanálise’, de Ludwig Rubiner” (Gross, 1913b/2017), artigo que responde à crítica feita pelo escritor e crítico literário alemão ao psicanalista: “Falei há muitos anos, no Congresso de psicanalistas de Salzburgo, a respeito da perspectiva que — com a descoberta do ‘princípio psicanalítico’, isto é, a exploração do inconsciente — se orienta para os problemas gerais da cultura e o imperativo do futuro. Na época obtive a seguinte resposta de S. Freud: ‘Somos médicos e queremos permanecer médicos’”.

Provavelmente Freud não aprovou essa fala por diferentes motivos. Essa posição de não participação da psicanálise no campo da política foi algo que Freud defendeu em outros momentos²¹. Além disso, ele não gostava de ser comparado a Nietzsche e resistia a lê-lo justamente em função dessa comparação. Ainda outro motivo possível pode ter sido o modo como Gross se expressou, uma vez que então ainda estava sob fortes efeitos do ópio e da cocaína.

Por isso, aliás, a ideia inicial era a de que Gross já fosse junto com Jung de Salzburgo direto ao Burghölzli. Jung, porém, alegou ter assunto urgente a tratar em Munique e que, uma vez lá, Gross escaparia dele. Nos dias seguintes, então, os Gross voltaram a Munique e Otto se responsabilizou por ir a Zurique por conta própria. Antes, contudo, tentou fazer com que Jones fosse até Munique para analisar Frieda e também para ter um caso amoroso com ela, o que preocupou Freud: “Jones está querendo ir a Munique para ajudar os Gross. Parece que a mulher está apaixonada por ele, o que é grave. O melhor seria que não cedesse à insistência de Gross para que trate da mulher dele, mas sim tentasse conquistar influência sobre ele. A impressão que se tem é de que tudo vai acabar mal” (Freud in Freud; Jung, 1976, 03/05/1908). Talvez “acabar mal” não seja a melhor expressão, mas, de fato, Ernest e Frieda tiveram uma relação amorosa enquanto Otto estava internado sob os cuidados de Jung²².

21. Como, por exemplo, diante de Wilhelm Reich, em 1932. Mais detalhes sobre esse ponto podem ser encontrados no artigo que será publicado: “Otto Gross, um caso de segregação e esquecimento na história da psicanálise”.

22. Jones negou isso perante Freud, dizendo que sua relação com Frieda era difícil e que “seu sentimento [de Frieda] por mim não é tão forte quanto você e eu esperávamos” (Jones in Freud; Jones, 1995, 13/05/1908), acrescentando que Otto “obtem grande prazer em ter outro homem a amando — sem dúvida um desenvolvimento perverso paranoico de suas ideias”. Já em sua autobiografia, porém, ele afirma que deixou “um pequeno volume de poemas” a uma “dama da Styria” (Jones, 1959/1990, p. 174). Há também uma carta dele destinada a Frieda em que diz: “Durante todo o dia tenho me esforçado para voltar à Terra depois de ter estado — foi um ano ou um minuto? — no Paraíso. Ah, foi um momento divino e eu estou emanando gratidão a você por tudo o que você me deu” (Jones apud Heuer, 2017, p. 167).

No dia 6 de maio Freud enviou a Jung o atestado para a internação de Otto Gross, acrescentando: “não o deixe escapar antes de outubro, quando poderei me encarregar dele”. O acordo era de que Jung cuidasse apenas da desintoxicação, durante cinco meses, até que o próprio Freud pudesse ir ao Burghölzli para analisá-lo.

Gross foi internado no Burghölzli em 11 de maio de 1908. Em 17 de junho, pulou um dos altos muros do Instituto e fugiu. Foram trinta e sete dias bastante intensos, dos quais temos alguns registros *via* correspondências entre Freud e Jung. Apenas três dias após a internação, Jung escreve uma carta a Freud dizendo:

A carta é rápida, pois Gross agora está comigo. O tempo que toma é extraordinário. Parece tratar-se de uma neurose obsessiva bem definida. A obsessão noturna com a luz já passou. Vemo-nos agora às voltas com os bloqueios de identificação infantil de natureza especificamente homossexual. Estou ansioso para ver no que vai dar. (Jung in Freud; Jung, 1976, 14/05/1908)

Surpreendentemente, Jung deu início à análise de Gross tão logo ele foi internado. Talvez não tenha resistido ao seu encanto pessoal; talvez tenha atendido ao pedido de Bleuler para que desse toda a atenção para esse paciente, filho do renomado criminologista, hospedado na primeira classe do Instituto; talvez quisesse mostrar serviço a Freud, ou então um pouco de tudo isso. Fato é que Jung não cumpriu o que havia sido combinado com Freud, o que também o surpreendeu:

No tocante a Gross, posso imaginar o tempo que ele está lhe tomando. A princípio pensei que o senhor só o conservaria durante o período de recuperação e que eu pudesse dar início, no outono, ao tratamento analítico. É um vergonhoso egoísmo de minha parte, mas devo admitir que é melhor para mim assim, pois sou obrigado a

vender meu tempo e minha reserva de energia já não é a mesma de antes. Acho que seu diagnóstico é correto. A mais remota memória de infância que lhe ficou é a do pai dizendo a uma visita: cuidado que ele morde. Foi a propósito do meu caso do Homem dos Ratos que ele se lembrou disso. (Freud in Freud; Jung, 1976, 19/05/1908)

A análise prosseguiu intensamente nas semanas seguintes. Tal experiência foi marcada por diversas novidades: pela primeira vez um psicanalista, que não fosse o próprio Freud, analisou outro psicanalista; no campo da técnica (nessa época a análise ainda não tinha sido padronizada), jamais havia ocorrido na história da psicanálise uma análise mútua — Jung analisava Gross e vice-versa — e as sessões, que para Freud costumavam durar entre cinquenta minutos e uma hora, chegaram a prolongar-se por até doze horas! Ambos mergulharam verdadeiramente nessa experiência de análise mútua, o que, até esse momento, parecia trazer benefícios aos dois. Jung fala disso a Freud duas semanas após a internação, já dando sinais de um final de análise:

Decerto anda o senhor estranhando a demora com que lhe escrevo. Deixei tudo de lado para levar adiante a análise de Gross, à qual, dia e noite, consagrei o tempo de que dispunha. Trata-se de uma típica neurose obsessiva com muitos problemas interessantes. Sempre que eu embatucava, ele é que me analisava. Desse modo minha própria saúde psíquica se beneficiou. Gross está decidido, por ora, a largar voluntariamente o ópio. Até anteontem continuei a dar-lhe a dose completa, para não despertar sentimentos de privação que pudessem perturbar a análise. Ontem, voluntariamente e sem demonstrar tais sentimentos, ele reduziu a dose diária de 6 para 3.2. O futuro parece menos sombrio, pois psiquicamente o estado dele melhorou muito. Sendo um sujeito extraordinariamente decente, é fácil trabalhar com ele, desde que os próprios complexos da gente não se interponham no caminho.



Figura 3 - Otto Gross (segundo da esquerda para a direita) e Carl Jung (no centro)

© Otto Gross Archive/Gottfried M. Heuer, Londres

Hoje é o primeiro dia em que descanso; a análise acabou ontem. Tanto quanto posso julgar, o que agora restam são vestígios de uma longa série de obsessões menores de importância secundária. A análise permitiu múltiplos resultados cientificamente válidos que tentarei formular em breve. (Jung in Freud; Jung, 1976, 25/05/1908)

Se Jung tinha aversão a Gross antes de tomá-lo como analisante — ao menos é o que diz Jones a Freud assim que soube dessa análise²³ —, após conhecê-lo mais intimamente, passou a vê-lo como alguém para além de um psicopata. Gross tornou-se,

23. “Eu ouvi dizer que Jung vai tratá-lo psiquicamente e, naturalmente, me sinto um pouco desconfortável com isso porque Jung não acha fácil esconder seus sentimentos e ele tem uma forte aversão a Gross” (Jones in Freud; Jones, 1995, 13/05/1908).

a seus olhos, não só “um sujeito extraordinariamente decente”, mas até mesmo, como ele diz poucos dias após sua fuga, um irmão gêmeo: “descobri em Gross muitos aspectos de minha própria natureza, a tal ponto que frequentemente ele parecia meu irmão gêmeo” (Jung in Freud; Jung, 19/06/1908).

Freud, por sua vez, mostrou-se animado com esse intenso trabalho analítico, mas não exatamente empolgado. Ele sutilmente indicou um estranhamento quanto aos moldes em que o trabalho se deu e uma reticência quanto aos resultados da análise:

Gross é um homem tão valioso, tão inteligente, que seu trabalho deve ser considerado um benefício à sociedade. Seria ótimo se essa análise viesse a ser o começo de uma amizade e da colaboração entre vocês dois. Devo dizer que me surpreende a rapidez com que os mais moços trabalham — eu não faria um trabalho desses em apenas duas semanas. Mas o julgamento que se faz de um homem está fadado a ser incerto enquanto ele recorrer a drogas para superar as próprias resistências [...] Mas a verdade é que nunca tive um paciente como Gross; com ele deve ser possível enxergar diretamente o cerne da questão. (Freud in Freud; Jung, 1976, 29/05/1908)

De fato, Jung parece ter enxergado mais de perto o cerne de suas questões. Mas apesar dessa identificação de Jung com Gross, ou justamente por causa dela, os complexos de cada um, citados por Jung, acabaram mesmo se interpondo no caminho. Não é difícil presumir que, ao ouvir os argumentos de Gross, fundamentados na psicanálise e no anarquismo, associados aos relatos de opressão de suas experiências passadas e aos relatos de experiências de libertação ocorridas nos últimos dois ou três anos, Jung tenha se abalado profundamente com os ideais do amor livre.

Já há alguns anos ele se afeiçoara a Sabina Spielrein (1885-1942), sua primeira paciente atendida sob o método psicanalítico,

em 1904²⁴. A essa altura, Spielrein já estava em formação médica e trabalhando como assistente de Jung e Bleuler no Burghölzli, sendo assim, para Jung, uma espécie de mistura de paciente, amiga e colega. Gross, com efeito, exerceu bastante influência na relação entre ambos. Em uma carta escrita por volta de 1909, justamente para falar de sua relação com Jung, Sabina diz:

eis que ele [Jung] chega radiante de alegria e me fala com profunda emoção de Gross e do grande conhecimento que adquiriu (isto é, em relação à poligamia), e que agora não quer mais reprimir o seu sentimento em relação a mim; confessou-me que eu (excluída, naturalmente, a sua mulher) era a sua primeira e mais querida amiga, e que agora queria me contar tudo a seu respeito. (Spielrein apud Carotenuto, 1980/1984, p. 182)

Jung, entretanto, não conseguia sustentar os princípios do amor livre como Gross o fazia. Ele manteve — e não só nessa época — relações extraconjugais, mas ocultamente. Provavelmente os conflitos entre ele e Gross foram se intensificando por conta disso. De alguma maneira, Gross percebeu que a análise já não ia bem e pediu a Frieda que perguntasse a Freud sobre outro hospital em que pudesse ficar internado. Pelo menos de seu lado, a análise parecia já ter se esgotado: já não era mais mútua. Decidiu, então, fugir do Burghölzli pulando um dos muros do jardim. Dois dias depois, Jung escreveu a Freud:

Até agora o caso de Gross me consumia na verdadeira extensão da palavra. Sacrifiquei-lhe dias e noites. Durante a análise ele voluntariamente se absteve de qualquer medicamento. Nosso trabalho, nas últimas três semanas,

24. Mais detalhes sobre Sabina Spielrein e sua relação com Jung e Gross poderão ser encontrados no artigo, a ser publicado, “Otto Gross, um caso de segregação e esquecimento na história da psicanálise”.

concentrou-se apenas num material infantil muito remoto. Pouco a pouco cheguei à compreensão melancólica de que os complexos infantis, embora todos eles pudessem ser descritos e entendidos, embora o paciente os enxergasse em vislumbres momentâneos, eram esmagadoramente fortes, estando permanentemente fixados e extraindo afetos de profundezas inexauríveis. Com um tremendo esforço de ambos os lados para conquistar compreensão interna e empatia éramos capazes de interromper por um instante a dispersão; mas já no instante seguinte ela de novo se fazia sentir. Nenhum desses momentos de empatia profunda deixou atrás de si um vestígio; logo se tornavam memórias diáfanas, insubstanciais. Não há, para ele, um desenvolvimento, um ontem psicológico; os fatos da infância remota permanecem eternamente novos e atuantes, de modo que, não obstante todo o tempo e toda a análise, ele reage aos fatos de hoje como um garoto de seis anos para quem a esposa é sempre a mãe, cada amigo, todos que lhe querem bem ou mal, é sempre o pai, e cujo mundo é uma fantasia infantil preenchida sabe-se lá de que medonhas possibilidades. Temo que em minhas palavras já o senhor tenha lido o diagnóstico, no qual muito me neguei a crer, que agora vejo à minha frente com uma clareza terrível: *dem. praec.* O diagnóstico foi-me amplamente confirmado por uma anamnese muito cuidadosa e a psicanálise parcial da esposa dele. O modo como saiu de cena confirma o diagnóstico: anteontem, deixado a sós por um momento, Gross pulou o muro do jardim e sem dúvida em breve há de aparecer em Munique para buscar o crepúsculo do próprio destino. A despeito de tudo ele é meu amigo, pois no fundo é um homem muito bom, fino e de espírito invulgar. Vive agora na ilusão de que o curei e já me escreveu uma carta transbordante de gratidão, como um pássaro que fugiu da gaiola. Nem desconfia, no êxtase em que se acha, da vingança que a realidade, que nunca entreviu, há de tirar dele. Tomo-o por um desses que a vida está fadada a rejeitar. Jamais será capaz de viver com alguém por longo tempo. A mulher só o tolera ainda porque Gross representa, para ela, os frutos de sua própria neurose. Agora a

compreendo também, mas nem por isso a posso perdoar. Não sei com que sentimentos o senhor receberá essa notícia. A experiência foi uma das mais duras de minha vida, pois em Gross descobri muitos aspectos de minha própria natureza, a tal ponto que frequentemente ele parecia meu irmão gêmeo — a não ser quanto à *dementia praecox*. Isso é trágico. O senhor decerto imagina as forças de que me armei com a intenção de curá-lo. Em que pese a tristeza de tudo, por nada eu me esquivaria, no entanto, a essa experiência; pois enfim ela me deu, com a ajuda de uma personalidade única, uma compreensão interna invulgar dos abismos mais recônditos da *dementia pr.* [...] Se Gross o procurar mais tarde, por favor não mencione meu diagnóstico; não tive coragem de falar-lhe. Mas a mulher dele sabe de tudo. (Jung in Freud; Jung, 1976, 19/06/1908)

Tão logo Gross fugiu, Jung alterou radicalmente o diagnóstico que até então havia estabelecido junto com Freud. E não se trata de um diagnóstico qualquer, uma vez que a demência precoce poderia servir de justificativa para Hans Gross assumir o controle sobre a vida do filho. Freud estranhou e discordou do novo diagnóstico, mas ao mesmo tempo quis amenizar a situação e reafirmar sua parceria com Jung²⁵:

Sinto que lhe devo um agradecimento sincero — e aqui o expresso — pelo tratamento de Otto Gross. Era para ter recaído em mim o encargo, mas meu egoísmo — ou talvez deva dizer “meu mecanismo de autodefesa” — se rebelou contra ele [...] De qualquer jeito eu lhe escreveria hoje, domingo, pois recebi anteontem um telegrama de Frieda Gr., que está em Heidelberg, pedindo o endereço do hospício de Nassau ou quaisquer outros e

25. No artigo “Otto Gross: um caso de segregação e esquecimento na história da psicanálise” serão discutidos detalhadamente os possíveis motivos dessa alteração diagnóstica por parte de Jung, as possíveis razões da convivência de Freud e de seus comentários sobre essa situação (a seguir), bem como as consequências disso na vida de Gross.

acrescentando que o marido pretendia deixar o Burg-hölzli. Fiquei, assim, a cogitar o que teria acontecido, mas agora o senhor satisfez minha curiosidade. Não sei bem o que pensar disso. O comportamento dele antes da cura era totalmente paranoide; o senhor há de perdoar esse termo ultrapassado — na paranoia reconheço um tipo psicológico-clínico, ao passo que *dem. pr.* ainda não tem para mim um significado preciso; não se pode dizer que a incurabilidade ou um mau fim seja uma característica regular da *dem. pr.*, nem que a distinga da histeria ou da neurose obsessiva. Mas atribuo isto [o comportamento dele] aos medicamentos, especialmente à cocaína, que, como eu mesmo bem sei, produz uma paranoia tóxica. Não tenho, contudo, motivo para duvidar de seu diagnóstico, fundamentalmente em vista da sua grande experiência com a *d. pr.*, mas também porque *d. pr.* não é, de ordinário, um diagnóstico real. Parece que estamos de acordo quanto à impossibilidade de influenciar o estado dele e à maneira como há de, enfim, evoluir. Mas não poderia esse estado ser outra psicose (obsessiva) com transferência negativa causada pela hostilidade dele ao pai, que mostra a aparência de ausência ou prejuízo da transferência? Infelizmente é muito pouco o que sei do mecanismo da *dem. pr.* ou paranoia, se a comparo à histeria ou à neurose obsessiva. Há muito que anseio por uma forte impressão nesse campo. A necessidade de ganhar a vida e as exigências da terapia barram-me, porém, o caminho. Simpatizando profundamente com Otto Gr., não posso subestimar a importância de o senhor ter sido obrigado a analisá-lo. Nenhum outro caso jamais lhe ensinaria tanto; e um bom resultado adicional, pelo que vejo, é que, de novo, suas opiniões se aproximaram muito mais das minhas. Não me preocupei, porém, com isso. (Freud in Freud; Jung, 1976, 21/06/1908)

Enquanto Jung e Freud debatiam o diagnóstico, o primeiro não hesitou em comunicar seu novo parecer a Bleuler, que o

retransmitiu a Hans Gross. Otto, por sua vez, que tinha abandonado voluntariamente o uso das drogas, não hesitou em voltar a fazer um uso abusivo delas. Ao menos é o que diz Jung a Freud (19/06/1908): que Otto já estava sob o efeito de ópio e cocaína um dia depois de fugir. De fato, ou ele estava sob efeito de drogas, ou foi muito irônico — ou mesmo sarcástico —, pois no dia seguinte de sua fuga escreveu a Jung agradecendo-lhe pelo tratamento e pedindo dinheiro emprestado para pagar as contas do hotel em que estava hospedado²⁶.

Alguns dias depois Jung ratifica sua tese, informando a Freud que recebera notícias, por meio de uma carta de Frieda para Bleuler, de que o estado paranoide de Otto havia retornado:

Segundo o último informe de *Frau* Dr. Gross a meu chefe, as atitudes de Gross no momento são realmente paranoides. Declarou, por exemplo, que não podia continuar no hotel dele em Zurique porque notara que alguns homens, no andar de cima, estavam a espionar-lhe o estado mental (!); no apartamento em Munique ouviu uma voz gritando da rua: “O doutor está em casa?”. Depois ouviu batidas nas paredes e no andar de cima. (Jung in Freud; Jung, 1976, 26/06/1908)

Poucos dias depois, Jung também diz a Freud ter recebido um informe de Jones a respeito de Gross e decreta: “está viciado e só pode causar grande dano à nossa causa” (Jung in Freud; Jung, 1976, 30/06/1908). Por outro lado, Jung admite que sente falta de um interlocutor como Gross: “por mais difícil que fosse digeri-lo, Gross me fez, como contraste, um grande bem. Conversar com ele, malgrado toda a aspereza, é incrivelmente estimulante. A falta que isso me faz é imensa” (09/08/1908). Essa ambiguidade de Jung com relação a Gross parece ter permanecido. Isso se evidenciou, por exemplo, pouco mais de dois

26. Conforme as anotações de Jung no diário clínico do hospital (Le Rider, 2011).

meses depois, quando, ao invés de ofendê-lo novamente, relatou a Freud que “a última notícia de Gross é que sua esposa não quer se separar dele porque está em forma” e comenta seu artigo recém-publicado: “a propósito, viu no *Zukunft* de Harden o tipo de coisa que Gross anda escrevendo agora? Se ele continuar assim, o resultado ainda pode ser bom” (21/10/1908).

Nesse texto, Gross faz uma acusação aberta contra o pai de Elisabeth Lang, sua paciente, que estava sendo afastada do tratamento psicanalítico para ser internada forçadamente num manicômio a mando do pai. É a primeira vez na história da psicanálise que um psicanalista faz uma denúncia contra a permissividade da sociedade para com o abuso do poder parental. De quebra, ele ainda faz uma ótima propaganda do novo método de tratamento inventado por Freud para justificar a continuidade da análise de Elisabeth Lang e apresenta — de maneira sucinta, mas bem formulada — a tese do conflito psíquico que defenderá ao longo da sua vida, a de que o conflito se dá entre o próprio e o estrangeiro: “a verdadeira origem dos fatores conflitantes recalcados de efeito patológico é a divergência, que domina toda a infância, entre as orientações individuais inatas do desenvolvimento e as tendências formadoras da educação agindo de fora” (Gross, 1908/2017, p. 78). Inspirado em Max Stirner, filósofo que influenciou diversos anarquistas²⁷, ele ainda apresenta a cura psicanalítica como uma “consolidação dos valores individuais”, acrescentando que “o verdadeiro critério de ‘saúde’ vale como algo relativo, só se deixando determinar para cada indivíduo isolado segundo o seu desígnio individualmente preformado” (p. 79).

Muito embora Jung tenha gostado do artigo, isso não o fez retificar seu diagnóstico. Ao contrário, ratifica-o na mesma carta em que comenta o texto, avisando a Freud que a família de Gross finalmente aceitou seu diagnóstico. Se a condição de Otto já não

27. Mais informações sobre as ideias desse filósofo em: J. H. P. Palumbo, “Sobre o *único e sua propriedade* de Max Stirner”. In: M. Checchia (org.) *Combate à vontade de potência*. São Paulo, Annablume, 2016, pp. 63-77.

era boa antes dessa internação, ela ficou ainda mais agravada pelo fato de ele ter sido equivocadamente diagnosticado e, a partir desse momento, ter de viver como fugitivo. Até o final de sua vida Gross passará se esquivando de seu pai e das autoridades policiais, perambulando principalmente por Munique, Ascona, Zurique, Berlim, Viena e Praga. Por nem poder ter um endereço fixo, só lhe restou exercer a psicanálise em locais inusitados, como cafés e restaurantes. Se essa prática já não era incomum no caso de Gross, depois de 1908 ela se tornou uma regra. O Café Stefanie, em Munique, e o Café Passage, em Berlim, que reuniam os principais artistas e escritores de cada cidade, eram os locais mais usualmente utilizados. Como eles funcionavam vinte e quatro horas por dia, frequentemente Otto Gross passava dias e noites analisando ali os seus pacientes.

Ainda assim, sua produção textual, além de regular, continuava demonstrando sua originalidade e genialidade. Em 1909, publicou *Über psychopathische Minderwertigkeiten* [Sobre inferioridades psicopáticas²⁸], livro em que se contrapõe às ideias do



Figura 4 - Café Stefanie, em Munique, um dos locais de atendimento de Otto Gross

28. Presente no volume II desta coletânea.

pai acerca da degenerescência. Otto procura demonstrar como é tênue a linha que separa o gênio e o degenerado, defendendo que a inaptidão do degenerado se deve às condições arcaicas da vida social e aponta para o futuro da cultura. Ferenczi teceu o seguinte elogio sobre esse texto: “Estou lendo o livro de Gross sobre a inferioridade e estou encantado. Sem dúvida: entre os que têm seguido o senhor até agora, ele é o mais importante” (Ferenczi in Freud; Ferenczi, 1994, 22/03/1910). Freud, ao receber esse livro, fez o seguinte comentário a Jung:

Mais uma novidade: ontem recebi um livro de Otto Gross: *Sobre inferioridades psicopáticas*. Ainda não o examinei detidamente, mas tudo leva a crer que é outra obra notável, cheia de sínteses ousadas e transbordante em ideias. Mais uma vez, dois diferentes recursos para indicar ênfase (negrito e tipos espacejados), o que cria uma primorosa impressão paranoide. Não tem jeito, o homem é mesmo inteligente! Para dizer a verdade, não sei se serei capaz de compreender o livro. Uma boa parte me soa extravagante demais; e, de modo geral, creio que ele se afastou de mim alguns passos para voltar às fases anteriores (Anton, Wernicke). Será uma regressão neurótica nele, ou minha própria obtusidade? (Freud in Freud; Jung, 1976, 03/06/1909)

Poucos dias depois, Freud contextualiza a Jung como ficou sabendo do livro. Nota-se, nessa passagem, como Hans ainda tentava obter apoio de Freud para controlar o filho:

Recebi o livro do pai dele, o qual, em resposta à minha carta de agradecimento e louvor, pediu-me que escrevesse a Otto dizendo que o livro me agradara muito e que eu gostaria de discutir algumas partes com ele. Depois de encontrá-lo, deveria escrever ao pai minha opinião. Recusei-me, porém, com firmeza, aludindo aos resultados

de seu exame. É muito grande o respeito que tenho por Otto Gross. (Freud in Freud; Jung, 1976, 07/06/1909)

Apesar do respeito, da admiração, dos louvores acerca de seu texto e do fato de não atender à demanda de Hans, Freud adotou uma postura duramente segregacionista com relação a Otto. Seu nome, por exemplo, foi excluído do relatório do Congresso de Salzburgo — feito por Otto Rank (1884-1939), a pedido de Freud e Jung, e publicado depois do Congresso de Nuremberg, em 1910, quando fundada a IPA. Posteriormente, quando a obra freudiana ganhou a versão inglesa, a citação a Gross feita em “Os chistes e sua relação com o inconsciente” (1905) foi retirada, assim como seu nome foi excluído do índice. Otto, por sua vez, continuou expressando sua filiação ao pensamento freudiano e exercendo a psicanálise.

No verão de 1910, Otto Gross passou a morar em Ascona com a artista e anarquista suíça Sophie Benz (1884-1911). Eles haviam se conhecido em 1907, mas só em 1910 começaram a viver juntos. Frieda, de sua parte, desde final de 1908 já vivia num casamento com o pintor anarquista Ernst Frick (1881-1956), que também conhecera em 1907 e com quem teve três filhas²⁹. Sophie, no entanto, que já enfrentava severas dificuldades em função de seu estado psicótico, foi se sentindo cada vez pior e, no início de 1911, suicidou-se. Gross foi novamente considerado suspeito de colaboração no suicídio, mas afirmou que, nesse caso, diferentemente do de Lotte Chattemer, não teve nenhuma participação.

Na verdade, ele ficou profundamente abalado com o suicídio de Benz e foi internado por depressão no manicômio de Mendrisio, Suíça, durante três semanas. Gottfried Heuer (2017), que redescobriu Gross nos anos 1990, conseguiu acesso aos documentos do manicômio, incluindo cartas dos familiares. Nesses

29. Eva (1910), Cornelia (1918) e Ruth (1920), que, por questões legais da época, receberam o sobrenome Gross.

papéis — cujos fragmentos podem ser encontrados no anexo do livro de Heuer — vemos Hans disposto a pagar tudo que fosse necessário para o melhor tratamento de Otto e exercendo sua influência para que seu filho não fosse preso pela suspeita de homicídio de Sophie. Fica bem claro que Hans, até então, não obstante quisesse ter o controle sobre a vida do filho, não o queria preso e continuava satisfazendo alguns de seus caprichos, dando-lhe dinheiro não só para os tratamentos.



Figura 5 - Otto Gross (segundo da esquerda para a direita)

© Otto Gross Archive/Gottfried M. Heuer, Londres

No fim de março de 1911, Otto foi transferido para Steinhof, uma clínica psiquiátrica perto de Viena. De lá escreveu uma carta respeitosa a Freud, na qual acusa Bleuler de ter-lhe roubado o termo *dementia sejunctiva* e denuncia Jung de ter roubado suas ideias, transmitidas em análise, publicando-as em “A importância do pai no destino do indivíduo” (1909). Freud, contudo, recusou entrar nessa querela, deixando Gross furioso (Freud; Jung, 1976, 07/04/1911 e 11/04/1911). Jung respondeu à acusação primeiro ofendendo Gross — “é um doido varrido para o qual

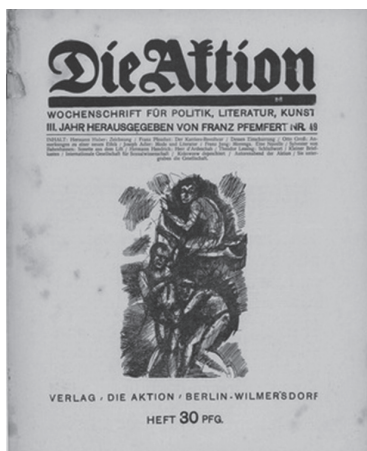
Steinhof é uma sinecura adequada” (Jung in Freud; Jung, 1976, 19/04/1911) — e depois justificando que a passagem do texto onde menciona Gross teria sido estabelecida em comum acordo. Ele ainda termina com mais uma ofensa: “o que na realidade ele quer, sempre que possível, é ser um parasita”. Nas edições seguintes desse texto, o nome de Gross também foi apagado. A resposta de Jung sobre esse caso de plágio foi a última menção que ele e Freud fizeram a Gross em suas correspondências.

Em junho de 1911, Otto volta para Zurique. Ele queria fundar, com seu amigo Mühsam, uma academia anarquista em Ascona. Tal projeto não foi adiante, pois em agosto já era procurado novamente pela polícia suíça; mas as ideias de uma formação específica para os revolucionários vão aparecer posteriormente em seus escritos, principalmente em “Por uma formação intelectual funcional do revolucionário” (1919) e “Por um novo trabalho preliminar: Do ensino” (1920)³⁰. Hans consegue, mais uma vez, cessar a perseguição policial, mas Otto continua itinerante: em outubro vai à Viena e, na primavera de 1912, passa um breve período em Florença. Apesar da ajuda do pai com a polícia, nesse ano Otto ainda não conseguiu voltar à Suíça. Agora ele era perseguido pelas autoridades devido a denúncias feitas por psicanalistas freudianos ortodoxos que o consideravam herético ao movimento (Green, 1979, p. 58). Por isso, em 1913, mudou-se para Berlim.

Em Berlim, associou-se a um dos principais grupos do movimento expressionista alemão, mais engajado politicamente que o grupo de Zurique, e que cinco anos depois viria a fundar o movimento dadaísta berlinense³¹. Franz Pfemfert, que fazia parte

30. Ambos presentes neste volume.

31. O movimento Dadá, formado por artistas plásticos, escritores e poetas, foi um movimento artístico criado em Zurique, em 1916, por Tristan Tzara (1896-1963), Hugo Ball (1886-1927) e Hans Arp (1886-1966). O dadaísmo caracterizava-se essencialmente por buscar romper com as formas tradicionais de arte, bem como por fazer uma crítica ao capitalismo e ao estilo de vida burguês. O grupo berlinense foi fundado em abril de 1918 por Franz Jung, Richard Huelsenbeck (1892-1974), Raoul Haussmann (1886-1971)



do movimento expressionista alemão, deu a Gross bastante espaço na *Die Aktion*, revista literária e política semanal dirigida por ele. Otto Gross publicou nessa revista seis artigos, todos em 1913, que revelaram a psicanálise ao escritor Franz Kafka (Green, 1979): “Pela superação da crise cultural”; “O ‘Psicanálise’ de Ludwig Rubiner”; “A psicanálise ou Nós, os clínicos”; “A influência da coletividade

sobre o indivíduo”; “Observações para uma nova ética”; “Nota sobre relações”. São todos textos sucintos, mas bastante incisivos, que fazem lembrar um elogio de Freud a uma das obras de Gross: textos notáveis, cheios de “sínteses ousadas e transbordantes em ideias”. Mas nesses artigos Gross faz justamente aquilo que Freud lhe censurou em Salzburgo. Ele apresenta, agora de maneira bem embasada, seu projeto político para a psicanálise e o justifica em sua resposta a Rubiner: “hoje sabemos quanto infinitamente maior é a dádiva em relação ao que se permitia esperar o próprio doador [Freud]” (Gross, 1913b/2017, p. 89).

O primeiro desses artigos, “Pela superação da crise cultural” (Gross, 1913a/2017, p. 84), é iniciado com uma afirmação impaciente que ele defenderá ao longo de seus próximos sete anos de vida: “a psicologia do inconsciente é a filosofia da revolução”! Fundamentando-se na teoria nietzschiana e na técnica freudiana, Otto Gross situa a psicanálise como um trabalho preliminar da revolução, ela é “o fermento de revolta” que leva à “libertação da individualidade” e ao estabelecimento de uma nova ética que

e John Heartfield (1891-1968). O dadaísmo berlinense foi bastante influenciado por Gross, graças especialmente à mediação de Franz Jung (Green, 1979).

resultaria numa relação mais livre entre os gêneros. É a primeira vez que um psicanalista articula tão diretamente psicanálise e política, bem antes de Wilhelm Reich (1897-1957) ou Erich Fromm (1900-1980). Ele ainda faz, também pela primeira vez no campo psicanalítico, uma crítica à normalidade e antecipa, em outras palavras, o que Jacques Lacan (1901-1981) dirá cinquenta e seis anos depois em seu décimo sétimo seminário: “a aspiração revolucionária só tem uma chance, a de culminar, sempre, no discurso do mestre. Isto é o que a experiência provou” (Lacan, 1969-70/1992, p. 196). Gross expressa essa ideia, em “Pela superação da crise cultural” (1913), nos seguintes termos:

Das revoluções que pertencem à História não há nenhuma que tenha conseguido estabelecer a liberdade da individualidade. Todas elas deram tiros n’água; sempre precursoras de uma nova burguesia, acabaram, numa apressada vontade de integração de si, em situações normais geralmente aceitas. Elas colapsaram porque o revolucionário de ontem carregava, em si mesmo, a autoridade. (Gross, 1913a/2017, p. 87)

Gross também denuncia a família como a morada da autoridade, como uma instituição social violenta que reproduz e dissemina aos novos seres humanos o princípio de dominação e submissão. Algumas dessas afirmações são mais desenvolvidas nos outros artigos desse período. Em “A influência da coletividade sobre o indivíduo”, por exemplo, ele aponta como tal princípio leva a morbidades específicas para cada um dos gêneros. Em “Observações para uma nova ética”, desenvolve a crítica à família, indicando como ela interfere negativamente na experiência do indivíduo com sua sexualidade e denunciando seu papel na opressão da individualidade. A crítica é estendida à monogamia e o casamento é comparado ao rapto. Ele ainda faz uma defesa da homossexualidade e uma crítica ao Estado, que a proibia. Já em “Nota sobre relações”, destaca como os

conflitos decorrentes da relação com a autoridade afetam as experiências e as relações humanas. Tudo isso resulta numa crítica à ideia de “normalidade” como adaptação à ordem existente.

No mesmo ano em que Otto divulgou essas teses revolucionárias, seu pai publicou “Zur Frage der Kastration und Sterilisation” [Sobre a questão da castração e esterilização], mais um artigo em que advogava pela punição aos degenerados. Enquanto Hans considera a imoralidade algo a ser combatido e excluído da vida social, levando assim ao paroxismo os valores da cultura patriarcal e autoritária, Otto vê na tendência à imoralidade, como ele afirma em “Pela superação da crise cultural”, “o grito ético de afirmação da vida pela salvação da humanidade” (Gross, 1913a/2017, p. 87), levando ao paroxismo os valores anarquistas. A tensão proveniente desse choque de valores, contudo, chega a seu limite. Hans, que até então ainda procurava manter o filho em liberdade, parece ter perdido a paciência com o “degenerado”. A “gota d’água”, segundo Franz Jung (apud Heuer, 2017, p. 170), teria sido a descoberta de Hans de que Otto planejava publicar um artigo em que associava o papel do pai ao sadismo.

No ano anterior, Hans já havia escrito um testamento em que solicitava a internação imediata de Otto após seu falecimento:

Digo que só foi possível evitar que meu filho fosse colocado sob tutela ou internado porque consegui, com a ajuda de amigos atenciosos — em particular magistrados e policiais bem posicionados na Itália, Suíça ou Alemanha (de acordo com o lugar de estadia do meu filho) —, implementar, não sem dificuldade, o monitoramento do meu filho e deixar-lhe, dessa forma, uma aparência de liberdade. Mas quando eu não estiver mais vivo, isso se tornará impossível, pois meu filho estará entregue à exploração e às mais graves incitações da parte de seus “amigos” (gente da pior boemia e anarquistas); e eu tomo, então, somente pelo interesse de meu pobre filho, a seguinte disposição: logo após meu falecimento, meu filho, o Dr. Otto Gross,

deverá ser posto sob tutela e colocado em um asilo. (H. Gross citado por Hurwitz, 1979 apud Heuer, 2017, p. 213)

Hans ainda solicitou que seu neto Peter fosse considerado o único herdeiro, já que seria o filho único de um pai psicopata e drogado. No fim de 1913, no entanto, decidiu não esperar sua própria morte para encaminhar esse plano. Ele mesmo recorreu à polícia de Berlim para prender o filho, utilizando como justificativa alguns atestados médicos, inclusive aquele no qual Carl Jung o diagnostica com demência precoce. Franz Pfemfert, editor da *Die Aktion*, faz um relato desse episódio, no início de “A influência da coletividade sobre o indivíduo”, que lembra muito o início de *O processo*, de Franz Kafka (1914):

Domingo, 9 de novembro, ao meio-dia, o notório pesquisador Doutor Otto Gross foi visitado em sua residência³² em Wilmersdorf e lá mantido à força, até a noite, por três homenzarrões que devem ter supostamente se legitimado como policiais judiciários. Aos colaboradores da AKTION que, a meu pedido, foram apanhar manuscritos, o acesso ao “prisioneiro” não foi permitido. À noite, Gross (que não estava trabalhando com política, e sim escrevendo um novo livro científico) foi levado embora de casa, sob escolta... e certamente internado num manicômio austríaco. (Pfemfert apud Gross, 1913d/2017, p. 95)

Otto foi levado diretamente à Áustria. Na fronteira, a polícia austríaca o acompanhou para uma internação forçada num asilo psiquiátrico privado em Tulln. Dois dias antes do natal, Hans apresentou um parecer assinado por dois psiquiatras atestando que Otto era louco e irresponsável e que, por isso, deveria ser mantido sob tutela. Ao mesmo tempo, Hans contatou a Justiça suíça para obter a guarda legal de seu neto Peter, retirando-o de

32. Na verdade, ele morava no apartamento de Franz Jung.

Frieda, e uma declaração de que Eva era uma filha ilegítima de Otto com Sophie Benz. Já em 9 de janeiro de 1914, Hans conseguiu da Justiça austríaca sua nomeação como tutor de Otto.

Entretanto, assim que Otto foi preso em Berlim, uma verdadeira campanha internacional a seu favor foi iniciada. Alguns colegas médicos, anarquistas e artistas do movimento expressionista de algumas das principais cidades europeias não tardaram em dar seus depoimentos a respeito de Otto Gross. O médico Simon Guttman (1891-1990), por exemplo, escreveu:

O médico Otto Gross força as correntes de energia mais subterrâneas do paciente à superfície afirmando-as de maneira viva. Muitos psiquiatras são incapazes de ir além dos sintomas; para Gross, toda a função mais estranha do paciente revela seu princípio ativo, de modo que todo lodo observado pode ser limpo, a relação do médico Gross com o paciente pode ser transformada de forma produtiva em um agente de cura. (Guttman apud Heuer, 2017, p. 56)

Já o escritor Arnold Zweig (1887-1968), que publicamente expressava divergências teóricas em relação a Gross, também aderiu à campanha dizendo:

Sou um admirador absoluto do médico Otto Gross. Eu o vi trabalhar de perto; eu o testemunhei curando um ser humano infinitamente vulnerável e, ao mesmo tempo, intelectualmente totalmente superior, cuja neurose grave havia sido ignorantemente ridicularizada pelas autoridades durante quatro anos. Testemunhei como este inicialmente desconhecido Dr. Gross foi capaz de transformar a desconfiança, a resistência, a defesa do paciente em cooperação com sua empática, exploradora e adivinhadora alma aberta. Vi um homem que é médico, que ajuda um ser humano doente e experimentei — o que escrevo aqui sem qualquer pressão, pois esse é um sentimento pessoal — o

que nunca teria dito: experimentei o gênio [...] O Dr. Otto Gross foi visto como um médico particularmente fino, sensível e inteligente, que se viu politicamente como um anarquista que estava preparado para ganhar o dinheiro para seu sustento não de seus pacientes, mas de maneiras não burguesas. Como ele estava sem morada, dormia no quarto da empregada de um dos seus amigos artistas; aplicou sua arte em cafés, mas também estava preparado para tratar pacientes mulheres em sua casa parental, sentado à mesa de chá, ouvindo e falando com elas [...] A sugestão estava fora de questão para o Dr. Gross — não havia nenhum maior inimigo de qualquer tipo de autoridade do que ele. (Zweig apud Heuer, 2017, pp. 56-57)

Diversos outros relatos, artigos e mesmo edições especiais de algumas revistas foram publicados em Berlim, Munique, Viena e Paris. Mesmo alguns críticos de Gross o apoiaram nesse momento. Max Weber, por exemplo, posicionou-se a favor do direito da mãe na contenda da tutela de Peter (Green, 1979, p. 77). Na revista *Revolution*, de Munique, Rubiner, que o havia criticado publicamente, não só o defendeu como aproveitou para, dessa vez, atacar Hans: “nós, os intelectuais, subproletários, somos fortes — o que preocupa o professor de Graz... —; nossos panfletos são mais poderosos que suas alianças com a ordem” (Rubiner apud Heuer, 2017, p. 78). Franz Jung acrescentou: “Hans Gross está vivendo a tragédia do pai cujo gênio é suplantado pelo do filho e o drama da impotência” (F. Jung apud Heuer, 2017, p. 78).

Foi por causa dessa situação que, pela primeira vez, a psicanálise foi citada numa revista literária francesa (*Mercure de France*, janeiro de 1914). Otto chegou a ser descrito como “um dos espíritos da Alemanha contemporânea mais apreciados na França” (Cendrars apud Green, 1979, p. 77). Até mesmo um jornal da grande imprensa, o *Le Figaro*, noticiou o ocorrido (Le Rider, 2011, p. 60). Em Viena a campanha foi intensificada por Franz Jung — que enviou cerca de mil exemplares da *Revolution* para seus conhecidos, pela Associação Acadêmica de Literatura

e Música de Viena, a qual imprimiu dez mil folhetos com a inscrição “Libertem Otto Gross!” — e pelo jornal *Neue Freie Presse*, que se posicionou contra o renomado criminologista austríaco (Green, 1979, p. 78). Outros jornais de Berlim e Praga também se manifestaram a favor de Otto (Heuer, 2017, p. 135). Com isso, ele se tornou o ícone, “o mártir e o profeta da luta pai-filho” (Green, 1979, p. 77), bem como do combate do anarquismo contra o autoritarismo.

O primeiro efeito dessa grande campanha internacional foi a transferência de Otto para Troppau (atualmente conhecida como Opava, na República Tcheca), pois os diretores do asilo em Tulln temiam que os amigos anarquistas de Otto invadissem e ocupassem a instituição para libertá-lo. De Troppau, Otto conseguiu enviar uma carta aberta a Maximilian Harden (1861-1927) — diretor da revista *Die Zukunft*, na qual havia saído o artigo “Violência parental” (1908) —, que a publicou. Nessa carta, Otto não foge da responsabilidade e afirma que quer responder perante o tribunal por tudo aquilo que fez ou que lhe aconteceu, mas não quer “que isso valha como fator de transtorno mental e periculosidade social” (Gross, 1914a/2017, p. 110). Ele assume e justifica porque deu veneno para Lotte Chatemmer se suicidar e refuta a acusação de ter auxiliado no suicídio de Sophie Benz. De quebra, para se defender de outras acusações, faz mais uma bela crítica aos conceitos de “normalidade” e de “adaptação à ordem existente”:

Há ainda mais uma coisa contra mim: o fato de eu não estar satisfeito com a ordem social estabelecida. Poder considerar isso prova de um transtorno mental depende de como se define a norma da saúde mental. Se considerarmos a adaptação ao que existe como sendo o normal, então a insatisfação com relação ao que existe poderá ser interpretada como signo de disfunção mental. Se considerarmos como norma o mais alto desdobramento de todas as possibilidades que são inatas ao homem, e

se soubermos, intuitivamente e por experiência, que a ordem social existente impossibilita esse supremo desenvolvimento do indivíduo e da humanidade, então a satisfação com o que existe será considerada subvalorização. (Gross, 1914a/2017, p. 110)

Apesar do problema com as drogas, Otto mostrou-se, assim, bastante lúcido e responsável, disposto a enfrentar o tribunal. Esse posicionamento, somado a todo o movimento de defesa em prol de Otto, fez com que Hans Gross e a Justiça austríaca ficassem intimidados. A pressão foi tamanha que, em julho de 1914, a Justiça cedeu liberdade condicional a Otto e negou a guarda de Peter a Hans. Otto, porém, poderia sair de Troppau, mas ainda sob a tutela do pai e com a condição de empreender um segundo tratamento psicanalítico, agora com Stekel, em um sanatório de Bad Ischl (Áustria).

Wilhelm Stekel (1868-1940) foi outro psicanalista da primeira geração e um dos fundadores da Sociedade Psicológica das Quartas-Feiras, em 1902 (as famosas reuniões que ocorriam na casa de Freud), que cinco anos depois se tornaria a Sociedade Psicanalítica de Viena - SPV. Em 1912, após a saída de Alfred Adler (1870-1937) da SPV, Stekel também se desligou da Sociedade, tornando-se outro dissidente, mas sem fundar outra escola, como fez Adler. Stekel era, assim, um bom nome para analisar Otto Gross: mantinha-se fiel à psicanálise, mas não à ortodoxia psicanalítica, posição semelhante à de Otto — que aceitou, então, fazer análise com ele.

Sabendo da decisão da Justiça austríaca, vários amigos que integravam o movimento de liberdade em prol de Gross foram até Troppau com a ordem judicial em mãos. Ao chegarem lá descobriram que, embora permanecesse internado, ele não só não era mais considerado um louco incurável como já trabalhava como médico assistente da instituição. De todo modo, Gross saiu dali para morar em Viena e fazer seu tratamento com Stekel, em Bad Ischl.

Segundo relato do próprio Stekel (1920, p. 49), não foi necessário muito tempo de análise para perceber que o diagnóstico junguiano e de outros psiquiatras era equivocado: ele “sofia de uma severa neurose agravada pelo vício em ópio e cocaína”. Stekel provavelmente não tinha tantos conflitos ao escutar Gross, como Jung os teve, e se dispôs a ajudá-lo mais. Primeiro ele entrevistou diretamente para conseguir um trabalho para Gross num hospital de Viena. A Primeira Guerra havia acabado de começar e Gross se voluntariou para trabalhar como médico. Stekel também contribuiu para que Gross conseguisse publicar no *Zentralblatt für Psychoanalyse und Psychotherapie*, que ele mesmo dirigia, o artigo “Sobre a simbologia da destruição” (1914b) — seu único texto publicado numa revista psicanalítica. Trata-se de um texto muito interessante, no qual o autor parte da observação freudiana da sexualidade infantil para levantar e analisar a seguinte questão: por que a sexualidade sistematicamente toma a forma da violação e da doença, por que é a simbologia da destruição que se desenvolve no inconsciente?

Gross (1914b/2017) apoia-se aqui especialmente nas primeiras considerações a respeito da pulsão de morte, elaboradas por Sabina Spielrein, e na concepção adleriana de “protesto masculino” — não sem apontar algumas críticas para demarcar sua própria posição — para desenvolver sua tese do conflito interno mais basal: o próprio *vs.* o estrangeiro. Nesse artigo ele destaca uma hipertrofia desse conflito: o desejo de não violar e não ser violado transforma-se em vontade de poder *vs.* abnegação de si, o que acaba culminando no sadomasoquismo. Este seria, então, um desdobramento do primeiro conflito interno na esfera da sexualidade. Ao finalizar, mais uma vez defende a ideia de que é o matriarcado que deve servir de princípio para a organização social, tese que desenvolverá em “A ideia de base comunista na simbologia do Paraíso” (1919).

Enquanto se tratava com Stekel em Bad Ischl, Gross conheceu Marianne Kuh, enfermeira no sanatório, com quem quis se casar oficialmente em 1915. Ele chegou a pedir o divórcio a Frie-

da, que vivia com Ernst Frick, mas nem o divórcio nem o novo casamento se oficializaram. O relacionamento com Marianne, no entanto, era intenso; segundo Stekel, ela era, para Otto, “a figura de luz que ele procurou por tanto tempo em sua vida” (Stekel apud Heuer, 2017, p. 171). Com Marianne ele teve outra filha, Sophie Templer-Kuh³³, em 1916. Nesse período, Otto aparentemente vivia mais conforme os padrões sociais, mas apenas aparentemente. Continuava tendo outras amantes, inclusive as irmãs de Marianne, e ainda recorria muito às drogas.

No começo de 1915, envolveu-se em outro problema com a Justiça austríaca: abrigou em sua residência em Viena o seu amigo Franz Jung, que estava sendo perseguido pela polícia como desertor de guerra. Jung havia se voluntariado para a guerra, mas desertou no fim de 1914 após lutar numa das frentes de batalha. Gross, que já havia sido acolhido por ele em Berlim, abrigou-o e escreveu um atestado médico declarando que Jung passava por um tratamento psicanalítico com ele e não era apto para o serviço militar. Em fevereiro de 1915, no entanto, a polícia prendeu Franz Jung, transferindo-o para uma instituição psiquiátrica em Berlim, e acusou Otto Gross de ter ajudado um desertor. O Ministério da Guerra, porém, não o prendeu, por considerá-lo um louco psicopata (Le Rider, 2011). Apesar dessa situação, seis meses depois ambos fundaram uma revista intitulada *Die freie Strasse*, que contava, até 1918, com seis números compostos principalmente por textos de artistas e escritores. Gross deu também sua contribuição com o artigo “Do conflito entre o próprio e o estrangeiro”, em 1916, no qual aborda o tema das implicações do conflito interno na busca de uma experiência emocional autêntica.

No final de 1915 ocorreu mais um fato importante na vida de Otto: seu pai faleceu. Hans, contudo, de certo modo continuou exercendo algum poder sobre o filho. Isso porque a tutela plena que possuía sobre ele apenas foi transferida para um médico, o

33. Citada por Heuer na apresentação deste volume.



Figura 6 - Otto Gross (à direita) e Dorian Feigenbaum* no final da Primeira Guerra

© Otto Gross Archive/Gottfried M. Heuer, Londres

* Feigenbaum fez análise com Gross, supervisões com Sándor Rado e Helene Deutsch e foi o primeiro psicanalista a pisar em solo palestino. Cf. nota 1, p. 241.

Dr. Hermann Pfeiffer. Foi somente em setembro de 1917 que Otto conseguiu um ganho de causa parcial, quando a tutela passou a ser restrita e não mais justificada por uma suposta psicose, mas pela toxicomania.

De fato, a toxicomania ainda era um grave problema na vida de Otto. Em 1916, ele foi novamente internado, agora no hospital de Timișoara, na Romênia Ocidental, onde estava trabalhando como médico voluntário. Lá ficou internado por seis meses; e em maio de 1917 foi transferido para Steinhof, próximo a Viena, onde já havia ficado em 1911. Assim que obteve uma declaração de inaptidão para o serviço militar, saiu de Steinhof e foi morar com sua mãe em Munique, e depois em Viena. Nesse período ele viajava bastante, circulando principalmente por Praga, Budapeste e Berlim, sempre utilizando intensamente ópio e cocaína.

Em uma dessas viagens, em julho de 1917, no trem que ia de Budapeste a Praga, conheceu ao acaso Franz Kafka. Ambos já sabiam da existência um do outro devido à proximidade comum com os círculos anarquistas. A chegada de Otto Gross a Praga causou certo rebuliço na cidade (ele era bastante conhecido e admirado), especialmente nos grupos próximos aos escritores Franz Werfel (1890-1945) e Max Brod, amigos de Kafka. Este, embora nunca tenha militado nos movimentos anarquistas, circulava entre eles, e já tinha ouvido falar a respeito de Otto. Além disso, já havia tido aulas com Hans Gross quando fez sua formação em Direito e sabia que Hans era tão reacionário e autoritário quanto seu próprio pai³⁴. O encontro no trem foi marcante para ambos. Alguns anos depois, em 25/06/1920, quando soube do falecimento de Gross, Kafka escreveu a Milena (tradutora de sua obra):

34. Para mais detalhes sobre as proximidades de pensamento e de experiências de vida entre Otto Gross e Franz Kafka, cf. o excelente ensaio de Michael Löwy: “Franz Kafka contra a vontade de potência”. In: M. Checchia (org.) *Combate à vontade de potência*. São Paulo: Annablume, 2016, pp. 27-40.

Pouco conheci Otto Gross; mas percebi que havia algo essencial ali que, pelo menos, buscava alcançar algo fora do “ridículo”. O semblante perplexo de seus amigos e parentes (esposa, cunhado, até o enigmático bebê junto às malas³⁵ — ele sempre caía de sua cama quando ficava sozinho —, que bebia café preto, comia frutas, comia tudo aquilo que queria), era algo que lembrava o ânimo dos seguidores de Cristo enquanto punham-se aos seus pés ao que ele era pregado à cruz. Naquele dia, eu voltava de Budapeste, onde havia acompanhado minha noiva, e viajava, completamente esgotado, para Praga, onde me esperava uma hemorragia. Gross, sua mulher e seu cunhado tinham pego o mesmo trem noturno [...] Gross contou-me alguma coisa durante quase toda a noite (com algumas interrupções durante as quais ele se autoaplicava injeções); ao menos é o que me pareceu, pois na verdade eu não compreendi nenhuma palavra. Ele me explicava sua doutrina a partir de uma passagem da Bíblia³⁶ que eu não conhecia, mas por covardia e por fadiga eu não lhe disse. Sem interrupção ele analisava essa passagem, sem interrupção ele colocava novos elementos, sem interrupção ele pedia minha aprovação. Eu balançava mecanicamente a cabeça enquanto sua imagem se borrava diante de meus olhos [...] Em Praga, eu só o revi fugazmente. (Kafka apud Le Rider, 2011, pp. 78-79)

Nessa carta de Kafka, além de se comprovar o uso intenso de cocaína, fica evidente o estado acelerado e confuso de Gross, estado esse que vai ficando cada vez mais agravado. Entretanto, ainda assim Kafka percebe algo de importante em Gross. Em outra carta a Milena, em 21/07/1920, ele afirma: “Gross, tanto quanto eu o compreendo, sem dúvida não está sem razão” (Kafka apud Le Rider, 2011, p. 79). Na primeira carta Kafka também havia mencionado que eles se encontraram rapidamente outras

35. Marianne Kuh, seu irmão Anton Kuh e Sophie Templer-Kuh, respectivamente.

36. Cf. “A ideia de base comunista na simbologia do Paraíso” (Gross, 1919/2017).

vezes. Em algum desses encontros, talvez mesmo no trem, Gross convidou Kafka para criarem e editarem juntos — Marianne Kuh, Anton Kuh e Werfel também comporiam a equipe — uma revista que se intitularia *Blätter zur Bekämpfung des Machtwillens* [Folhas de combate à vontade de potência]³⁷. Kafka, que costumava recusar qualquer participação em projetos editoriais, confessou em 1907 a Max Brod, amigo e editor de seus textos, que se sentiu seduzido por esse projeto: “Se uma revista me atraiu bastante, foi aquela do Dr. Gross, pois ela tinha me parecido, ao menos naquela noite, nascer da chama de uma certa simpatia pessoal. O sinal de aspiração comum e de laços pessoais é, sem dúvida, o que pode ser uma revista” (Kafka apud Le Rider, 2011, p. 79).

Contudo, a revista não foi realizada. Além dos difíceis tempos de guerra e dos problemas com a toxicomania, nesse período Otto já estava voltado para a fundação do movimento dadaísta de Berlim, que se deu em abril de 1918. Por isso, ele primeiro se associou à revista *Die Erde* (ele já coordenava a *Die freie Strasse* com Franz Jung, a qual consagrou seu oitavo número ao dadaísmo), que contava com a participação de diversos artistas. Foi Gross quem, deste modo, colocou a psicanálise como uma das inspirações para esse movimento que teve reflexos, inclusive, no movimento antropofágico no Brasil³⁸. Nesse ínterim, ele também escreveu outros cinco textos importantes, que foram publicados em 1919 e que também marcaram a obra de Kafka após 1920: “A ideia de base comunista na simbologia do Paraíso”; “Orientação dos intelectuais”; “Um problema: o parlamentarismo”; “Protesto e moral no inconsciente”; “Por uma formação intelectual fun-

37. O livro *Combate à vontade de potência* (2016), citado anteriormente algumas vezes, é justamente um resgate desse projeto. Ele é composto de ensaios que visam dar uma ideia do que seria essa revista recuperando as principais referências de Gross e de outros que atualizam o debate a partir de autores clássicos que trataram do tema.

38. Cf. E. W. White “Otto Gross, Blaise Cendrars and the Brazilian Avant-Garde”. In: G. Heuer (org.) *Utopie und Eros. Der Traum von der Moderne* [5. Internationaler Otto Gross Kongress, cabaret voltaire / Dada-Haus, Zürich]. Marburg: LiteraturWissenschaft.de, 2006, pp. 229-266.

cional do revolucionário”. Há outro texto, publicado em 1920, que pode ser acrescentado a esse conjunto por ter um tema e um objetivo semelhante aos demais: “Por um trabalho preliminar renovado: Do ensino” (Gross, 1920a/2017, p. 181).

Todos esses textos, presentes neste volume, enfatizam o programa político para a psicanálise idealizado por Gross desde 1908. Se ele nunca cedeu à recusa de Freud para elaborar tal programa, no artigo de 1920 defende sua posição interpretando tal recusa como um recalçamento: “Só pode ter sido o recalçamento das últimas consequências revolucionárias que impediu a breve iluminação desse axioma aos grandes da nova disciplina, sobretudo ao genial inventor do próprio método em desenvolvimento” (Gross, 1920b/2017, p. 187). Em síntese, nesses textos Gross apresenta duas frentes possíveis de ação revolucionária para a psicanálise.

Uma se daria por *um novo ensino* voltado para a formação do revolucionário. A psicanálise teria aí um papel central no ensino das ciências humanas, pelo fato de possuir um saber extraído de cada individualidade, um saber que pode ajudar a compreender o funcionamento da coletividade e os efeitos da coletividade sobre o indivíduo. O saber psicanalítico entra aqui como instrumento de crítica à sociedade patriarcal e de denúncia das consequências de uma sociedade que se organiza em torno do princípio de autoridade. Mas Gross também ressalta que a transmissão desse saber não deve ser apenas conteudística e não deve visar à formação de um intelecto não funcional. A revolução deve começar na própria subjetividade, caso contrário esse saber se tornaria tão somente mais uma sugestão e, portanto, uma ferramenta de dominação.

É aí que entra a outra frente psicanalítica para a revolução: *a experiência de análise*. Justamente por se tratar de uma técnica que subverte as relações de poder típicas da sociedade patriarcal, ela se mostra propícia para levar cada sujeito a constatar seu próprio posicionamento frente às figuras de autoridade e às sugestões exteriores. Tal experiência tende a libertar o sujeito

da tendência à adaptação e a libertar Eros para novas formas de relações. A vontade de potência é, assim, substituída por uma nova ética pautada pela vontade de relação. Outro ponto interessante do programa político de Gross é sua aposta no matriarcado como uma configuração social livre da vontade de potência. Embora Gross procure sempre tratar do conflito de gêneros numa dimensão mais histórica, sua defesa do lugar da mulher como distinto do lugar de dominação lembra e pode ser associada à lógica do não todo em referência à posição feminina elaborada por Lacan.

Se, por um lado, Gross evidenciava em todos esses ensaios a maturidade de seu pensamento; por outro, para as pessoas em seu entorno ele externava, segundo seu amigo Franz Jung (apud Gabriel; Auzias, 1990, p. 13), ter se tornado uma criança, completamente dependente da ajuda dos outros. Às vezes, só tomava banho e trocava de roupas — que frequentemente ficavam sujas do sangue que lhe escorria pelo nariz — por insistência de seus amigos, que também lhe davam dinheiro para sobreviver e para comprar mais drogas. Sua saúde se deteriorava cada vez mais e seu estado físico era lamentável. Surpreendentemente, seu estado intelectual mantinha-se agudo e lúcido e, enquanto sua adição piorava, ele “escrevia fervorosamente”. Mas, para continuar escrevendo, afastou-se de todos os amigos, inclusive de Franz Jung, que em 1921 deu o seguinte relato dos últimos meses de vida de Otto Gross:

É nesse estado de espírito que ele veio a Berlim no fim do outono de 1919. Foi então que nos separamos. Para mim, não havia obrigação de afundar com ele; para ele, não havia obrigação de viver comigo. A capacidade de viver junto desapareceu. Exigências com um caráter de ultimato recíproco permaneceram sem efeito. Jamais um ser humano mostrou tão claramente a vontade de não querer mais viver do que Gross naquela época. Foi assim que nos separamos e, por fim, também aqueles que anteriormente tinham sido seus próximos e em

quem ele se sentia à vontade para se apoiar. [...] Com uma pressa febril, ele escrevia seus últimos escritos. O edifício estava pronto diante de seus olhos. Ele se via realizado. Ele deixava de lado o essencial, as consequências na realidade, e é nisso que deveríamos apoiá-lo, reconstituindo o equilíbrio, mas o resto lhe parecia indiferente [...] Ele tinha fome e frio, não tinha nenhum sustento material. Noite após noite ficava nas ruas, sem abrigo, sem narcóticos, em busca dos quais ele corria de farmácia em farmácia. Todos que quiseram ajudá-lo — e curiosamente, durante suas últimas semanas, havia muita gente que queria ajudá-lo — perceberam que isso era impossível. Não tínhamos o direito de ajudá-lo e ele recusava a ajuda. Clamava por um lugar quente, por isso e por aquilo, mas em seguida já não estava nem aí. Perdia o dinheiro que as pessoas lhe davam, não encontrava mais a farmácia que ainda lhe fornecia narcóticos, esquecia o endereço do apartamento onde era esperado. Foi assim que podíamos ver nas ruas de Berlim, em dezembro, um homem faminto e esfarrapado correndo na tempestade de neve, chorando alto e se esfregando para manter o peito e os dedos quentes. As pessoas paravam e riam atrás dele. Um louco, a maioria delas pensava. Ainda assim, ele seguia em frente, tropeçando. (F. Jung apud Gabriel; Auzias, 1990, p. 13)

Gross seguiu escrevendo e esse esforço resultou em um livro primoroso, um desenvolvimento bem fundamentado das principais teses apresentadas de maneira sintética em seus artigos: os *Drei Aufsätze über den inneren Konflikt* [Três ensaios sobre o conflito interno]. Esse livro, por um lado, pode ser considerado a base teórica do programa político da revista que ele idealizou realizar com Kafka. Por outro, tal programa não é abordado como ele vinha fazendo em seus últimos textos. Aqui Gross parece se dirigir mais à comunidade psicanalítica — que, à exceção de Stekel, nunca mais lhe dera ouvidos após sua fuga do Burghölzli — do que aos anarquistas.



Figura 7 - “Z[ur] fr[eundlichen] Er[innerun]g” [Terna lembrança] - 19.vi.1919

© Otto Gross Archive/Gottfried M. Heuer, Londres

Nesses três ensaios (Gross, 1920b/2017, pp.189-238) — um dedicado ao tema do *conflito/relação*, outro à *solidão* e o último ao *delírio* — ele expõe toda sua fundamentação teórica e clínica, tal como exigia a comunidade científica. Mesmo assim, entretanto, dificilmente o livro seria bem recebido pela comunidade freudiana mais ortodoxa. Além de manter Wernicke como referência, Gross concilia os conceitos de *pulsão sexual*, de Freud, de *pulsão do eu* e de *protesto masculino*, de Adler, e de *vontade de potência*, de Nietzsche — filósofo ao qual, como vimos, Freud recusava ser associado — para explicar sua tese do conflito primordial entre o próprio e o estrangeiro.

De fato, o livro não teve nenhuma repercussão na comunidade e, com isso, muitos pontos interessantes deixaram de ser debatidos. Apenas para citar alguns: suas concepções de *solidão*, *loucura*, *sexualidade*, *masoquismo*, *sadismo*, sua teoria da *homossexualidade*, do *masculino*, do *feminino*, do *conflito entre os gêneros* etc. Todos esses conceitos e teorias estão impregnados de uma dimensão política, uma vez que estão sempre permeados pela lógica da dominação e da submissão.

Após tanto esforço na elaboração desses três ensaios, Gross não conseguiu acompanhar seu lançamento. Outros três textos que ele havia escrito — “[Pela reconstrução do verdadeiro humano]”, “Sobre o problema da solidariedade na luta de classes” e “Temas da psicologia revolucionária” — recém-descobertos por Gottfried Heuer, sequer chegaram a ser publicados. Segundo um documento também recentemente encontrado por Heuer³⁹, em 11 de fevereiro de 1920, Otto Gross seria descoberto por amigos caído, com fome e com frio, em uma passagem para um depósito em Berlim. Como eles se recusaram a ajudá-lo a conseguir mais drogas, esbreviou e foi embora. No dia 13 do mesmo mês, não resistiu a uma pneumonia, possivelmente associada a outros sintomas de abstinência, e faleceu na clínica médica Dr. Gustav Scholinus, em Pankow, um distrito de Berlim.

39. Acessível em <www.ansichtskarten-pankow.de/irrenanstalt>.

Otto Gross deixou uma obra que, a meu ver, o coloca no patamar dos psicanalistas que merecem um lugar não só na história da psicanálise, mas também no debate contemporâneo. Entretanto, para alcançar a riqueza dessa obra, é necessário ultrapassar a imagem estereotipada de um psicótico ou de um viciado (ou de ambos) à qual seu nome foi associado. É preciso não se deter na crítica fácil, por exemplo, de sua fidelidade ao pensamento de Wernicke — e sua consequente concepção de um equilíbrio orgânico e natural do sistema psíquico — ou de sua aposta romântica e utópica no matriarcado. Sobrepujadas essas resistências, desvelam-se uma infinidade de pontos relevantes a serem debatidos.

Otto Gross abre e aguça nossa escuta clínica quanto aos efeitos da violência exercida por qualquer forma de autoritarismo no psiquismo, na sexualidade, na caracterização e na relação entre os gêneros. Ele nos dá uma teoria sobre como se constitui a vontade de potência (o autoritarismo em sua dimensão subjetiva) e a obediência (a servidão voluntária em sua dimensão subjetiva) a ser discutida. Ele nos provoca a pensar, para além da clínica, em como combater a cultura patriarcal, falocêntrica, e sobre as possibilidades de estabelecer laços livres dessa lógica de dominação e servidão. Com isso, Otto Gross nos deixa uma obra ainda atual e de uma perspectiva original: a de um psicanalista influenciado pela experiência anarquista.

REFERÊNCIAS

ADLER, A. (1912) *Über den nervösen Charakter. Grundzüge einer vergleichenden Individualpsychologie und Psychotherapie*. Göttingen: Vandenhoeck & Ruprecht, 1997.

CAROTENUTO, A. (1980) *Diário de uma secreta simetria: Sabina Spielrein entre Jung e Freud*. Trad. A. R. Coutinho. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1984.

CHECCHIA, M. (org.) *Combate à vontade de potência*. São Paulo: Annablume, 2016.

CHECCHIA, M.; TORRES, R.; HOFFMANN, W. (orgs.) *Os primeiros psicanalistas: Atas da Sociedade Psicanalítica de Viena*. São Paulo: Hedra/Scriptorium, 2017.

FREUD, S. (1891) *Sobre a concepção das afasias: um estudo crítico*. Trad. E. B. Rossi. Belo Horizonte: Autêntica, 2013.

———. (1906) “A psicanálise e a determinação dos fatos nos processos jurídicos”. In: *Edição Standard Edition das Obras Psicológicas Completas de Sigmund Freud*, vol. IX. Rio de Janeiro: Imago, 1996.

———. (1908) “Moral sexual ‘civilizada’ e doença nervosa moderna”, In: *Edição Standard Edition das Obras Psicológicas Completas de Sigmund Freud*, vol. X. Rio de Janeiro: Imago, 1996.

FREUD, S.; FERENCZI, S. *Correspondência*, vol. 1, tomo I [1908-1911]. Trad. C. Cavalcanti; S. K. Lages. Rio de Janeiro: Imago, 1994.

FREUD, S.; JONES, E. *The complete correspondence of Sigmund Freud and Ernest Jones [1908-1939]*. Cambridge: Belknap Harvard, 1995.

FREUD, S.; JUNG, C. G. *Correspondência completa [1906-1914]*. Trad. L. Fróes; E. A. M. Souza. Rio de Janeiro: Imago, 1976.

GABRIEL, N.; AUZIAS, C. “Otto Gross — Une tragédie de la modernité”. *Informations et réflexions libertaires*, n. 84, mars 1990.

GREEN, M. (1979) *Les soeurs Von Richthofen — deux ancêtres du féminisme dans l’Allemagne de Bismarck face à Otto Gross, Max Weber et D. H. Lawrence*. Paris: Seuil.

GROSS, O. (1908) “Violência parental”. In: *Por uma psicanálise revolucionária*. Orgs. M. Checchia; P. S. Souza Jr.; R. A. Lima; Trad. P. S. Souza Jr. São Paulo: Annablume, 2017.

———. (1913a) “Pela superação da crise cultural”. In: *Por uma psicanálise revolucionária*. Orgs. M. Checchia; P. S. Souza Jr.; R. A. Lima; Trad. P. S. Souza Jr. São Paulo: Annablume, 2017.

———. (1913b) “O ‘Psicanálise’ de Ludwig Rubiner”. In: *Por uma psicanálise revolucionária*. Orgs. M. Checchia; P. S. Souza Jr.; R. A. Lima; Trad. P. S. Souza Jr. São Paulo: Annablume, 2017.

———. (1913c) “A psicanálise ou Nós, clínicos”. In: *Por uma psicanálise revolucionária*. Orgs. M. Checchia; P. S. Souza Jr.; R. A. Lima; Trad. P. S. Souza Jr. São Paulo: Annablume, 2017.

———. (1913d) “A influência da coletividade sobre o indivíduo”. In: *Por uma psicanálise revolucionária*. Orgs. M. Checchia; P. S. Souza Jr.; R. A. Lima; Trad. P. S. Souza Jr. São Paulo: Annablume, 2017.

———. (1914a) “O caso Otto Gross, carta aberta a Maximilian Harden”. In: *Por uma psicanálise revolucionária*. Orgs. M. Checchia; P. S. Souza Jr.; R. A. Lima; Trad. P. S. Souza Jr. São Paulo: Annablume, 2017.

———. (1914b) “Sobre a simbologia da destruição”. In: *Por uma psicanálise revolucionária*. Orgs. M. Checchia; P. S. Souza Jr.; R. A. Lima; Trad. P. S. Souza Jr. São Paulo: Annablume, 2017.

———. (1920a) “Por um trabalho preliminar renovado: Do ensino”. In: *Por uma psicanálise revolucionária*. Orgs. M. Checchia; P. S. Souza Jr.; R. A. Lima; Trad. P. S. Souza Jr. São Paulo: Annablume, 2017.

———. (1920b) “Três ensaios sobre o conflito interno”. In: *Por uma psicanálise revolucionária*. Orgs. M. Checchia; P. S. Souza Jr.; R. A. Lima; Trad. P. S. Souza Jr. São Paulo: Annablume, 2017.

HEUER, G. (2017) *Freud's 'Outstanding' Colleague/Jung's 'Twin Brother', The Suppressed Psychoanalytic and Political Significance of Otto Gross*. London, New York: Routledge.

HURWITZ, E. (1979) *Otto Gross. Paradies-Sucher zwischen Freud und Jung*. Zürich: Suhrkamp Verlag.

JONES, E. (1959) *Free associations: memories of a psychoanalyst*. London: Transaction, 1990.

———. (1953) *Vida e obra de Sigmund Freud*. Trad. M. A. M. Matos. Rio de Janeiro: Zahar, 1975.

JUNG, C. G. (1909) “A importância do pai no destino do indivíduo”. In: *Obras completas*, vol. 4: Freud e a psicanálise. Trad. L. M. E. Orth. Petrópolis: Vozes, 2011, pp. 299-318.

JUNG, F. (1961) *Der Weg nach unten: Aufzeichnungen aus einer grossen Zeit*. Leipzig: Reclam, 1991.

KAFKA, F. (1914) *O processo*. Trad. M. Carone. São Paulo: Companhia das Letras, 2000.

KERR, J. (1993) *Um método muito perigoso — Jung, Freud e Sabina Spielrein: a história ignorada dos primeiros anos da psicanálise*. Trad. L. Rumchinsky. Rio de Janeiro: Imago, 1997.

LACAN, J. (1969-70) *O seminário*, livro 17: O avesso da psicanálise. Trad. A. Roitman. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 1992.

LE RIDER, J. (2011) “De la psychanalyse à la revolution — le destin d’Otto Gross”. In: GROSS, O. *Psychanalyse et révolution*. Trad. J. Étoré. Paris: Éditions du Sandre.

RANK, O. (1911) “Bericht über die I. Private Psychoanalytische Vereinigung in Salzburg am 27. April 1908”, *Zentralblatt für Psychoanalyse und Psychotherapie*, vol. 1.

STEKEL, W. (1920) “In memoriam”, *Psyche and Eros*, vol. 1, n. 1. New York, July, p. 49. Disponível em: <https://archive.org/details/Psyche_Eros_1920_I_1>.

———. (1923) *Störungen des Trieb-und Affektlebens*. Berlin & Wien: Urban & Schwarzenberg, 1923. Disponível em: <https://archive.org/details/details/Stekel_1923_Fetischismus_k>.

———. (1925) “The tragedy of an analyst”. In: *Sadism and masochism*, vol. 2. London: Vision, 1953, pp. 126-160. Disponível em: <<https://archive.org/details/b20442282M002>>.

Em muitos dos textos reunidos neste volume, Otto Gross utiliza o espacejamento [S p e r d r u c k] como forma de grifo. Optamos, aqui, pelo emprego do itálico.

Os organizadores

VIOLÊNCIA PARENTAL

[*Elterngewalt*, 10 de outubro de 1908]

Die Zukunft, ano XVII, vol. 65, n. 2, pp. 78-80

Caro Senhor Harden,

Peço-lhe permissão para publicar um caso que me parece ilustrar um fator geralmente perigoso.

Aos oito de setembro, a jovem Elisabeth Lang, de dezenove anos de idade, foi levada pelo pai — Hermann Lang², escultor em Munique — à clínica psiquiátrica de Tübingen. Por diversas vezes, há mais de um ano, recebi Elisabeth Lang em tratamento neurológico e sei do significado de sua família para o seu estado e para a sua sina. Ela não está, em absoluto, intelectualmente doente e necessitando de institucionalização; mas agora existe, em um grau notadamente alto, o perigo de uma alteração psíquica devido ao próprio choque da privação de liberdade.

1. À frente da revista *Die Zukunft* [O futuro] — publicada entre os anos de 1892 e 1922 — esteve o jornalista alemão Maximilian Harden, nascido Felix Ernst Witkowski (1861-1927). Extremamente influente, Harden também era igualmente cáustico nas polêmicas que encampava. Leva o seu nome o chamado “Escândalo de Harden-Eulenburg” (1907-09): caso que envolveu pessoas próximas a Guilherme II (1859-1941) em uma série de processos judiciais, com base em alegações de conduta homossexual — proibida na época, conforme o Parágrafo 175 do Código Penal alemão (cf. nota 3, p. 101). Isso teve início justamente com acusações feitas pelo jornalista, referentes a um suposto envolvimento entre o príncipe Philipp zu Eulenburg-Hertefeld (1847-1921) e o general Kuno von Moltke (1847-1923). A polêmica causou a uma das primeiras discussões em nível público sobre as homossexualidades na Alemanha, podendo ser comparada ao que ocorreu no Reino Unido com o famigerado julgamento de Oscar Wilde (1854-1900). Todos os números da revista *Die Zukunft* que foram publicados entre 1898 e 1922 podem ser encontrados em: <<http://dlibra.bibliotekaelblaska.pl/publication/59643>>. (N. do T.)
2. Hermann Lang (1856-1916). (N. do T.)

Para mim, o motivo compulsório de apelar ao público é o reconhecimento de que justamente a gênese e o significado de casos como esse só podem ser compreendidos e controlados com uma única técnica de investigação — o novo método analítico introduzido pelo professor Sigmund Freud —; e de que dela a maioria de nossos colegas ainda não dispõe. A investigação com os outros métodos disponíveis na psiquiatria não foi capaz de comprovar o nexos decisivo, no caso de Elisabeth Lang, das probabilidades psíquicas de seu estado com as opressões sofridas, das quais ela tinha continuamente de padecer em família; e às quais ela, enquanto menor de idade, está exposta de um modo tão vulnerável que a sua resistência pôde ser respondida, agora, com sua internação em um manicômio.

Interponho, aqui, que o método de Freud consiste na conscientização de fatores psíquicos tornados inconscientes, através de cuja reinserção na continuidade da consciência deve poder ser restabelecida a harmonia dos processos psíquicos, de alguma forma perturbada. O procedimento freudiano provoca a dissolução de bloqueios associativos bastante definidos, que remontam a vivências afetivas, especialmente da infância; e, mais especialmente, àquela espécie de fatores afetivos que possuem o caráter de conflitos anímicos. Os fatores de conflito recalcados do contexto da consciência — e, por isso, geradores de transtornos — perdem o seu efeito patogênico na medida em que acessados pela consciência do paciente; e é só pelo próprio indivíduo que podem ser harmonizados com toda a personalidade e com seus motes condutores. Com a conscientização dos motes conflitantes não resolvidos dá-se a possibilidade de autocorreção. A verdadeira origem dos fatores conflitantes recalcados de efeito patológico é a divergência, que domina toda a infância, entre as orientações individuais inatas do desenvolvimento e as tendências formadoras da educação agindo de fora.

Somente a revelação do inconsciente pela técnica de Freud permite uma visada da psicologia do conflito da infância e da tremenda importância patológica das sugestões da educação como

causa da neurose de recalçamento. É justamente nos indivíduos intelectualmente mais fortes — resistentes desde a tenra infância ao efeito sugestivo — que a luta instalada no interior do próprio contra o estrangeiro conduz à mais intensa autodesagregação do eu e se externa em transtornos da harmonia particularmente intensos e em abalos do equilíbrio. É justamente para esses indivíduos que se encontra na terapia psicanalítica a única chance de restabelecimento. Pois toda imposição de natureza e vontade estrangeiras, que se exerce através de influência sugestiva, age no conflito patogênico fundamental exatamente no mesmo sentido que outrora a educação: ao passo que uma vez, ao longo da infância, manteve-se o fator de individualidade, agora ele já não pode mais ser eliminado por força alguma e permanece em insuperável oposição a todas as sugestões que, em todos os casos como esse, ou são ineficazes ou justamente só intensificam de modo perigoso a tensão patogênica interna. Em comparação a isso, o procedimento indutivo da “psicanálise” é eficaz: a pura revelação empírica do material psíquico existente, fixado no inconsciente do indivíduo; a restauração, numa continuidade psíquica abrangente, de uma personalidade individualmente harmônica, ela própria totalmente negligenciada, e sua autolibertação dos conflitos suscitados por motes estrangeiros. Mas isso significa uma anulação dos resultados da educação em prol de uma autorregulação individual. A consolidação dos valores individuais denota a recuperação. Acrescento que, para mim, o verdadeiro critério de “saúde” vale como algo relativo, só se deixando determinar para cada indivíduo isolado segundo o seu desígnio individualmente preformado.

Há um tipo preciso de desenvolvimento neurótico justamente no caso de indivíduos de singularidade inalienável, os quais, desde a mais tenra infância, são inacessíveis a sugestões e jamais serão modificados, em sua essência mais interior, por qualquer influência externa. Todo o desenvolvimento psíquico dessas naturezas é tipicamente determinado. Já que a sua individualidade não desaparece nunca com a educação e tampouco pode ser

substituída por elementos estrangeiros, então todos os motivos intrusivos, sobretudo os externos, permanecem em perpétuo contraste com os próprios; e, por isso, também conservam para sempre o caráter de corpos psíquicos estranhos, atuando como agentes causadores de conflitos insolúveis. E tendo em vista que, agora, qualquer nova influência da educação aumenta o acúmulo de conflitos como esse — logo, a dilaceração e a desorientação internas —, então inevitavelmente se desemboca em uma condição permanente do efeito de recusa, o qual se expressa diversamente conforme a diferença das predisposições; mas fixa, em todo caso, a mais aguda resistência afetiva da criança contra os pais. O conflito externo vem novamente reforçar ainda mais o interno: assim, a evolução dessas crianças consoma-se num círculo vicioso, no qual se formam inevitavelmente certas clivagens da consciência absolutamente singulares e cheias de consequências.

Elisabeth Lang é uma personalidade excepcionalmente talentosa, de uma singularidade especialmente marcante. Esteve exposta a um contraste excepcionalmente intenso entre o meio parental e a direção de sua vida; e foi compelida, pelos pais — com a rígida consequência da incorreção —, a conflitos especialmente profundos. Esses conflitos, por si sós, são a causa de sua alteração nervosa; e qualquer outra influência do meio parental irá minar ainda mais a sua saúde.

Elisabeth Lang veio até mim, em meados do ano passado, com os sintomas de uma intensa neurose de conflito. Daí, através de uma análise provisória, o seu estado melhorou tanto dentro de alguns dias que então se podia contar com o ulterior progresso da autocura, contanto que fosse evitada uma nova influência dos estímulos nocivos do meio. A análise teve de ser suspensa, pois Elisabeth Lang afastou-se da família e, por isso, teve de deixar Munique. Os meses que se seguiram, nos quais ela esteve sozinha pela primeira vez, parecem — apesar das conjunturas, difíceis em diversos aspectos — ter correspondido plenamente às expectativas. No fim do ano passado, com a ajuda de um mandado de prisão, Elisabeth Lang foi refreada pela família. Reencontrei-a no

dia seguinte à sua chegada, num estado de saúde relativamente bom. Na mesma ocasião fiquei conhecendo a sua família e, ao longo de muitos dias, esforcei-me inutilmente para encontrar nem que fosse a mais ínfima compreensão para as condições e as exigências particulares desse caso — com, justamente, os seus perigos particulares. Elisabeth Lang foi então levada, pelos pais, ao tratamento com um colega de Munique, e lhe foi proibido continuar a ser tratada por mim. Tendo em vista que seu estado começou imediatamente a agravar-se, a partir de sua recente estadia no antigo meio familiar, ela então vinha — sem que os pais soubessem — consultar-se comigo de tempos em tempos. Também dessa vez a análise será suspensa após um tempo, pois Elisabeth Lang foi afastada de Munique pelos pais. No verão escreveu-me de um sanatório suíço e, por diversas vezes, concedeu-me ainda a oportunidade de estar junto dela e de concluir, ao menos, o mais urgente da sua análise. Depois de nosso último encontro, recebi dela a notícia de que vinha sendo monitorada. Poucos dias depois foi tirada do sanatório pelo pai e levada à clínica psiquiátrica de Tübingen. A própria Elisabeth Lang depositou, desde o começo, a sua total confiança na terapia psicanalítica. Ela foi impedida — através de toda coação disponível, até onde foi de alguma forma possível — de se dirigir ao médico que a havia ajudado e em quem ela confiava; foi forçada, diversas vezes, a interromper a continuidade do tratamento e a se expor ao pronunciado efeito nocivo de análises deixadas inacabadas. Eu fui forçado a oferecer-lhe ajuda em segredo, para protegê-la desses agravos. Abandonaram-na, na mais arriscada fase das viravoltas anímicas causadas pela análise, ao choque mais brutal da contínua privação de liberdade e, agora, da internação em uma clínica psiquiátrica; ao passo que, a despeito de todos esses severos danos, a evolução constantemente favorável do seu estado psíquico mostrou-se, desde o começo do tratamento psicanalítico, totalmente inegável. E o motivo desse inconcebível abuso de poder parental (que me é inteiramente conhecido a partir de minhas longas conversas com a mãe) foi unicamente a absoluta

falta de compreensão em relação à existência e às necessidades de desenvolvimento da singularidade individual.

A significativa importância do caso, que me parece merecer o mais elevado interesse da coletividade, reside na prova das inconcebíveis possibilidades de violência parental abusiva, contra os menores de idade, que ainda são admitidas pela sociedade.

Dr. Otto GROSS

Professor de psicopatologia na Universidade de Graz

PELA SUPERAÇÃO DA CRISE CULTURAL

[*Zur Überwindung der kulturellen Krise*, 2 de abril de 1913]

*Die Aktion*¹, ano III, n. 14, cc. 384-387

Estas linhas são uma resposta (atrasada) a um ataque que Landauer, em seu *Sozialist*, formulou contra a psicanálise e contra mim; e que, à época, tive de deixar não respondida, visto que o senhor Gustav Landauer recusou-se

1. Em 20 de fevereiro de 1911, Franz Pfemfert (1879-1954) — escritor, crítico e fotógrafo — publicou o primeiro número da revista *Die Aktion*, então com o subtítulo “Zeitschrift für freiheitliche Politik und Literatur” [Revista de política e literatura libertárias] — um periódico que promoveu, assim como o *Der Sturm* [A tempestade], o movimento expressionista na Alemanha. Em 1912, agora com o subtítulo “Wochenschrift für Politik, Literatur und Kunst” [Semanário de política, literatura e arte], a revista incorpora também a representação das artes plásticas; e em 15 de agosto de 1914, com a Primeira Guerra, anuncia uma agenda apolítica de fachada, para se esquivar das hostilidades da censura. À frente da *Die Aktion*, Pfemfert não apenas fomenta a publicação da literatura, dos manifestos e das discussões políticas de sua época, como também a leitura pública — por seus próprios autores — de colaborações feitas à revista. Ademais, funda a Aktion-Verlag [Ed. Aktion], em que se publicam, com sucesso, diversas obras de cunho político (K. Marx, V. Lênin, L. Trótski, K. Liebknecht, dentre outros). Os projetos de Pfemfert com o periódico seguiram em ritmos diferentes até 1932. No ano seguinte, depois de ter firmado a revista como um órgão do comunismo revolucionário há mais de uma década — seu subtítulo mudaria duas vezes nesse período: “Wochenschrift für revolutionären Sozialismus” [Semanário do socialismo revolucionário], em 1918; “Zeitschrift für revolutionären Kommunismus” [Revista do comunismo revolucionário], em 1926 —, ele se vê obrigado a fugir de Berlim, passando por diversos lugares até chegar à Cidade do México (1941), onde morreria na pobreza e no abandono. Em 1981, no entanto, *Die Aktion* reaparecerá na Edition Nautilus (Hamburgo), responsável também pela publicação das obras completas de Franz Jung (1888-1963). A morte de Lutz Schulenburg, todavia, então responsável pela continuação da revista, marca o fim de sua publicação, já em seu 220º número. Cf. <www.dada-companion.com/journals/per_aktion.php> e <www.edition-nautilus.de/programm/dieaktion/list-self.html>. O volume completo (ano III) em que constam os textos de Gross encontra-se disponível em: <<https://archive.org/details/DieAktion03jg1913>>. (N. do T.)

a publicar meu artigo em seu jornal². Hoje vou adentrar apenas o factual do ataque. No que concerne ao pessoal, eu só poderia dizer: o senhor Landauer distorceu infamemente a verdade.

De resto, a psicanálise deverá ser energeticamente propagada e representada em uma revista que quero organizar, junto com Franz Jung, a partir de junho³.

A psicologia do inconsciente é a filosofia da revolução, isto é, ela é convocada a se tornar o fermento de revolta dentro da psique, a libertação da individualidade ligada ao próprio inconsciente. Ela é convocada a habilitar internamente para a liberdade; convocada como *trabalho preliminar* da revolução.

A incomparável reavaliação de todos os valores que será realizada num futuro iminente inicia-se, na atualidade, com o pensamento de Nietzsche sobre os panos de fundo da alma e com a descoberta, por S. Freud, da assim chamada técnica psicanalítica. Ela é o método prático que, pela primeira vez, possibilita franquear o inconsciente ao conhecimento empírico; ou seja, para nós, agora se tornou possível conhecer-se a si mesmo. Com isso nasceu uma nova ética que vai se basear no imperativo moral do conhecimento real de si e do próximo.

O mais avassalador nesse novo imperativo de conceituação da verdade é o fato de que, até esses dias, diante de todas as perguntas de valor incomparável, nada soubemos do verdadeiro, do essencial — do nosso ser, da nossa vida interior, de nós, dos

2. Gustav Landauer (1870-1919) foi um dos teóricos e ativistas mais importantes do anarquismo na Alemanha do final do século XIX; esteve vinculado à vertente que ficou conhecida como anarcopacifismo. Editou, em Berlim, no começo do século XX, o jornal *Der Sozialist* [O socialista]. Cf. G. Landauer (org.) *Der Sozialist: Organ des Sozialistischen Bundes (1909-1915)*. Vaduz: Topos, 1980. Cf. também, sobre o autor: P. Mendes-Flohr; A. Mali (orgs.) *Gustav Landauer: anarchist and jew*. Berlin: De Gruyter Oldenbourg, 2015. (N. do T.)
3. Trata-se da revista *Sigyn*, cuja função seria divulgar uma nova ética como preparação para uma transformação social. O periódico não foi adiante, no entanto, devido à prisão de Otto Gross a mando de seu próprio pai. (N. do T.)

seres humanos —; nem sequer estivemos, em momento algum, em condições de indagar a respeito. O que estamos aprendendo a conhecer é que cada um de nós, tal como nos encontramos hoje, só dispõe de — e só conhece como sendo próprio — um fragmento daquilo que sua personalidade psíquica inclui em sua totalidade.

Invariavelmente, em toda psique encontra-se dilacerada a unidade do funcionamento geral, a unidade da consciência; dissociou-se um inconsciente que mantém absolutamente afastados de si o comando e o controle da consciência e de qualquer autopercepção.

Devo presumir como já comum o conhecimento do método freudiano e dos seus resultados essenciais. Desde Freud entendemos as inadequações e as insuficiências da vida psíquica como consequências de experiências internas de conteúdo afetivo intensamente conflitante, as quais, em sua época — sobretudo na tenra infância —, parecendo insolúveis, foram eliminadas da continuidade da vida interior da consciência do eu e, desde então, continuam operando, a partir do inconsciente, como motes contrastantes e de um modo destrutivo e descontrolado. Creio que o essencialmente decisivo para o estabelecimento dos recalcamientos está dado mais no conflito interno — permanecendo inacessível, o que Carl Wernicke escreveu sobre o conflito como causa da doença⁴ — do que na relação com o fator sexual. A sexualidade é o mote universal de uma infinidade de conflitos internos, não em si mesma, mas enquanto objeto de uma moral

4. Carl Wernicke (1848-1905) foi um neurologista alemão famigerado por suas pesquisas no campo das afasias, tendo relacionado doenças nervosas com regiões cerebrais específicas. Em sua pesquisa, considerava a consciência como sendo uma função cerebral localizada em diversos centros associativos de imagens e memórias motoras distribuídos pelo cérebro, mas mais concentrados em determinados pontos. Nesse sentido, as doenças mentais estariam relacionadas ao rompimento ou à falha da comunicação entre esses centros. Cf. R. de Campos Filho (2002/03) “Os estudos das afasias por Carl Wernicke”, *Revista USP*, n. 56. São Paulo, pp. 152-162. Disponível em: <www.revistas.usp.br/revusp/article/view/33816>. (N. do T.)

sexual que se encontra em conflito insolúvel com tudo o que é valor, vontade e realidade.

Parece que a verdadeira natureza desses conflitos sempre se deixa remontar, no fundo, a *um* princípio abrangente: o conflito entre o próprio e o estrangeiro; entre o individual inato e o sugerido, isto é, o inculcado e o imposto.

Esse conflito da individualidade com *a autoridade que penetrou no próprio interior* é, mais do que nunca, o conteúdo trágico do período da infância.

Será tanto mais trágico quanto mais rica em si mesma for a individualidade, quanto mais firmemente ela estiver dotada de singularidade. Quanto mais intensamente e quanto mais cedo a capacidade de resistência à sugestão e à interferência iniciar a sua função protetora, mais intensamente e mais cedo o dilaceramento conflituoso irá se aprofundar e se agravar. São poupadas apenas as naturezas cuja disposição para a individualidade é tão fracamente desenvolvida e tão pouco resistente que, sob a pressão das sugestões do entorno — a influência da educação —, muito simplesmente atrofia e desaparece; naturezas cujos motes orientadores, por fim, compõem-se totalmente de material estrangeiro obsoleto em valorações e hábitos de reagir. Nesses caracteres de segunda linha pode-se conservar uma — aparente — sanidade, isto é, um funcionamento conjunto não perturbado da totalidade anímica ou, melhor dizendo, do resto anímico. Por outro lado, todo indivíduo que se situar um pouco mais alto do que essa normalidade atual não será capaz — nas conjunturas existentes — de superar o conflito patogênico nem de alcançar a sua *sanidade individual*, isto é, o pleno desenvolvimento harmonioso das suas mais elevadas possibilidades individuais preformadas em disposições inatas.

Entende-se, de tudo isso, que até agora esses caracteres, independentemente do feitio com que se manifestam (ou contra a lei e a moral; ou despontando positivamente acima da média; ou colapsando e doentes) são sentidos — seja com repulsa, veneração ou compaixão — como inquietantes exceções que se tentaram

eliminar. Entender-se-á que hoje é preciso ratificar essas pessoas como sendo as saudáveis, as batalhadoras, as progressistas; e aprender sobre elas e com elas.

Das revoluções que pertencem à História não há nenhuma que tenha conseguido estabelecer a liberdade da individualidade. Todas elas deram tiros n'água; sempre precursoras de uma nova burguesia, acabaram, numa apressada vontade de integração de si, em situações normais geralmente aceitas. Elas colapsaram porque o revolucionário de ontem carregava, em si mesmo, a autoridade. Só agora se pode reconhecer que *a família é a morada de toda autoridade*; que o vínculo entre sexualidade e autoridade — tal como se manifesta na família, com o patriarcado ainda em vigor — agrilhoa toda individualidade.

Até agora, os tempos de crise das culturas superiores sempre têm sido incondicionalmente fiéis às queixas acerca do afrouxamento dos laços do casamento e da família em comunidade — o casamento é uma instituição predominantemente camponesa —; não se pôde distinguir, contudo, nessa “tendência à imoralidade”, o grito ético de afirmação da vida pela salvação da humanidade. Tudo caiu novamente por terra; e o problema da libertação do pecado original, da escravização da mulher em função dos filhos continuou sem solução.

O revolucionário de hoje, que, com auxílio da psicologia do inconsciente, avista as relações de gênero num futuro mais livre e mais feliz, luta contra a violação em sua forma mais originária, contra o pai e contra o patriarcado.

A revolução por vir é a revolução pelo direito matriarcal. É indiferente saber sob que feição e por que meios ela vai se consumir.

O “PSICANÁLISE” DE LUDWIG RUBINER¹

[*Ludwig Rubiner's „Psychoanalyse“*, 14 de maio de 1913]

*Die Aktion*², ano III, n. 20, cc. 506-507

Falei há muitos anos, no Congresso de psicanalistas de Salzburgo³, a respeito da perspectiva que — com a descoberta do “princípio psicanalítico”, isto é, a exploração do inconsciente — se orienta para os problemas gerais da cultura e para o imperativo do futuro. Na época obtive a seguinte resposta de S. Freud: “Somos médicos e queremos permanecer médicos”.

Hoje sabemos quão infinitamente maior é a dádiva em relação ao que se permitia esperar o próprio doador. Hoje a psicologia do inconsciente é, para nós, a primeira e única garantia

1. Ludwig Rubiner (1881-1920) foi um escritor, ensaísta, tradutor e crítico literário expressionista alemão. Em 7 de maio de 1913, no número 19 da revista *Die Aktion*, justamente um veículo do expressionismo literário, Rubiner — que interrompera sua estada parisiense para retornar a Berlim na primavera de 1913 — havia publicado um texto polêmico contra Gross, intitulado “Psicanálise” (“Psychoanalyse”, cc. 483). Ele não escondia seu descontentamento com o sucesso alcançado por Gross entre os articulistas que colaboravam com a revista, julgando uma intrusão nefasta a difusão das teorias freudianas entre os expressionistas, uma vez que elas obstaculizariam a revolução cultural por eles pleiteada. Rubiner critica o método psicanalítico porque, a seu ver, este fornece apenas determinações e conclusões, configurando um método repressivo do qual se espera em vão a mudança social mediante a aparente compreensão de problemas individuais. A controvérsia Rubiner-Gross se desdobrou, ao longo desse ano, em diversos artigos publicados no referido periódico. Em todo caso, quando da mobilização internacional em prol da libertação de Gross, Rubiner foi um daqueles que se posicionaram a seu favor (cf. o prefácio deste volume, p. 57). (N. do T.)
2. Cf. nota 1, p. 83. (N. do T.)
3. O Congresso de Salzburgo ocorreu em 27 de abril de 1908. A programação do evento pode ser encontrada em M. Checchia; R. Torres; W. Hoffmann, *Atas da sociedade psicanalítica de Viena*, vol. 1: Os primeiros psicanalistas (1906-1908). Trad. M. Marino. São Paulo: Hedra/Scriptorium, 2017. (N. do T.)

segura de respostas reais para perguntas reais e de caminhos certos para objetivos certos — já existe um órgão⁴ que tenta dar os primeiros passos, ainda que incertos, nesse terreno. Os literatos, no entanto, ainda conseguem acreditar, cândida e simploriamente, no seguinte: “Importante é apenas a sua utilização tremendamente prática, o êxito curativo”.

Nós acreditamos, porém, que o ser humano é agora capaz de reconhecer a si mesmo, que os seres humanos têm agora o direito de ter a esperança e o dever de batalhar para entenderem um ao outro; logo, que a infinita solidão derradeira ao redor do indivíduo será transponível, que se anuncia uma ética com raízes verdadeiramente vivas. *Esse* é seu êxito prático.

Evidentemente foi a arte, até então, a única a iluminar o entendimento dos nexos psicológicos inconscientes, e caberá mais uma vez ao poder do artista desbravar os novos caminhos do conhecimento. Uma arte que não se atreva a passar pelas derradeiras questões da psicologia do inconsciente já não será arte.

Nós, que pretendemos sobrepujar a solidão, já não acreditamos que o espírito legislativo será o espírito criativo — muito embora a ideia, em si, seja profanadora⁵; muito embora ela coaja. Acreditamos, no entanto, que somente a ideia que se encontrar para além da solidão, isto é, no amor, será criadora e livre; logo, será *espírito livre*. O espírito livre que não se encontra no amor livre será sempre conservador ou desintegrativo; Deus ou Diabo, mas jamais espírito livre.

Ludwig Rubiner mostra-se cometendo um erro fatídico, no qual contrapõe a mulher ao espírito livre. Acreditamos que a primeira e a verdadeira revolução será aquela a reunir, num só, a mulher, a liberdade e o espírito.

4. No sentido de publicação periódica que exprime os interesses de um grupo. No original, *Organ*. (N. do T.)

5. Gross utiliza aqui o termo *vergewaltigend*. O substantivo correspondente, *Vergewaltigung* — profícuo em seus escritos e traduzido por “violação” noutros trabalhos que compõem este volume —, além do sentido corrente de “estupro”, conserva a acepção obsoleta de “profanidade”. (N. do T.)

A PSICANÁLISE OU NÓS, CLÍNICOS

[*Die Psychoanalyse oder wir Kliniker*, 25 de junho de 1913]

*Die Aktion*¹, ano III, n. 26, cc. 632-634

Se o artigo de Rubiner² fosse algo isolado, descartaríamos cautelosamente o cáustico produto... Só que o caso é absolutamente representativo; logo, a pergunta ganha interesse: o que há junto e por trás desse afeto?

Penso que a motivação salta à vista. Rubiner nos diz: Técnico, fique na sua clínica³. É isso o que importa para eles todos — todos aqueles com os quais Rubiner se encontrou “nesse ponto crucial”... Quem hoje toma parte dos problemas da humanidade — no sentido mais amplo — tem, em relação à psicanálise, uma única opção: ou repensar completamente, inclusive sobre tudo o que se fez até então, mesmo que já se tenha seguido adiante; ou então gritar com todas as forças: Técnico, deixe-nos fazer o nosso trabalho! Só que onde estão os limites para as possibilidades dessa técnica? Todo o sofrimento de toda essa humanidade em si mesma e toda a esperança de que isso mude: é isso a nossa clínica.

Assumi como o trabalho da minha vida mostrar que, enquanto decorreria imediata das instituições autoritárias hoje exis-

1. Cf. nota 1, p. 83. (N. do T.)

2. Após “O ‘Psicanálise’ de Ludwig Rubiner”, publicado por Gross em 14 de maio, Rubiner escreveu dois outros textos nesse mesmo periódico ao longo do mês seguinte: o primeiro, em 4 de junho, intitulado “Uff... Die Psychoanalyse” [Aff... A psicanálise]; o segundo, em 18 de junho, intitulado “Erwähnung zur Psychoanalyse” [Menção à psicanálise]. Cf. respectivamente: *Die Aktion*, ano III, n. 23, cc. 565-568; n. 25, cc. 607-608. (N. do T.)

3. Cf. L. Rubiner (1916) “Zur Krise des geistigen Lebens”. In: K. Schuhmann (org.) *Der Dichter greift in die Politik*. Leipzig: Reclam Verlag, 1976, p. 123. (N. do T.)

tentes, todo ser humano deve, necessariamente, estar doente; e de modo particularmente profundo o homem de valia, como decorrência e na medida dos seus valores. Esse reconhecimento é a reivindicação da revolução como necessidade higiênico-humanitária e da libertação interna do homem revolucionário enquanto trabalho clínico preliminar. Ele conta com a exigência da individualidade pela vida como constituindo sua base e define como “saúde” o desenvolvimento de todas as possibilidades inatas individuais.

A psicologia do inconsciente — que traz para a luz, a partir do material latente “recalcado”, o dever ser do indivíduo — já pode agora esboçar seu futuro conceito de “saúde” também para o caso individual: a partir da restaurada exigência do indivíduo pela vida, fixamos a nossa exigência para cada caso e de maneira geral. É preciso entender que é unicamente a partir dessa base de exigência empírica da individualidade pela vida que poderão ser erigidos valores e normas vívidos.

Falei da superação da solidão. Rubiner é da opinião de que eu teria chegado muito tarde, de que ele próprio já havia feito tudo. Ele e Einstein. Conheço o suficiente do trabalho de Einstein para poder dizer: são projeções comoventes de cores e luzes em cujo jogo o acontecimento anímico segue refratado e cujo reflexo, do mais profundo de nós mesmos, nos assusta bruxuleantemente. O fato artístico, a livre criação de novos casos representativos, é outra coisa. Face à solidão humana encontram-se os meios, em geral, que até então foram possíveis: lampejos que sinalizam o abismo... Queremos mais: a superação da solidão, enquanto nossa esperança e nosso dever, é a recolocação das relações humanas em bases completamente novas, com possibilidades até então inauditas em termos de pureza e constância e de intensidade produtiva.

A “individualização” da psicanálise será um contra-argumento para nossa esperança de superação da solidão. Ora, ainda não se sabe que todo mútuo deslocamento de si baseia-se em compreender-se a si mesmo? Que a superação do conflito

interno — o bloquear-se diante de si mesmo — será seguida pela superação do destino? Que o amor é uma luta e que o homem sempre está sozinho?

Essa questão aspira ter resposta, de modo que os seres humanos pudessem esquecer o quanto são miseráveis, o quanto se fazem miseráveis. É essa a questão da psicose humana... à qual *nós nos* consideramos qualificados para responder.

Até agora apenas *um* concebeu o problema em sua totalidade: aquele que escreveu a história da torre da Babilônia. Parece ser uma lei o fato de que, quando se faz a tentativa de construir uma torre em direção ao céu, a confusão sempre se reatualize.

A INFLUÊNCIA DA COLETIVIDADE SOBRE O INDIVÍDUO

[*Die Einwirkung der Allgemeinheit auf das Individuum*, 22 de novembro de 1913]

*Die Aktion*¹, ano III, cc. 1.091-1.095

Domingo, 9 de novembro, ao meio-dia, o notório pesquisador Doutor Otto Gross foi visitado em sua residência em Wilmersdorf e lá mantido à força, até a noite, por três homenzarrões que devem ter supostamente se legitimado como policiais judiciários. Aos colaboradores da AKTION que, a meu pedido, foram apanhar manuscritos, o acesso ao “prisioneiro” não foi permitido. À noite, Gross (que não estava trabalhando com política, e sim escrevendo um novo livro científico) foi levado embora de casa, sob escolta... e certamente internado num manicômio austríaco.

O caso será levantado no Reichstag².

F. P.³

Antes de mais nada, deve-se primeiro remontar a questão aos problemas e às descobertas do pensador a quem devemos o mais frutífero estímulo à pesquisa biológica dos fatos sociais: Friedrich Nietzsche. Entre as descobertas que nunca mais serão perdidas está o conhecimento, tornado acessível à ciência por Nietzsche, de uma influência patogênica da sociedade sobre o indivíduo. Sabemos, através dele, que tendências expansionistas habitam justamente os indivíduos mais saudáveis, para cuja repressão estão orientadas as tendências da coletividade. Esse con-

1. Cf. nota 1, p. 83. (N. do T.)

2. O Parlamento — do então Império — Alemão. (N. do T.)

3. F[rantz] P[femfert]. (N. do T.)

flito, cuja regularidade foi tornada acessível por Nietzsche em seu elemento historicamente imprescindível, age patogenicamente de duas maneiras. A primeira possibilidade o próprio Nietzsche pensou até o final e, com isso, fundou a disciplina da sociologia biológica: ele indicou que o conflito existente no discurso vai resultar numa erradicação precisamente dos indivíduos mais saudáveis e mais fortes — dotados das maiores tendências expansionistas — através das represálias por parte da coletividade; numa seleção negativa e, com isso, numa decadência da raça, num aumento progressivo da degeneração hereditária. A outra possibilidade é o dano causado diretamente em cada indivíduo pelo trauma psíquico do conflito. Sobre o problema que aqui está posto, Nietzsche nos forneceu uma pletora de ideias inesgotável, cuja importância para a psicologia individual e social é quase inestimável. Só que, para reconhecer a importância da questão para a patologia, era preciso outra descoberta: a descoberta do efeito patogênico, no sentido mais intrínseco do termo, dos afetos reprimidos. Por isso eu ousaria abordar aqui a pesquisa de Freud como a continuação direta das pesquisas de Nietzsche nessas áreas.

O conflito compulsório entre o indivíduo e a coletividade, sob a pressão do convívio social, transforma-se compulsoriamente num conflito no próprio indivíduo, pois o indivíduo começa a se sentir, em relação a ele mesmo, o representante da coletividade. É só esse conflito interno que consegue, afinal, agir patogenicamente. Então, a nossa pergunta é a seguinte: que fatores ideais típicos são propícios para colocar o indivíduo em conflito consigo mesmo?

Há, em primeiro lugar, o grande campo da sexualidade, no qual fatores ideais atingem uma significação patogênica particularmente importante. Naturalmente isso vale, de modo muito particular, para a mulher. Esta, no âmbito sexual, vai, de longe, ser muito mais influenciada por sugestões contrárias que o homem. Logo, também é compreensível que a morbididade específica das mulheres para a histeria não será determinada por uma disposição de gênero, mas pelo conteúdo moral sexual das ideias gerais.

Bem se pode dizer que a morbidade psíquica; que a distorção patológica da personalidade — tal como ela se nos apresenta, enquanto caráter histérico e depravação patológica ainda mais sutil e menos marcada —; que todas essas psicopatias extremamente difundidas, especificamente femininas, são atribuídas a esse conflito sexual estereotípico. O que é dominante no desenvolvimento psíquico da mulher é a impossibilidade de estabelecer uma uniformidade abrangente e coesa dos processos internos; de produzir uma continuidade da vivência psíquica que não apresente lacunas. Pois esse complexo dominante de valores — as sugestões a partir das quais se compõe, desde a infância, o meio ético da mulher — é substancialmente inconciliável com as pulsões e moções mais fortes e insistentes. Toda a força plástica da vida anímica é utilizada ou para recalcar totalmente as moções sexuais, ou para fazê-las chegar a uma reconfiguração e a uma ressignificação passíveis de consciência. E mesmo esse processo de remodelagem consiste essencialmente num recalçamento. Os anseios sexuais, em sua natureza real, jamais aparecem na forma daquelas tendências exclusivamente monogâmicas e familiares, na qual encontram entrada na consciência. E o que neste caso foi recalçado, e o que sempre continua a sê-lo, tudo isso produz, por fim, um vasto e grande campo da vida anímica investido pelos mais poderosos afetos e inteiramente abstraído da continuidade da consciência, da síntese unificada dos processos psíquicos. E esse campo excluído da coerência interna da personalidade dissemina, na personalidade, estranhos traços de caráter incompreensíveis, pulsões e inclinações perversas e anormais. Dito mais exatamente: a energia represada do material recalçado transfere-se para as vias incontroláveis da vida anímica consciente — preformadas a partir das correlações associativas, a partir da personalidade e dos seus valores e sentimentos dominantes —; age modificando, excitando, inibindo; anula e enfraquece alguns componentes, reforça outros; confere a impulsos paradoxais, estrangeiros e malignos uma intensidade inexplicável; altera o caráter e nele cunha traços que denunciam

a sua proveniência do inconsciente através de uma existência autóctone geralmente não motivável, através de certa analogia de conteúdo com os complexos recalçados. O peculiarmente típico nesse caráter feminino que se tornou mórbido, o eternamente recorrente nas mais diversas formas, é essa notória inclinação, tão singularmente compulsiva, para o proibido, para tudo o que é rejeitado pelos próprios valores dominantes, para tudo o que vai contra os próprios instintos fundamentais. Trata-se sempre de um traço característico condizente que permanece o mesmo de acordo com sua essência, seja porque aquilo que é estrangeiro e contrário a esses impulsos ainda pode ser sentido subjetivamente, seja porque a personalidade inteira, cada vez menos resistente, pode ser satisfeita por eles. A inclinação patológica para o proibido age como um constituinte deformador e depravador do caráter. Nós a encontramos como crueldade ou inclinação para a autotortura; como uma pulsão pungente pelo sempre novo, pela mudança contínua; como inclinação acrítica para o bizarro e, de novo, como bloqueio inexplicável e insuperável dos sentimentos naturais. Ela se imiscui de modo impeditivo diante de qualquer procedimento adequado, de qualquer sensação natural e boa, de qualquer critério fundamentado e aceito. E nisso ela sempre conserva a imagem do conflito patogênico originário entre o desejo sexual e a sua negação deliberada.

Um exemplo simples: apenas raramente perceptível ao médico e, em geral, quase nunca identificada como patológica — logo, quase sempre de significado trágico para a vida —, enfear-se é uma típica tendência “ideogênica” para um insuspeito número de mulheres. Por trás disso atua um pendor patológico para o proibido que vem da infância, o qual, aliás, ancorou-se no inconsciente como parte da pulsão pelo proibido e conservou-se inalterado.

Se o conflito patogênico da vida sexual compreende, de modo particularmente intenso, o gênero feminino, o seu equivalente para o masculino encontra-se no campo dos instintos de luta ou agressivos. Sabemos ser o instinto fundamental especificamente masculino; e tal como nos impulsos sexuais no caso da mulher,

também pesa, no caso do homem, a força das contratendências morais sobre os instintos agressivos. Somente na quantidade e, sobretudo, no grau de interiorização dessas contratendências existe certa diferença. O desejo agressivo, a concepção consciente interna do pensamento agressivo, não está tão completamente nem tão aprioristicamente submetida à censura. Em outras palavras: há aqui uma maior possibilidade, ao menos interiormente, de combater o conflito até o fim. E também quanto mais se restringe essa possibilidade, mais patogênico o conflito se torna. Contudo, quanto mais for esse o caso, mais as contratendências aumentarão em intensidade e extensidade. A grandeza dessas contratendências é muito variável, muito diversa conforme o local e o tempo; de uma forma geral, acentua-se rapidamente. Segundo Nietzsche, o anseio dominador aproxima-se da meta assim que, num determinado lugar e num determinado momento, não houver mais nada a temer. Hoje na Europa o caminho para isso, sempre e por toda parte, recebe o nome de “progresso”. Se isso estiver correto, se realmente um temor interno de tudo o que é perigoso, súbito, agressivo tornou-se um fator que determina valores, então a supressão das tendências agressivas deve se tornar cada vez mais forte; e o conflito interno, uma fonte cada vez mais produtiva de clivagem neurótica da personalidade. A ilustração disso foi dada por Schopenhauer, e frequentemente retomada desde então: a de que, entre os helênicos, na decorrência de um ato de agressividade — maus-tratos corporais, por exemplo —, não era o agredido, e sim o agressor, que era considerado desonrado. Se esse foi verdadeiramente o caso, então uma resignificação e uma deformação dos instintos como essa pressupõe um complexo semelhante de processos de recalçamento, tal como hoje a resignificação das tendências sexuais. É digno de nota que a poesia helênica verse predominantemente sobre emoções de agressão, assim como uma grande parte da nossa, sobre emoções sexuais. Em ambos os casos encontrar-se-ia, na base da arte, a tendência de precipitar justamente a “abreção” dos instintos respectivamente mais recalçados.

Podemos reconstituir facilmente as possibilidades do sentido em que o conflito interno com tendências agressivas irá influenciar mais ou menos patologicamente o caráter. Novamente teremos de esperar encontrar nos sintomas a reprodução da sua proveniência, e essa condição satisfaz-se no quadro da *angústia neuropatológica* de conflito, quer dizer, da covardia patológica. Assim como esta é muito frequentemente encontrada, é igualmente bem conhecida a forma em que ela se cunha e como ela consegue constituir o fundamento de uma desconfiança patológica, de uma maneira de conceber deslocada em nome dessa desconfiança.

A conexão associativa desses traços de caráter com o conflito patogênico é fácil de reconstituir; o elemento comum de ligação é algo com o seguinte conteúdo: “Eu não posso ou não consigo agredir, me vingar, me defender”.

OBSERVAÇÕES PARA UMA NOVA ÉTICA

[*Anmerkungen zu einer neuen Ethik*, 6 de dezembro de 1913]

*Die Aktion*¹, ano III, n. 49, cc. 1141-1143

Estas “observações”, oriundas do manuscrito de Otto Gross sobre a nova ética — o qual desapareceu quando da sua internação coercitiva aqui notificada —, foram transmitidas a mim.

F. P.²

Se “perverso” vem de *pervertere* (inverter), então o Estado — por conta da pulsão de autoconservação — precisa garantir a sua pretensa função protetora, o casamento, através da manutenção do § 175³. A contradição está na base do Estado. O próprio Estado carrega o símbolo homossexual. Ele é construído hierarquicamente, ou seja: uns sempre pesam sobre os outros.

Freud considera comprovada a predisposição bissexual do ser humano no primeiro estágio da vida. Só que, segundo Freud, mais tarde o humano teria de recalcar um dos dois lados, e é assim que deveria funcionar. Isso não deve ser e não será mais assim. Com a libertação progressiva da individualidade, não

1. Cf. nota 1, p. 83. (N. do T.)

2. F[ranz] P[femfert]. (N. do T.)

3. O Parágrafo 175 do Código Penal alemão — conhecido como “§ 175 StGB” — esteve em vigência de 1 de janeiro de 1872 a 11 de junho de 1994. Condenava a prática homossexual masculina e a zoofilia, ambas qualificadas como violação da natureza, como “*widernatürliche Unzucht*” [fornicação antinatural]. Cf. o documentário *Paragraph 175* (2000), dirigido por Rob Epstein e Jeffrey Friedman, narrado por Rupert Everett. (N. do T.)

irá ocorrer a nenhum ser humano deixar que uma disposição natural atrofie.

A constelação⁴ que resulta da família — violação por parte de um dos cônjuges; dependência absoluta da mulher em relação ao homem; ausência de relação com a criança, na medida em que a criança não tem permissão de participar da vivência (erotismo do quarto contíguo), mas deve, sim, ser educada (os princípios pedagógicos em vigor almejam a assexualidade); o filho como centro de um turbilhão de complexos de inferioridade, da parte da mãe, e objeto de um ciúme, da parte do pai, que se intensifica da impotência até o ódio mais candente e encontra repouso no sentimentalismo —; essas constelações, em resumo, geralmente tornam impossível uma vivência progressiva da criança no sentido da disposição bissexual.

Ao contrário: a constelação familiar num sentido pronunciado mais pungente da criança em direção à conservação da individualidade impele o instinto moral e sua compulsão por superar a solidão a uma sexualidade que notadamente encontra em si mesma, na disposição bissexual, uma confirmação; entretanto, o caminho assim percorrido não é livre de constelação, não é uma vivência pura. Essa sexualidade divide-se, numa evolução livre de recalçamento, em homossexualidade ativa e passiva; ou será dominada, em suas manifestações, por desde a possibilidade de um completo recalçamento até o automatismo (indivíduo normal) ou um recalçamento parcial — em que a vontade, com base numa individualidade doente, de viver à custa de um outro

4. Empregado já em 1893 por Georg Theodor Ziehen (1862-1950), o termo *Konstellation/konstellieren* [constelação/constelar] seria importado por Carl Jung para a psicologia analítica. Em sua aula inaugural ministrada na Escola Politécnica Federal de Zurique, em 5 de maio de 1934, este dirá que “esse termo exprime o fato de que a situação exterior desencadeia um processo psíquico que consiste na aglutinação e na atualização de determinados conteúdos. A expressão ‘está constelado’ indica que o indivíduo adotou uma atitude preparatória e de expectativa, com base na qual reagirá de forma inteiramente definida”. C. G. Jung, “Considerações gerais sobre a teoria dos complexos”. In: *Obras completas*, vol. 8/2: A natureza da psique. Trad. Pe. Dom M. R. Rocha, OSB. Petrópolis: Vozes, 1984 p. 41. (N. do T.)

serve de medida (forma mais pura: a pessoa negativa, o esnobe, o espírito afetado, *l'art pour l'art* [a arte pela arte]).

Do ponto de vista de uma nova ética, essa homossexualidade — que poderia ser caracterizada como *secundária* — deve ser combatida. Ela exhibe, absoluta e naturalmente, as marcas da constelação do casamento, os signos da violação. O ato homossexual incluído nos termos do § 175 é a mesma violação que aquela consumada impunemente nos casamentos normais.

Essa homossexualidade secundária permanece imoral porque não tem como objeto a relação, a crença, o terceiro. A forma só vem em segundo lugar, e é só ali que ela busca encobrir o nexo entre posição e símbolo.

A nova ética vai ao encontro de um gênero no qual um homem esteja lado a lado com o outro: “ele me tomará a mulher ou me violará homossexualmente”. E a mulher, lado a lado com o homem: “ele manterá meus *filhos* e também me deixará viver ou então (em torturante preocupação) desmoronará com a desforra da minha natureza (maternidade constelada)”. A solidão que tudo espreita circunda o ser humano e devora as horas.

A desintegração da monogamia e da sua forma ainda mais patológica, a poligamia, não é apenas a libertação da mulher, mas sobretudo a do homem.

O reconhecimento de que a sexualidade, como superação da solidão, não é idêntica à pessoa — mas, sim, o grande terceiro puro — denota o pré-requisito mais importante, a fonte de uma intensidade que é expansiva e que é uma vida nova. Somente essa intensidade possibilita o desdobramento da disposição bissexual.

A homossexualidade *primária* liberta não conhece nem violação nem inversão. Ela é aquele elemento da vida que está expresso na vivência e no prazer compartilhados. Ela é livre de sentimentalismo, ciúme e masoquismo; ela só conhece a constelação de um desdém — cuja superação denota, simultaneamente, uma energia vital.

As atuais formas da sexualidade estão dominadas pelo medo do esfriamento. A certeza de uma relação duradoura estará ga-

rantida se a relação entre homem e homem estiver em conformidade com a relação com a mulher, se a sexualidade não for mais a vivência do individual.

Para tanto, o que cuida para que essa vivência permaneça livre da constelação é uma técnica — por meio de uma fixação automática de nível — que procura exterminar todos os resíduos de forças indesejadas consideradas, em particular, como sendo imorais na ótica da nossa *sociedade* e como sendo um atentado à *personalidade*; uma técnica que liberta.

NOTA SOBRE RELAÇÕES

[*Notiz über Beziehungen*, 20 de dezembro de 1913]

*Die Aktion*¹, ano III, n. 51, cc. 1180-1181

Notas que Otto Gross entregou-me poucos dias antes do seu encarceramento.

F. P.²

A relação enquanto terceiro, tomada como religião³, inclui a compulsão à individualização. Essa compulsão é uma demonstração automática de todas as possibilidades de experiência, das capacidades de preservação de todo calor psíquico⁴ aspirando ao geral e ao sumário (fixação de nível).

A relação, no sentido atual, é uma ponte cujos pilares encontram arrimo na experiência momentânea, isto é, simulam uma continuidade cuja preservação *organicamente* necessária não se harmoniza com a tendência, psiquicamente necessária, a uma pura experiência de dissolução e modificação perpétuas;

1. Cf. nota 1, p. 83. (N. do T.)

2. F[ranz] P[femfert]. (N. do T.)

3. Se, por um lado, na interpretação de Cícero (106-43 a.C.), o termo latino *religio* encontraria sua origem etimológica em *relegere* (reler, retrair), Lactâncio (240-320) e Tertuliano (160-220) o associam ao verbo *religare* (religar) — logo, ao restabelecimento de uma relação. (N. do T.)

4. A noção de *thermotēs psychikē* [θερμότης ψυχική, “calor psíquico/anímico”] está presente desde Aristóteles — em seu *Peri zōōn geneseōs* [Περὶ ζώων γενέσεως, “Da geração dos animais” (ca. 350 a.C.)], por exemplo —, relacionando-se à noção de πνεῦμα [*pneuma*, ‘alento/espírito’]. Conceitos similares sobre a relação entre o calor e a alma podem ser encontrados em Platão, Hipócrates e Heráclito, dentre outros. Cf. F. S. Castro; J. Landeira-Fernandez (2011) “Alma, corpo e a antiga civilização grega: as primeiras observações do funcionamento cerebral e das atividades mentais”. *Psicologia: reflexão e crítica*, vol. 24, n. 4, pp. 798-809. (N. do T.)

logo, uma continuidade com a tendência de adoecer a si mesma. (Daí, hoje, a mais pura experiência: complexo de inferioridade, vontade de morrer).

Esses conflitos determinam a experiência que, na média, atenua-se em compromissos (formas de histeria, neurose) e, projetada como normalidade, produz a angústia no interior de uma continuidade em constante desmoronamento no subconsciente (tédio). A tendência à superação dessa angústia escancara, nas vontades de individualidade mais intensas, fatores de experiência com a compulsão a uma síntese possível da generalidade (genialidade).

A constelação dessa experiência introduz o conceito de “violação”. O cerne de toda violação é a fraqueza. Uma fraqueza que capitula frente à angústia de viver; que, por instinto, tem de então se obrigar à fé cega no recalçamento.

O violador é o doente, o sucumbente que carrega o signo da inferioridade. Ele é inofensivo, desde que o parceiro possa opor, ao compromisso requerido, a pureza da experiência, o sofrimento oriundo da sustentada aspiração pela liberdade da individualidade; e ele é instrumento, desde que — enquanto ponto de partida de um sofrimento — molde produtivamente a experiência do parceiro.

Esse sofrimento que se configura expansivamente em vida e em intensidade é, para o ser humano positivo, nesse sentido, o conteúdo de uma relação, a liberação de um deleite compartilhado, a camaradagem, a religião.

O compêndio a essa relação que resulta da pureza da experiência é, ao mesmo tempo, orgânica e psiquicamente o fundamento de uma nova forma de vida, de fé, de nostalgia, e uma comunhão de vida que ocupará os tempos futuros.

O CASO OTTO GROSS — CARTA A MAXIMILIAN HARDEN

[*Der Fall Otto Gross — Brief an Maximilian
Harden*, 28 de fevereiro de 1914]

*Die Zukunft*¹, ano XXII, vol. 86, n. 22, pp. 304-306

Aos 9 de novembro de 1913, o Sr. Dr. Otto Gross, um médico que se ocupa especialmente da psiquiatria e da sociologia — e que também já publicara um ensaio no “Zukunft”² —, foi detido por agentes de polícia em sua residência em Wilmersdorf. Os agentes lhe disseram que, na qualidade de indesejável estrangeiro e morfinista, ele estava sendo deportado da Prússia e deveria (embora não tenha sido notificado quanto a tal intento) deixar o país imediatamente. Ele não foi conduzido à fronteira com a Saxônia, mas até aquela com a Áustria; ali, detido e levado ao pequeno manicômio privado de Tulln, perto de Viena. Processo penal algum fora movido contra ele. Seus amigos, pessoas sérias, asseveraram que nunca fora notado um traço de enfermidade psíquica no extraordinariamente talentoso homem. De Tulln acaba de nos chegar sua seguinte carta:

Tenho uma leitura para recomendar ao senhor. O *Wiener Amtsblatt* publicou, nos últimos dias, que, por decisão que data de 9 de janeiro de 1914, devido a loucura, foi decretada a tutela sobre mim, e que meu pai foi nomeado o meu tutor.

Peço ao senhor tão fervorosamente quanto um ser humano pode pedir a outro: antes de qualquer outra pessoa, ajude agora a minha mulher e seus filhos. É de minha absoluta vontade que

1. Cf. nota 1, p. 77. (N. do T.)

2. Trata-se de “Violência parental” (1908), cf. pp. 77-82 deste volume. (N. do T.)

Frida Gross³, em seus direitos de mãe, não deva ser por ninguém ameaçada; que apenas ela detenha os seus filhos e todos os direitos sobre os seus filhos. Com minha colocação sob tutela foi-me retirada a possibilidade de lhe garantir, doravante, esse direito e a sua liberdade. Sei que Frida sempre teve medo de que pudesse advir a possibilidade de meu pai lhe tirar as crianças, e agora essa possibilidade está aí. Ajude-a; antes de qualquer outro: ajude-a!

Imagine se essas crianças — que nasceram para a liberdade e foram criadas em liberdade, que são uma esperança viva para o futuro —, se essas crianças caíssem agora nas mãos de meu pai; imagine a sina dessas crianças, pense no estado de espírito da mãe delas! E de mim fora tirada toda e qualquer possibilidade de evitar algo desse tipo.

Quero dizer ao senhor como isso me sucedeu e em que ponto as coisas estão. Depois de me expulsarem de Berlim na condição de estrangeiro indesejável (por causa do morfinismo), puseram-me aqui diante da escolha entre colocar-me sob tutela ou tornar inócuas as minhas ideias. Contra mim apresentam-se dois fatores que poderiam ser utilizados, seja como pontos de acusação perante o tribunal, seja como argumentos de periculosidade social. Estão optando por esse último; no entanto, eu mesmo quero incondicionalmente conseguir impedi-lo e responder em juízo. Creio que posso responder pelo que fiz e pelo que aconteceu. E quero então tentar impedir, de qualquer forma, que todas as aspirações da minha existência, tudo aquilo pelo qual vivi, seja desmerecido como patológico; que as motivações que guiam minha vida não sejam levadas a sério.

No início do ano de 1906, em Ascona, dei à senhorita Lotte Chatemmer⁴, a pedido dela, o veneno com o qual se suicidou.

-
3. Frida Emilie Marie Sofie Schloffer (1876-1950) havia entrado em um relacionamento com Gross em 1903 e com ele teve um filho, Wolfgang Peter Gross (1907-1946). (N. do T.)
 4. Na companhia de Henri Oedenkoven (1875-1935), Ida Hofmann (1864-1926), Karl Gräser (1875-1920), Gustav [Gusto] Gräser (1879-1958), Jenny Hofmann (1863-?) e Ferdinand Brune (?-?), a berlinense Paulette Charlotte Hattemer (1875-1906) foi uma das cofundadoras da colônia “Monte Verità” — denominação que passou a se confundir

Eu o fiz para tornar-lhe a morte, pela qual já estava absolutamente decidida, a mais serena possível. Fiz tudo o que estava ao meu alcance para dissuadi-la da sua decisão de morrer. Mesmo quando o veneno já se encontrava em sua posse (eu o dei a ela imediatamente antes de minha partida de Ascona), fui até ela e pedi mais uma vez que, ao invés disso, viesse a Graz comigo e me deixasse tentar ver se eu ainda não podia ajudá-la. Deixei o veneno em suas mãos porque fiquei convencido de que Lotte Chatemmer, uma vez que havia decidido morrer, levaria a cabo essa decisão de um jeito ou de outro e seguramente não recuaria, se fosse o caso, diante de uma forma atroz e dolorosa de morrer. Para evitá-lo, quis deixar a ela essa oportunidade. Não agi por negligência — pois aquilo que fiz foi deliberadamente feito — e não tive a intenção de que ela devesse morrer. Tive apenas a intenção de que ela não morresse de forma atroz e em sofrimento. Já se passaram mais de sete anos desde então; jamais pude lamentar o que fiz.

O outro argumento a ser utilizado contra mim é o de que devo ser culpado pela morte de Sophie Benz⁵. De que nesse caso não houve nem intenção nem negligência de minha parte, todos estão convencidos, pois sabem que, naquela ocasião, tratava-se do meu próprio destino. Sophie Benz envenenou-se por causa da

com o nome oficial do lugar, Monte Monescia (Ticino, Suíça) —, uma comunidade vegetariana naturista e anarquista criada em 1900 na comuna de Ascona. Por lá passaram muitos, como Herman Hesse (1877-1962), Walter Gropius (1883-1969), Isadora Duncan (1877-1927), Vassily Kandinsky (1866-1944), Carl Jung, Stefan George (1868-1933), Paul Klee (1879-1940), Rudolf Steiner (1861-1925), Max Weber, Tristan Tzara (1896-1963), Gustav Landauer, Otto Gross e Frieda von Richthofen — que se tornaria sua amante. Em 1920, com a derrocada da comunidade, o casal fundador (Henri e Ida) muda-se para a cidade de São Paulo, onde os dois passariam o fim da vida. Lotte suicidou-se em 19 de abril do mesmo ano. A história do Monte Verità é contada no documentário “Freak Out!”, dirigido por Carl Javér (2014). Cf. K. Noschis (2011) *Monte Verità: Ascona et le génie du lieu*. Lausanne: PPUR (“Le savoir suisse”). Cf. também <www.monteverta.org>. (N. do T.)

5. Gross havia se instalado em Ascona, no ano de 1910, na companhia de Sophie Benz (1884-1911), uma pintora anarquista que conhecera em Munique e que se tornou sua paciente e amante. (N. do T.)

psicose de que sofria. Recriminaram-me por não tê-la internado em instituição psiquiátrica; não tê-lo feito é, para mim, a única consciência que serve de consolo.

Repito: quero responder, perante o tribunal, pelo que fiz e pelo que aconteceu, mas não quero que isso valha como fator de transtorno mental e periculosidade social. É por isso que peço para dizer publicamente aquilo de que se trata.

Há ainda mais uma coisa contra mim: o fato de eu não estar satisfeito com a ordem social estabelecida. Poder considerar isso prova de um transtorno mental depende de como se define a norma da saúde mental. Se considerarmos a adaptação ao que existe como sendo o normal, então a insatisfação com relação ao que existe poderá ser interpretada como signo de disfunção mental. Se considerarmos como norma o mais alto desdobramento de todas as possibilidades que são inatas ao homem, e se soubermos, intuitivamente e por experiência, que a ordem social existente impossibilita esse supremo desenvolvimento do indivíduo e da humanidade, então a satisfação com o que existe será considerada subvalorização.

De resto: quando a alguém é dado um motivo compreensível — ou seja, material — para a insatisfação com a sociedade existente, quando esse alguém se revolta, não se coloca a sua saúde mental em dúvida. Mas quando alguém que é oriundo das camadas sociais superiores — que, para a sociedade, era francamente para ter tido diante de si uma bela carreira —; quando sou eu que rompi com a sociedade, muitas pessoas quererão ver aí um sinal de loucura. E eu sei o porquê: se isso não é loucura, então é um irrepreensível estar convicto; então é uma convicção que serve de prova.

Otto GROSS

SOBRE A SIMBOLOGIA DA DESTRUIÇÃO

[*Über Destruktionssymbolik*, agosto/setembro de 1914]

*Zentralblatt für Psychoanalyse und Psychotherapie*¹,
ano IV, n. 11/12, pp. 525-534

Introduzo as explicações que se seguem com três exemplos concretos e assinalo, de antemão, que devem servir apenas de ilustração, e não como material analítico demonstrativo.

1. Funcionando como veículo da Associação Psicanalítica Internacional – IPA, o *Zentralblatt für Psychoanalyse: Medizinische Monatsschrift für Seelenkunde* [Folha Central de Psicanálise e Psicoterapia: mensário médico de psicologia] foi publicado entre 1910 e 1914. Seu editor-chefe era Sigmund Freud; junto dele, Alfred Adler e Wilhelm Stekel compunham o corpo editorial. No entanto, em fevereiro de 1911, Adler apresenta o conceito de “protesto masculino” numa comunicação — posteriormente publicada — intitulada: “Verdrängung und ‘männlicher Protest’: ihre Rolle und Bedeutung für die neurotische Dynamik” [Recalcamento e “protesto masculino”: seus papel e significado para a dinâmica neurótica] (cf. A. Adler [1914] “Zur Kritik der Freudschen Sexualtheorie des Seelenlebens” [Por uma crítica da teoria sexual freudiana da vida anímica]. In: A. Adler; C. Furtmüller [org.] *Heilen und Bilden*. Frankfurt am Main: Fischer, 1973, pp. 94-113). Questionando ali noções fundamentais da doutrina freudiana, esse trabalho acabou por acirrar as divergências teóricas entre o autor e Freud, culminando na ruptura entre eles e na saída de Adler da Sociedade das Quartas-Feiras (da qual era então presidente) e da direção do *Zentralblatt*, bem como na posterior fundação do Verein für freie psychoanalytische Forschung [Associação de Pesquisa Psicanalítica Livre] — que pouco depois passaria a se chamar Verein für Individualpsychologie [Associação de Psicologia Individual]. Com a saída de Adler, que havia editado o periódico até o número 9 (jul/1911), o *Zentralblatt* fica sob a coordenação dos outros dois editores a partir do número seguinte. Poucos anos depois, no entanto, com a retirada de Stekel do movimento psicanalítico — sem seu interesse, todavia, em deixar a coordenação da revista —, Freud funda a Internationale Zeitschrift für Ärztliche Psychoanalyse [Revista internacional de psicanálise médica], que funcionará então como veículo oficial da IPA, tendo seu primeiro número publicado em janeiro de 1913. Freud era seu editor-chefe, Ferenczi e Rank compunham o corpo editorial. Stekel, por sua vez, seguirá sozinho na coordenação do *Zentralblatt*, que passará a se chamar *Zentralblatt für Psychoanalyse und Psychotherapie*. O número completo em que consta este texto de Otto Gross encontra-se disponível em: <https://archive.org/details/ZB_IV_1914_11_12_k>. (N. do T.)

1. O Sr. Dr. *Neumann*, do hospital psiquiátrico de Troppau, na Silésia, relata-me a seguinte observação:

Ao brincar, uma menina de seis anos foi jogada no chão brusca e inesperadamente, com uma trombada por trás, por um menino mais velho. Ela cai sobre um dos joelhos e sofre uma lesão externa nada significativa. Em seguida a isso, a articulação do joelho afetado fica com uma contratura em extensão, que se mostra como inequivocamente psicogênica e deixa-se solucionar por meio de sugestão.

Nesse caso, uma investigação psicanalítica não pode ser proposta. Só que o caso é de uma simplicidade tão clássica e a estrutura da doença é tão transparente, e tão evidente para o especialista, que uma discussão mais cerrada só deve ocorrer aqui por razões contextuais.

Se nos lembrarmos dos fatos psicológicos que *Freud* descreveu como “teorias infantis” do coito e do nascimento² — e que atualmente todo analista deve considerar como estando acima de toda e qualquer suspeita —, o sentido interno do quadro clínico e do propósito da doença está dado por si só.

A doutrina *freudiana* das “teorias sexuais infantis” dita que, na imaginação [*Vorstellung*] das crianças, o intercurso sexual reflete-se habitualmente na imagem de uma violação, sempre da mulher pelo homem — na imagem, como sempre, da índole de um ato sádico —; e que o nascimento e a gravidez projetam-se na vida imaginativa infantil como doença, cirurgia, ferimento ou morte. O fato dessa simbolização infantil foi peremptoriamente demonstrado em seu aspecto mitológico por *Otto Rank*, notadamente a partir dos motes dos contos fantásticos³. Como

2. Cf. S. Freud (1908) “Sobre as teorias sexuais infantis”. In: *Obras completas*, vol. 8. Trad. P. C. de Souza. São Paulo: Companhia das Letras, 2015, pp. 390-411. (N. do T.)

3. A essa altura, em 1914, Rank já havia publicado *Der Künstler: Ansätze zu einer Sexual-Psychologie* [O artista: princípios para uma psicologia do sexual, 1907]; *O mito do nascimento do herói, uma interpretação psicológica dos mitos* (1909) — Trad. C. L. Medeiros. São Paulo: Cienbook, 2015 —; *Die Lohengrinsage: Ein Beitrag zu ihrer Motivgestaltung und Deutung* [A fábula de Lohengrin: uma contribuição para seu mote composicional e

essas imagens infantis da sexualidade e do nascimento se originam, o porquê de elas se estabelecerem sistematicamente dessa maneira e que conclusões tirar desse fato psicológico é algo que será tratado adiante.

O caso que acabei de relatar contém a transposição imediata dessa concepção sexual infantil para o acontecimento vivido. Enquanto se divertem, um garotinho joga uma garotinha no chão, de brincadeira, num impulso repentino. Ele age a partir de seu desígnio do inconsciente; executa um ato sexual à sua maneira, tal como seu inconsciente entende a sexualidade. E é a partir da mesma disposição, no mesmo sentido, que aquilo que faz será recebido no inconsciente da menina: ela reage ao ato sexual simbólico com uma gravidez simbólica.

Que o aparecimento da doença da menina aqui descrito só possa ser efetivamente considerado como um símbolo de gravidez decorre do princípio que devemos tratar como um axioma psicanalítico: que todo fenômeno que decorre do inconsciente (sintoma ou sonho) deve significar a realização de um mote simbólico de desejo — de um tropismo, eu diria. A concepção de base determinista não nos permite acreditar em ações psíquicas sem causalidade, sem sentido, nem mesmo nas que são efetivamente fundamentadas de maneira insuficiente.

O tropismo sexual, no caso patológico descrito, foi transposto para a vida à maneira infantil: com a falta de clareza infantil a respeito da natureza da sexualidade e com a certeza e a pureza infantis no que se refere ao desejo sexual. Resta o problema de como é que se estabelece o desconhecimento infantil do feitio do acontecimento sexual e reprodutivo e o porquê de ele metodicamente assumir justamente a simbologia da violação e da doença; o porquê de metodicamente deverem se desenvolver

sua significância, 1911], *Das Inzest-Motiv in Dichtung und Sage: Grundzüge einer Psychologie des dichterischen Schaffens* [O mote do incesto na poesia e na fábula: fundamentos de uma psicologia da criação poética, 1912] e, com Hanns Sachs, *Die Bedeutung der Psychoanalyse für die Geisteswissenschaften* [O significado da psicanálise para as ciências humanas, 1913]. (N. do T.)

aqui os simbolismos da “destruição” — no sentido definido por *Sabina Spielrein*⁴.

2. Um médico me conta o seguinte sonho:

“É uma fêmea. A princípio, uma cachorra. Ela está deitada no chão; ao seu lado, um filhote recém-nascido. Passo a mão nela, falo com ela e lhe digo que pode me deixar brincar com o seu filhote e que não farei nada de mal; ela, no entanto, está resabiada comigo. Depois é uma porca. Uma mulher está ao seu lado — poderia ser minha mãe — e ela me diz algo como terem feito uma sangria no animal para aliviá-lo. Fico com a vaga sensação de que devem ter presumido se tratar de um flegmão, muito embora fosse uma luxação inveterada; foi um erro médico, uma negligência brutal — e isso me estarrece. Examinado a ferida, então. É uma lesão terrível na virilha, na qual se vê a cabeça do fêmur. A ferida não está enfaixada; ela dá a impressão de ter sido escavada e esgarçada. Dá a impressão de um animal que foi abatido”.

Sobre esse sonho foi possível uma análise bastante aprofundada. No entanto, o fator onírico mais essencial, a expressão do mote do nascimento através da simbologia da destruição, é, sem dúvida, evidente — com uma força de evidência totalmente particular, porque, numa das vezes, o mote do nascimento é aqui formulado desveladamente a partir do conhecimento que o adulto tem da realidade — na imagem onírica de uma fêmea com um filhote recém-nascido; e, noutra, “regressivamente” na simbologia infantil (na imagem do animal ferido⁵) — *primeiro* na forma direta e, *depois*, na simbólica, muito notavelmente. O caráter infantil da simbologia de destruição associada ao pro-

4. Cf. S. Spielrein (1912) “A destruição como origem do devir”. In: R. U. Cromberg (org.) *Sabina Spielrein – uma pioneira da psicanálise: obras completas*, vol. 1. São Paulo: Livros da Matriz, 2014, pp. 227-277. (N. do T.)

5. Associação com a ferida na qual se vê a cabeça do fêmur: a cabeça da criança que fica visível na vagina.

cesso do nascimento é velado apenas superficialmente pela reformulação secundária das imagens eidéticas médicas.

Em primeiro lugar, dois fatores ainda permanecem problemáticos nesse caso: a natureza do mote de desejo motriz e a significação da simbologia animal, da representação do princípio “mulher” por meio dos símbolos “cachorra” e “porca”. A solução nos é dada, na mesma noite, por uma imagem onírica segunda, tardia e isolada: a de uma situação homossexual. O exame analítico revelou a solução de ambos os problemas num pensamento que ocorreu de maneira imediata e extremamente surpreendente para o próprio sonhador: “Já que as mulheres são tão cachorras e porcas por terem filhos, quem dera eu fosse homossexual”.

Como mote tropístico central da primeira sequência onírica seguiu-se, então, ainda uma fantasia de crime passional que deveria ser reconduzida à fixação do inconsciente na simbologia infantil da destruição para os processos sexuais e reprodutivos. É o mesmo mecanismo da recepção sexual do inconsciente de um no inconsciente do outro — a interação das formas inconscientes infantis da sexualidade de um ser humano com o outro — que opera aqui como requisito nos motes oníricos e que foi transposto à vida no primeiro caso que descrevemos. O fato de a pulsão sexual, em sua forma de expressão sádica, contrariar a negação interior mais forte esclarece a flagrante sucessão, ressaltada anteriormente, da representação onírica direta e indireta do mesmo mote: o tropismo sexual se impõe com mais dificuldade — e, por conta disso, mais tardiamente — em sua forma sádico-simbolizada do que na direta, retificada e em conformidade com a realidade. O verdadeiro desejo onírico poderia, em decorrência disso, traduzir-se exatamente assim: “Mais que viver na heterossexualidade pesadamente comprometida por fantasias de destruição, eu preferiria ser homossexual”. Nessa formulação final, o citado pensamento associativo, que podia parecer inicialmente um paradoxo brutal, demonstra ser expressão imediata do conflito profundo entre a postura ética geral e as formas pulsionais deformadas da sexualidade operantes no inconsciente.

3. No romance *Kameraden!* [Camaradas!], de Franz Jung⁶, uma mulher resume a natureza de seu sofrimento, em si mesmo, nos seguintes termos: “Odeio todas as mulheres. Gostaria de ser homem e homossexual”. Sou capaz de acrescentar que essas palavras — bem como, de modo geral, a história da neurose nessa obra-prima do realismo psicológico — são tomadas emprestado diretamente da vida real.

A manifestação da qual se acaba de falar nos conduz diretamente ao grande problema que *Alfred Adler* desfraldou sob a rubrica de “protesto masculino”⁷. Aquilo de que se trata pode ser indicado com as palavras em que *J. Birstein* expressa o princípio fundamental do pensamento de *Adler*: “[...] como triste consequência do preconceito social da superioridade do elemento masculino surge o seguinte contrastamento intuitivo e esquemático: de um lado, a inferioridade, o feminino, o fraco, o que se encontra ‘por baixo’; do outro, a plenitude, o masculino, o forte, o que fica ‘por cima’”⁸. Como consequência desse posicionamento afetivo inconscientemente dominante produz-se na mulher o derradeiro posicionamento: o “protesto masculino — o desejo de ser homem”⁹.

Em si, que uma mulher queira ser um homem pode indubitavelmente ser por conta do “preconceito social quanto à superioridade do elemento masculino” — voltaremos ulteriormente a falar desse importante fato fundamental. Só que, no romance de Jung, as palavras da mulher às quais nos referimos contêm

6. Cf. F. Jung (1913) *Kameraden...!: ein Roman*. Heidelberg: R. Weissbach. (N. do T.)

7. Adler havia introduzido a expressão “protesto masculino” no ano de 1910, quando do Congresso de Nuremberg. O texto seria ulteriormente publicado na forma do artigo “Der psychische Hermaphroditismus im Leben und in der Neurose” [O hermafroditismo psíquico na vida e na neurose], *Fortschritte der Medizin*, 1910, vol. 28, pp. 486-493. (N. do T.)

8. J. Birstein, *Zentralblatt für Psychoanalyse*, 4 (7-8) [Trata-se do artigo intitulado “Individualpsychologische Darstellung eines nervösen Symptoms” (Representação psicológica individual de um sintoma nervosa), publicado em 1914 no *Zentralblatt für Psychoanalyse*, vol. 4, n. 7-8, pp. 364-72. (N. do T.)]

9. Ibid.

ainda um segundo desejo, provido de mecanismos mais complexos e que não pode se explicar simplesmente pela “tendência a se assegurar”, no sentido em que *Adler* a entende — logo, pela “autodefesa da personalidade, isto é, pela ação contrária à penetração do sentimento de inferioridade na consciência”¹⁰. O aspecto problemático reside na segunda parte da frase: “Gostaria de ser homem e *homossexual*”.

É bastante evidente que esse segundo desejo não pode se explicar pelo sentimento de inferioridade da mulher quanto à sua feminilidade, tampouco pela tendência à supercompensação desse sentimento de inferioridade. Das aspirações puramente egoístas à realização do seu próprio eu, a qualquer preço — que *Adler* e sua escola consideram o único princípio ativo na gênese de todas as expressões do subconsciente — poderia nascer numa mulher apenas o desejo de ser homem na aceção habitual de “virilidade”, isto é, um violador de mulheres.

A motivação mais complexa será compreensível se compararmos o último exemplo com o sonho contado anteriormente. É comum a ambos os casos — o de um homem e o de uma mulher, portanto — o fator desejante de ser um homem homossexual. Ao fator desejante comum deve evidentemente subjazer, tanto para homem quanto para mulher, uma possível motivação comum. Na verdade, esse mote não foi declarado no caso da mulher, sendo, no entanto, evidente no caso do sonho do homem enquanto consequência analítica, e pode, sem forçamento, ser trasladado para a construção psicológica do último caso. Nós já resumimos a fórmula para esse mote: é o desejo de se libertar da heterossexualidade comprometida pelo material infantil no inconsciente; ou seja, de se livrar dos tropismos da simbologia da destruição comprometidos pela heterossexualidade.

Divisaremos, agora, o que sobressaiu desses três casos e o que pudemos concluir disso. Está na base de todos os casos — em parte, analiticamente demonstrável; em parte, inequívoco

10. Ibid.

de deduzir — o aferro do inconsciente à formulação simbólica destrutiva para as representações de sexualidade e de nascimento, para cujo princípio essencial no inconsciente figura a violação da mulher pelo homem e cujas consequências são doença e sofrimento. No primeiro caso, o da criança, a sexualidade transpõe-se para a vida da seguinte forma: na infância, a vitalidade do desejo imediato prevalece sobre a força das inibições. Nos outros dois casos, que dizem respeito a adultos, prevalece a inibição: é a oposição aos tropismos da destruição que se manifesta como desejo do inconsciente em ambos os casos. Chegamos, nesses dois casos — tanto para o homem quanto para a mulher —, à reconstrução do mote de desejo: não querer ter nada da ordem do sexual com a mulher, pois a sexualidade com a mulher significa uma violação da mulher. E esse mote de desejo, de acordo com a sua natureza psicológica, é *ético*.

A literatura psicanalítica fez com que conhecêssemos a importância do mote moral como componente dos conflitos internos. *W. Stekel* mostrou o efeito conflituoso dos motes religioso-morais e *J. Marcinowski*¹¹ explanou, de um modo que não se pode mais claro, que o caráter patogênico dos conflitos internos resulta da contradição insolúvel entre a natureza humana e os juízos de valor estabelecidos. Só que a tendência ética fundamental, que está aqui em questão, não tem nada a ver com os juízos de valor morais, a propósito dos quais *Marcinowski* diz o seguinte: “A moral é o temor dos demônios vingadores” — que eu próprio descrevi como a soma de todas as sugestões estrangeiras que

11. Johannes Jaroslaw Marcinowski (1868-1935) foi um médico e psicanalista alemão que esteve entre os discípulos de Freud nos anos de 1908-20. Marcinowski coordenava o sanatório Haus Sielbeck, situado à região do lago Uklei, onde tratava pacientes a partir do método psicanalítico — tendo sido, assim, um dos pioneiros na descrição de fenômenos transferenciais com pacientes em condição de internação. Há uma série de cartas entre Freud e Marcinowski, sobretudo a respeito do conflito do primeiro com Stekel, que era e continuou sendo um grande amigo do segundo. Cf. H. Bernhardt, “Johann Jaroslaw Marcinowski (1868–1935) und sein Sanatorium Haus Sielbeck am Uklei. Psychoanalyse im klinischen Setting”, *Luzifer-Amor: Zeitschrift für Geschichte der Psychoanalyse*, vol. 24, n. 47, 2011, pp. 133-168. (N. do T.)

chamamos de “educação”. Trata-se mais de um instinto primário congênito, próprio ao humano, voltado *ao mesmo tempo* para a conservação da individualidade própria e a relação amoroso-ética com a individualidade do outro. Podemos definir a formulação concreta de sua essência como *o anseio de não se deixar violar e de não violar os outros*.

A esta altura, essa formulação só pode ter o significado de um princípio heurístico; tenho em preparação um trabalho mais extenso a esse respeito. Aqui, em razão das considerações, é preciso enfatizar: esse instinto ético fundamental em questão mostra — em conjunto com a simbologia destrutiva da sexualidade no inconsciente — o conflito de dois pares antagônicos: de um lado, não se deixar violar e não querer violar; do outro, o estabelecimento afetivo da pulsão mais insuperável como violação cometida e violação sofrida.

“Ao lidar com problemas sexuais, uma questão me interessou especialmente: por que essa tão poderosa pulsão, a pulsão de procriação, esconde, ao lado dos sentimentos positivos que são esperados *a priori*, também outros negativos como angústia, aversão, os quais na verdade precisam ser superados para que possamos chegar a uma atividade positiva?” Com essa problematização começa a rica investigação de *Sabina Spielrein* sobre “A destruição como origem do devir”¹². Com essas palavras é encetada a mais profunda questão com a qual tem de se ocupar a psicologia moderna; e essa questão se desenrola em sua universalidade abrangendo o humano. Acrescento o que certo dia escrevi: “*A clínica do psicanalista abrange todo o sofrimento da humanidade em si mesma*”.

12. *Jahrbuch für psychoanalyt. Forschungen*, 1911, vol. IV, 1ª parte, p. 465. [Em português: R. U. Cromberg (org.) *Sabina Spielrein – uma pioneira da psicanálise*: obras completas, vol. 1. São Paulo: Livros da Matriz, 2014, pp. 229. (N. do T.)]

Encontramos, no mais profundo da interioridade humana, um conflito que dilacera a unidade anímica; achamos que esse conflito está em cada ser humano, que esse dilaceramento anímico perpassa toda a humanidade; e esse reconhecimento leva à tentação de ver o sofrimento, em si mesmo, como inevitável e o conflito interno como algo “normal”. No entanto, nosso conhecimento em ciências naturais tem, necessariamente, que rejeitar o fato de algo tão inadequado como um caráter específico ínsito ser considerado algo inato específico da espécie.

Essa consideração conduz a uma problematização sociológica na psicologia do conflito interno. Expressei um ponto de vista como esse em meu trabalho *Sobre inferioridades psicopáticas*¹³:

O conflito sexual, em sua enorme importância, só parece inteligível como expressão de uma condição social e psíquica geral. As conjunturas típicas da educação e do meio da criança na família condicionam a elevada receptividade de sugestão exógena da fase infantil à etiologia endógena das alterações ideogênicas. As inerentes tendências evolutivas e assimilatórias individuais inatas, bem como aquelas estrangeiras sugeridas cedo, são na verdade as correntes antagônicas dominantes no conflito patogênico. As sugestões precoces da tendência educativa e da compulsão à imitação no meio familiar fixam os impulsos estrangeiros que travam insolúvel oposição com a individualidade e, assim, condicionam os perenes conflitos patogênicos. Os contrastes realmente divisórios na psique dilacerada só são possíveis enquanto oposição entre o próprio e o estrangeiro. Creio, então, poder dizer também o seguinte: *a cura psicanalítica do dilaceramento ideogênico é a libertação da adequação a um fim individualmente preestabelecida em relação à vontade estrangeira do entorno infantil fixada sugestivamente.*

13. Braumüller, 1909.

Na família existente, a criança vivencia simultaneamente, no começo da experiência, que o seu feitio inato, o seu inato querer a si mesmo, o seu querer, assim como lhe é inato amar, não serão compreendidos e desejados por ninguém; que, para a sua exigência de redenção (conservar a própria personalidade e poder amar segundo as suas próprias leis inatas), não advém resposta alguma. Ninguém responde a essa exigência, exceto o próprio reconhecimento quanto a se encontrar desdenhado e desvalidamente reprimido; o próprio reconhecimento da vastíssima solidão ao seu redor. E, para a ilimitada angústia da criança na solidão, a família — tal como ela existe atualmente — tem uma só resposta: viva sozinho ou seja como nós.

Ninguém consegue, quando criança, renunciar ao amor: isso é impossível porque a pulsão de integração aos outros é tão necessária à conservação da espécie quanto a aspiração à preservação da própria essência inata. A criança, na família existente, deve então, necessariamente, ser como os outros que a cercam: mais ou menos inteiramente, se ela faz parte da maioria; apenas parcialmente, se faz parte da minoria que jamais pode perder por completo o seu feitio inato, tampouco uma necessidade interna de tender a ele.

O medo da solidão e a pulsão de integração compõem a criança a se adaptar: a sugestão da vontade estrangeira, que se chama de “educação”, será assimilada ao próprio querer. E é assim que a maioria consiste praticamente em apenas uma vontade estrangeira por ela assimilada; num feitio estrangeiro ao qual se adaptou; num ser estrangeiro que lhes parece representar totalmente a própria personalidade. Em suma, tornaram-se seres uniformes em sua essência porque toda a vontade estrangeira de que são feitos, na realidade, visa — em sua mais profunda essência e em seus objetivos derradeiros — à uniformidade. Eles se pouparam do dilaceramento interior, adaptaram-se às coisas tais como elas são. Eles representam a grande maioria.

Só que assim como ninguém é capaz, tal como as coisas são, de manter inteiramente afastado o estrangeiro imposto, há

igualmente aqueles que *também* nunca podem perder totalmente o que é próprio de sua natureza. A sina desses seres é o conflito interno entre o próprio e o estrangeiro, o dilaceramento interior, o sofrimento em si mesmo. É a espécie humana que permanece irreconciliável com seus motes condutores inalienáveis, os quais selaram o primeiro grande compromisso.

O medo da solidão, que é a primeira vivência interna da criança, será condicionado pelo contraste entre o próprio feito inato e o entorno; e esse medo implica a compulsão a se adaptar aos outros. Só a tendência a ser como os outros são abre à criança a perspectiva de satisfação da pulsão de integração; e apenas ela contém, simultaneamente, a possibilidade não de preservar o feito próprio, mas de poder fazer valer o próprio eu de uma forma adaptada em relação aos outros. O medo da solidão na criança é a primeira compulsão, originária e decisiva, por transformar a vontade de conservação da individualidade na “vontade de potência”, de cuja incomensurável importância nos conflitos internos a genial pesquisa de *Alfred Adler* nos convenceu.

Com essa transformação da vontade de conservação da individualidade em vontade de potência deu-se uma dissociação e uma oposição completas entre os dois componentes pulsionais harmoniosamente uniformes originalmente, para os quais encontramos anteriormente a seguinte formulação: não se deixar violar e não querer violar os outros. E é somente essa oposição secundária e adquirida, entre tropismos egoístas e altruístas, que produz o par de antagonistas do conflito interno, o qual, na luta pela autoconservação — no sentido de *Alfred Adler* —, incorre numa expressão inadequada.

A consequência da oposição, do atrito recíproco no conflito interno é que ambos os componentes pulsionais antagonicamente orientados ficam cada vez mais distorcidos e hipertrofiados mediante supercompensação. Por conseguinte, o jogo de forças entre o não se querer violado e o não querer violar exterioriza-se, na forma modificada dos dois impulsos, como conflito interno de vontade de potência e autossupressão.

A questão das tendências de autossupressão é o problema que a pesquisa de *A. Adler* não chegou a solucionar de modo plenamente satisfatório. A autossupressão entendida como expressão do instinto fundamental de recusar-se a violar distorcido hipertroficamente mediante sobrecarga parece-me tornar sua natureza própria mais compreensível.

Foi anteriormente mencionado que a capacidade de conservação do feitio inato e de seus instintos fundamentais é de uma extrema diversidade individual. Foi dito, também, que são poucos aqueles nos quais a essência específica inata e seus instintos fundamentais conseguem subsistir ativamente. Com isso, o componente ético dos instintos congênitos — que designamos como “o não querer violar” — também sofre flutuações individuais tão grandes que justamente só irá se manifestar, ainda, em alguns (uma minoria de indivíduos, na verdade) como componente verificável dos conflitos internos. Pode-se então prontamente admitir que, para a maioria dos casos, o esquema de *Adler* do conflito interno entre os antagonistas — orientados de modo puramente egocêntrico — da angústia pessoal de inferioridade, de um lado, e o esforço supercompensatório para se impor, de outro, pode ser irrestritamente empregado. Repito apenas que esse esquema, sozinho, revela-se insuficiente em todos os casos em que o fator da autossupressão se manifesta. O fator que permanece mais problemático quanto às explicações de *Adler* me parece ser o fenômeno do masoquismo no sentido mais amplo do termo. De agora em diante teremos de lidar com essas questões. Voltamos, com isso, ao problema de onde partimos: a simbologia da destruição na sexualidade. O complexo dos fenômenos sádico-masoquistas é apenas a forma de expressão clínica mais extrema da simbologia sexual da destruição. Podemos, contudo, dar agora a seguinte formulação geral para ela: a simbologia sexual da destruição é o resultado da fusão da sexualidade com os ajustamentos adquiridos, vontade de potência e autossupressão.

Essa não é nada além da definição de um fato, no fundo, quase evidente. A questão que se nos impõe agora é a de como

essa fusão de pulsões se realiza. Quanto a isso, podemos fazer a suposição de que os fatores fisiológicos em relação com a simbologia da destruição — os do âmbito sexual e reprodutivo, a defloração e o nascimento — não são mais significativos para a realização da simbologia da destruição do que os do material provedor de conteúdo. Fatos da natureza — em relação aos quais uma reação simples e evidente está, por si só, dada — nunca são o fundamento nem o núcleo próprio de conflitos internos nem de simbologia conflituosa. Os conflitos não resolvidos do inconsciente que se projetam para fora nas manifestações simbólicas surgem como reação a fatos aos quais se tornou muito difícil para o ser humano reagir de modo adequado: fatos que não se está em condições de modificar e em relação aos quais também não se pode nunca renunciar inteiramente a um derradeiro anseio de modificá-los. Isto é, os conflitos internos não resolvidos e a simbologia conflituosa que advém como expressão do inconsciente originam-se com a pressão de fatos avassaladores e insuportáveis oriundos da ordem social e familiar circundantes.

Citei anteriormente o comentário resumido de *Birstein* segundo o qual, conforme *Adler*, os conflitos internos e suas decorrências são a “triste consequência do preconceito social da superioridade do elemento masculino” — mais precisamente, a triste consequência *da posição atual da mulher na sociedade e, sobretudo, na ordem familiar*. Quando disse, anteriormente, que o conflito sexual, “em sua enorme importância, só parece inteligível como expressão de uma condição social e psíquica geral”, isso nos leva a dizer o seguinte, se formos a fundo: que a formação da posição atual da mulher na ordem social e familiar foi, na história humana, o trauma mais geral da humanidade — do qual derivou o sofrimento interior da humanidade em si mesmo.

A partir das pontuações da antropologia, já não se duvida que a ordem familiar existente — a família patriarcal — não é mais aquela que se desenvolveu, desde o começo, em conjunto com a evolução da humanidade; que ela constituía, antes mesmo, o resultado da reviravolta de uma conjuntura anterior diversa. A

antropologia moderna identifica como instituição princeps o livre matriarcado, o dito matriarcado da horda de tempos primeiros. A essência da instituição matriarcal consiste no fato de que sejam asseguradas, por todos os homens do grupo social — neste caso, por toda a tribo —, as condições materiais da mulher para a maternidade. O matriarcado assegura à mulher a independência econômica — e, com isso, sexual e humana — em relação a cada homem e coloca a mulher, enquanto mãe, numa relação de direta responsabilidade perante a sociedade, intervindo como a portadora do interesse pelo futuro. A mitologia de todos os povos preserva a memória dessa configuração pré-histórica do livre matriarcado na ideia de uma época de ouro justa e de um paraíso dos tempos remotos; e, depois dos trabalhos de *Caspar Schmidt*¹⁴, não se duvidará que a esperança de um futuro melhor para a humanidade deva se orientar para um retorno do livre matriarcado.

Considerações sobre aquilo que deve ser feito são da nossa especial alçada, conforme a nobre tese de *Marcinowski*, segundo a qual estamos convocados — nós, psicanalistas — a ajudar aqueles que buscam nossa ajuda a encontrar visões de mundo libertadoras. E também por razões de reconhecimento: colocar-se numa antevista ordem positiva das coisas é unicamente o que possibilita aprender a ver o que há de negativo na ordem existente, aquilo que opera de modo traumático.

Quanto ao processo de transição do antigo matriarcado para a ordem familiar existente faz-se, hoje em dia, a suposição bastante plausível de que a forma existente do casamento tem sua origem no dito casamento por rapto; logo, que o fundamento da família patriarcal existente decorre do uso de escravas prisio-

14. Johann Caspar Schmidt (1806-1856), mais conhecido por seu pseudônimo, “Max Stirner”, foi um filósofo alemão, aluno de Hegel e Feuerbach. Cf. M. Stirner (1844[1845]) *O único e a sua propriedade*. Trad. J. Barrento. São Paulo: Martins Fontes, 2009. Cf. também J. H. P. Palumbo, “Sobre o *único e sua propriedade* de Max Stirner”. In: M. Checchia (org.) *Combate à vontade de potência*. São Paulo, Annablume, 2016, pp. 63-77. (N. do T.)

neiras de guerra. Isso seria dizer que a associação da sexualidade com motes de violação — a simbologia sexual da violação que perpassa toda a humanidade — remete a um sexual e universal processo de violação como etiologia geral abrangendo a humanidade. Como sempre, em todo caso, devemos reconhecer que a ordem familiar existente está assentada na renúncia da mulher à liberdade, e que esse fato encontra sua necessária expressão psicológica no conflito sexual interior — mais especificamente, na simbologia da violação e da destruição.

O princípio fundamental de toda organização social é o bem-estar material da mulher para a possibilitação da maternidade. Na ordem social existente, a ordem do patriarcado, a possibilidade da maternidade é conferida à mulher pelo homem, individualmente, e isso denota a dependência material — e, com isso, universal — da mulher em relação ao homem *quanto ao desejo de maternidade*.

A pulsão de ser mãe é indubitavelmente, na mulher, um instinto fundamental mais inato e indestrutível que qualquer outro; e a ordem social atual — que coloca a mulher diante das alternativas de renúncia a ser mãe e de renúncia à livre autoafirmação — engendra uma situação contraditória e uma formação conflituosa entre os dois instintos fundamentais essenciais da mulher: a pulsão especificamente feminina de tornar-se mãe e a pulsão humana, em geral, da manutenção da individualidade própria independente.

O instinto materno pertence tanto à essência da feminilidade que a oposição interna a esse instinto só pode se manifestar psicologicamente como negação da própria feminilidade, como desejo de masculinidade. E isso significa que toda vontade de autonomia individual própria, de liberdade e de engajamento de si precisa associar-se, na mulher, à negação da própria feminilidade, a uma forma de ajustamento homossexual. E, de igual maneira, da necessidade imposta à mulher de renunciar à sua autonomia individual, caso queira chegar a se tornar mãe, resulta que a pulsão de tornar-se mãe — e, com isso, o querer ser mulher, em

geral — deve, necessariamente, ligar-se a um ajustamento sexual passivo, a um componente pulsional masoquista.

Depois do que foi dito anteriormente, é evidente que o conflito entre esses dois ajustamentos — esse conflito interno mais profundo — mantém-se, na mulher, apenas lá onde pode se manter uma indestrutível vontade de conservar a própria individualidade e a sua liberdade; uma vontade de não se deixar violar. Isto é, portanto, na grande minoria. A maioria descomunal das mulheres encontra seu equilíbrio e sua unidade interiores na renúncia à individualidade própria; na passividade humana, bem como sexual. Só que em todas as mulheres conserva-se — quer consciente ou inconscientemente; quer com um “sim” ou um “não” internos — a sensação interior de que, com suas sexualidade e maternidade, elas se deixam violar: a simbologia da violação e da destruição para a sexualidade e a maternidade. Da mesma maneira, em todos os homens — quer consciente ou inconscientemente; quer com um “sim” ou um “não” internos — conserva-se indestrutivelmente uma sensação de que suas relações sexuais com mulheres são, fundamentalmente, violações.

DO CONFLITO ENTRE O PRÓPRIO E O ESTRANGEIRO¹

[*Vom Konflikt des Eigenen und Fremden*, 1916]

*Die freie Strasse*², vol. 4, pp. 3-5

Nas profundezas da interioridade humana vige um conflito que dilacera a unidade anímica. Esse conflito está em cada ser humano; esse dilaceramento anímico perpassa toda a humanidade; e o reconhecimento disso leva à tentação de ver o sofrimento, em si, como inevitável e o conflito interno como algo “normal”.

Na família existente, a criança vivencia simultaneamente, no começo de sua experiência, que o seu feito inato, o seu inato querer a si mesmo, o seu querer, assim como lhe é inato amar, não é desejado; que, para a exigência de remissão (conservar a própria personalidade e poder amar segundo as suas próprias leis inatas) não advém resposta alguma. Ninguém responde a essa exigência, exceto o próprio reconhecimento quanto a se encontrar desdenhado e desvalidamente reprimido; o próprio reconhecimento da vastíssima solidão ao seu redor. E, para a

1. O texto já se encontra parcialmente publicado em meu trabalho “Sobre a simbologia da destruição”, na *Zentralblatt für Psychoanalyse und Psychotherapie*, vol. 4, n. 11/12.
2. Organizada por Franz Jung e Otto Gross — além de Georg Schrimpf (1889-1938), Richard Oehring (1891-1940), Raoul Hausmann (1886-1971) e Johannes Baader (1875-1955) — e publicada pela Verlag Freie Strasse, em Berlim, a revista *Die freie Strasse* [A rua livre], um periódico anarquista e dadaísta redigido em língua alemã, teve sua primeira tiragem em 1915. Totalizando dez números, encerrará seu expediente em dezembro de 1918. Seus números podem ser encontrados na base de dados virtual criada em 2008 — junto à Editora De Gruyter e sob os cuidados de Paul Raabe — intitulada *Der literarische Expressionismus online: Zeitschriften, Jahrbücher, Sammelwerke, Anthologien* (<<https://db.saur.de/LEX/login.jsf>>). Cf. também <www.dada-companion.com/journals/per_freie.php>. (N. do T.)

ilimitada angústia da criança na solidão, a família — tal como ela existe atualmente — tem uma só resposta: viva sozinho ou seja como nós.

Ninguém consegue, quando criança, renunciar ao amor: isso é impossível porque a pulsão de integração aos outros é tão necessária à conservação da espécie quanto a aspiração à preservação da própria essência inata. A criança, na família existente, deve então, necessariamente, ser como os outros que a cercam: mais ou menos inteiramente, se ela faz parte da maioria; apenas parcialmente, se faz parte da minoria que jamais pode perder por completo o seu feitiço inato, tampouco uma necessidade interna de tender a ele.

O medo da solidão e a pulsão de integração compelem a criança a se adaptar: a sugestão da vontade estrangeira, que se chama de “educação”, será assimilada ao próprio querer. E é assim que a maioria consiste praticamente em apenas uma vontade estrangeira por ela assimilada; num feitiço estrangeiro ao qual se adaptou; num ser estrangeiro que lhes parece representar totalmente a própria personalidade. Em suma, tornaram-se seres uniformes em sua essência porque toda a vontade estrangeira de que são feitos, na realidade, visa — em sua mais profunda essência e em seus objetivos derradeiros — à uniformidade. Eles se pouparam do dilaceramento interior, adaptaram-se às coisas tais como elas são. Eles representam a grande maioria.

Só que assim como ninguém é capaz, tal como as coisas são, de manter inteiramente afastado [o estrangeiro]³ imposto, há igualmente aqueles que *também* nunca podem perder totalmente o que é próprio de sua natureza. A sina desses seres é o conflito interno entre o próprio e o estrangeiro, o dilaceramento interior, o sofrimento em si mesmo. É a espécie humana que permanece

3. O termo *Fremde* [estrangeiro] não consta na publicação original deste artigo. Contudo, haja vista a falta de um substantivo na construção da frase em questão e a correspondência *ipsis literis* de grande parte deste texto com o de outro artigo do mesmo autor (cf. “Sobre a simbologia da destruição”, p. 121), ele foi aqui inserido. (N. do T.)

irreconciliável com seus motes condutores inalienáveis, os quais selaram o primeiro grande compromisso.

O medo da solidão, que é a primeira vivência interna da criança, será condicionado pelo contraste entre o próprio feitio inato e o entorno; e esse medo implica a compulsão a se adaptar aos outros. Só a tendência a ser como os outros são abre à criança a perspectiva de satisfação da pulsão de integração; e apenas ela contém, simultaneamente, a possibilidade não de preservar o feitio próprio, mas de poder fazer valer o próprio eu de uma forma adaptada em relação aos outros. O medo da solidão na criança é a primeira compulsão, originária e decisiva, por transformar a vontade de conservação da individualidade na “vontade de potência”, de cuja incomensurável importância nos conflitos internos a genial pesquisa de Alfred Adler nos convenceu.

Com essa transformação da vontade de conservação da individualidade em vontade de potência deu-se uma dissociação e uma oposição completas entre os dois componentes pulsionais harmoniosamente uniformes originalmente, para os quais encontramos anteriormente a seguinte formulação: não se deixar violar e não querer violar os outros. E é somente essa oposição secundária e adquirida, entre tropismos egoístas e altruístas, que produz o par de antagonistas do conflito interno, o qual, na luta pela autoconservação — no sentido de Alfred Adler —, incorre numa expressão inadequada.

A consequência da oposição, do atrito recíproco no conflito interno é que ambos os componentes pulsionais antagonicamente orientados ficam cada vez mais distorcidos e hipertrofiados mediante supercompensação. Por conseguinte, o jogo de forças entre o não se querer violado e o não querer violar exterioriza-se, na forma modificada dos dois impulsos, como conflito interno de vontade de potência e autossupressão.

Já foi mencionado que a capacidade de conservação do feitio inato e de seus instintos fundamentais é de uma extrema diversidade individual. Foi dito, também, que são poucos aqueles nos quais a essência específica inata e seus instintos fundamentais

conseguem subsistir ativamente. Com isso, o componente ético dos instintos congênitos — que designo como “o não querer violar” — também sofre flutuações individuais tão grandes que justamente só irá se manifestar, ainda, em alguns (uma minoria de indivíduos, na verdade) como componente verificável dos conflitos internos. O fator que permanece mais problemático quanto às explicações de Adler me parece ser o fenômeno do masoquismo no sentido mais amplo do termo. O complexo dos fenômenos sádico-masoquistas é apenas a forma de expressão clínica mais extrema da simbologia sexual da destruição. Podemos, contudo, dar agora a seguinte formulação geral para ela: a simbologia sexual da destruição é o resultado da fusão da sexualidade com os ajustamentos adquiridos, vontade de potência e autossupressão.

Essa não é nada além da definição de um fato, no fundo, quase evidente. A questão que se nos impõe agora é a de como essa fusão de pulsões se realiza. Fatos da natureza — em relação aos quais uma reação simples e evidente está, por si só, dada — nunca são o fundamento nem o núcleo próprio de conflitos internos nem de simbologia conflituosa. Os conflitos não resolvidos do inconsciente que se projetam para fora nas manifestações simbólicas surgem como reação a fatos aos quais se tornou muito difícil para o ser humano reagir de modo adequado: fatos que não se está em condições de modificar e em relação aos quais também não se pode nunca renunciar inteiramente a um deradeiro anseio de modificá-los. Isto é, os conflitos internos não resolvidos e a simbologia conflituosa que advém como expressão do inconsciente originam-se com a pressão de fatos avassaladores e insuportáveis oriundos da ordem social e familiar circundantes.

A partir das pontuações da antropologia, já não se duvida que a ordem familiar existente — a família patriarcal — não é mais aquela que se desenvolveu, desde o começo, em conjunto com a evolução da humanidade; que ela constituía, antes mesmo, o resultado da reviravolta de uma conjuntura anterior diversa. A antropologia moderna identifica como instituição princeps o livre matriarcado, o dito matriarcado da horda de tempos prime-

vos. A essência da instituição matriarcal consiste no fato de que sejam asseguradas, por todos os homens do grupo social — neste caso, por toda a tribo —, as condições materiais da mulher para a maternidade. O matriarcado assegura à mulher a independência econômica — e, com isso, sexual e humana — em relação a cada homem e coloca a mulher, enquanto mãe, numa relação de direta responsabilidade perante a sociedade, intervindo como a portadora do interesse pelo futuro. A mitologia de todos os povos preserva a memória dessa configuração pré-histórica do livre matriarcado na ideia de uma época de ouro justa e de um paraíso dos tempos remotos.

Quanto ao processo de transição do antigo matriarcado para a ordem familiar existente faz-se, hoje em dia, a suposição bastante plausível de que a forma existente do casamento tem sua origem no dito casamento por rapto; logo, que o fundamento da família patriarcal existente decorre do uso de escravas prisioneiras de guerra. Isso seria dizer que a associação da sexualidade com motes de violação — a simbologia sexual da violação que perpassa toda a humanidade — remete a um sexual e universal processo de violação como etiologia geral abrangendo a humanidade. Como sempre, em todo caso, devemos reconhecer que a ordem familiar existente está assentada na renúncia da mulher à liberdade, e que esse fato encontra sua necessária expressão psicológica no conflito sexual interior — mais especificamente, na simbologia da violação e da destruição.

O princípio fundamental de toda organização social é o bem-estar material da mulher para a possibilitação da maternidade. Na ordem social existente, a ordem do patriarcado, a possibilidade da maternidade é conferida à mulher pelo homem, individualmente, e isso denota a dependência material — e, com isso, universal — da mulher em relação ao homem *quanto ao desejo de maternidade*.

O instinto materno pertence tanto à essência da feminilidade que a oposição interna a esse instinto só pode se manifestar psicologicamente como negação da própria feminilidade, como

desejo de masculinidade. E isso significa que toda vontade de autonomia individual própria, de liberdade e de engajamento de si precisa associar-se, na mulher, à negação da própria feminilidade, a uma forma de ajustamento homossexual. E, de igual maneira, da necessidade imposta à mulher de renunciar à sua autonomia individual, caso queira chegar a se tornar mãe, resulta que a pulsão de tornar-se mãe — e, com isso, o querer ser mulher, em geral — deve, necessariamente, ligar-se a um ajustamento sexual passivo, a um componente pulsional masoquista.

Depois do que foi dito anteriormente, é evidente que o conflito entre esses dois ajustamentos — esse conflito interno mais profundo — mantém-se, na mulher, apenas lá onde pode se manter uma indestrutível vontade de conservar a própria individualidade e a sua liberdade; uma vontade de não se deixar violar. Isto é, portanto, na grande minoria. A maioria descomunal das mulheres encontra seu equilíbrio e sua unidade interiores na renúncia à individualidade própria; na passividade humana, bem como sexual. Só que em todas as mulheres conserva-se — quer consciente ou inconscientemente; quer com um “sim” ou um “não” internos — a sensação interior de que, com suas sexualidade e maternidade, elas se deixam violar: a simbologia da violação e da destruição para a sexualidade e a maternidade. Da mesma maneira, em todos os homens — quer consciente ou inconscientemente; quer com um “sim” ou um “não” internos — conserva-se indestrutivelmente uma sensação de que suas relações sexuais com mulheres são, fundamentalmente, violações.

A IDEIA DE BASE COMUNISTA NA SIMBOLOGIA DO PARAÍSO

[*Die kommunistische Grundidee in der
Paradiessymbolik*, julho de 1919]

*Sowjet*¹, ano I, n. 2, pp. 12-27

Parece-me certo despertar justamente agora o interesse por uma obra na qual, há três milênios, assentou-se o pensamento de que toda a construção da civilização desde a destruição da ordem matriarcal-comunista da sociedade dos tempos primevos comete um erro de princípio; e que a recuperação do bem perdido, mediante a subversão do sistema autoritário instituído desde então, é a missão do futuro. As palavras do incompreendido que enunciou esse grande pensamento na história do espírito foram deformadas, dali em diante, por todo tipo de abuso e utilizadas para sancionar essas mesmas instituições autoritárias que ele havia execrado numa linguagem que não se podia mais clara. Mais precisamente agora, quando o restabelecimento do ideal comunista por ele anunciado começou a se tornar um fato, talvez esse pensador seja compreendido.

-
1. Publicada até o ano de 1921, a revista político-literária *Sowjet: kommunistische Monatschrift* [Soviete: mensário comunista] foi fundada, em maio/junho de 1919, pelo escritor e psicólogo Otto Kaus (1891-1942). Otto foi casado, entre 1920 e 1926, com Regina Wiener (1893-1985), com quem teve dois filhos. Foi em *Sowjet*, aliás, que Regina (conhecida como Gina Kaus) — escritora vienense que emigraria para os Estados Unidos no final da década de 1930 e seria responsável pelos roteiros de diversos filmes hollywoodianos (dentre eles, *Danúbio vermelho*, 1949) — publicou seus primeiros trabalhos de cunho político, sob o pseudônimo “Andreas Eckbrecht”. A revista, a partir de 1921, passaria a ser editada por Paul Levi (1883-1930) — continuador das ideias de Rosa Luxemburgo (1871-1919) e então à frente do Partido Comunista da Alemanha. A respeito de Gross, Otto Kaus chegou a escrever ali: “As melhores mentes revolucionárias da Alemanha foram instruídas e diretamente inspiradas por ele” (“Mitteilungen”, *Sowjet*, 8/9, 1920, p. 55). (N. do T.)

Se adentrarmos a fantasia daquele que, sozinho, vai parar em meio a um povo totalmente estrangeiro, almejando lograr um entendimento linguístico com ele, iremos nos encontrar diante do insondável problema do esforço que toda criança tem de realizar no aprendizado de sua língua materna e que, para o adulto, chega a ser inconcebível. A função intelectual da tenra infância invariavelmente se revela, sempre que possa ser arrastada para o domínio da consciência e tornada acessível à observação, como sendo de um escalão incomparavelmente *mais elevado* do que o de qualquer período posterior. A fase seguinte — da pressão externa, da adaptação e do recalçamento — separa o adulto do seu primórdio e faz com que caia no esquecimento todo o primeiro período da experiência despertada, ainda inalterada, das influências do mundo e do próprio ser. Da natureza inata e das suas capacidades predeterminadas resta apenas uma imagem velada no inconsciente, uma urgência e uma busca sombrias e sem trégua; e as suas próprias possibilidades perdidas serão sempre projetadas no sobrenatural.

É de se esperar, naturalmente, que o análogo do curso vital do indivíduo se aplique ao devir da espécie, à evolução geral da humanidade. A mesma pressão do exterior que o princípio autoritário exerce nas instituições e que o *princípio de potência nos próprios indivíduos* exerce sobre cada indivíduo, a qual aparta cada indivíduo de sua individualidade própria, de suas qualidades e valores legados, separa também a humanidade, como um todo, de seu período inicial e de sua primeira realização de ínsitas possibilidades próprias à espécie. Parece que o sentido profundo em todos os mitos é fazer a linhagem dos super-homens remontar ao *passado*, ao começo da humanidade.

É com base numa coerência interna que a escrita alfabética — não se poderá mais duvidar disso seriamente — foi uma criação de povos caçadores nômades do paleolítico, os quais não tinham morada, não mantinham cultivo e não possuíam ofício legítimo; e que bem nesse estágio mais profundo da civilização houve, pela primeira vez, arte verdadeira — a qual, em

seguida, com o progresso crescente no âmbito das aquisições materiais, técnicas e políticas, ficou perdida e esquecida por muitos milhares de anos.

Daquela era originária, de primitivo domínio animalesco da organização e do material e de possibilidades de evolução do espírito escancaradas de modo sobre-humano, separa-nos a longa fase do desenvolvimento civilizatório, a organização do controle sobre o material e a vida por meio de um encargo cada vez mais pesado dos indivíduos e das individualidades — que, no entanto, é o sacrifício do próprio espírito por poder.

A organização do controle sobre a natureza e os seres humanos, a criação da cultura material e das instituições autoritárias impõem ao indivíduo um desenvolvimento de forças e de conhecimentos especiais à custa da integralidade da personalidade; uma diferenciação e uma atividade específicas, simultaneamente a adaptação e renúncia; um posicionamento afetivo voltado para o poder e a submissão, em vez da liberdade; o desdobramento das forças em poder e fazer, em detrimento da vivência e do ser.

Logo, tal como cada indivíduo consoma a sua mais estupenda capacidade — aprender a falar, no início de sua vida — enquanto subsiste a plenitude produtiva das forças livres inatas, assim se puderam consumir, no curso do desenvolvimento da espécie — *ainda antes* de a domesticação progressiva ter reduzido o espírito aos talentos do *controle* e da *submissão* —, sobretudo os maiores atos criadores, a própria criação das qualidades humanas e da ideia de “cultura”, as concepções de “comunidade” e de “entendimento”, de “abstração” e “linguagem”.

Os pensamentos mais elevados da humanidade continuarão a ser transmitidos daquela época primitiva até o futuro. *Hoje estamos cientes deles como dia vindouro e tornaram-se conscientes em nossa vontade, ao passo que a Antiguidade ainda os sentia como memória.* Com uma singela magnitude arquitetônica, o romano Ovídeo define o programa ideal do futuro mais distante como os valores *das priscas eras da humanidade*, da “primeira era do ouro” das origens:

[...] *Vindice nullo
sponte sua sine lege bonum* [...]²

Reunindo o bem da memória e o mais distante objetivo, a versão artística superior da herança dos tempos primevos (o Gênesis da Bíblia³) reconhece o mais alto valor nas relações — sobretudo a relação entre homem e mulher — livres de autoridade e poder, e estende o problema geral do destino da humanidade dos primórdios do passado até o remate do futuro.

É um fato aparentemente estranho que nunca se tenha conseguido subtrair-se da pressão no interior próprio para ler o Gênesis de modo suficientemente imparcial... é estranho, sobretudo, que certas formulações especialmente pronunciadas não tenham dado mais a pensar.

Está dito da forma mais evidente possível no Gênesis que o casamento e a dependência da mulher devem ser valorados como flagelo e consequência de feitos contrários à vontade de Deus (3:16)⁴.

A profunda significatividade dessas palavras aumenta quando se pondera que a expressão com a qual o ato dos primeiros homens será condenado *não é algo* a ser interpretado como “maldição” ou “cominação de pena” — a concepção da ideia de “Deus” no Gênesis é demasiado elevada para isso —, mas simplesmente *como manifestação do juízo divino nas leis de causalidade e na profundidade da alma, como anunciação do efeito contínuo irrev-*

2. “[...] sem lei e sem autoridade; o bem, por sua própria iniciativa [...]”.

3. Para o entendimento do texto do Gênesis convém remeter ao seguinte: das duas variantes sobre a criação da mulher, a *segunda* — a história da costela! —, mesmo sem a evidência de orientação psicológica do texto crítico, a partir unicamente do conteúdo e do espírito do episódio e da contradição com a *primeira* versão, iria se revelar *um corpo estranho posteriormente introduzido*. Logo, ela deve ser descartada. Para a criação da mulher *apenas* entram em consideração as palavras: “[...] E criou Deus o ser humano à sua imagem; um homem e uma mulher os criou. E Deus lhes disse: frutificai e multiplicai-vos” [*A Bíblia Sagrada*, Gênesis (1:27,28)]. (N. do T.)

4. “À mulher, ele declarou: ‘Multiplicarei grandemente o seu sofrimento na gravidez; com sofrimento você dará à luz filhos. Seu desejo será para o seu marido, e ele a dominará’”. [*A Bíblia Sagrada*, Gênesis (3:16)]. (N. do T.)

gável de uma dada causa. Também as palavras de Deus “Porque fizeste isso, serás...”⁵ devem ser lidas como *estipulação de uma consequência*.

A gênese da família em sua forma atual — como dependência da mulher em relação ao homem, como casamento patriarcal — é, então, uma consequência da queda; consequência que se engendra a partir de leis internas, isto é, psicológicas. Entretanto, na derradeira consequência do ato provocada internamente deve-se expressar a sua própria natureza.

No texto o primeiro pecado é designado *unicamente* por meio deste símbolo deveras questionado: *comer da árvore do conhecimento do bem e do mal*⁶. Qual o sentido desse símbolo? (2:17)⁷

Deve-se constatar aqui, acima de tudo, um momento negativo. As interpretações de que poderia se tratar de um pecado de orgulho ou de desobediência não têm valor e não merecem ser discutidas. O Deus da concepção do Gênesis “não é como o homem, para que se encolerize”⁸.

Ademais: *em caso algum o símbolo da queda denota, em si, a relação sexual.* Não é necessário evocar as palavras precedentes: frutificai e multiplicai-vos. Basta a criação dos seres humanos enquanto seres sexualmente diferenciados para que a ideia [*Vorstellung*] de que a omissão da sexualidade pudesse ter sido imperiosa, ou apenas desejada, deixe-se entender como absurda. Porém, seria impossível questionar que a ação interdita *intervém* no

5. “Então o Senhor Deus disse à serpente: “Porque fizeste isso, serás maldita entre todos os animais e feras dos campos; andarás de rastros sobre o teu ventre e comerás o pó todos os dias de tua vida”, *A Bíblia Sagrada* (Gênesis, 3:14). (N. do T.)

6. No original deste artigo, omite-se um genitivo (*Vom Baum der Erkenntnis [von] Gut und Böse essen*), gerando: Comer, da árvore do conhecimento, o bem e o mal. (N. do T.)

7. “Mas da árvore do conhecimento do bem e do mal, dela não comerás; porque no dia em que dela comeres, certamente morrerás”, *A Bíblia Sagrada* (Gênesis, 2:17). (N. do T.)

8. O trecho aqui empregado por Gross (“ist nicht wie ein Mensch, daß er zürne”) parece ecoar o seguinte: “Gott ist nicht wie ein Mensch, daß Er lüge, nicht wie eines Menschen Sohn, daß Er Sich ändere. Er hat es gesagt, und sollte es nicht thun? Gesprochen, und sollte es nicht halten?” [Deus não é como o homem, para que minta; nem como o filho de um homem, para que Se altere. Porventura diria Ele, e não o faria? Ou falaria, e não o confirmaria?]. *A Bíblia Sagrada*, Números [23:19]. (N. do T.)

sexual, pois suas consequências atingem *esse* domínio. Contudo, estas são tão características que a conclusão quanto ao feitiço do pecado parece dificilmente se deixar negligenciar — não consigo conceber como o recalçamento pôde, aqui, obstruir o caminho...

O efeito psicológico imediato do ato cometido é o surgimento do pudor do sexo (3:7)⁹. Logo, é de se pressupor uma ação cuja primeira consequência — o saber acerca da castidade de todo o sexual — colocou a perder, através de uma mudança interior profunda, a dimensão livre na vivência de toda sexualidade em si. Isto quer dizer, portanto, uma ação que oprime a sexualidade, uma deformação das relações internas com a sexualidade — em todo caso, um pecado contra a essência e o sentido da sexualidade.

Ora, em toda a narrativa da queda, por meio de uma técnica artística sem igual no tratamento do símbolo, fica tacitamente estabelecida a premissa de que toda expressão vital anunciada de ambos os seres humanos que ali estão como símbolo da proto-humanidade cria um estado final que, dali em diante, conserva-se em vigor. Com uma força imperiosa será estabelecido um nível que não permite mais vivenciar algo do que acontece como único e limitado. Toma-se ciência de que se trata, ali, de conquistas ou descaminhos decisivos para todo o futuro.

Logo, no caso das consequências do ato interdito — inclusive ali onde um acontecimento será tão somente narrado — trata-se de *uma reconfiguração permanente de algo que havia desde o princípio*, justamente como no caso daquela reação automática primeira de ocultar bruscamente a sexualidade.

A própria queda é, portanto, um processo dos tempos primários por meio do qual tanto a estrutura da sociedade quanto o caráter de cada indivíduo se redesignam de forma crucial; e por meio do qual são, doravante, impostas a toda a humanidade determinadas diretrizes sociais e psicológicas novas. Esse pro-

9. “Os olhos dos dois se abriram, e perceberam que estavam nus; então juntaram folhas de figueira para cobrir-se”. *A Bíblia Sagrada*, Gênesis [3:7]. (N. do T.)

cesso, então, redundando no seguinte: o juízo de valor negando a sexualidade e a organização familiar com autoridade do homem.

A natureza desse processo já não pode mais ser duvidosa. Só pode se tratar aqui de uma única coisa: *a abjuração do livre matriarcado dos tempos primevos, a qual, a partir do Gênesis, é reconhecida como todo o crucial descaminho da humanidade e avaliada como pecado contra o espírito e a vontade divinos.*

O mote dominante da tragédia do Gênesis é, portanto, em todo acontecimento, devir e vivência humanos, o deslocamento total — exercendo uma ação inibidora do desenvolvimento e tendo se dado numa fase inicial da formação da sociedade — da orientação do desenvolvimento para o caminho falso: a mudança de orientação do espírito matriarcal de desenvolvimento ilimitado para a construção de uma nova família e de uma nova sociedade com base no princípio da autoridade.

Dali em diante a simbologia da narrativa da queda do homem no sentido estrito, a expressão “conhecimento do bem e do mal”, também começa a ganhar vida.

Tão logo se tem acesso ao problema basal de toda a obra, divisa-se sem dificuldade o conteúdo do símbolo, ao qual se concedeu, através do próprio texto, a elevada forma da mais clara simplicidade. “*Conhecimento do bem e do mal*” só pode ter, por analogia, um único conteúdo: *criação de um cânone de valores e normas. É a força criadora, normativa em termos criativos, que deve incutir a providência nas derradeiras consequências da nova orientação que será situada, no Gênesis, no nível da identidade com Deus.*

Praticamente não há necessidade de acrescentar que, contrariamente ao que se disse, é uma interpretação sem sentido querer compreender a *aplicação de um cânone de valores preexistente — logo, a diferenciação entre bem e mal segundo normas obsoletas* — como uma façanha que ultrapassaria as medidas humanas.

O dolo trágico no drama do Gênesis reside no fato de *o homem não ter como estabelecer novos estatutos para si; de ele ser repleto de motes tão humanos e não se ver em condições de dirigir o seu olhar para os seguimentos de suas inovações, já assustado e acachapado com*

as suas primeiras consequências — engrenando na direção errada, com seu erro, como usurpador das prerrogativas divinas, o caminho evolutivo do porvir; infligindo ao mundo a lei que é obra humana e crime eternamente renovado contra a obra de Deus.

Deixa-se demonstrar, então, que no Gênesis o que está em pauta é essa catástrofe da civilização com a qual o pensamento patriarcal tornou-se o princípio dominante.

Essa é a grande reavaliação de todos os valores na qual a humanidade concedeu à sua vida o caráter autoritário existente e criou essas normas, as quais se revelam hoje, como sempre, inorgânicas e não assimiláveis e expõem, com isso, a sua natureza de corpos estranhos — de modo que sempre, e por toda parte, são o foco inicial de intermináveis conflitos internos e de todas as autodecomposições na doença e na decadência.

A pesquisa atual sobre a história das origens reconduz a gênese da ordem patriarcal à prevalência da propriedade de mulheres prisioneiras de guerra como escravas; e encontra fortes argumentos para tanto em antigos costumes de matrimônio, em fábulas e cerimônias de casamento por rapto etc. Pode-se, contudo, objetar que esses procedimentos de violência, cujas realidade e universalidade não deixam dúvida, devam ser explicados também como propagação secundária de uma decomposição localizada já em curso do antigo matriarcado — e que, assim, seriam mais inteligíveis psicologicamente.

Ora, segundo a pré-história moderna, o verdadeiro dolo do pecado original seria um ato de violação por parte do homem, o ato desencadeador da catástrofe. *Segundo o texto do Gênesis é a mulher que, orientada por um princípio maligno — um símbolo do inconsciente, creio eu —, dá o primeiro passo para o estabelecimento de novas ordens éticas e jurídicas, uma vez que suas imprevistas consequências serão o rebaixamento de todo sexual a um objeto de pudor e a instituição do patriarcado sobre o declínio de toda liberdade e de toda dignidade humana da mulher; e uma vez que a atmosfera espiritual do mundo novo — só pode ser esse o sentido da palavra de Deus para Adão! — propagou a atrofia interior de*

toda ação humana, inclusive para o homem, e que a submersão do espírito na gravidade terrestre e no sentido materialista alastrou-se sobre o mundo.

No texto do Gênesis é dito que *a mulher almeja comodidades e vantagens das mudanças previstas* — isso está delineado claramente: vantagens de *natureza mesquinha* —, e por esses motivos providencia a partilha do fruto — não por acaso, o símbolo ancestral e universal do *fechamento de acordos...*

A psicologia aqui em operação resta por descobrir. Podemos reconstituir seus traços essenciais *a partir da imagem da comunidade da sociedade matriarcal e das condições do seu declínio.*

O problema primeiro e central de toda economia é a introdução de um trabalho adicional estrangeiro para viabilizar à mulher suas funções maternas. A solução comunista desse problema é a organização matriarcal, que é, ao mesmo tempo, a forma mais plena de socialização, que liberta e une a todos, fazendo do próprio corpo social o centro e a garantia da mais alta liberdade individual.

O matriarcado não apresenta obstáculos ou normas, nem moral ou controle, no que concerne ao sexual. Não conhece o conceito de “paternidade” e não conta com a sua constatabilidade em cada um dos casos individuais. Considera a maternidade como o maior serviço prestado à sociedade, da própria sociedade enquanto legítima representante legal das linhagens por vir, e transfere para a sociedade toda a incumbência de aportar a contrapartida material. Não conhece, portanto, razão alguma para qualquer *comprovação de paternidade*, da qual, enquanto chave *da averiguação de um indivíduo responsável e imputável financeiramente*, a sociedade patriarcal *não pode prescindir* — *instada a fazer da condição indispensável dessa comprovação (em primeiro lugar, pois, o imperativo de exclusividade sexual) a tônica de toda a sua moral e das suas instituições.*

Aqui jaz a diferença decisiva e crucial. *A organização matriarcal reparte o conjunto de todos os possíveis direitos, deveres, responsabilidade e laço entre os indivíduos, de um lado, e a sociedade,*

de outro. A instituição patriarcal desloca a ênfase para o laço legal dos indivíduos entre si.

*No domínio do matriarcado, toda entrega de si só pode vigorar na relação do indivíduo com a sociedade; e toda sensação de potência, de modo coletivo*¹⁰. Na mútua relação dos indivíduos entre si há espaço para o desenvolvimento de relações que podem permanecer um fim em si mesmo e livres de traços de autoridade e motes de potência. O matriarcado mantém a relação entre os gêneros isenta de dever, moral e responsabilidade; de vinculações econômicas, jurídicas e morais; de potência e submissão. Isenta de acordo e autoridade; isenta de matrimônio e prostituição.

É muito difícil conceber que motes podem, à época, ter levado ao abandono de um bem como esse. O fato só será pensável, em geral, através da *assunção de natureza negativa* sobre a qual repousa o Gênesis: *a de que, no momento da própria intervenção remodeladora, não se estava em condições de divisar os efeitos resultantes*. Na empreitada de adotar novos laços — e, com isso, novos critérios de valor — cujas *decorrências não se tinha como* levar em conta, o Gênesis vê, por princípio, a presunção da espiritualidade divina. *Essa intervenção direta na obra divina — a hybris*¹¹ dessa tentativa, em si — é, para o Gênesis, *o dolo trágico*; por conseguinte, o desenvolvimento *desse* mote é o bastante para a necessidade artística da sua representação. Por isso o Gênesis nos dá somente a pista de que *a mulher almejou, para si, vantagem de um fator jurídico e contratual entre os gêneros*.

Para um espírito como esse, a condição do tempo de transição é satisfeita por reviravoltas civilizatórias e inovações técnicas, bem como por uma atmosfera de incerteza nascente — um *período de variações*, do total caos da degeneração e de novas possibilidades. Períodos que são, para nós, toda a própria esperança que carregamos; mas que, para uma certa humanidade,

10. A potência enquanto supraindividual, amparada em toda a sociedade encerrada numa unidade através do autoentendimento irrestrito, nos diz da tremenda simbologia da Torre de Babel.

11. Do grego, ὑβρις [tudo o que excede; descomedimento]. (N. do T.)

eram um abismo que punha tudo a perder e, com isso, já não tinha nada de equivalente a ganhar.

O ponto crítico da organização matriarcal — ou, como também poderíamos dizer: da sociedade comunista desde a menor das suas unidades — é a sua complicação social; ela tem a coerência fechada interna dos grupos, que lhe deixa florescer de novo, no seu tempo, como condição prévia. Restabelecer essa coerência numa base mais ampla será a tarefa dominante dos tempos futuros, enquanto correção do dolo ancestral que foi o de se deixar cair, outrora, aos primeiros sinais de expansão das complicações sociais...

Bem poderia se tratar de uma fase em que um aumento da exploração da natureza fez um sistema econômico descentralizado parecer mais conveniente. Esse foi o primeiro soerguimento do novo individualismo econômico contra a velha moral social: foi o nascimento da propriedade. A partir do Gênesis, ela também parece ter sido associada à descoberta da agricultura — pelo menos assim poderia ser explicada a alusão ao cultivo da terra na anunciação da calamidade por vir¹².

Logo, um tempo de dissolução, no qual se desagregam tanto a estrutura social quanto o senso relacional natural de indivíduo com indivíduo, a moral elementar; um tempo de insegurança como esse, tanto externa quanto interna, confere um contexto para a possibilidade de a mulher esperar do indivíduo uma maior segurança e um suporte mais extensivo para a difícil situação da maternidade; de ela almejar estar mais seguramente resguardada, mais adequadamente provida quando um indivíduo, uma vez

12. O juízo de valor negativo quanto à agricultura não deve, todavia, ser explorado inequivocamente na literatura de uma casta nobre de ascendência beduína. Porém, não é satisfatório querer explicar uma palavra sequer desse pensador apenas como orgulho nobiliário. [“Porquanto deste ouvidos à voz de tua mulher, e comeste da árvore de que te ordenei, dizendo: ‘Não comerás dela’, maldita é a terra por causa de ti; com sofrimento comerás dela todos os dias da tua vida. / Espinhos, e cardos também, te produzirá; e comerás a erva do campo. / Com o suor do teu rosto comerás o teu pão, até que voltes à terra, visto que dela foste tirado; porque és pó e ao pó retornarás”. *A Bíblia Sagrada* [Gênesis, 3:17-19]. (N. do T.)]

que assume essa incumbência, compromete-se com a responsabilidade por esse suporte. Acordo, incumbência de um indivíduo, em vez de uma garantia social até então evidente... Persiste o problema da contrapartida.

Nesse fator da contrapartida concentra-se o erro da nova ordem, o conflito moral irreconciliável da nova moral. *A contrapartida da mulher para o auxílio econômico da parte de um indivíduo é, evidentemente e por princípio, a sexualidade; e esse uso da sexualidade é o pecado contra a sexualidade, o qual o Gênesis nos mostra em suas consequências imediatas: a inversão dos sentimentos até a classificação da sexualidade como um objeto de pudor.*

O conteúdo da nova relação jurídica é, portanto, a autonegociação da mulher como prostituição e casamento, bem como sua primeira consequência direta: o pudor sexual.

A próxima consequência é, então, a família autoritária, o elemento constitutivo da autoridade como instituição em geral.

Há, sobretudo, um certo pormenor que não pode ser evitado, o qual faz do comércio da sexualidade essa terrível e grave infelicidade, que, antes de mais nada, *produz a apreciação deslocada para o sentido do pudor sexual.* A consideração parece quase totalmente evidente: para que uma ação qualquer se deixe comercializar; para que uma compensação por uma atividade conjunta possa ser reivindicada, é preciso, em primeiro lugar, sob todas as circunstâncias, ter-se podido negar que a própria atividade tenha sido capaz de atender a um interesse comum e possa ter nascido de um desejo comum. *É preciso, da parte da mulher que quer ser compensada pelo ato sexual, que a sexualidade seja descrita como um mal,* como algo de indesejável em si e para ela própria; como algo por ela apenas tolerado, em oposição ao caráter de objetivo em si mesmo e à natureza ativa de uma sexualidade especificamente masculina. Assim começa a se instaurar a ficção enganadora, que tudo domina, da oposição e da incompreensão mútua entre homem e mulher; ficção que, no decorrer das gerações, inscreve-se de modo cada vez mais profundo no inconsciente e é cada vez mais considerada

uma criação da natureza e uma diferença inata entre os gêneros. Assim começa a se instaurar a compulsão da tradição por um funcionamento em termos de conduta ativa ou passiva na sexualidade; a obrigação da mulher para com uma contenção hipócrita e o direito do homem a uma brutalidade predominante. Assim se inicia a terrível definição de que a sexualidade, em si, é um mal e um mote alienador — tolerada, por uma parte; negociada, pela outra, ou até mesmo imposta —; um choque entre dois egoísmos, em vez do símbolo natural da suspensão das fronteiras entre “eu” e “você”.

O pudor sexual, que confere uma expressão abaladora ao conflito dos seres humanos com tudo o que há neles de verdadeiro e de vívido, é o gesto marcante de uma sexualidade que deixou de ser de interesse comum. Em seu lugar travou-se o confronto de interesses opostos, isto é, *uma luta por poder* na qual e pela qual a vontade de potência desenvolve-se cada vez mais como um objetivo em si mesmo, transforma-se cada vez mais em automatismo e *faz da luta dos gêneros, por fim, uma evidência dada*.

Essa *luta sem fim pelo poder* engendra os seus próprios limites externos e as suas próprias amarras numa *relação fixa de autoridade*.

Ao mesmo tempo, a sociedade também parou de ser para o indivíduo a garantia de outras vantagens que não as essenciais, as materiais.

Com o desenvolvimento do indivíduo atrelado à economia perde-se a possibilidade de desenvolvimento da individualidade e a possibilidade de relação real, cuja condição seria a mútua incidência enriquecedora de individualidades intactas. A luta do indivíduo pelo poder, sobretudo na forma da propriedade, assume na sociedade a sua forma perene por meio da identificação de um estado de equilíbrio mais ou menos bem estabelecido: *o Direito* — que, como sabemos desde *Nietzsche*, é um sistema de nivelamento entre potências similares. *Assim consolidou-se a organização familiar e social da autoridade e do Direito; o reconhecimento, em termos de princípio, da luta de interesses de*

todos contra todos — ora em sua forma latente, ora em sua forma manifesta — “até retornares ao pó”¹³.

Para o pensador que divisou a evolução geral da cultura como um desvio, a ideia de futuro do irremediável rebote catastrófico, do reencontro de si e da renovação com uma percepção mais que humana precisou ser conjecturada.

Através dele foi efetivamente trazida ao mundo a noção que, desde então, com as mais estranhas deformações e com as interpretações mais disparatadas, por vezes grotescas — nunca mais totalmente reprimíveis, no entanto —, foi transmitida de geração em geração: a noção de *remissão*.

“Remissão”, para o Gênesis e para nós, só pode ter um significado: a revogação de todo e qualquer efeito da falsa orientação evolutiva na qual a humanidade se encontra desde a abjuração da organização social matriarcal-comunista dos primórdios e da fundação da família e da sociedade na autoridade e na hierarquia.

O Gênesis anuncia o advento dessa remissão por meio de uma sublevação interna da mulher. A mulher ferirá a cabeça¹⁴ desse mesmo princípio maligno através do qual o tremendo desca-minho outrora veio ao mundo: o princípio de potência que, em todas as relações humanas, fixado na calma gélida do direito e do dever, contrabalança o perpétuo embate por poder; o infrutífero princípio da autoridade.

O Gênesis irá se mostrar verdadeiro: a reconfiguração real e inalienável deve ser esperada da revolução que aniquila o *proto-princípio* da autoridade e soluciona de modo comunista o *pro-toproblema* de toda economia; a revolução que, *de dentro para*

13. “Com o suor do teu rosto comerás o teu pão, até que voltes à terra, visto que dela foste tirado; porque és pó e ao pó retornarás”. *A Bíblia Sagrada* [Gênesis, 3:19]. (N. do T.)

14. “Então o Senhor Deus disse à serpente: Porquanto fizeste isto, maldita serás mais que toda a fera, e mais que todos os animais do campo; sobre o teu ventre andarás, e pó comerás todos os dias da tua vida. E porei inimizade entre ti e a mulher, e entre a tua semente e a sua semente; esta [a mulher] te ferirá a cabeça, e tu lhe ferirás o calcanhar”. *A Bíblia Sagrada*, Gênesis [3:14,15]. (N. do T.)

fora, enceta a subversão e restitui a tutela da mãe e da criança à organização econômica da sociedade.

Essa reviravolta que reconduzirá a economia ao seu mote de princípio e a sociedade aos seus grupos triviais deverá, para além das necessidades de subsistência e da vontade de potência, ficar a cargo de um espírito que *reconhece na liberdade a viabilização de relações verdadeiramente humanas*, bem como concederá a cada indivíduo o bem supremo: *mais* que a sua própria liberdade, a liberdade de todos os demais.

A verdadeira libertação da mulher, a abolição da família patriarcal existente por meio da *socialização da assistência à maternidade*, reinstaura o interesse vital de cada um pela sociedade — que garante, com isso, a possibilidade da *liberdade suprema, da liberdade ilimitada* — e interessa a todos em igual medida, venham de onde vierem, no combate às instituições agora existentes.

O trabalho preliminar para essa revolução precisa promover a libertação de cada indivíduo em relação ao princípio de autoridade que ele carrega em si; em relação a todas as adaptações — que nele se formaram no decorrer de uma infância no seio da família autoritária — ao espírito das instituições autoritárias; libertação em relação a todas as instituições que a criança recebeu do seu entorno, as quais têm estado em eterna luta, com ele e entre elas próprias, pelo poder; libertação, sobretudo, em relação a esse traço de caráter servil que, invariavelmente, é herdado por todos de uma infância como essa: em relação ao próprio pecado original, à vontade de potência.

O mais chocante nesse pensamento que envolve um mundo e sua história na ideia de pecado original e redenção é o reconhecimento de que tudo o que concebemos como realização suprema, tudo o que já podemos esperar realizar como a maior das reviravoltas; que isso, o mais distante objetivo nos confins do futuro, só pode ser o desagravo de uma infração humana, a reconquista de um bem e de um patamar perdidos em tempos imemoriais, a remissão de uma culpa hereditária e da maldição dos seus efeitos. Não uma criação verdadeiramente nova, mas, como o que de mais alto se pode alcançar, um reconhecimento

completo de um completo erro em tudo e desde os primórdios; uma reavaliação de todos os valores; uma vontade de reconstruir a base ancestral da relação, da sociedade e *do desenvolvimento da cultura que então poderá começar*.

Aquilo que até então se alcançou, em toda a longa trajetória da humanidade — quando isso cai por terra num grande embate —, é o que queremos superar. A mais elevada realização do espírito até o momento foi a realização de um só, há três milênios: que tudo, todo erro, é deriva e pecado; que o ato supremo e redentor será o *desagravo* de todo esse desenvolvimento e de tudo o que através dele existe¹⁵.

Mas a nós, cuja vida toda não pode ter outro sentido que não o combate, até o fim, contra tudo o que é do nosso tempo, nos é dado o direito de dizer que esse sentido é ímpar — e é nosso.

15. Parece haver a possibilidade de reconstituir o meio histórico-cultural singular que pode ter dado o primeiro impulso para o engendramento do pensamento do Gênesis. O pensador do Gênesis pode ter imergido nesse embate que se travou entre o monoteísmo autoritário e teocrático dos profetas e o culto de Astarte e que decidiu o destino da antiga Israel e da sua ilimitada esfera de influência espiritual. No culto de Astarte devia estar concentrado, à época, tudo aquilo que ainda se conservava em termos de liberdade e de dignidade da mulher. A orgia como ato cerimonial ainda perpetuava o juízo de valor positivo da livre sociedade matriarcal sobre o fator sexual em si; e ainda estava vivo, na investidura litúrgica da mulher, o espírito da grandeza feminina de antigamente. Para pôr abaixo o culto de Astarte, os profetas criaram o monopólio religioso dos homens na liturgia judaica, através do qual a humilhação da mulher encontrou por onde entrar na visão de mundo judaica — e, a partir dela, nas visões de mundo cristã e muçulmana. No Primeiro Terror Branco, a concepção da judeidade tardia contra a liberdade da mulher aliou-se com a do helenismo nessa mesma direção. [Na história da França, o Primeiro Terror Branco nomeia um período — marcadamente o ano de 1795 — de extrema violência contrarrevolucionária. (N. do T.)].

Na luta dos cultos antigos contra os profetas, a primeira e a mais violenta organização da vontade de potência na religião — na qual os heróis da cultura da antiga Israel encontraram a sua derrota —, o poeta do Gênesis reconheceu a última cintilação do combate da humanidade a se extinguir, o fim da grande batalha pelo velho ideal do matriarcado. Ele viu o desfecho que se tornou inevitável, o início de um longo período de total dominação da autoridade patriarcal e a formação, nessas bases, de uma civilização como destino de incalculáveis épocas afora; e viu, assim, por milênios, o amadurecimento interior da humanidade sob uma pressão crescente, até uma guinada incontornável: o recomeço da mesma luta que, certa feita, feneceu bem diante dos seus olhos.

ORIENTAÇÃO DOS INTELECTUAIS

[*Orientierung der Geistigen*, novembro de 1919]

*Sowjet*¹, ano I, n. 5, pp. 1-5

Incomensuravelmente universal é a predição imperativa e obscura que limita sufocantemente a clara compreensão das causas originais e das realizações do grande acontecimento por vir. A mais bela e nova aparição que floresce no âmbito dos agrupamentos revolucionários orientados extremistamente — a vivência doravante inalienável da mais profunda unidade e da irmandade de armas agora indissolúvel entre proletários e intelectuais — é também o primeiro sinal de reconhecimento consciente das razões eternamente humanas da revolução. Onde quer que se encontrem intelectuais que tenham permanecido ainda hoje isolados, poderemos nos convencer de que lhes falta qualquer saber sobre motivos outros que não econômicos para as aspirações revolucionárias. Quase toda alusão ao horizonte abrangendo o mundo e a vida da verdadeira perspectiva do comunismo — de cuja riqueza, de fato, só lhes será oferecida a oportunidade de tomar conhecimento em pequena escala — é aqui capaz de criar mudança.

*Mais conglomeradora e segregadora do que raça, gênero, cultura e classe é a típica oposição entre o revolucionário e o conservador, diz Grete Fantl*².

1. Nesse mesmo volume, Gina Kaus publicava o começo de seu romance em folhetins intitulado *Der Altar* [O altar]. Cf. nota 1, p. 135 (N. do T.)
2. *Neue Rundschau*, vol. 3. Berlim, 1919. [Trata-se, na realidade, do artigo “Männlicher und weiblicher Eros?” (Eros masculino e eros feminino?, *Neue Rundschau*, vol. 30, n. 1, pp. 632-638, que está disponível em: <https://archive.org/details/1919neuerundschaorf_ranuoft>. Sua autora, Grete Fantl, foi tradutora e conduziu um pequeno salão literário

O princípio elementar na alma humana — cuja diversidade individual quantitativa (logo, cuja suficiência e impedimento) segrega e aparta os homens nessas duas categorias —, esse princípio determinante de valor e de essência, no sentido mais elevado, é a força de resistência de cada um dos seres humanos — sobretudo do ser humano em estado de desenvolvimento — às sugestões vindas de fora, aos sentimentos, aos juízos de valor e às normas que lhe são impostas: a força de autoconservação da humanidade inata que se aferra na própria individualidade, bem como na alegria e no “sim” impulsivo para tudo o que há de individual em todos os outros ao redor, no próprio ser ilimitado, bem como no amor ilimitado, e que opõe sua resistência à violação, bem como à sedução, ao eterno círculo vicioso da pressão de adaptação aos outros...

A mais elevada humanidade é a preservação dessa força primordial amorosa e revolucionária na extraordinária luta com o meio, a qual, tendo principiado na fria solidão da criança no interior da família autoritária, cresce em torno da luta do ente e do vivente com a terrível violência da maquinaria — a maquinaria como princípio fundamental de toda e qualquer ordem, tal como ela existe hoje; como Estado, lei e autoridade; como Direito Penal, bem como Direito Civil; como matrimônio e prostituição; como capital...

Caso essa força de resistência à compulsão à adaptação e à tentação à adaptação seja suficiente e persevere no indivíduo, ela então determina o seu desenvolvimento rumo a um ou outro tipo: o tipo do revolucionário ou o do conservador — eu diria: o do adaptado. E ambos os tipos de seres humanos não têm nada no mundo em comum, a não ser o profundo saber interior de

em Hellerau, Alemanha. Contribuiu com o *Neue Rundschau*, um periódico literário da S. Fischer Verlag; com o *Der Querschnitt* (traduzindo Apollinaire) e com a revista *Zwinger*. Em 1924, juntamente com a escritora e psicóloga feminista Alice Rühle-Gerstel (1894-1943), fundou o Capítulo de Dresden (Saxônia) da Associação Internacional de Psicologia Individual. Com a perseguição aos judeus, fugiu para Merano (Itália) em 1933; depois, *via* Praga e Paris, para os Estados Unidos da América. (N. do T.)]

que, para cada um deles, vida e prosperidade só são possíveis sob condições gerais que, para o outro, denotam sufocamento.

O franco desenvolvimento ilimitado da humanidade, do amor e do espírito pressupõe uma ordem do mundo que é totalmente mortífera aos adaptados a essa outra ordem que tem sido a dominante até agora, e que sempre e por toda parte fora mortífera para a humanidade, o amor e o espírito... Por isso, de início, sempre e invariavelmente, é um embuste aquilo que sempre se diz sobre a transição gradual e a equalização dos interesses, sobre a moderação e o acordo — é um embuste tudo e cada um no qual um único interesse comum entre o revolucionário e o adaptado for pressuposto como existente, ou mesmo como possível.

Aquilo que uma política mediadora vai poder alcançar num dado momento não passa de um compromisso de interesses de natureza apenas e absolutamente econômica — com a eterna manutenção da insuficiência, até nesse próprio domínio; com o abandono definitivo de todos os valores vitais, exceto os delimitáveis pelo número puro... Aqui está o território no qual as revoluções se perdem em negociações entre partidos, por trás dos quais não há diferença alguma entre um ser humano e outro: negociações entre pessoas diversamente situadas, sem qualquer pressuposição de diferentes tipos anímicos e de suas diferentes exigências em relação ao ser.

Jamais um partido combatente se deu um nome tão marcado como expressão de um tipo anímico e caracterizando mais adequadamente o fator psicológico comum a todas as suas características criativas do que o dos “*Imperiosíssimos*” — isto é, *os sem compromisso*.

Em todo aquele para o qual o comunismo é vocação interior vige um espírito primordial vívido, rente às origens, transmitido desde a juventude da humanidade pelo melhor sangue. Um saber imediato da diferença entre um ser humano e outro. Um saber evidente de que se pode ser eternamente apátrida acolá e, aqui, estar em casa; estar perdido acolá e, aqui, ser integrado à vida

pelo elemento dominante, no próprio íntimo, da alma revolucionária da humanidade — alma que, para cada ser humano desse feitio, cumpre a tarefa da vasta vida irrestrita por uma determinação do destino; um autodistanciar-se reflexivo de tudo o que é adaptado, da adaptação ao inferior, ao poder e à submissão, à posse, ao hábito, à tradição e ao que foi convencionado.

É por isso que, para nós, nada parece ser tão intimamente odiado; e nenhuma política até hoje estabelecida é tão terrivelmente corrupta e perigosa como essa atual, a do compromisso: esse socialismo político-realista de massas que buscou estabelecer, para o proletariado e para a burguesia, um terreno de adaptação comum de um em relação ao outro. Adaptação comum ao espírito de até então; uma maneira de carregar consigo, à custa das possibilidades materiais de manejo, todo o essencial da ordem antiga: com a reduzida batida de asas, mesmo das ideias capitalistas, uma obtenção de médias em todos e em cada um — mas que embasa, como antes, a autoevidência do poder e da supremacia entre todos, a solidão infinita em torno de cada um.

Foi essa democracia dos “últimos homens” que Nietzsche³ prenunciou profeticamente e frente à qual a ditadura do proletariado deve redimir o futuro da raça humana.

O objetivo derradeiro de todo comunismo é um estado no qual ninguém pode manter nenhum tipo de supremacia — política, social, econômica, de natureza autoritária — sobre qualquer pessoa. Sabemos que jamais poderá haver uma ordem que garanta, por exemplo, que apenas aquele animicamente superior

3. A noção de “últimos homens” [*letzten Menschen*] é trabalhada por Nietzsche em seu *Assim falou Zaratustra* (1883-1885). Segundo Heidegger (*Was heisst Denken?*, 1984, p. 24), “no círculo de visão de seu pensamento, Nietzsche denomina o homem existente até aqui de ‘o último homem’. Esse nome não significa que com o homem assim denominado acabe, em geral, a essência do homem. O último homem é, pelo contrário, aquele que não é mais capaz de olhar para além de si, de uma vez escalar por sobre si mesmo, no território de sua tarefa e de assumi-la em conformidade com a essência dela. O homem de até agora não o consegue, porque ele próprio ainda não ingressou em sua plena essência própria”. Cf. O. Giacóia Junior, “O último homem e a técnica moderna”, *Natureza humana*, 1(1), pp. 33-52. (N. do T.)

ganhe poder sobre aquele organizado de forma inferior; e se em algum momento uma ordem como essa fosse encontrada, só desencadearia a corrupção das almas elevadas... Apenas a completa impossibilidade de todo e qualquer poder de qualquer um sobre qualquer outro garante a certeza de que um ser humano, no qual esteja vivo o franco espírito primordial criativo, nunca tenha necessariamente de curvar-se diante de elementos de segundo escalão.

Queremos dar poder aos impotentes, aos conselhos dos pobres, para que o poder volte a ser sem pecado — um sentimento coletivo dos seres humanos uns para com os outros e a propriedade impessoal do corpo social impessoal.

Até que um dia os seres humanos, como expressão de uma ilimitada compreensão mútua e de seu mútuo regozijo, comecem novamente a erguer uma torre em direção aos céus.

Apenas *esse* edifício poderá carregar, então, o seguinte nome: *cultura...*

UM PROBLEMA: O PARLAMENTARISMO

[*Zum Problem: Parlamentarismus*, 1 de dezembro de 1919]

*Die Erde*¹, ano I, n. 22/23, pp. 639-642

O tremendo problema psicológico — que esta época colocou diante de nós neste país — é a questão, orientada para dentro, a respeito da essência e dos panos de fundo do fracasso da revolução alemã.

Do esmagador material sobressai, justamente agora, um detalhe que se impõe sob as mais diversas formas e máscaras: a indubitável tendência crescente de retorno ao que é da ordem do legal, vindo acentuadamente à tona no que concerne ao dizimado — e que se vê agora relançado — *problema do posicionamento do revolucionário em relação ao parlamentarismo*.

O que mais frequentemente desponta como característico disso não é que se esteja absolutamente indagando a respeito da possibilidade de uma participação no parlamentarismo, em geral — isso seria a franca colocação em questão do revolucionário a respeito de si mesmo enquanto tal —, mas que se a esteja desdobrando *como uma questão de tática*.

Pois é só aí que se evidencia o completo esquecimento do problema na sua importância em termos de princípio, assim como em termos psicológicos. É só aí que se denuncia o jogo

1. Editado em Breslau e em Berlim, entre os anos de 1919 e 1920, por Walther Rilla (1894-1980) — que se tornaria um famigerado ator de cinema alemão, atuando em mais de uma centena de filmes —, *Die Erde: politische und kulturpolitische Halbmonatsschrift* [A Terra: quinzenário de política e política cultural] contava com Otto Gross na qualidade de coeditor. Seus números podem ser encontrados em *Der literarische Expressionismus online* (cf. nota 2, p. 129). Cf. também: <www.dada-companion.com/journals/per_erde.php>. (N. do T.)

ingênuo e falso diante da crítica da própria consciência; a carência da vontade e da capacidade de responsabilizar-se pela própria tomada de posição e pela própria ação.

Parece que as épocas de maré-alta revolucionária, através da sugestão em massa e do efeito circunstancial subjugando os elementos de segunda ordem e alçando para o alto os seus grandes momentos, produzem inundações que encobrem a inferioridade burguesa das multidões — e então, com a vazante, deixa-as visíveis novamente. Os seres humanos desse feitio, tendo remanescido do maremoto revolucionário, reagrupam-se incondicionalmente, tão logo lhes pareça dada a possibilidade, em torno de um *compromisso*; e, no deserto, tal compromisso — a onda revolucionária tendo se recolhido sem efeito, revelando-o — é o *decisivo teste de destreza para a reação*. Atualmente o mote de compromisso propagado consiste nas ideias de “*democracia*” e do seu expoente, o *princípio do parlamentarismo*.

É por isso que é permitido formular que a postulação de um problema claro a respeito da tomada de posição *por princípio* a favor da colaboração parlamentarista seria uma indagação sincera do indivíduo sobre ele próprio e sobre a autenticidade da sua vocação para a revolução. O consentimento *por princípio* com o sistema parlamentarista é o sincero reconhecimento, em si, do indelével burguesismo interior.

No jogo com o problema parlamentarista enquanto um problema de *tática* — como aceitação *de mais um compromisso e de mais um autoengano* — está implicada a dissimulação de todo e qualquer conhecimento, tanto em relação a si mesmo quanto em relação a outrem. Ela comporta, para o indivíduo, o perigoso engodo com relação à sua própria natureza; e, para a comunidade, com relação ao profundo sentido político e psicológico dos grandes princípios.

Na verdade, o posicionamento a respeito da questão parlamentarista é, simultaneamente, a decisão quanto ao maior problema de princípio da política em geral, isto é, o problema da *democracia*.

O parlamentarismo é a única² encarnação real do pensamento democrático de base, o reino da pura maioria. Que em toda instituição estatal democrático-parlamentarista subsistente sempre desponte, de fato, a dominação de uma minoria *não é* a objeção revolucionária *por princípio*. O espírito revolucionário, ao invés disso, lança-se — a partir de uma necessidade interna e também, instintivamente, a partir de uma necessidade ideacionalmente consumada — contra toda e qualquer influência dominadora da efetivação do pensamento parlamentarista. *Por trás disso há a oposição flagrante e a incansável luta entre a psique revolucionária e a democrática.*

A tomada de posição de cada indivíduo nessa luta, num sentido ou noutro, está determinada de antemão em cada um como a sua orientação — típica e estabelecida no fundamento de seu ser — *para o princípio fundamental dominante da democracia, em geral: o princípio da maioria.*

O puro princípio da maioria numérica — e só os objetivos almejados por princípio (e não os efeitos das insuficiências da engrenagem política) determinam as escolhas em função de categorias psicológicas! — impõe o comprometimento com a admissão de mudanças *de toda* sorte: reformas impreterivelmente urgentes, mas também insurreições de longo prazo, programadas para o futuro, apreensíveis pela minoria dos contemporâneos; o pequeno e o banal, mas também — quanto ao acesso à compreensão dos indivíduos a serviço de todos — o mais profundo, em termos de estabelecer o momento de cada um dos acontecimentos, em geral — conforme o ritmo de assimilação da coletividade —, e esperar o tempo estipulado no qual, por fim, ao menos a maioria das pessoas vai ter atingido, em se provando real o princípio do progresso ao qual fielmente se adere, a “maturidade” da compreensão para a mudança exigida.

-
2. É interessante que Mommsen tenha podido remeter o declínio da democracia antiga ao aumento dos Estados para além das cidades-Estado, até o caráter de superpotência, e ao fato de que a ideia de *sistema de representação* — logo, de um verdadeiro Parlamento — *justamente não tenha ocorrido a ninguém.*

A democracia é, então, consubstancial ao programa político do progresso não catastrófico, na pressuposição de uma evolução perpetuamente progressiva do espírito enquanto realidade manifesta e de uma confiança na maioria assumindo a responsabilidade de todo grande acontecimento.

Lá onde a compreensão e a vontade de um número superior já estão voltadas, de fato, para uma nova ordem, não há necessidade de revolução. Mas a propensão a pressupor isso como resultado de uma evolução e ficar apenas aguardando só pode surgir, afinal, de um tipo de disposição do espírito: em não se tratando de um desejo de que tudo o que for possível permaneça do jeito que estava, é a *incapacidade elementar de assumir uma responsabilidade sobre si mesmo*.

Revolução é a luta pelo poder de uma ideia. É a tentativa de colocar no comando um princípio que, de início, só está realmente vivo para poucos; nestes, entretanto, consta como uma imagem interna nitidamente delineada para projeção na realidade.

As ideias pelas quais se fazem revoluções são sempre concebidas, em si mesmas — a partir de iniciativa própria e de modo criativo —, apenas por indivíduos isolados; vivamente assumidas — por meio de pensamento próprio — por uma elite restrita em número; transferíveis por sugestão — através da dominação intelectual e a partir da forte vontade de comunhão — e internalizadas — através do emaranhamento com os motes fundamentais da terrível realidade própria — pelas grandes massas desprivilegiadas; impostas aos fortes deste mundo, aos privilegiados de toda sorte na luta de vida contra vida³.

A política revolucionária está livre de toda e qualquer crença num progresso interior como algo dado; ela sabe o quão ligado está todo progresso, na ordem social subsistente, àquilo que é

3. Cumpre notar que “vida contra vida” [*Leben gegen Leben*] havia sido um lema discutido por Friedrich Nietzsche, em 1887, ao longo da terceira dissertação que compõe sua *Genealogia da moral*. (N. do T.)

externo e superficial, à matéria. Ela se erige na confiança numa faculdade humana elementar, ainda que mais primitiva: uma faculdade geral de conceber a humanidade compulsoriamente compartilhada como o valor mais elevado — ou, ao menos, como meio de obter alguns benefícios.

É o destino interior e o propósito do revolucionário — sabendo da sua solidão insular em relação aos futuros orientados para a sua sina, tanto inimigos como companheiros — carregar sozinho o segredo revolucionário da libertação (caso exista); e tomar para si próprio a responsabilidade pela subversão (caso seja possível) de tudo o que existe agora, bem como pela luta e pela violência desencadeada, quiçá contra a vontade de um mundo inteiro.

“Deus falou para ele: teu filho, que virá depois de ti, construirá o meu templo. Não é você que construirá o meu tempo, pois você é um guerreiro”⁴.

4. Cf. *A Bíblia Sagrada*, 1 Crônicas [28:3]: “Mas Deus me disse: ‘Você não construirá um templo em honra do meu nome, pois você é um guerreiro e matou muita gente’”. (N. do T.)

PROTESTO E MORAL NO INCONSCIENTE

[*Protest und Moral im Unbewußten*, 15 de dezembro de 1919]

*Die Erde*¹, ano I, n. 24, pp. 681-685

“Se alguém matar Caim”, dizem as Escrituras, “sofrerá sete vezes a vingança”². Para essas palavras só há uma interpretação: que a vida de Caim vale a de sete homens. Devido ao seu ato — muito embora ele (com especial relevo para o que há ali de primitivo-insensato) seja enfatizado apenas como destrutivo, quase não havendo razão, para o seu próprio autor, para aparente motivação consciente. *Pois esse ato é o nascimento do protesto revolucionário*. Não a eterna esperança, conforme a tradição grega, mas *a eterna insatisfação* — enquanto único bem que chegou a este mundo menoscabado. E por trás do ato vil aparentemente insensato, que jorra da escuridão do inconsciente com enigmática brusquidão, revela-se, enquanto realidade mais profunda, o fator de eternidade do *bem inalienável, inarredável*.

A psicologia do inconsciente desbrava-nos agora o campo dos valores ocultos, que são preformados nas predisposições inatas e recalcados para fora do terreno da consciência da alma pela pressão anímica da educação — e, sobretudo, de todas as sugestões de autoridade —; que são então tornados novamente conscientes de forma metódica e permitem, agora, em oposição às normas vigentes e seus efeitos, que se restabeleça, *através de suas próprias predisposições, a imagem do ser humano mais próxima do original — com suas possibilidades reais, com seus próprios valores inatos e sua determinação primária. A psicologia do*

1. Cf. nota 1, p. 157. (N. do T.)

2. Cf. *A Bíblia Sagrada*, Gênesis [4:15]. (N. do T.)

inconsciente nos fornece, com isso, o primeiro substrato para uma problematização a respeito do valor dos valores — o problema de partida do pensamento revolucionário. A exigência de revolução, como resultante da psicologia do inconsciente, torna-se absoluta tão logo se demonstra que o recalçamento dos valores aos quais se está predisposto é o sacrifício da mais elevada possibilidade humana.

Por isso a escola psicanalítica, por isso o grande descobridor, *Sigmund Freud*, detiveram-se justamente diante dessa evidência. Ninguém por conta própria, avançando sozinho pelas amplas vias já trilhadas do conhecimento, é capaz de atravessar as barreiras que cercam o valor e o prestígio de um princípio intimamente ligado ao hábito da personalidade própria. *Ao reconhecimento da psicanálise clássica foi traçado o seu limite justamente diante das descobertas através das quais toda autoridade tradicional é posta em causa e é abalado o alicerce existencial daqueles que se sentem assentados e seguros na autoridade da ordem estabelecida.* Então o seu grande trabalho de desbravamento termina com o desvelamento de uma camada — que *recobre*, no inconsciente, os elementos anímicos mais profundamente recalçados e os valores individuais inatos — cujo conteúdo pode ser empiricamente verificado como sendo uma *oniperversidade das pulsões e dos sentimentos*. Essa *hediondez dos motes do inconsciente* pareceu dar razão ao princípio de autoridade existente, à repressão do individual e às normas em vigor; e, com isso, a reivindicação psicoterapêutica da psicanálise clássica pôde se restringir a dividir conscientemente a negatividade dos impulsos descobertos, a retificá-los ou suprimi-los de acordo com as normas dominantes do inconsciente...

Mas nós asseveramos que uma consequente e irrestrita psicologia do inconsciente revela, como seu resultado extraído o mais profundamente, *o oposto*: para nós, as terríveis distorções e os terríveis rebaixamentos da vida impulsional e sentimental — que, acumulados por trás dos limites da consciência, agem sabotando todo e qualquer acontecimento anímico — são as evidentes aberrações e os espasmos de desolação de uma psique

já fraturada, apartada de si mesma pela constrição [Zwang] e pela atração do exterior, para cuja condição o recalçamento das forças diretrizes próprias e dos valores próprios inatos é pré-requisito. Para nós, detrás de todo dilaceramento interior jaz a incompatibilidade entre os motes próprios, inatos, e os estrangeiros, sugeridos; é-nos evidente que todas as predisposições são necessariamente coerentes; parece-nos absurdo não reconhecer a evidente adequação entre o inato e o ínsito já em si como harmonia e cofuncionamento harmônico preformado. Consideramos os impulsos inatos como sendo adequados; não unicamente no sentido individual, mas, principalmente, também no de uma *adequação social*. A preformação soberanamente social-ínsita e ético-inata — que agora, através da metodologia da psicologia do inconsciente, estamos em condições de livrar do recalçamento — já nos é conhecida através das descobertas de P. Kropotkin³: o “*instinto de ajuda mútua*” inato, em cuja verificação — por uma via biológico-comparativa — P. Kropotkin começou a estabelecer o primeiro alicerce para uma *ética real*, enquanto uma disciplina simultaneamente normativa e fundamentada na genética.

Alcançamos agora — na medida em que inserimos no inconsciente os elementos de valor da própria predisposição, as motivações mais profundamente recalcadas — a possibilidade de um princípio especial do trabalho psicanalítico através de uma avaliação técnica da nossa nova base conjectural frente à existência [Dasein] de predisposições recalcadas. O até então enigmático fenômeno da *indestrutibilidade* — ou, melhor dizendo, da *inarredabilidade* — dos sintomas neuróticos elementares reduziu-se à *ancoragem de todo sintoma individual (terrível, hediondo ou grotesco, como sempre) num profundíssimo mote originário que sempre pertence ao bem inarredável e do qual, por conta disso,*

3. O príncipe Piotr Alexeyevich Kropotkin [Пётр Алексеевич Кропоткин, 1842-1921] é considerado o pai do anarquismo russo. Geógrafo e escritor, Kropotkin foi criador do chamado Educacionismo: uma doutrina filosófica que concebia a revolução por meio da educação. Cf. P. Kropotkin (1879-1882) *Palavras de um revoltado*. Trad. P. A. Coelho. São Paulo: Ícone, 2005. (N. do T.)

seria impossível se desvencilhar. É apenas ao liberar esse mote das suas associações fixas, e ao viabilizar a sua função própria na livre utilização da consciência, que desaparece o sintoma individual anteriormente fixado — através do qual esse mote abriu caminho rumo à vida e à expressão de modo espasmódico, desvirtuado e paradoxal. Assim, a forma de agir masoquista de várias mulheres deixa-se cessar através da conscientização quanto a um desejo de maternidade subjacente; o autoisolamento negativista-espasmódico, através da libertação de uma determinada defesa moralmente exigida — entre outros. Assim solucionam-se inúmeros casos de sabotagem patológica, de si e de outrem, *com a liberação de um impulso ao protesto revolucionário; e, ao mesmo tempo, com a projeção ético-situacional do instinto como proteção do seu próprio feitio anímico e do instinto de ajuda mútua.*

A metodologia da psicologia do inconsciente também nos permitiu liberar uma pletora praticamente desmesurada de forças anímicas das mais positivas — uma possibilidade que jamais havia sido oferecida. Podemos, então, nos munir com uma esperança e um encargo novos e especiais para a crise que teremos de atravessar e que, em tempos de igual maturação do desenvolvimento, levou catástrofe a toda e qualquer cultura até então.

Numa determinada fase do desenvolvimento, toda cultura determina pelo declínio ou pela metamorfose — com a plena maturação da cultura urbana. A soberania da cidade no âmbito cultural, e o pré-requisito para tanto, é: a vida civilizada é a superação consumada do longo período *no qual o solo determina, para o ser humano, as unidades elementares do agrupamento de trabalho e, nele, a forma de base da vida cooperativa pessoal* — a associação econômica homem-mulher-crianças para a realização de tarefas parciais advindas do solo, *isto é, a visada patriarcal como agrupamento primário tipicamente adaptado à economia agrária.*

A transição para a vida urbana encerra o vínculo entre a existência e a adaptação — à terra e à agricultura — de todas as coisas determinantes. *Com essa absolvição em relação à terra*

começa um novo despertar da vitalidade expansiva — tal como outrora, antes da vinculação com a terra.

Com essa renovação da premente vida interior será mobilizada uma plethora descomunal de forças construtivas, fazendo dessas épocas que se aproximam de uma opção decisiva os típicos períodos mais elevados de reestruturações caoticamente transbordantes.

Nesse nível de desenvolvimento consuma-se invariavelmente, em toda cultura, a catástrofe da moral sexual. O irrefreável processo de decomposição no âmbito da moral revela a total obsolescência da instituição. Ainda defensável como forma de organização econômico-campesina no período da agricultura dominante, ela vai se tornar, para o homem do novo período — uma vez consumado o desprendimento em relação à terra —, tão estrangeira como o era para o homem dos primórdios.

A família patriarcal, desatrelada do solo, perde o valor econômico de uma relativa adequação — a única coisa que, até então, ainda havia feito a intolerabilidade dessa relação constritiva retroceder — e agora vai usualmente se tornar, para o indivíduo, uma carga esmagadora também economicamente; ela conserva apenas a qualidade de um *mantenimento estatal, para cada uma das crianças, da compulsoriedade do custeio*. O protesto humano do indivíduo contra a pressão tornada insensata — que só faz restringi-lo e deformá-lo — não se deixa mais recalcar, a não ser mediante uma crescente carga conflitual. E será cada vez maior a dissonância entre uma nova interioridade e a tradição já sem arrimo. Os característicos esforços supercompensatórios — que, nesses tempos, entram em vigor como “*moralismo*” — são invariavelmente, é claro, tentativas vãs de substituir ou de complementar, sem perspectiva alguma, os motes das antigas normas já insuficientes; ou de restabelecer, através de uma propaganda inevitavelmente vazia, o antigo poder. Mas o grande assédio da vida privada e, em certas circunstâncias, as ofensas ainda mais profundas — às quais o moralismo sempre tende — majoram o crescimento e o significado do fenômeno antagonicamente

orientado, incomparavelmente mais significativo e caracterizante, nesses períodos, para a engrenagem cultural dessas fases: o *imoralismo* fundamental. O imoralismo é a expressão da perplexidade intimamente latente desses tempos críticos, como sedimentação de uma confusão entre a moral existente — em si mesma e de início já altamente relativa; e, ademais, completamente obsoleta — e a concepção e a possibilidade de valores e de normas éticas enquanto tais. Ao imoralismo, assim como ao moralismo, subjaz uma má compreensão dos sinais do tempo. *Pois a “degradação dos costumes” é a necessidade de uma nova norma no lugar da antiga.*

Assim se chega à fase que temos de atravessar — a mesma em que crise e catástrofe hão de se abater sobre toda e qualquer cultura. Mas, por ora, a reivindicação decisiva do momento nunca se deu de modo suficiente: *a exigência de criar e realizar, de forma produtiva, algo completamente novo. Uma nova instituição e novos — desta vez mais aparentados à alma humana — valores, rumo a uma resolução nova para o problema que permanece sempre robusto: o problema da restauração financeira da mulher para a assunção do provento da maternidade.* Esse é o único conteúdo social e ético verdadeiro da questão, da primeira e maior das questões sociais. Se doravante, nessa época decisiva, ela for colocada de modo consciente e inteligível, o postulado da resposta para essa questão já está, por si só, dado: *o fornecimento da caução econômica materna por meio do encargo de arrecadamento da sociedade.* Com isso cumpre-se a lei segundo a qual todas as grandes reestruturações são uma retomada das suas formas de partida num patamar e numa ordem superiores. As formas de vivência e de direito; a apreensão interna do mundo, dos compartes e do próprio eu; a requisição à sociedade e suas forças propulsoras, a instituições e valores, são reconduzidas — pelo desatrelamento em relação à terra — à liberdade dos primórdios, só que num nível superior de diferenciação, por meio do sofrimento permanentemente suportado e da força decuplicada do protesto revolucionário.

É assim que o próprio tempo impõe as incomensuráveis forças internas que — enquanto alento [*Geist*] e devastação, nostalgia e fúria — impelem caoticamente à transformação ou ao declínio. A maior parte dessa força esgota-se no conflito interno contra as normas vigentes e acumula-se no inconsciente; *isso que resta ali, no domínio das coisas recalcadas — os eternos valores inatos, bem como as forças de renovação do período de transição —, hoje estamos em condições de torná-lo disponível à utilização intencional*. Isso que finalmente alcançamos é nossa esperança e nosso encargo desde todo o sempre: é uma tarefa que impõe um esforço infinito, um minucioso trabalho que deve ser feito com todo o amor. É preciso, para tanto, antes de mais nada, que seja concedida uma importância soberana *ao ensino e à educação, a fim de que encontremos o caminho para a alma de cada um*. E ela precisa ser irrestritamente exercida por toda parte, com a assunção de todas as consequências, *em plena consciência da oposição absolutamente intransponível a tudo e todos que hoje — como autoridade e instituição, como poder e costumes — encontram-se no caminho da realização da humanidade*.

POR UMA FORMAÇÃO INTELECTUAL FUNCIONAL DO REVOLUCIONÁRIO

[*Zur funktionellen Geistesbildung des Revolutionärs*, 1919]

*Räte-Zeitung*¹, vol. 1, n. 52, pp. 3-20

O autor deste artigo pretende ministrar cursos sobre “psicologia da revolução”, com introdução à psicologia do inconsciente (psicologia psicanalítica), na *Freie Hochschulegemeinde für proletarische Kultur* [Comunidade Universitária Livre em Prol da Cultura Proletária]².

Nos dias de hoje subsiste o mais monumental problema já associado às noções de educação, formação e cultura: *a questão da renovação do ensino após a libertação do proletariado*. E enquanto que justamente aqui não passa de uma imagem distante, às vezes parecendo um bocado indiferente, atualmente ela é — no país ao qual pertencem os nossos sonhos, os nossos desejos e as nossas esperanças de libertação; e cuja existência e cujo triunfo constituem toda a nossa força — um problema

1. Criado em Berlim por Alfons Goldschmidt (1879-1940) — um dos fundadores da Liga pela Cultura Proletária — e Philipp Dengel (1888-1948), o periódico *Räte-Zeitung: erste Zeitung der Hand-und Kopfarbeiterräte Deutschlands* [Jornal dos Conselhos: o primeiro jornal dos conselhos dos trabalhadores manuais e intelectuais da Alemanha] foi publicado semanalmente entre 1919 — com o primeiro número lançado em 4 de abril — e o ano de 1920. (N. do T.)
2. Inspirada pelo *Proletkult* russo, a Liga pela Cultura Proletária [*Bund für proletarische Kultur*] foi fundada em Berlim, em setembro de 1919, por Ludwig Rubiner, Franz Jung, Rudolf Leonhard, entre outros. Associação de operários, artistas e intelectuais, a Liga declarava que seus objetivos seriam atingidos não só através da arte revolucionária — seus membros (em conjunto com Erwin Piscator) estiveram envolvidos, por exemplo, na fundação do Teatro Proletário berlinense, em 1920 —, mas também do estabelecimento da uma instituição educacional. (N. do T.)

fundamental do trabalho criativo na cultura triunfantemente viva e protegida da Rússia³.

O que a força criadora tremendamente genial de *Lunatcharski*⁴ evoca ali, do nada para a vida, é algo completamente inaugural: seu método de ensino técnico-operacional — a divisão do ensino a partir do trabalho — parece ter resolvido o problema de uma transmissão mais natural, em si, de conhecimentos combinados.

Simultaneamente a essa reestruturação absoluta do ensino conteudístico e à transformação da completa hierarquia das escolas em geral, inicia-se doravante a afluência de um imenso número de alunos que carecem, em sua grande maioria, de qualidade quanto ao preparo intelectual, quanto à qualificação geral. Com isso se coloca um problema que está inevitavelmente ligado à entrada da educação, em geral, na nova ordem da revolução. Isso leva a uma questão fundamental a respeito do trabalho preliminar revolucionário: o revitalizado problema — ao lado do problema da transmissão de conhecimentos conteudísticos — da transmissão da formação cultural geral dentro das novas conjunturas, isto é, a um grande número de alunos (a cada um, respectivamente) em curto prazo.

“Formação” — em oposição aos conhecimentos conteudísticos — é aquisição intelectual funcional, melhoria do funcionamento na compreensão e na expressão de linhas de raciocínio complexas e especialmente abstratas; e é também capacidade de manter o pensamento objetivo livre da intervenção dos afetos. O exercício dessas funções — que se consuma naturalmente de modo conjunto com a aquisição de material de conhecimento, mas não apenas a própria aprendizagem desses conteúdos — distingue as aptidões para a objetividade produtiva, para o interesse

3. Cf. R. U. Cromberg, “Psicanálise na Rússia”. In: P. S. de Souza Jr. (org.) *A psicanálise e os lestes*, vol. 1. São Paulo: Annablume, 2017, pp. 91-141 (N. do T)

4. Anatóli Vasilevitch Lunatcharski [Анатолий Васильевич Луначарский], da revolução de outubro de 1917 até o ano de 1929, ocupou na URSS o cargo de Comissário do Povo para a Instrução Pública — uma espécie de Ministro de Estado da Educação. (N. do T.)

pelas coisas e pelas ideias por si mesmas e pelo seu valor — para a ampla compreensão das considerações abstratas e sua franca expressão —, isto é, a aptidão para o contato recíproco na relação com a cultura [...].

O principal método de instrução intelectual funcional era, até então, a superação de um desinteresse por meio da prática de um princípio intelectual a partir de uma substância pura passível de todos os interesses e sem possibilidade de outra utilização: a ordenação abstrata do substrato inteiramente como um fim cultural em si mesmo. Com isso, o método ultraclassico focado no objeto soberano da instrução intelectual funcional, as línguas mortas, alcança, com grande regularidade — nos talentos acima da média, muito evidentemente! —, o duradouro sucesso da autonomia do pensamento abstrato em relação a toda forma de afeto ou apatia e, sobretudo, a perturbações internas.

A violação através da qual o pensamento objetivo se vê aqui emancipado da dominação do gozo e do sofrimento torna o método evidentemente impróprio para o ensino revolucionário. Aos seus objetivos (fluidez de pensamento com objetividade e liberdade; familiaridade com a abstração; apreensão da ideia como um fim em si mesmo) acrescentam-se ainda, para a instrução intelectual funcional no ensino revolucionário, os motes da educação integral revolucionária em geral. E é uma exigência do espírito revolucionário que a dominação do pensamento abstrato sobre os fatores afetivos perturbadores *não* seja experimentada como uma conformação ao hábito de uma constrição intelectual, mas sim como liberdade de espírito.

Uma sensação como essa de liberdade interior poderá então surgir quando se estabelecer — através da resolução de conflitos internos e do autoconhecimento a respeito da dimensão e da natureza da vida afetiva interior em geral; logo, também dos impulsos sabotadores do pensamento — uma libertação do espírito ativo objetivo e da relação com a ideia por ela mesma.

Na realização da autolibertação pelo autoconhecimento, a moderna psicologia do inconsciente cria a base real para uma

remodelação da evolução intelectual do indivíduo, bem como da coletividade. A empiria do método psicanalítico, executada de forma consequente e rigorosa, projeta uma nova imagem do homem com a realidade das suas predisposições, das suas possibilidades e pretensões vitais; assim como também do seu sofrimento de viver e do sofrimento em si mesmo, do seu conflito com o entorno, com a sociedade e os indivíduos, com a instituição, a família e a autoridade.

Descobriu-se que a alma humana rejeita com insuperável intensidade a aceitação de contradições internas e que obsta, à afluência de vivências inconciliáveis repletas de afeto e de mortes aos quais não se pode renunciar, o acesso à fechada esfera associativa da previsível e regulável consciência. Que se reúne então, fora dela, na esfera do inconsciente, uma plethora desses complexos pulsionais intensamente marcados por afetos opostos aos motes reguladores do eu consciente e, ao mesmo tempo, profundamente aparentados dos elementos essenciais da personalidade; complexos que, a partir daí, incognitadamente, por vias indiretas em formas alteradas — isto é, com um deslocamento da energia afetiva para a via das relações associativas! — pressionam rumo à vida anímica consciente, à coesão dos processos de pensamento e à atividade. Logo, que a nossa vida anímica será determinada, na maior parte, por uma plethora de material psíquico obscuro até então desconhecido, acumulado fora da consciência previsível e regulável (fora da “egocontinuidade”); e que a reconquista desse material “recalcado” — que é justamente o método da psicologia analítica! — enceta para a consciência a solução, subjetivamente conforme à personalidade, dos problemas conflituais.

O surgimento dessa obstrução e dessa contração, com as quais se chega ao represamento de fatores continuamente prejudiciais no inconsciente, consuma-se na infância com a primeira pressão devastadora da autoridade, que é inegável dentro da tremenda obscuridade da solidão que cerca a criança — solidão alastrada através da ilimitada incompreensão da parte de todos e cujo

rompimento, parcimoniosamente estipulado, estará vinculado à aquiescência à autoridade e à adaptação ao meio circundante. Nesse período de vulnerabilidade — no qual, a partir de um início e um despertar, toda vida individual está entregue à corrupção — ocorre a inclusão daqueles corpos anímicos estrangeiros que, como elementos de uma vontade externa, em irresoluta oposição ao que é próprio — tanto quanto este se mantém! —, implicam o primeiro grande conflito interno e, com isso, toda laceração e toda autossabotagem internas da alma.

Os elementos afetivos, cuja subordinação à força do pensamento racional é objeto da instrução funcional intelectual, são praticamente, em sua maioria, de origem inconsciente e a sua intervenção é uma parte dessa autossabotagem interna que advém da parte inconsciente — e, em certa medida, interdita — da alma. Não como repressão violenta das forças internas relutantes, mas através do reatamento do inconsciente com a unidade da consciência, o autoconhecimento, no sentido psicanalítico, conduz os elementos relutantes no interior da alma a um equilíbrio e leva ao desaparecimento a tendência à autossabotagem.

Alinhada a isso está a experiência de que toda e qualquer familiarização com a psicologia do inconsciente, em cada um dos casos individuais, conduz à libertação do pensamento em relação às suas resistências e aos seus desvios — libertação que concilia o resultado global da instrução intelectual funcional com a consciência de um desenvolvimento livre e conforme à individualidade.

É por isso que a psicologia do inconsciente parece convocada a ocupar no novo ensino, como matéria soberana, o lugar central no ensino das ciências humanas e a tornar-se o substrato da instrução funcional, como matéria fundamental de uma formação que será preciso definir como a aptidão para tomar parte na cultura.

Ao mesmo tempo, o ensino na psicologia do inconsciente enquanto transmissão de conteúdos denota a introdução ao espírito da revolução.

E o reconhecimento desse espírito será tão mais íntimo e profundo que detalhe algum da psicologia do inconsciente poderá denotar *apenas* transmissão de conteúdos, visto que sempre se trata de autoconhecimento e que, para o aprendiz, cada novo conteúdo é para ser descoberto como tendo estado escondido nele mesmo, a partir de seu próprio interior e como sendo de sua propriedade.

O conteúdo soberano que a doutrina da psicologia do subconsciente tem de transmitir é o reconhecimento das oposições entre o homem em sua essência — com suas ínsitas possibilidades, capacidades e suas pretensões na vida — e a realidade criada a partir das conjunturas vigentes, a repressão de toda e qualquer realização vital e a deformação de toda humanidade.

É nesse reconhecimento que será franqueado a todo aprendiz, seja qual for a posição em que possa se situar hoje na hierarquia de classes, desbravar seu interesse pela revolução.

O interesse pela derrocada da ordem estabelecida vale para qualquer um, exceto para aquele que adaptou à ordem vigente a repressão consumada de toda essência e sensibilidade próprias por meio das sugestões de uma vontade estrangeira — esses são, na realidade, a maioria. Apenas numa pequena elite existe aquela energia e intensidade de espírito que confere força para manter viva, no interior, a essência ínsita inata — ainda que, enquanto elemento do conflito interno e na luta interna, ela seja obscurecida, ressignificada e distorcida por recalcamientos e exageros... É dessas imagens distorcidas da indestrutível humanidade em cada um dos indivíduos nos quais elas se conservaram que se deve abstrair *o inarredável bem* ao qual subjaz, no que há de mais profundo, todo impulso inconscientemente ancorado a partir dos emaranhamentos que só o transformam em completa irreconhecibilidade e, no mais das vezes, em seu contrário. E é da soma de tudo isso que se deve libertar o aspecto positivo perdido dos achados cada vez mais reveladores da própria personalidade, a verdadeira forma geral da vontade e da demanda humanas; e sempre retransmitir empiricamente a verdade de que

a reivindicação natural inata do homem para com o homem é a livre relação de individualidades livres, em contraposição à adaptação à pressão do mundo externo, do qual decorrem o caráter universalmente patológico da vida pulsional do ser humano, a disposição à submissão, bem como a vontade de potência.

A vontade de relação em oposição à vontade de potência deve ser deflagrada como a oposição elementar entre a psique revolucionária e a psique adaptada — burguesa — e como o mais elevado e mais intrínseco objetivo das revoluções.

Será preciso mostrar — tanto como conhecimento científico geral quanto, na medida do possível, como empiria sempre renovada no caso de cada aprendiz! — que a natureza do ser humano, na medida em que é ínsita e inata a cada um, anseia por estes dois grandes valores: liberdade e relação. Que esses anseios são harmônicos quanto à predisposição; que, de modo geral, naturalmente e a partir das predisposições, nada de inadequado pode derivar dali; logo, que, em última instância, efeitos vindos de fora — malogro violento do desenvolvimento natural — serão sempre responsáveis por cada laceração interna e autossabotagem. Que, por conseguinte, todo sofrimento, assim como toda ação inadequada e má, são sempre efeitos da pressão antinatural que a ordem autoritária vigente exerce sobre todos e sobre tudo; que todo esse imensurável ímpeto de sofrimento e mal erige-se e desaba com essa ordem de potência e supremacia, de sociedade de classe e capital, de legalidade autoritária e luta sufocante de poder entre os gêneros no matrimônio e na prostituição.

Será preciso apontar todo o vínculo interno das instituições estatais com as da família: a necessidade da total libertação da mulher em relação à sua servidão sexual privada, da dependência em relação ao marido enquanto condição absolutamente fundamental de toda libertação em geral; a necessidade da desintegração da família patriarcal sob a edificação do matriarcado comunista.

Será preciso apontar a latente psicologia inconsciente da vida familiar, qualificando a reivindicação de posse sobre a mulher e a criança como parte integrante de — e convivência com — os

valores e as instituições da burguesia e como fixação do caráter burguês, das adaptações e das satisfações burguesas; a necessidade da sabotagem da família, sobretudo da proletária, como condição fundamental e fundamento psicológico da receptividade para o espírito da revolução.

Por fim: o pré-requisito para toda e qualquer renovação ética e intelectual da humanidade é a necessidade de uma total libertação da geração por vir do poderio da família burguesa — e a família patriarcal do proletário também é burguesa! — através do matriarcado comunista e, a partir da escola adaptacional do Estado, através do sistema do ensino revolucionário.

O ensino na psicologia moderna requererá um sistema particular e único que não se aparenta a nenhum método vigente e que apresentará certo paralelismo com a estrutura da instrução através do trabalho. Enquanto os resultados científicos gerais — na medida em que se trata de ilustrar a essência da nova disciplina e de seus novos achados fundamentais sobre a alma humana, seus motes, suas aptidões, relações, sua cultura, seus defeitos e seu colapso — podem ser transmitidos por vias teóricas, por meio de palestras e conferências, a nova educação psicológica, no sentido próprio, demanda a empiria em cada caso individual, isto é, a redescoberta empírica de cada verdade da alma do aluno — logo, a sistemática reconquista do material anímico recalcado para a sua consciência.

Nesse ensino, que se desenvolve a partir da atividade — detalhadamente incrementada por métodos psicoterapêuticos — com a alma do indivíduo, seus conflitos, sofrimentos, dubiedades e tentações, o autoconhecimento, orgulhoso do reencontro de si mesmo — libertando-se da adaptação, da disposição à submissão e da vontade de potência, provocando o rompimento com as distâncias separadoras da incompreensão do indivíduo aprendiz — pode consumir a preparação ética do revolucionário para a revolução.

Nessa educação, um dia enfim a oposição que dissocia altruísmo e egoísmo será superável. É preciso deixar que o próprio

indivíduo vivencie a maximização do seu próprio ser na relação livre com homens livres. A experiência mais profunda é a da relação livre: a de estar conectado em nome de uma exigência permanente que, substituída pela livre expressão vital involuntária do individual, modela a existência, a essência, o desdobramento e a ascensão de um para o outro em maior proveito próprio.

O objetivo será a libertação do amor em relação à sabotagem por meio dos motes latentes da autoridade, tanto o passivo quanto o ativo — tanto a disposição à submissão quanto a vontade de potência. E com isso será criada uma linhagem que — internamente livre da latente e irresistível inclinação para a autoridade — vai fazer a humanidade do futuro, livre de toda e qualquer autoridade, chegar mais perto da realização.

POR UM TRABALHO PRELIMINAR RENOVADO: DO ENSINO

[*Zur neuerlichen Vorarbeit: vom Unterricht*, 1920]

*Das Forum*¹, vol. 4, pp. 315-320

« Revirastes na borralha a mão
Esbranquiçada, que vibra, míngua, atalha: —
Será reatçada? »

STEFAN GEORGE²

I

Os últimos valores que resgatamos da disrupção da revolução são tentativas isoladas de trabalho preliminar para uma

1. Publicada entre 1914 e 1929, em Munique, a revista *Das Forum* [O fórum] era editada por Wilhelm Herzog (1884-1960). O periódico constituía o veículo da união pacifista — fundada no mesmo ano e influenciada pelas ideias de Liev Tolstói (1828-1910) — intitulada “Bund Neues Vaterland” [Liga da Nova Pátria], na qual estiveram engajados, dentre muitos, Albert Einstein (1879-1955) e Stefan Zweig (1881-1942). O primeiro número contou com contribuições de Franz Werfel, Frank Wedekind, os irmãos Mann — Heirich (1871-1950) e Thomas (1875-1955) —, Kurt Hiller (1885-1972), Annette Kolb (1870-1967), René Schickele (1883-1940), Karl Vorländer (1860-1928) e Leopold von Wiese (1876-1969). Entre os membros do conselho editorial estava Otto Gross. Os números do periódico podem ser encontrados em *Der literarische Expressionismus online* (cf. nota 2, p. 129). (N. do T.)
2. No original: “Ihr wühlte in der Aschen die bleichen / Finger ein mit Zittern, Zucken, Haschen: / Wird es noch einmal Schein?”. Trata-se, ao que tudo indica, de um trecho do poema “Ihr tratet zu dem herde...” [Entrastes no rebanho...], publicado oito anos mais tarde, em 1928. Ali as palavras do poeta serão as seguintes: “Ihr tauchtet in die aschen / Die bleichen finger ein / Mit suchen tasten haschen — / Wird es noch einmal schein!”. Na tradução brasileira: “Nas cinzas mergulhastes / A mão esbranquiçada / Com tino e tato achastes — / Rubra brasa atçada!” (S. George, “Entrastes no rebanho...”. In: *Crepúsculo*. Sel. e trad. E. C Valadares. São Paulo: Iluminuras, 2012, pp. 106-107). (N. do T.)

revolução nova, mais profundamente fundamentada e internamente assegurada. Eles se ordenam ao redor da ideia de educação em prol de uma cultura revolucionária, assim como de um ensino em todos os âmbitos — tanto da orientação quanto da estruturação da personalidade — importantes para o revolucionário a serviço do movimento. Isto é: *do ensino de jovens e das escolas de agitadores*.

Os problemas levantados nesse âmbito reúnem as questões da revolução interior, em geral, com as do ensino e da formação num contexto novo, mas ainda a ser criado em grande parte.

Considerarei conhecidas as reivindicações por um fundamento técnico do novo ensino — tal como parecem já ter sido atendidas, em grande parte, na Rússia³. Permanece em aberto a questão de se, tendo apenas isso como base, já se pode conceber um ensino que satisfaça todas as inarredáveis pretensões de *harmonia*, de *amplitude do conteúdo* e de *aprofundamento interior*.

Primeiro se nos impõe a tarefa de capacitar as pessoas adequadas, de oferecer ao povo um profundo entendimento da natureza, do sentido e da inescapável imperatividade da revolução. A missão desses importantíssimos órgãos de trabalho preliminar requer a mais profunda compreensão própria e a capacidade de despertar a efetividade de todos os motes que, em geral, encarnam — nas massas, nos grupos e nos indivíduos — *o interesse pela superação daquilo que existe*.

A outra parte da tarefa é revelar, como um todo, *os mesmos* motes da juventude como sendo um elemento da alma humana resguardado em seu próprio interior; e, assim, franquear *em cada indivíduo da nova geração — em cada descobrimento dessa força revolucionária primordial em si mesmo* — a constituição de sua própria humanidade e as suas próprias possibilidades.

Para satisfazer essas necessidades indispensáveis, no entanto, é preciso recorrer a um plano e a um conteúdo de ensino

3. Cf. R. U. Cromberg, “Psicanálise na Rússia”. In: P. S. de Souza Jr. (org.) *A psicanálise e os leões*, vol. 1. São Paulo: Annablume, 2017, pp. 91-141 (N. do T)

completamente novos, transformadores da base e dos métodos fundamentais da educação. Para tornar compreensíveis o sentido e a necessidade da revolução, bem como seus milhares de motes — que se enraízam em todos os elementos da vida —, é preciso um *novo entendimento: o conhecimento do homem tal como ele realmente é*; a confrontação do homem e suas predisposições reais — suas possibilidades, valores e faculdades inatos e suas reais exigências para com a vida — *com aquilo que, nele, as condições existentes da organização social atual derribaram*. Só a partir de um conhecimento da sua natureza e do seu feitio próprios — interditados, caluniados e, por ele próprio, esquecidos — a reunião de todas as forças do protesto pode advir, ser elevada às alturas e ser mantida acesa pela indômita vontade do homem que *conhece* a si próprio de *ser* ele mesmo.

É por isso que acredito que todo ensino revolucionário — e, num futuro da cultura, *todo ensino* em geral — será construído sobre uma *dualidade de princípios de base*. Um deles foi considerado conhecido: o fator do método de ensino *prático-operacional* orientado para o domínio das coisas e para a aplicação dessa força. O outro aponta *para dentro, na direção do espiritual* e da valorização da profundidade anímica — indo até os mais elevados propósitos da cultura humana, *da liberdade das relações* —; na direção da terrível perda que todo homem sofre, esteja ele em que posição estiver e qualquer que seja a classe à qual pertença, a partir da existente organização social do poderio; na direção da aniquilação da sua pretensão à própria singularidade e à liberdade de contato com os outros.

Como um trabalho preliminar para essa mudança inevitável no domínio do ensino produz-se a reestruturação de todas as ciências humanas em geral — que, atualmente, consuma-se por meio da psicologia moderna do inconsciente.⁴

4. Cf. as obras fundamentais de S. Freud, A. Adler e W. Stekel; ademais, Paul Federn, “Die vaterlose Gesellschaft” [P. Federn, *Zur Psychologie der Revolution: die Vaterlose Gesellschaft* (Por uma psicologia da revolução: a sociedade sem pai). Leipzig/Wien:

A reconquista, através dos métodos psicológicos modernos, da porção da vida anímica tornada inconsciente — compelida ao recalque pela superintensa pressão vinda do exterior — significa, conduzida de maneira lógica e sem compromisso, o restabelecimento da humanidade pura através da libertação da influência da sugestão, da sedução e da constrição que alteram, deformam e restringem: ela significa, num encadeamento lógico, a *luta contra a adaptação em geral e, com isso, contra o princípio da autoridade sob todas as suas formas — pelo menos sob as formas existentes em nosso tempo, no interior da família e dos relacionamentos entre os seres humanos, bem como na relação com o Estado, com o capital e com a instituição.*

O autoconhecimento, nesse novo sentido — a expansão da envergadura da personalidade à extensão de seu tamanho natural (todas as forças perdidas e toda a liberdade perdida) —, mostra a cada indivíduo a terrível acepção, nele próprio, do *conflito que existe entre o anseio da própria humanidade pela vida e a constrição restritiva da ordem estabelecida.* Ele ensina o indivíduo a vivenciar, em si mesmo, a imensa perda que ele sofre através da adaptação à autoridade. Isto é: *ele lhe ensina o seu interesse pela chegada da revolução.*

Ensina, ao mesmo tempo, a gênese do que é incompreensível e perturbador na alma humana — sobretudo do despropósito em toda vivência e em todo fazer — a partir do conflito no interior, o qual suscita a incompatibilidade entre o ser e o querer próprios e os motes estrangeiros, vindos de fora por meio de uma pressão autoritária. *Ensina a reconhecer aquilo que, no próprio interior, é contrário à liberdade — como consequência do vínculo com uma organização social contrária à liberdade —; e através da busca por correlações de mesmo tipo, ele chega a eliminar da própria alma as forças obscuras cujo efeito, imperceptível e incessante, põe a perder as*

Anzengruber-Verlag, 1919 (N. do T.)] e um artigo do autor: “Três ensaios sobre o conflito interno”.

mais elevadas realizações de toda vitória revolucionária: o regozijo com a liberdade de todos e o fim do regozijo com o poder.

Apenas na expectativa de que o novo autoconhecimento de cada ser humano possa descobrir em seu próprio interior *o direito à revolução e os encargos do revolucionário, os encargos do próprio trabalho preliminar* — e de que possa existir uma cultura renascida como base e como conteúdo soberano —, é que a crença na renovação e na nova garantia da revolução será capaz de ser mantida. Tudo o que ainda existe em nós de esperança na humanidade repousa nele.

É por isso que a psicologia do inconsciente — como o cerne da nova vida do espírito e como complemento e contrapartida da formação técnico-prática — parece estar capacitada a tornar-se um fator soberano da educação e um tema dominante no novo ensino. Da mesma maneira que, a partir do aprendizado laboral técnico-corporal, a orientação sobre a natureza e o controle das suas energias devem ser desenvolvidos, a partir da nova psicologia do inconsciente devem ser evocados para a vida a nova espiritualidade, o espírito da revolução e uma cultura livre por vir.

II

O assim chamado método psicanalítico de *Sigmund Freud*, a técnica da psicologia moderna do inconsciente, é uma correção sistemática da existente fraqueza do órgão psíquico na elaboração, na integração e na reanimação de elementos de conteúdo intensamente afetivo de natureza tal que eles têm necessariamente de permanecer em uma contradição interna irredutível — ou melhor, aparentemente irredutível — com outros motes importantes da vida afetiva. A psique humana opõe uma resistência elementar à instauração de todo e qualquer conflito em seu próprio interior; mas, sob a pressão superintensa de influências geradoras de conflito vindas de fora, só consegue operar insuficientemente nessa resistência e só chega a um resultado

real desastrosamente despropositado: a exclusão dos conteúdos suscitadores de conflito da unidade coerente e fechada do material psíquico internamente perceptível e sempre redutível, isto é, do âmbito disposicional da consciência e da memória. Os motes impulsivos eliminados — essa é a grande novidade da descoberta — *não* são, por isso, absolutamente *excluídos da própria psique*, assim como do complexo conjunto de imbricadas influências internas, mas *unicamente do âmbito da consciência*, isto é, do âmbito dos efeitos controlados e reguláveis. *A soma de todos os ímpetos, vontades, aspirações e anseios, na medida em que estiver em oposição com os motes dominantes estabelecidos na consciência, será então recalcada num domínio extraconsciente do conjunto do funcionamento psíquico, mas continuará ali com um peso inalterado, conservada constantemente como uma energia afetiva motriz, porém despercebida e descontrolada — e, por isso, despropositada e desastrosa em eficácia.*

Os impulsos eliminados conservam inalienavelmente a tendência a se impor; a energia afetiva flui despercebida, ao longo das trilhas das associações, para os elementos de conteúdo mais próximos; os elementos reprimidos modificam superficialmente o seu conteúdo e abrem caminho, a partir do que esteve escondido, numa nova e irreconhecível configuração, rumo às correlações do acontecer anímico consciente. Por fim, eles entram em vigor, como forças psíquicas operantes, através de uma formação de falsos vínculos paradoxais e de compromissos forçados em relação às linhas diretrizes da consciência, mas sempre sem coalescência real com os motes ordenados da personalidade e sem relação com a regulação da adequação a um fim. É compreensível que, *através da perpétua intervenção latente de impulsões internas — que, de acordo com a sua natureza, estão em contradição com as da consciência —, nada possa ocorrer além de transtornos de feitio mais pernicioso, dilaceramento conflitual da alma em seu cerne e paralisia de toda a sua força motriz através de recíprocas vinculações das tendências fundamentais ordenadas uma em oposição à outra.*

A correção psicanalítica repousa numa técnica de lidar com as forças de obstrução — isto é, com as resistências afetivas contra a admissão de incompatibilidades suscitadoras de conflito — através do desvio por vias associativas mais distantes, menos expostas ao choque afetivo obstrutor, e que trasladam lentamente do material de conteúdo consciente ao material de conteúdo até então inconsciente.

Deste modo, mediante a progressiva dissolução dos afetos de defesa obstrutores, deflagra-se o material até então eliminado da admissão na consciência. Ele será, com isso, conduzido à regulação e à correção através do conjunto da personalidade, e liberado à sua consciência e à sua vontade para a resolução das aparentes contradições — assim como para a decisiva escolha criadora de unidade, nos casos de real incompatibilidade. O resultado do pretendido autoconhecimento inteiramente consumado por intermédio da psicanálise é, então, a capacitação do próprio indivíduo para a assunção do controle consciente próprio; a regulação de todas as energias motrizes absolutamente disponíveis, reunidas em seu interior e atuantes; a formação de uma função conjunta nova, mais ampla e encerrada numa unidade.

A enorme e esmagadora magnitude da fragmentação anímica e do querer paralisado que irrompe da empiria da psicanálise levanta uma questão que carrega em si mesma a sua resposta: *acaso seria uma completa impossibilidade supor que seja na predisposição natural do homem que poderiam ser procurados os fundamentos para o desenvolvimento da espantosa destruição da alma? Só pode ter sido o recalcamento das últimas consequências revolucionárias que impediu a breve iluminação desse axioma aos grandes da nova disciplina, sobretudo ao genial inventor do próprio método em desenvolvimento*⁵.

Na realidade, culminam como as mais profundas fontes do inescapável conflito pandêmico na alma humana os seguintes

5. Cf. meu artigo no *Aktion* de Berlim (vol. III, n. 20), de 14 de maio de 1913. [Trata-se de “O ‘Psicanálise’ de Ludwig Rubiner”, presente nesta coletânea. (N. do T.)]

motes, cuja condensada enumeração anunciará uma discussão para um próximo momento:

1. *A oposição entre as aspirações vitais da natureza humana, reais e verdadeiramente “inalheáveis” — até então excluídas da esfera da consciência como resultado do recalçamento, mas mais ou menos profundamente ocultadas, e que ficaram literalmente desconhecidas em sua essência —, e todas as normas estabelecidas;*
2. *A necessidade compulsória de uma adaptação — antinatural, portanto — através da assimilação, em seu próprio interior, de motes intimamente estrangeiros, mediante autoviolação e auto-engano, a ponto de aquilo que é estrangeiro e que fora sugerido pelos outros não se deixar distinguir mais em nada, subjetivamente, dos impulsos e das crenças de natureza próprias;*
3. *A enorme suscetibilidade da idade infantil em relação à imposição de normas e valores estrangeiros, resultante da enorme carência de amor — respectivamente, de contato — da criança, que faz da alternativa universalmente encurraladora “fique sozinho ou se adapte, igual aos outros” uma constrição absoluta, uma irrefutável ameaça com um arruinamento inescapável, também coloca justamente aqueles que são geniais — nos quais a infinita carência de contato está vinculada, numa unidade diferencial, com o insuperável apego ao seu próprio feitio inato — à mercê do poder e do bel-prazer das características burguesas, hoje em dia inteiramente dominantes em todas as classes, e isso justamente no único período da vida de completa indefensibilidade: na idade infantil. Logo, em resumo:*
4. A construção da sociedade sobre o patriarcado: a inépcia da humanidade, em sua ordenação de poder atual, para o comunismo matriarcal derradeiro.

TRÊS ENSAIOS SOBRE O CONFLITO INTERNO

[*Drei Aufsätze über den inneren Konflikt*, 1920]

Abhandlungen aus dem Gebiete der Sexualforschung,
ano 1919/20, vol. 2, n. 3.

I

Sobre conflito e relação

A nova maneira de pensar da psicopatologia reduz os transtornos anímicos a determinadas condições básicas *de conteúdo*; ela se apoia no conhecimento da típica posição de partida de constelações² nocivas dos conteúdos psíquicos, do *encontro de impulsos incompatíveis*. A origem desse saber foi a descoberta, por C. Wernicke, do condicionamento de supervalorizações afetivas à existência de *conflitos internos insolúveis*.

A verdadeira psicologia moderna — a doutrina *freudiana* do inconsciente — erige-se no conhecimento da alteração na imbricação das funções, da *clivagem da unidade da consciência pelo conflito interno*. Ela conta com *a ablação de complexos inconscientes, com o “recalcamento” como consequência de toda e qualquer incompatibilidade de impulsos inarredáveis com a posição geral da personalidade*.

-
1. As *Abhandlungen aus dem Gebiete der Sexualforschung* [Tratados na área da sexologia] eram editadas pela INGESE - Internationale Gesellschaft für Sexualforschung [Sociedade Internacional de Sexologia] e ficavam aos cuidados de Max Marcuse (1877-1963). Marcuse, que era dermatologista e um famigerado sexólogo, cuidou da publicação de 31 volumes, editados entre os anos de 1918 e 1931. Com a ameaça nazista, viu-se obrigado a fugir para a Palestina, na companhia do filho, em julho de 1933. (N. do T.)
 2. Cf. nota 4, p. 102. (N. do T.)

O tremendo significado, descoberto por *Freud*, do *sexual* para a vida anímica inconsciente reduz-se ao fato de que, ali, a contenda entre a *vontade própria indestrutível* e as *sugestões superpoderosas* — a soma de princípios morais e instituições existentes no âmbito da sexualidade — engendra, com absoluta inevitabilidade, o conflito interno insolúvel. O caráter fundamentalmente sexual da neurose *não* se encontra na essência verdadeira — pelo menos não na inata — da sexualidade, e sim no fato de que, por *fatores externos*, o âmbito da sexualidade se torna o verdadeiro âmbito da luta interna irremediável.

Freud emitiu o parecer de que a predisposição sexual originária do humano e a sexualidade primordial da criança seria “onisssexual”. Ela conteria em si a soma de todas as perversões possivelmente existentes. A orientação “normal” da sexualidade surgiria, pouco a pouco, através de um trabalho de contenção, através do recalçamento dos componentes parciais perversos. E esse recalçamento seria, segundo *Freud*, em última instância, um resultado da criação; um efeito da força da opinião geral; uma operação de adaptação — logo, um produto final de tudo aquilo que chamei de “soma de todas as sugestões”.

Os fatos em que *Freud* baseia essa opinião, na medida em que revelam a existência de todas as perversões possíveis na infância e no inconsciente de todo indivíduo, são incontestáveis. Só que as suposições fundamentais de *Freud* sobre a essência da *predisposição* sexual, sobre o feitio da sexualidade *inata*, têm de ser estritamente distinguidas disso; e confesso que eu, quanto a esse ponto, encontro-me em oposição à opinião do grande mestre.

Defino a perversão como transferência de energia pulsional sexual para algo que, em si, não tem nada de sexual; e presumo que toda perversão real — assim como, em última instância, todo transtorno anímico em geral — remonta a uma influência adversa *do exterior*, a uma *influência externa* contrariadora que vai de encontro às predisposições inatas do tipo de caráter inato e da individualidade. A soma de todas as perversões que, de fato, deixaram-se provar na alma da criança — na verdade, de toda

criança, sem exceção —, bem como no inconsciente de todas as pessoas em geral, é, na minha opinião, o resultado das nocividades atuantes — orientadas, de modo geral, no mesmo sentido — das sugestões universalmente circundantes, antinaturais, da família e do meio. Avento isso aqui, de antemão, como proposição e mais tarde retornarei a essas coisas de maneira mais detalhada.

Evoco a definição que dei³ do *conflito interno em si*: *é a luta, em nós, do próprio com o estrangeiro*.

Antes de tentar uma abordagem mais cerrada dessa definição, cumpre interpor uma consideração. Ela se refere à doutrina de *Alfred Adler* e à oposição entre as duas grandes escolas psicanalíticas: *Adler* e *Freud*. Uma oposição que, na minha opinião, em última instância, é apenas *aparente* e poderia dar lugar a uma complementaridade mútua, a uma combinação de ambas as orientações para a expansão do conhecimento do conflito interno.

A doutrina de *Adler* remonta, em última instância, a um aprofundamento psicanalítico da ideia *nietzschiana* de “vontade de potência”. Segundo *Adler*, isso é o princípio motor do indivíduo, da sua necessidade de fazer o seu eu valer, a todo custo e por todos os meios; e — esta é a novidade genial em sua doutrina — de *protestar, a partir do inconsciente, contra a repressão do exterior*. Segundo *Adler*, o fator sexual da psicose é, ele próprio, apenas simbologia — expressão simbólica para essa *tendência revolucionária, mas também violadora*. O que *Adler* nos ensinou — sobretudo a respeito da resistência interna da mulher à repressão, que é sina do seu sexo, e a respeito das formas de expressão psicológica e psicopatológica dessa resistência — é da ordem do mais profundo que um investigador pode captar.

Eu mesmo considero a “*vontade de potência*” — isto é, a “pulsão do eu” —, na sua figura de tendência à *violação*, como um fenômeno *secundário* e, em sentido derradeiro, já patológico; como a forma igualmente desvirtuada e hipertrofiada pela eterna repressão dessa pulsão original que chamei de “pulsão de conservação

3. Cf. “As inferioridades psicopáticas”.

da própria individualidade em sua natureza própria, ínsita”. Dou à pulsão, em sua forma *original* — logo, na forma não modificada pela resistência e pela supercompensação; logo, naquela em que ela *ainda não está orientada para a violação de outrem* —, o nome de “fator revolucionário”, no sentido psicológico.

Só consigo, agora, considerar possível — partindo exclusivamente de um *conflito* interno entre pulsões coexistentes, opostas uma à outra — que uma pulsão sucumba ao recalçamento e encontre, assim, uma expressão simbólica a partir do inconsciente, isto é: que crie, portanto, sintomas patológicos. *Só através da suposição de um conflito interno parece-me compreensível o fato da hipertrofia de uma pulsão*. E uma hipertrofia como essa contrapõe, de fato, a *vontade de potência* — a “pulsão do eu” violadora, no sentido de Adler — ao instinto de autoconservação *originário* que chamei de “fator revolucionário”.

Em outras palavras: a “pulsão do eu”, no sentido adleriano, a “vontade de potência” — em seu tremendo significado psicológico, devidamente reconhecido por Adler —, só é concebível como componente de um par de forças antagônicas. E a síntese do pensamento adleriano com o pensamento freudiano parece, então, possível e necessária, já que o outro componente do par de forças pulsionais identifica-se, por si só, com a sexualidade no sentido freudiano.

Teríamos, então, ambas as pulsões orientadas uma contra a outra: a *pulsão do eu e a sexualidade*. E entre essas duas estaria o conflito interno patogênico.

Porém, não é possível aceitar que, na *disposição originária* — predisposta conforme o específico da espécie —, poderiam existir duas pulsões cuja determinação natural seria entrar num conflito insolúvel e patogênico uma com a outra. Precisamos assumir aqui que o caráter originário das pulsões ínsitas é modificado pelas *nocividades externas* de caráter geral; que elas, mediante “emaranhamento pulsional” — conforme a expressão clássica de Adler⁴

4. Adler utiliza o termo *Triebverschränkung* em seu artigo intitulado “Der Aggressionstrieb im Leben und in der Neurose” [A pulsão de agressão na vida e na neurose], *Fortschritte*

—, entram em conexões inconscientes cada vez mais sólidas com impulsos reativos do indivíduo; que elas, através desses “emaranhamentos”, eu poderia dizer, vão degenerando com reações de desespero do indivíduo; que elas, através da luta com o mundo externo e da luta sem fim entre si, hipertrofiam — tornando-se, então, cada vez mais estimuladoras de conflito e sendo, por fim, o ponto de partida dos sintomas neuróticos.

O problema, então, se coloca: *como é que ocorre de as pulsões cardeais ínsitas, necessariamente coordenadas de modo harmonioso em seu caráter originário, transformarem-se em ambos os componentes pulsionais antagônicos que temos agora diante dos olhos: de um lado, como “vontade de potência”, enquanto “pulsão do eu” patológica, no sentido de Adler; e, de outro, como “ônisssexual”, uma sexualidade abarcando todas as perversões, carente de recalçamento e geradora de psiconeuroses, no sentido de Freud?*

Em outras palavras: dei anteriormente a seguinte definição — que deixarei, por ora, disposta como proposição —: *o verdadeiro conflito patogênico é o conflito, em nós, do próprio com o estrangeiro*. Então, buscando a síntese das doutrinas *adleriana* e *freudiana*, encontramos o seguinte: *o conflito interno primordial é o da pulsão do eu com a sexualidade*. Se ambas as suposições estão corretas, isso implica o seguinte: *a segunda forma mencionada é o resultado de modificações que o estado originário da vida anímica e o seu conflito interno mais originário — aquele entre o próprio e o estrangeiro — sofreram no contraste da adaptação com a resistência,*

der Medizin, 1908, vol. 26, pp. 577-584. Freud se vale do mesmo já no ano seguinte, quando escreve sobre seu “Pequeno Hans” (1909), mas também algum tempo depois, em “As pulsões e seus destinos” (1915). Podendo ser traduzida também por “entrelaçamento”, “cruzamento”, entre outros, optamos aqui pelo emprego do termo “emaranhamento” para verter a palavra *Verschränkung*, e isso devido a uma razão extemporânea: trata-se da tradução corrente para o termo na Física, sagrado em seu contexto pelo também austríaco Erwin Schrödinger (1887-1961) — quando da sua famigerada experiência mental conhecida como “O gato de Schrödinger” — e denotando uma conexão tamanha que faz com que dois ou mais objetos estejam tão conectados que um não pode ser analisado sem que o outro seja também afetado, ainda que ambos estejam localizados em dimensões espaciais distintas. (N. do T.)

através do “emaranhamento pulsional” e da hipertrofia das pulsões em sua luta recíproca. Resta o problema: sob que influências e segundo que mecanismos se dão essas modificações?

Diante da sexualidade originária, disposta conforme o específico da espécie, nós podemos, em resumo, dizer apenas uma coisa: *a sexualidade enquanto pulsão ínsita — e, portanto, também a sexualidade originária da criança — é pulsão de contato, nos sentidos físico e psíquico.*

A pulsão de conservação da própria individualidade, tal como eu a nomeio, é o instinto de defesa para a proteção de todo tipo de essencialidade ínsita, com as suas pulsões inatas; com a inclusão, naturalmente, da sexualidade em seu modo individual de conformação.

É evidente que *ambas as pulsões devem, primeiro, estar coordenadas harmoniosamente uma com a outra* — como todas as pulsões e predisposições originárias em geral.

A pressão do entorno age então, na criança, como compulsão à adaptação, isto é, como tendência à repressão da vida instintual. O entorno impede completamente à criança o contato, no sentido físico-sexual; *no sentido psíquico, ele vincula a perspectiva de contato* — já reduzida a um mínimo, quase a um sucedâneo, pela insignificante compreensão psicológica do adulto no que se refere à criança — *à condição de adaptação, de renúncia ao ser em sua conformação individual.*

Foi esse o acontecimento que caracterizei como “*isolamento da criança*” através das conjunturas existentes no meio⁵.

Vejo na solidão em que a criança é colocada a verdadeira origem de toda angústia neurótica e, com isso, do caráter peculiarmente angustiado e desesperado-imprudente que confere um cunho específico a todos os impulsos oriundos do inconsciente.

O primeiro conflito interno tornado necessário à criança, o conflito do próprio com o estrangeiro intrusivo, perde então a sua pureza, na verdade, já desde o princípio, por um emara-

5. “Sobre a simbologia da destruição”.

nhamento pulsional que interliga *um dos instintos próprios, a sexualidade, e uma tendência de adaptação a outros* — isto é, *uma prontidão para o acolhimento de sugestões estrangeiras. O instinto anímico de autoconservação deve, daí em diante, lutar não apenas contra as sugestões de fora, mas também contra a própria sexualidade enquanto tal, a qual começou a fornecer a energia afetiva para os conteúdos sugeridos.*

E, com isso, instala-se o verdadeiro “protesto” antisssexual, ainda no sentido de Adler. Ele é, segundo a sua própria essência, orientado para o isolamento. *A “pulsão do eu”, enquanto protesto antisssexual, é agora, a qualquer preço, o instinto de autoconservação; ela visa à conservação da grande solidão ao redor de alguém através de sua própria força.*

A existência e o itinerário dessa pulsão só são explicáveis através do seu antagonismo incessante com uma pulsão de mesma força, de ação permanente, orientada em sentido contrário: *antagonismo com a sexualidade enquanto necessidade de contato a qualquer preço, a qual absorveu em si mesma a pulsão de adaptação, a entrega do próprio eu a outros, o autossacrifício.*

Por conta de a sexualidade infantil ter assimilado em si o impulso de entregar seu próprio eu a outros, o impulso da submissão para evitar o isolamento, o fator masoquista tornou-se próprio dela. Podemos dizer que o masoquismo é a tentativa da criança de se identificar com a situação passiva a ela atribuída e conseguir, assim, por submissão, um certo contato com o entorno. *O motivo propulsor do masoquismo é o medo da solidão*, mas o medo da solidão é um mote que também deverá entrar em vigor ao longo de toda a vida. Nas conjunturas existentes, o tipo de relações recíprocas das pessoas umas com as outras — os fundamentos internos dessas relações também são, aqui, objeto da nossa preocupação — está corrompido em tão alto grau que a *alternativa entre ficar só e deixar-se violar* sempre confronta cada um durante toda a vida. A tendência infantil de, através da submissão, chegar a uma integração é, com isso, continuamente conservada. Ora, dissemos anteriormente que a tendência masoquista é uma

vontade de autorrenúncia e uma afirmação da situação infantil frente ao adulto. Na verdade, só raramente um ser humano fica tão solitário, de fato, em sua vida posterior, como ficou quando criança; mas uma criança ao menos ainda tem a *esperança* de um alívio dessa solidão ao preço da submissão. Através de uma recordação inconsciente dessa esperança fixam-se uma nostalgia e uma tendência de retorno ao infantil ao longo da vida. *Portanto, também podemos definir o masoquismo como o empenho em restabelecer a situação infantil em relação ao adulto.*

Podemos pressupor que o *masoquismo* — *originalmente e, talvez, em certos casos, por um período considerável de tempo* — *amalgama-se numa unidade com a sexualidade enquanto tal, enquanto necessidade de contato a todo custo.* Em contrapartida, a pulsão de autoconservação da personalidade, como componente antagônico, representa, em primeiro lugar, o protesto antisssexual enquanto tal. Só que, ademais, ocorre muito rapidamente de *a tendência infantil, através da submissão, chegar ao contato com os outros*; e também de ser puramente percebida *como insuficiente em relação à necessidade sexual.* A angústia da solidão, o próprio isolamento sexual, deve também dar origem à tendência a *querer forçar* o contato sexual — nem que seja na forma física grosseira; mas também, quando possível, em qualquer forma sucedânea de relação anímica. A criança tem o anseio desesperado de ser adulto: *essa vontade de ser adulto está, de acordo com sua essência, em exata oposição à situação das coisas no masoquismo; é um conteúdo soberano da tendência à autoconservação.*

Mas ser adulto — e, sobretudo, ser forte — também significa uma perspectiva de realização do desejo, de *poder forçar sexualidade em seu favor.* Assim se chega a um *compromisso entre a sexualidade e a tendência à autoconservação em sua forma hipertrófica; a um emaranhamento pulsional de sexualidade e vontade de potência.* São justamente o estado anímico da criança, a angústia da solidão e a sensação de impotência — que emprestam ao seu inconsciente um conteúdo de *ódio* e de *vingança* intimamente ligados ao medo — que conduzem aos traços de caráter geralmente mais

violentos e cruéis da tendência à violação. *O resultado da conexão da sexualidade com a vontade de potência — em sua essência, uma formação de compromisso entre o medo diante da solidão e a vontade de manter a solidão — é o componente pulsional sádico.*

Podemos dizer, então: através de pressão externa — através da alternativa, que circunda a criança, entre a entrega de si e a solidão — será criado, *em toda pessoa, um fator masoquista como expressão da insuperabilidade da necessidade de contato.* Em contrapartida, forma-se o “protesto antisssexual” como hipertrofia compensatória da pulsão anímica de autoconservação. Doravante, porém, chega-se a um *compromisso entre essa pulsão orientada para a conservação da solidão e a sexualidade*; em outras palavras: forma-se, também, um componente sexual parcial, no qual a conservação do próprio isolamento estabelece-se simultaneamente à vontade de vivenciar o sexual. A pulsão do eu hipertrófica — em sua natureza de resistência ao contato e estabelecimento do próprio eu em relação ao outro, ou seja, *“a vontade de potência” — ganha uma expressão sexual. Mas essa é, tomando a palavra em seu sentido mais amplo, a essência do sadismo. Constitui-se também, então, em cada pessoa, um fator sádico como expressão da invencibilidade da pulsão anímica de conservação. Assim, o grande conflito interior — originalmente o conflito entre o próprio e o estrangeiro — torna-se, então, conflito entre a sexualidade e a pulsão do eu, entre a tendência à entrega e a vontade de potência; e, por fim, como um todo, irá implicar-se e fixar-se no domínio do sexual, entre dois componentes pulsionais antagônicos de natureza sexual: o fator masoquista e o sádico.*

Ao conflito nessa forma derradeira remontam toda fragmentação interior do indivíduo e todo o eterno fracasso nas relações dos indivíduos entre si. A patologia da relação baseia-se na deformação sádico-masoquista das pulsões cardeais.

Dei anteriormente as definições: *a sexualidade, em sua forma original, é a necessidade de contato com os outros, nos sentidos físico e psíquico. E toda perversão é transferência de energia sexual para o que, originalmente, não é sexual.*

Além disso, voltei-me contra a concepção *freudiana* da onisssexualidade — que, desde a origem, abrangeria todas as perversões. Parece, agora, haver uma contradição entre essa minha opinião e a minha própria definição. Pois, de acordo com essa última, a sexualidade originária *contém o componente homossexual em si*.

Indaga-se, então, em que medida esse componente homossexual denota, de fato, uma perversão. Segundo a definição dada, cumpre-nos perguntar em que medida a orientação do componente homossexual encontra-se, de fato, no domínio delimitado pelas disposições originárias de conteúdos legitimamente sexuais. *Se algo pode ser prefigurado por uma disposição, determina-se através da existência ou da ausência de uma adequação biológica a um fim.*

Esse problema surge, portanto, *na medida em que no componente pulsional homossexual está posta uma adequação específica, um — sit venia verbo6 — fator teleológico.*

Creio que à sexualidade inata — logo, “normal” — está vinculado um componente homossexual, cuja função é possibilitar a empatia com a posição sexual do outro gênero. Isso porque só se pode ter empatia com algo que já se experimentou internamente; e isso significa — no caso da empatia com sensações sexuais do outro gênero — deixar entrar em vigor, *em si mesmo*, uma motivação parcial *homossexual*.

O lugar para onde a adequação biológica desse processo aponta é mais bem compreendido caso se tenha em vista a *repressão* inevitável da empatia sexual com o outro sexo, que se deu com a *repressão* do componente homossexual. Resulta então que, *através desse decurso de recalçamento, fica impossibilitada, de início, a vivência da situação sexual como uma comunhão, uma ação global vinculadora; logo, no decurso sexual de um, o outro só pode ser sentido como instrumento de sua satisfação, a quem os próprios fazer e sentir sexuais são negados e de quem são apartados pela tendência ao recalçamento que se orienta contra o próprio compartilhamento — enquanto um mote homossexual.* E só isso já é quase

6. Do latim: “com o perdão da palavra”. (N. do T.)

o bastante para o esclarecimento da temível universalidade do fenômeno para o qual *August Strindberg*⁷ encontrou a seguinte expressão: “*O ódio de um gênero contra o outro não tem nomes, não tem limites, não tem fim*”.

A repressão e o recalçamento *do componente parcial homossexual inato* — eu o chamo, *em sua forma original*, de “*homossexualidade primária*”, em oposição à sua forma de manifestação “*secundária*” modificada e deformada por emaranhamentos pulsionais complexos — ocorrem primeiro, em algum momento, através de sugestões morais do entorno orientadas em sentido contrário ao seu. A soma de todas essas sugestões em si — enquanto puro corpo estranho anímico — seria ainda capaz de uma extrusão ulterior. No entanto, devido a cada tentativa de eliminação, encontram-se infinitamente dificultados os eventuais *emaranhamentos pulsionais de componentes homossexuais com perversões reais; sobretudo, com o complexo de forças sádico-masoquistas e com a perversão para a qual Freud encontrou o conceito e a expressão de “erotismo anal”*.

Queremos discutir aqui, em primeiro lugar, o *emaranhamento pulsional da homossexualidade com o erotismo anal* — o qual, por razões que serão discutidas em seguida, só é de grande importância para o homem —; e, então, retornar mais estritamente ao problema da homossexualidade e suas correlações profundas com o nosso verdadeiro tema, o complexo de forças sádico-masoquistas e os transtornos de relação.

Pode-se colocar num certo paralelo a gênese do erotismo anal e a do masoquismo. Pode-se dizer que o *masoquismo* é, antes de mais nada, resultado e fixação do rebaixamento que o fator *psíquico* da necessidade de contato experimenta; o mesmo vale para o *erotismo anal*, em relação ao fator *físico* da sexualidade.

7. August Strindberg (1849-1912) — autor do famigerado *Senhorita Júlia* (1888) — é considerado, ao lado de Henrik Ibsen (1828-1906), o maior escritor escandinavo. É responsável por textos que, problematizando a sexualidade e as convenções sociais, colocam em cena o embate entre classes e gêneros, trazendo à tona as alternâncias entre desejo e proibição e entre dominador e dominado. (N. do T.)

O deslocamento da energia sexual para o âmbito da região anal e das funções excrementícias — logo, segundo minha terminologia, para um *âmbito*, pela sua predisposição e segundo a sua essência, *não sexual* — será compreensível caso tenhamos em vista o que se segue. O físico-sexual, na criança, na medida em que reconhecível como tal pelo entorno — isto é, precisamente na medida em que concentrado, segundo as predisposições, nas regiões e funções naturais da sexualidade — será reprimido por todos os meios e conduzido ao maior recalçamento possível. Ao contrário, as funções excrementícias não se deixam ser nem reprimidas nem recalçadas. Nesse âmbito, a criança precisa de ajuda da parte dos adultos durante um período de vida mais longo; e chega a ter com eles, nesse âmbito, certo contato corporal. A necessidade de contato sexual da criança, capturada no recalçamento através da repressão por parte do entorno, subtrai-se assim ao controle da consciência e, com isso, furta-se à possibilidade originária de correção em relação aos extravios; onerada com a sugestão de negação moral — com isso, em si já rebaixada em nível —, está assim preparada para o deslocamento da sua energia sexual para o único âmbito no qual o contato físico com o entorno é possibilitado e oferecido: para o domínio dos cuidados com o corpo e suas intimidades. E para a criança, em certo sentido, a transferência das sensações sexuais para o âmbito do erotismo anal torna-se condição para poder ainda vivenciar algum contato físico-sexual com o entorno enquanto tal, nem que o mesmo seja substitutivo. E ademais: do inconsciente do adulto ao da criança, o erotismo anal — que, por sua vez, existe latente no adulto — vem ao encontro do desenvolvimento correspondente na criança.

A propósito, devido a razões corporais, a única *ancoragem* plena de consequências *do erotismo anal na homossexualidade* só existe no homem, naturalmente, visto que a *expressão* duradouramente fixa, plenamente desenvolvida *dessa ancoragem* é, evidentemente, a *pederastia*. *A essência da pederastia é a fusão de três motes pulsionais especiais: a homossexualidade em si, o erotismo*

anal e a representação simbólica de um gênero pelo outro. (Mais adiante, num outro contexto, iremos falar sobre esse último fator). Como resultado desse emaranhamento pulsional — especial, tipicamente simbólico e *fixado num gesto sexual específico* — da homossexualidade com o *erotismo anal no homem, o recalçamento da homossexualidade é, também nele, mais radical e intenso* do que na mulher. E, a meu ver, também é só no homem que o recalçamento da homossexualidade tem essa qualidade especial de *náusea*.

Retornamos, agora, ao nosso tema mais estrito.

Dissemos que *a homossexualidade, originariamente e segundo a sua predisposição, não só não está posicionada antagonicamente à heterossexualidade como também denota, pelo contrário, um componente auxiliar*. Vemos, porém, que esse estado de coisas, no decorrer das modificações que configuram a sexualidade na trajetória do seu desenvolvimento, transforma-se no seu completo *oposto*. De fato, encontramos, segundo a regra, o *componente heterossexual e homossexual como estando no mais agudo antagonismo concebível*. O problema agora é saber por que meios esse antagonismo se cria e em que medida o seu estabelecimento se conecta numa interação com o par de forças opostas sádico-masquista.

A mais importante definição psicológica da homossexualidade de que dispomos, até então, é a de *W. Stekel*: “A neurose homossexual” — diz ele em sua grande obra sobre onanismo e homossexualidade⁸ — “é uma fuga em direção ao próprio gênero condicionada pela posição sádica em relação ao gênero oposto”. Creio dever acrescentar: posição sádica *ou masquista*. Veremos que essa alternativa será necessária para adaptar a definição de *Stekel* à homossexualidade *da mulher*.

Consideremos, por ora, o caso em que, na *heterossexualidade de um homem*, o componente sádico chegou a um desenvolvi-

8. W. Stekel (1917/1921) *Onanie und Homosexualität: die homosexuelle Neurose*. Bremen: Bremen University Press, 2014. Disponível em: <https://archive.org/details/Stekel_1921_Onanie_2te_k>. (N. do T.)

mento intenso. Em se admitindo que essa orientação pulsional não chega absolutamente a dominar a vida anímica inteira — logo, que *não* surge uma perversão consciente, completa —, então precisa entrar em vigor o impulso à *fuga frente ao impulso sádico* e à sua *supercompensação através do contrário*. Ora, a *fuga* ante a perversão acontece, *de um lado*, na direção do *masoquismo*; mas, *de outro*, igualmente — já que admitimos uma orientação heterossexual do sadismo —, na direção da sensibilidade *homossexual*. Nesse caso, *homossexualidade e masoquismo* seriam, então, a meta de Uma tendência *pulsional* e os efeitos de Uma causa primordial. É por isso que é óbvio que entre esses dois motes, a *homossexualidade* e o *masoquismo*, ocorre um *emaranhamento pulsional*; que uma *homossexualidade de índole masoquista* vai emergir. Particularmente se, como no caso dado, ainda através de fatores gerais típicos atuantes, se estabelecer uma *correlação interna entre homossexualidade e masoquismo*. Tomaremos conhecimento, adiante, de momentos típicos como esses⁹.

-
9. Dou como exemplo de fuga do sadismo heterossexual para a homossexualidade uma análise de sonho característica.

Em um paciente com neurose de angústia que recentemente tive a oportunidade de tratar, apareceu o seguinte tipo de sonho repetido muitas vezes.

Tratava-se de dois sonhos numa mesma noite — cujos conteúdos estão, segundo a constatação de *Freud*, legitimamente em íntima correlação —: um sonho era heterossexual-sádico e o outro, homossexual.

Darei um exemplo de duplo sonho desse tipo:

1. Ele está atravessando uma campina com a sua namorada. O local é de uma beleza singular; sente-se estranhamente unido com a mulher. Diz a ela: aqui é como no Paraíso. Fica parado à beira de um curso d'água, olhando os animais que estão na água. Na borda do riacho há *minhocas* enormes.

De repente, tem um sentimento que o aflige; sente uma solidão opressora. A mulher se afastara dele; ele vai atrás dela, mas a atmosfera anterior não está mais lá. Eles começam a falar que o tempo urge, que não podem mais ficar ali; ele se sente só e oprimido por essa conversa. Acorda com angústia e excitação sexual.

2. Ele está sentado à mesa de uma hospedaria; ao seu lado estão pessoas jovens; reconhece nelas os seus antigos colegas. Um deles se curva em direção a ele e beija-lhe a boca.

Associações a propósito das minhocas: o paciente viu minhocas assim tão grandes há muitos anos, no Brasil. Em seguida: bem pequeno, tinha o costume — quando brincava de cavar na terra — de cortar as minhocas em dois e se alegrar com o fato de que as duas

Ou admitamos que, na *heterossexualidade de uma mulher*, o *masoquismo* alcança a intimidade dominante; logo, é óbvio que será posta em vigor — como defesa contra a própria tendência à submissão ao homem, *de um lado* — uma supercompensação na forma da *vontade de potência* (ou seja, da *posição sádica*) e, *por outro*, uma *fuga para a sensibilidade lésbica*. Surgiria, então, um *emaranhamento pulsional da vontade de potência com a sensibilidade lésbica*, especialmente se aqui também, assim como no caso suposto, típicos fatores psicológicos intermediarem a *correlação interna de ambos* os componentes pulsionais.

Em outras palavras, trata-se de saber qual componente do complexo de antagonistas sádico-masoquista se associa, conforme a regra, com a heterossexualidade; e qual, com a homossexualidade. Em que condições e por quais motivos ocorre num caso uma combinação e, em outro caso, outra. Veremos que essas combinações não dependerão tanto dos eventuais destinos individuais, mas essencialmente, ao contrário, da *organização em dois grandes grupos típicos*. *Elas são tipicamente diferentes para o homem e para a mulher*.

Estamos nos aproximado aqui de um fator cuja revelação denota uma das grandes descobertas de Alfred Adler. *Através dele nós sabemos que os conceitos de “homem” e “mulher”, para o inconsciente, enquanto reflexo das instituições existentes na sociedade e na família, costumam ser tomados com o significado de “superior” e “inferior”. Esse fator se torna, como precipitação anímica do estado de coisas existente, a relação recíproca dos gêneros com um símbolo da dominação, ou seja, da situação de submissão.*

partes se mexiam. Em seguida, com uma angústia vívida, toda uma série de impulsos sádicos da mais tenra infância.

O restante do conteúdo do sonho não precisa de maiores esclarecimentos. Em correlação, vemos como o aparecimento do mote impulsional sádico frustra o sentimento da relação com a mulher e engendra uma angústia vívida; e como o sonhador, voltando a dormir — diante do próprio fator sádico e, com isso, sobretudo diante da heterossexualidade —, fugiu para uma fantasia homossexual.

Sobre a homossexualidade como encobrimento do sadismo heterossexual, cf. o convincente W. Stekel, *Onanie und Homosexualität*. [cf. nota 8, p. 201. (N. do T.)].

Com essa determinação praticamente legal — a lei *adleriana* do símbolo —, a *expressão simbólica típica*, o típico gesto fixo dos dois componentes do complexo sádico-masoquista, está dada por si mesma. A *“pulsão do eu”, a vontade de potência e violação e o sadismo misturam-se e identificam-se, em ambos os gêneros, com o leitmotiv “querer ser homem”; e a necessidade de contato e de entrega, a tendência à submissão, o masoquismo — em substituição à sua simbologia originária: “querer ser criança” —, com o leitmotiv “querer ser mulher”.*

Disso resulta, então: *no homem, o componente sádico é heterossexualmente orientado; e o componente masoquista, homossexualmente. Na mulher o componente masoquista é heterossexualmente orientado; e o componente sádico — ou, melhor dizendo aqui, o componente ativo voltado para a conservação da personalidade —, homossexualmente.*

Saliento que aqui se trata apenas do tipo dominante, isto é, do acontecimento no subconsciente do não perverso.

Se a expressão típica necessariamente dada da necessidade de submissão for “querer ser mulher”, então o masoquismo do homem deve necessariamente, num primeiro momento — mais adiante falaremos do retorno, em direção ao outro gênero, do componente emaranhado homossexualmente —, assumir o seu traço essencial homossexual. Podemos compreender da melhor maneira possível todo o âmbito da *homossexualidade passiva* do homem, não importando em que grau de manifestação (respectivamente, de domínio da consciência) ela possa se revelar — e, da mesma forma, fundamentalmente, *todo masoquismo no homem — como emaranhamento pulsional da homossexualidade com o componente masoquista.*

E se a expressão típica necessária da pulsão do eu for querer ser homem, então *a pulsão do eu da mulher*, em todos os graus de sua formação — seja como sadismo verdadeiro, como vontade de potência ou, muito simplesmente, como pulsão de autoconservação da personalidade no sentido estrito —, deve inevitavelmente se fixar no *emaranhamento pulsional com a homossexualidade.* O

componente homossexual na mulher desempenha o seu papel dominante mais capital como realização do “*protesto*” contra a repressão da mulher que ocorre em sua situação atual; e, através do caráter de protesto, o fator lésbico aufere sua característica psicológica singular. Mas cumpre aqui ressaltar uma vez mais: o mote de protesto lésbico não se orienta apenas contra a repressão de fora, mas também, sobretudo, contra o impulso, no próprio interior, de ir ao encontro dessa repressão — logo, contra a própria tendência masoquista, especialmente heterossexual-masoquista, à entrega¹⁰.

Vamos resumir o que foi dito. Sob a pressão do entorno, da compulsão à adaptação como condição para o contato e da angústia diante da solidão, as tendências pulsionais antagônicas transformam-se, a partir das pulsões cardeais originárias — da necessidade de contato (da sexualidade primária) e da pulsão de conservação da própria personalidade —, em interrupção da solidão ao preço da submissão (o masoquismo) e em estabelecimento da própria personalidade ao preço da conservação ativa da própria solidão, mesmo na sexualidade, através da violação do objeto sexual (o sadismo).

Portanto, assim se forma o complexo de antagonistas sádico-masoquista como expressão dominante do conflito interno. Através do emaranhamento típico com a posição homossexual ou heterossexual, os impulsos sádico-masoquistas adquirem a sua configuração ulterior em diversos sentidos. Sob a influência do atual lugar singular da mulher através do qual, para o inconsciente, os conceitos de “masculinidade” e de “feminilidade” tornam-se símbolos das relações de dominação e de submissão —, a necessidade de submissão, no homem, e a pulsão de autoconservação e a vontade de potência, na mulher, adquirem necessariamente a sua expressão simbólica através do mote homossexual. E, com isso, o complexo de antagonis-

10. A psicologia da motivação lésbica encontrou pela primeira vez sua expressão, ao que me consta, de uma forma que abarca toda a profundidade do problema, no poema “Lesbos” de Ch. Baudelaire. [Cf. Ch. Baudelaire, “Lesbos”. In: *As flores do mal*. Trad. I. Junqueira. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 1985; pp. 497-504. (N. do T.)].

tas sádico-masoquista assume a forma de dois pares de forças típicos diferentes para ambos os gêneros: no homem, sadismo heterossexual e homossexualidade passiva; na mulher, masoquismo homossexual e homossexualidade ativa.

Esse é, a meu ver, o desenvolvimento típico do grande complexo de antagonistas. É muito evidente que *todas* as formações do inconsciente e as pulsões ancoradas no inconsciente são, elas próprias, sempre o ponto de partida de um desenvolvimento ainda maior, transformador e, como sabemos, compensatório e contrastante. As posições fundamentais que tentamos formular no homem e na mulher estão bem fixadas nas profundezas como fatores eficientes e orientadores; no entanto, o posterior desenvolvimento da vida interior também gera o aparecimento de manifestações opostas, frequentemente controladoras do acontecimento exterior.

Operam como fatores de modificação, sobretudo, aqueles que desencadeiam, em casos individuais, a constituição de uma *homossexualidade manifesta e total*. Quais fatores, em termos de causa, estão aqui em questão — defesa contra o incesto, supercompensação especial — não faz parte do nosso limitado escopo. Tanto que não é difícil entender: onde a sensibilidade sexual menos tiver passado para o lado da homossexualidade, lá não há mais diferença de posição, em termos de eficácia, entre componente sádico e componente masoquista. Nos casos de total homossexualidade, cada um dos componentes do complexo de antagonistas orienta-se no sentido dos dominantes. Teremos de tocar mais uma vez nessa questão de maneira breve.

Além do mais, certos motes *persistentes* da vida *infantil* e das situações *infantis* podem operar *como fatores modificadores* da típica posição fundamental. Parece que *um número de indivíduos, por uma espécie de atraso de desenvolvimento, não consegue absolutamente chegar a abordar o verdadeiro grande problema do adulto: a questão da mútua relação dos gêneros e a controvérsia entre os motes de poder e luta entre os gêneros*. Para a orientação

inconsciente *desses* indivíduos *não* entra em vigor a relação de poder e submissão entre homem e mulher, e sim o problema soberano do período *infantil*: a relação de poder entre *a criança e os pais*, ou melhor, entre *a criança e a mãe*, como *mote persistentemente condutor*. Nesses casos, *em contradição com a lei adleriana do símbolo*, a *mãe* — ou melhor, a *mulher* — *pode funcionar como símbolo de superioridade*; logo, a *mulher* *passar a objeto das tendências à submissão*.

Nas *mulheres*, essa persistência dos símbolos maternos resulta no *masoquismo lésbico*.

No *homem*, o persistir da mesma simbologia — a simbologia de potência feminina — tem como resultado imediato um *masoquismo heterossexual*. A meu ver, *esse masoquismo heterossexual primário* — *em oposição à típica forma secundária*, cuja complexa gênese será discutida mais adiante — *parece-me*, numa parte dos casos, maximizar-se *ele próprio* em *perversidade severa*; em outros, através de uma supercompensação absoluta, *inverter-se e metamorfosear-se num total bloqueio da relação com a mulher*. Nesses casos, *a vontade de potência* desenvolvida como supercompensação *é depois deslocada para o âmbito da homossexualidade* — de maneira que, no homem, resulta em *puros casos de homossexualidade total ativa (sádica)*. Pretendo abordar esses problemas de modo mais preciso num trabalho posterior.

Além disso: assim como num caso sobressaem modificadas as *repercussões do infantil*, no outro são as *realidades da vida em que o adulto ingressa* que, enquanto urgências práticas, inclinam-se contra certas orientações da sensibilidade no inconsciente — ou melhor, conspiram para a sua supercompensação. *Enquanto acontecimento regular*, um processo como *este se consuma na típica relação de homem com homem*. Não é possível que essa relação — falo aqui do desenvolvimento geral, do lugar em que a homossexualidade funciona apenas como impulso inconsciente e mote de conflito latente — permaneça exclusivamente ditada pela *posição masoquista passiva*. O persistir de uma disposição como essa seria tão nocivo, para o indivíduo

em questão, em suas condições de vida; determinaria para ele uma tamanha *sucumbência na briga por um lugar na vida*, que ele teria de chegar ao declínio ou à *correção através de fatores supercompensatórios*. É claro que esse desenvolvimento ulterior não se desenrola mais na forma de *motes sexuais* reconhecíveis enquanto tais. *Pelo contrário, esses processos são mais efetivamente lugar das lutas por poder e prestígio da personalidade, cuja representação clássica Adler delineou para nós.*

Regressamos ao nosso verdadeiro problema: *a relação mútua dos gêneros e a sua troca de influências com os grandes fatores patogênicos típicos, com o complexo de antagonistas sádico-masoquista e com as suas formas típicas no homem e na mulher.*

Vejo, nesse acontecimento, uma típica correção da homossexualidade que se consuma, uma vez mais, na forma de uma formação de compromisso. No decorrer do desenvolvimento, na grande maioria dos seres humanos — a todos para os quais não se apresentam disposições psíquicas muito particulares, notadamente conflitos particularmente intensos com posições particularmente intensas e, em especial, posições incestuosas fortemente reprimidas/recalcadas de feitio heterossexual —, a extensividade e a intensividade preponderantes da sensibilidade heterossexual, pela predisposição, entram em vigor de forma dominante. Ora, o componente homossexual, em sua *forma primária conforme à estrutura* — como já foi dito — não mantém, de modo algum, uma relação antagonica com o heterossexual; ele próprio representa, pelo contrário — segundo sua determinação biológica — um componente de apoio do mesmo. *Só que a homossexualidade não se conserva mais na sua forma primária em nenhum indivíduo; ela foi modificada pelos emaranhamentos pulsionais de que falamos e, nessa forma “secundária”, permanece no mais absoluto antagonismo com a sensibilidade heterossexual.* Entre homossexualidade e heterossexualidade será criado, praticamente em todos os seres humanos, um estado de absoluta *incompatibilidade*. A partir de então a *correção* desse estado ocorre, a meu ver, *de duas maneiras.*

*Ou o componente heterossexual vai ser transferido para o objeto homossexual, mantendo o seu caráter qualitativo — são esses os casos de homossexualidade total —, ou acontece o inverso: o fator homossexual, na compleição qualitativa por ele conquistada no decurso do seu desenvolvimento, vai ser substancialmente orientado para o objeto heterossexual*¹¹.

*Nós formulamos anteriormente as duas formações típicas do grande complexo de antagonistas para ambos os gêneros: no homem, sadismo heterossexual e homossexualidade passiva; na mulher, masoquismo heterossexual e homossexualidade ativa. A partir dessas premissas consuma-se a retroinversão como transferência de ambos os componentes homossexuais para o outro gênero. Logo, no homem, masoquismo homossexual originário vai se orientar substancialmente para a mulher; e, na mulher, a atividade lésbica, para o homem*¹².

Através dessa retroinversão dos componentes homossexuais, o complexo dos grandes antagonistas encontra-se reconduzido, em sua totalidade, à heterossexualidade; o conflito interno se desenrola, dali em diante, dentro do âmbito heterossexual. O par pulsional cardeal em que o conflito interior vai se sustentar terá concluído, assim, a

11. Sobre existência e essencialidade de traços homossexuais na posição objetual heterossexual, serve de orientação a obra-prima de W. Stekel, *Onanie und Homosexualität* [Cf. nota 8, p. 201. (N. do T.)].

12. O conto — completo, em termos psicológicos — de H. H. Ewers, “Der Tod des Barons Jesus Maria von Friedel” [A morte do Barão Jesus Maria von Friedel] (na coletânea *Die Besessenen* [Os possuídos]), oferece um franco delineamento de um estado anímico singular como esse. Ele se ocupa da vida anímica de um homem que, periodicamente, sente-se como uma mulher e apresenta-se também como travesti; enquanto que os outros períodos deixam sobressair o caráter contrastante, de modo que advém um “*second état*” [segundo estado], com base numa sensibilidade sexual ambígua. Em seus períodos femininos, esse homem orienta-se para as mulheres lésbicas. Para nós é importante que (nesse estado anímico interior) o referido sente-se como uma mulher, e é como tal que experimenta, qualitativamente, as sensações — enquanto que a sua escolha objetual permanece heterossexual. [Cf. H. H. Ewers (1908) “Der Tod des Barons Jesus Maria von Friedel”. In: *Die Besessenen: Seltsame Geschichten*, 5ª ed. München/Leipzig: Georg Müller, 1909, pp. 223-292 (N. do T.)].

sua formação de conteúdo e atingido a sua forma típica definitiva para os não perversos.

Doravante, *nos dois gêneros ambos os componentes* do complexo de antagonistas sádico-masoquista *estão orientados para o mesmo objeto* — o heterossexual — e, com isso, estão *imediatamente orientados um contra o outro*, como forças opostas imediatas supercompensatórias, opostas uma à outra e diretamente concorrentes entre si.

E com isso nos aproximamos do verdadeiro problema da nossa investigação. Indagamo-nos: *que significado tem a importação dos componentes do grande conflito interior que se tornaram homossexuais para a relação recíproca entre os gêneros?*

Primeiramente é preciso reconhecer que o que está sendo levado em conta aqui é um processo de *supercompensação corretiva*. O masoquismo do homem voltado para o objeto heterossexual antagoniza, doravante, com o seu sadismo heterossexual; e a atividade lésbica da mulher, orientada para o homem, com o masoquismo heterossexual.

Como vimos: o masoquismo do homem tem a tendência fundamental de “querer ser mulher” e a atividade lésbica da mulher, a denotação fundamental de “querer ser homem”. *Na importação desses componentes para a relação recíproca entre homem e mulher jaz uma tendência à compensação em relação à diferença dos gêneros.*

E essa tendência à compensação tem um significado teleológico do mais alto grau. Temos de ponderar que os tipos psíquicos “masculinidade” e “feminilidade”, tal como hoje os conhecemos, são um produto artificialmente criado, o resultado da adaptação às conjunturas existentes. A atual ordenação familiar ainda continua condicionando a dependência da mulher em relação ao homem. Ela tem, como condição fundamental, a vontade de potência — na relação sexual do homem com a mulher — e a tendência à submissão — da mulher em relação ao homem —; e cria, com isso, uma adaptação de ambos os gêneros à forma de relação recíproca que lhes é imposta. Em outras palavras: o

sadismo do homem e o masoquismo da mulher — pela pressão das relações existentes e pela exitosa transfiguração da sensibilidade sexual que resultou dessa pressão — passam a ser os traços essenciais característicos dos tipos “masculinidade” e “feminilidade”, tal como hoje os conhecemos.

Que a formação de ambos os tipos opõe-se, de modo absolutamente impeditivo, ao mais profundo senso verdadeiro do indivíduo e da relação — no sentido de rematar o amadurecimento das próprias predisposições de acordo com a personalidade e de obter contato íntimo e recíproco —, isso é evidente. Que ela represente um corpo estranho eternamente incômodo para a aspiração inata e inalienável da natureza humana, comprovam-no as tentativas desesperadas do inconsciente em direção à sua correção ou supercompensação.

A implicação do masoquismo no homem e da atividade lésbica na mulher na relação *recíproca* — logo: a tendência de cada uma de ambas as partes a se identificar com o *outro* gênero — significam, no entanto, uma aspiração não apenas à compensação, mas também à *inversão* da relação de dominação e submissão existente. Com isso, eles anseiam — como todos os componentes pulsionais classificados em complexos de antagonistas — *para além do verdadeiro sentido biológico, da real adequação biológica a um fim*. É a essência e o conceito da supercompensação.

Logo, a atividade lésbica da mulher, transferida para o homem, opera dentro da relação recíproca de uma maneira dúplice: por um lado, como vontade de equidistribuição; e, por outro, como pulsão hipertrófica supercompensatória — e, além do mais, como “vontade de potência” e como protesto antisssexual. Enquanto vontade de equidistribuição dos gêneros, essa tendência é o baluarte de todas as aspirações da mulher, as quais estão orientadas para a diferenciação do espírito e para o franco desenvolvimento da relação recíproca. Em sua forma hipertrófica, ela denota o medo constante, que independe de motivos reais, de uma possibilidade de dominação — o medo da própria ten-

dência masoquista — e exclui, com isso, derradeiramente, as possibilidades de uma relação sentimental integral e imediata.

O masoquismo do homem, transferido para a mulher, conduz, por um lado, a um compromisso com o protesto da mulher e torna-se, contudo, em muitos casos, a expressão supercompensatória de uma necessidade de contato por causa da equidistância. É esse o gesto resignado do homem que renunciou ao reconhecimento de sua própria pessoa na relação.

Por outro lado, está na essência de toda pulsão supercompensatória, pertencente a um complexo de antagonistas, que ela própria mantenha os seus antagonistas despertos. Em outras palavras: a tendência masoquista do homem, enquanto uma *desmesura* — um fator elevado para além da equidistância dos gêneros — engendra uma pressão contrária no próprio interior; ela não deixa se apaziguar a pulsão de autoconservação, constantemente ameaçada pela própria tendência à devoção; e fica repetidamente trazendo a pulsão à superfície como impulso de autoproteção exagerada, de defesa ou de vingança.

Está na essência da tentativa de correção por supercompensação que ela, por fim, só possa sempre culminar na luta dos extremos, e não num equilíbrio anímico — nem no interior do indivíduo, nem na relação dos indivíduos uns com os outros. E, no entanto, nela está o que temos de melhor: o anseio por relação.

II

Sobre solidão

No que se segue está textualmente reproduzido um artigo popular da *Kosmos*, o qual acabo de ter em mãos; ele se refere aos resultados de pesquisa de um pediatra, o prof. *Ibrahim*, que me parecem cruciais para os nossos problemas.

Encontramos, numa antiga crônica, uma história curiosa. Frederico II, o romântico imperador Hohenstaufen, lançou um dia a pergunta de como é que crianças que jamais tivessem ouvido uma palavra falada compreenderiam umas à outras. Para resolver essa questão, fez com que um certo número de bebês órfãos fossem criados por amas, com a recomendação de cuidá-los da melhor maneira possível, mas sem nunca dirigir a eles uma palavra ou uma carícia sequer. A pergunta do imperador permaneceu sem resposta: as crianças morreram. Elas, diz o cronista, não conseguiam viver sem a ovação e os gestos, as expressões amigáveis e as carícias das suas cuidadoras. É por isso que chamam as cantigas que a mulher canta para a criança, no berço, de *Ammenzauber* [encantamento de ama].

Pode-se duvidar da verdade dessa história; a sua veracidade é provada pela ciência moderna. Sem amor, criança alguma pode viver.

Mais do que nunca, nesses anos de guerra, milhares de mães precisam ir atrás de seus afazeres profissionais — deixando os seus filhos, mesmo na mais tenra idade, sob custódia alheia. Para receber os bebês órfãos, foi aberto um grande número de creches, lares e berçários. A maioria deles é gerida de forma impecável. Ficam sob vigilância médica; estão equipados com todas as instalações técnicas e higiênicas de cuidado infantil; contam com provisão de alimentos; são administrados por um pessoal preparado. E, no entanto, se permanecem ali por muito tempo — notadamente nessas grandes instituições —, as crianças não se desenvolvem, nem de perto, tão seguras e fortes como quando sob custódia materna, mesmo que esta esteja bem atrás daquelas na fartura de meios. Mesmo sob os cuidados de uma única mulher estranha, a dita mãe postiça, o resultado da criação é melhor — ainda que não seja com um zelo tão impecável quanto o de até poucos anos atrás nas instituições públicas. Nelas as crianças sucumbem, quase que completamente, numa

languidez insidiosa; uma doença que se designa como “doença de hospital”, hospitalismo, e que, no caso de cuidados institucionais prolongados, caracteriza-se pela diminuição do apetite — e, com isso, do crescimento — e pelo aparecimento de transtornos digestivos e de manifestações nervosas como agitação e insônia, propensão ao catarro e a adenoses. O hospitalismo era, até um período bem recente, a praga dos lares de bebês — assim como foram outrora a febre hospitalar, nos hospitais militares, e a febre puerperal, nas maternidades. Todas as melhorias nos cuidados, toda a fartura dos equipamentos, todo o combate contemporâneo contra o contágio, nada disso conseguia controlar esse sofrimento sinistro, até que uma minuciosa sondagem desse mal descobriu a causa surpreendente: carência de amor! As crianças — como exprime um pesquisador, referência em hospitalismo — perecem de inanição anímica; o instinto infantil por amor materno permanece insatisfeito e, então, a almozinha falece. Os incontáveis estímulos psíquicos e corporais — para comer e se mover, acordar e dormir — que a criança bem-aventurada recebe nos braços da mãe que a ama; o sorriso e o amor; o cantar e o ninar; o aconchego da mãe ao primeiro gemido noturno e a doce reimersão nos sonhos ao som da melodia sussurrada pela guardiã; o apaziguamento que a criança experimenta ao primeiro grito por alimento, para ser levada na hora de costume ao seio que alimenta; e a primeira volúpia — metade consciente, metade inconsciente — do ser, ficar deitado mamando no seio quente da mãe: todos esses deleites idílicos do começo da vida — quase não percebidos e, no entanto, necessários à criança — faltam para a criança da instituição. Falta a ela o *Ammenzauber*. Ela vive penosamente à sombra do destino, privada de amor. O ser humano não é nenhuma máquina que alimentam com óleo e carvão e colocam para executar um cronograma. A criança recém-nascida é uma plantinha que quer ser nutrida e cuidada com amor, e que demanda o brilho de sol de um olhar alegre e o calor de um braço que o ame.

Isso é ouvido como uma reivindicação ética refinada; mas é lei da natureza, verificada pela experiência científica. Confiada a uma só pessoa, uma criança pode ser criada quase sem dificuldade sem o leite materno. Em milhares de casos essa necessidade apresentou-se e foi superada. Em contrapartida, caso se retire, de uma criança criada em instituição, não apenas a mãe, mas também esse bem delicioso que ela deve dar à criança, depois de lhe ter dado a vida — o leite que jorra para ela do seu peito —, então a criança não apenas adoece pela fome de amor, mas perece irremediavelmente. Até poucos anos atrás não houve sucesso, em nem um único caso, em manter vivo um bebê numa instituição apenas com leite alheio. Isto só deu certo numa época bastante recente, depois de se ter reconhecido a carência de amor como causa do hospitalismo e de se ter substituído, nas instituições para bebês, os esquemáticos cuidados coletivos pelo trato individual. Com isso se indicava o caminho para a superação do hospitalismo e, ao mesmo tempo, para uma reforma geral dos cuidados com bebês: para cada criança, uma mãe! *Ammenzauber* [encantamento de ama] nos recintos sóbrios de uniformes institucionais e caldeiras Soxhlet¹³! Cada enfermeira é encarregada de um reduzido número de bebês, que ela aprende a conhecer em suas singularidades, como uma mãe a seus filhos, e que ela deve tratar apropriada, amorosa e individualmente. Quanto mais conscientes ficarmos [— diz o professor *Ibrahim* num breve discurso acadêmico do qual foram extraídos os dados para este ensaio —] de que devemos, no lar para bebês, substituir a mãe para as crianças; e quanto mais tenhamos aprendido a valorar o conceito de “mãe”, mais sucesso obteremos e menos restará, afinal, do fantasma do hospitalismo. Através dessa reviravolta na concepção sobre os cuidados com bebês que se consumou nos últimos 20 anos, os lares — que,

13. Trata-se de um equipamento laboratorial, inventado em 1879 por Franz von Soxhlet (1848-1926), destinado originalmente à extração contínua de lipídeos de um material sólido mediante utilização de um solvente quente. (N. do T.)

no século passado, era bem mais lugares de morte do que lugares de cuidado com a vida — tornaram-se fontes de saúde infantil e, com isso, de força nacional.

A valia dos resultados de *Ibrahim para o nosso problema* consiste, em grande parte, na força demonstrativa dos fatos apresentados para a exatidão das doutrinas psicanalíticas.

Sobretudo, é comprovada através deles uma tese fundamental de *S. Freud*, que, mais do que qualquer outra, esteve exposta a dúvidas e ataques: *o ensinamento psicanalítico da existência e da intensidade vital da sexualidade já na mais tenra infância*.

Eles ratificam, para além disso, a nossa definição da *sexualidade da criança* — primeira, mais originária, autóctone — como *pulsão de contato em todos os sentidos, tanto no físico como no psíquico*.

Eles nos abrem, por fim, uma visão particularmente esclarecedora a respeito das *condições de formação e de desenvolvimento dos emaranhamentos pulsionais cardeais e dos seus vínculos essenciais com os pares de opostos de conflitos internos soberanos em seus típicos traços essenciais cunhados pelo destino comum da humanidade*.

Salientei muitas vezes que, para mim, a origem da angústia neurótica e dos conflitos patogênicos parecia estar no isolamento da criança. Agora — com o conhecimento, através de *Ibrahim*, de materiais factuais — vemos imediatamente o terrível significado da solidão infantil. O isolamento total e real é letal para a criança. *A angústia diante da solidão é, portanto, um verdadeiro e fundamentado medo da morte*.

Porém, em caso algum a criança recebe incondicionalmente o amor ou, ainda, o gesto de contato: a absoluta necessidade infantil de contato será utilizada pelo entorno como meio coercitivo da educação; e a libertação da solidão, a fabricação do contato, será vinculada à condição da obediência, da adaptação, da renúncia à própria vontade e ao feito próprio. Essa é a conseqüente e pavorosa instauração da autoridade sobre a vida de cada um.

A absolutez da necessidade de contato na criança torna inevitável o cumprimento de todas as condições postas para a concessão

de contato; ela é idêntica à incapacidade de resistência às sugestões por causa da idade da criança — a sugestibilidade infantil¹⁴ — e age como predisposição ao conflito interno patogênico que cresce da irreconciliabilidade entre aquilo que é estrangeiro ao ser e aquilo que é próprio. Há, no seu princípio, a irresistibilidade à coação externa por conta da completa impossibilidade de renúncia ao amor.

Assim é criada a consciência, na criança, da completa impotência e uma recordação indelével de que essa impotência era dependente da relação e proporcional ao tamanho da necessidade de contato.

O “plano de vida”, no sentido de *Alfred Adler*, a partir do qual se forma o desenvolvimento do neurótico e a quota neurótica da personalidade em cada pessoa, deixa-se agora reduzir, no inconsciente, a seus primeiros traços essenciais, a um processo de lembrança e de dedução típico. A orientação do que concerne ao adulto com relação ao objeto de amor, em geral — e, em particular, ao outro gênero —, concentra-se no mote da salvaguarda: *não querer, como na época da infância, arriscar a individualidade na relação e, através de um excesso da própria necessidade de amor, colocar-se em risco.*

O sentimento de inferioridade que desperta e atíça tais tendências de salvaguarda é a consciência do estado anímico, a qual resulta diretamente do medo que a criança tem da solidão — logo, da associação entre necessidade de amor e prontidão para a submissão como impotência e humilhação. Com essa autopercepção da despersonalização e essa autoadaptação como inferioridade já estão, de fato, iniciadas a correção e a supercorreção. Elas são as primeiras na fila daquilo que *Adler* chama de “salvaguardas”¹⁵,

14. Ver meu trabalho “Sobre as inferioridades psicopáticas”.

15. Em alemão, *Sicherungen*. Freud, em “Contribuição à história do movimento psicanalítico” diz que “quanto à segunda parte que compõe a teoria de Adler, a psicanálise tem de assumir responsabilidade por ela, como patrimônio seu. Pois não é outra coisa senão conhecimento psicanalítico, que o autor extraiu de fontes acessíveis a todos, durante os dez anos de trabalho conjunto, e que depois marcou como propriedade sua, alterando a nomenclatura. Eu próprio considero *Sicherung* [salvaguarda], por exemplo, uma palavra melhor do que aquela por mim utilizada, *Schutzmaßregel* [medida protetora], mas não encontro nela um novo significado”. S. Freud (1914) “Contribuição à história

e conduzem, na sequência, ao desenvolvimento supercompensatório rumo à *associação entre amor e temor* e, ademais, rumo ao *emaranhamento pulsional entre amor e ódio, entre sexualidade e violação*.

Desde que estamos em posição de avaliar essa força motriz, dirigida à vida, da *alternativa entre “solidão ou sacrifício da personalidade”*, somos capazes de reduzir o *emaranhamento pulsional entre amor e ódio a um trauma psíquico — surgido através do espírito da ordenação existente — adequado, em intensidade e extensão, à onipotência que é a sua, e que impõe e molda todas as sensações; onipotência que nos induziu a esclarecer a miséria das relações humanas, tal como as enxergamos à nossa volta, quase como polaridade cósmica dos princípios fundamentais de masculino-feminino*.

Ao nos indagarmos, por fim, sobre as possibilidades profiláticas, somos levados à reivindicação de um novo princípio educacional reformado. *À criança é preciso que seja dado amor de modo absolutamente incondicional, não apenas livre de toda correlação com exigências de qualquer espécie, mas como pura afirmação da individualidade em nome do seu valor intrínseco e de cada singularidade germinante*⁶.

do movimento psicanalítico”. In: *Obras completas*, vol. 11: Totem e tabu, contribuição à história do movimento psicanalítico e outros textos (1912-1914). Trad. P. C. de Souza. São Paulo: Companhia das Letras, 2012, pp. 309-310 (N. do T.).

16. A epopeia dos negros do Sudão sobre matadores de dragões, a magnífica lenda de Dan-Auta, mostra um menino — grotescamente mimado, ao que parece, por um princípio educacional de absoluta convivência; e protegido, por conta disso, na realidade, da solidão, da impotência e do sentimento de inferioridade — que será convocado como salvador e libertador. Cf. a lenda de Dan-Auta em Leo Frobenius, *Und Afrika sprach...* [“Der Kampf mit dem Drachen”. In: L. Frobenius (org.) *Und Afrika sprach...: Bericht über den Verlauf der dritten Reise-Periode der D.I.A.F.E. in den Jahren 1910 bis 1912*. Berlin: Vita, Deutsches Verlagshaus, 1912; pp. 462-488. Disponível em: <<https://archive.org/details/undafrikasprachboofrob>>. Em espanhol, cf. Sixto C. Martelli, “Dan-Auta: cuento sudanés”. In: *El monitor de la educación común*. Buenos Aires: Consejo Nacional de Educación, 1930; pp. 625-631. Disponível em: <http://www.bnm.me.gov.ar/ebooks/reader/reader.php?mon=1&vt=n&dir=90900020&num_img=625&num_fin=631> (N. do T.).]

Que, por ora, esperança alguma de atendimento venha ao encontro dessa reivindicação — por mais inegociável que ela seja no futuro — é bastante evidente. Pois ela é incompatível com o princípio da autoridade, tanto na família quanto fora dela.

III

Contribuição para o problema do delírio

Em meu trabalho “*Conflito e relação*” tentei mostrar que o conflito interno, do qual se originam os transtornos funcionais anímicos, podia reduzir-se ao antagonismo dos dois grandes motes pulsionais que alcançam — sob a pressão das nocivas influências do meio existentes, universalmente orientadas no mesmo sentido — a sua configuração inadequada, a sua intensidade hipertrófica e a sua proporção antagônica recíproca: a tendência à submissão como forma dissimulada da pulsão de contato e a tendência à violação como forma dissimulada da pulsão individual de autoconservação. Em outras palavras: *o complexo de antagonistas masoquista-sádico*.

Tentei, depois, mostrar que também a posição sexual em relação ao outro gênero ou ao mesmo — logo, a orientação no sentido heterossexual ou homossexual — será determinada e fixada, em última instância, pelos componentes pulsionais do complexo masoquista-sádico, com base na lei de Alfred Adler. Que os tipos “homem” e “mulher” funcionam, no inconsciente, como simbologia de uma relação de controle; ou melhor, uma relação de submissão. Logo, que a *tendência à submissão* tem sempre de estar focalizada num objeto sexual *masculino* e a *tendência à violação*, num *feminino* — *independentemente do próprio gênero*, de maneira que a orientação homossexual se liga, no homem, à tendência à submissão e, na mulher, à tendência à violação — enquanto que o sadismo masculino e o masoquismo feminino, na medida em que não levam a transformações ulte-

riores rumo a uma reformulação secundária, são posicionados na direção heterossexual.

Tentei, por fim, mostrar que cada componente pulsional do complexo antagonista será utilizado em relação ao outro como supercompensação; que a tendência à fuga ao seu contrário habita cada fator pulsional como esse; que, por isso mesmo, as pulsões antagônicas postas uma contra a outra conservam-se e reforçam-se reciprocamente e que, em consequência disso — oculto no inconsciente de modo mais ou menos profundo, com um desenvolvimento mais ou menos dominante de um ou outro componente —, vai se encontrar em todo ser humano o típico complexo de antagonistas: no homem, sadismo heterossexual e homossexualidade passiva; na mulher, masoquismo heterossexual e atividade lésbica.

Gostaria de falar, neste ponto, do significado que esses componentes do complexo de antagonistas masoquista-sádico parecem ter em alguns casos de construção delirante que tive oportunidade de ver.

O melhor resultado que pôde ser alcançado até então — no âmbito da compreensão genética e conteudística da psicose funcional, em geral — são as descobertas de *S. Freud* e de seu aluno genial, *S. Ferenczi*, sobre *a perversão como essencial fator etiológico e conteudístico do delírio*.

Soubemos, com isso, que *a construção delirante — em completa analogia com o sonho — consuma-se como uma realização simbólica de desejo de uma pulsão sexual perversa, arrebatada da correção da realidade, que, por um lado, tornou-se intensamente insuperável e, por outro, depara-se com uma resistência tão cabal da parte da consciência e do conjunto da personalidade que a sua realização por meio da experiência real é impossível*.

Especialmente por isso o caso que eu gostaria de comentar primeiro parece-me valer a pena ser mencionado, pois ele ilustra — talvez com uma clareza singular — a exatidão da doutrina *freudo-ferencziana* da essência do delírio como realização de uma pulsão perversa recalcada. Ademais, o caso poderia denotar,

nesse ponto, uma ampliação da descoberta freudo-ferenciana, na medida em que não se tratou — como nas menções desses autores — de homossexualidade, mas de uma outra perversão, a saber: o sadismo heterossexual.

O doente é um engenheiro, A. G., sofrendo de paranoia com sistemática construção delirante edificada em ilusões dos sentidos e ideias autóctones, com total preservação da inteligência. Expressão verbal, encadeamento do raciocínio, motilidade e conduta não apresentam peculiaridades. Há anos o estado é estacionário. Não se observam crises, hesitações ou periodicidade.

G. adoeceu na América, onde estava a trabalho, com delírio de autorreferência e alucinações. *Naquela época, estavam sendo cometidos em Nova York, onde ele morava, diversos homicídios passionais; e G. acreditava dever concluir — a partir da conduta das pessoas e a partir das alucinações auditivas — que o acusavam desses assassinatos.*

Começou a esconder-se, mudou de residência, começou a trabalhar com outras coisas, não ousou mais ir a restaurantes e era açoitado, em todo lugar, pelas impressões — que ele acreditava ter — de que por toda parte o reconheciam, o observavam e diziam que era ele o assassino. Viajou de volta para a Europa; no navio, sentia-se escoltado e observado. Ao chegar à Alemanha, no caminho do hotel, tentou ludibriar os observadores e escapar deles. Por fim, num hotel obscuro, acreditou ter conseguido. Lá dentro, fica espreitando o quarto vizinho pela porta trancada que dá para a sala anexa. *Nesse contexto, acredita compreender as palavras: “você foi apunhalado, ele foi apunhalado”; e acredita poder distinguir o pingar das gotas de sangue.* G. atira através da porta.

Barrica-se, então, no seu quarto; entra numa troca de tiros com a polícia, chamada por conta do ocorrido. Gravemente ferido, será levado para o hospital e, de lá, para o manicômio.

Na instituição, quando inquirido, desenvolve de modo claro e bem inteligente o seu sistema delirante, ao qual ele se aferra há tempos sem nenhuma mudança.

Acredita estar em conexão telepática com um bando de perseguidores que ele designa “telepatas” e que querem eliminá-lo — sobretudo: torná-lo inofensivo no manicômio, uma vez que conhece os segredos deles. O diretor do manicômio é um dos líderes dos telepatas. Ele acredita já tê-lo visto antes, mesmo na América, “numa forma alterada”.

G. alega que os telepatas fizeram catacumbas embaixo do manicômio e que lá aprontam das suas. *De tudo o que fazem, falam, pensam e sentem ali ele fica sabendo, por telepatia.*

Nas catacumbas, os telepatas celebram “missas negras”; arrasam mulheres para lá, matam-nas “e o que mais lhes vier a calhar”.

E à pergunta sobre como é que ele pode saber disso, G. retorque: “É por telepatia, pois se é o que lhes vem a calhar, naturalmente é o que me vem a calhar também”.

Mas isso é a chave para a sua psicose. G. é sádico. Ele concretiza na psicose a plena realização dos seus desejos sádicos inconscientes. Ele consegue vivenciar ao máximo, na psicose, a sua perversão sádica — pensemos na expressão de *Stekel*: “prazer sem culpa”. Pois G. identifica a sua própria satisfação sexual nas fantasias de homicídio passional como sendo provocada por “telepatia”.

O caso ilustra, de modo soberano, a consubstancialidade do delírio com o sonho, o caráter do delírio enquanto realização do desejo de pulsões recalcadas e a exatidão do princípio *freudiano* do “*benefício da doença*”.

Se analisarmos o caso pela existência de componentes pulsionais conteudisticamente orientados um contra o outro, não veremos outra coisa diante de nós, em primeiro lugar, além de um puro sadismo heterossexual, a angústia ante essa pulsão, a impossibilidade de escapar dela e, por fim, a realização de desejo alucinatória: primeiro, o fator da identificação com o assassino passional e seus atos; depois, a satisfação sexual através da experiência delirante de cenas alucinatórias de homicídio passional.

Parece faltar aqui, antes de mais nada, qualquer outra tentativa de fuga que não aquela na psicose. Vemos, ao que parece, apenas o conflito: sadismo e mera tentativa de recalçamento em

relação ao sadismo. Pode ser que isso esteja correlacionado ao fato de que G., mesmo com toda a inteligência, seja, na verdade, alguém de natureza simples, sem o temperamento de complicar as coisas. Ele recalcou sua pulsão perversa pelo tempo que foi possível e, daí, fugiu para a psicose.

Só que, olhando mais de perto, observamos, sim, um sintoma — por trás do qual parece se esconder a típica tendência compensatória frente ao sadismo heterossexual, a saber: o masoquismo homossexual. São as construções delirantes em sua relação com o diretor da instituição.

São notáveis, aqui, antes de qualquer coisa, os falseamentos da memória — já ter visto o diretor antes — e *o delírio da forma alterada*. Indagamo-nos que simbologia pode existir aí.

A ideia de que um ser humano altere a sua aparência externa pressupõe a sensação de que a impressão que se recebe dele não seja inequivocamente certa; que, em algum sentido, ela seja variável. É compreensível que essa variação não possa se localizar primariamente nos fenômenos delirantes como tais, e sim, necessariamente, na reação afetiva subjetiva.

E, na verdade, aqui é preciso entrar em questão um fator afetivo importante, importante o suficiente para poder engendrar uma falsificação fixadora da percepção — ou melhor, da recordação. Isso nos impele a supor que é a sensibilidade *sexual* do paciente que reage em direções diferentes conforme a impressão da personalidade que está no discurso. Isso quer dizer que, ao lado da indiferença ou da defesa da parte de uma sensação heterossexual, um fator homossexual arranja uma brecha.

Ademais: que G. atribua ao diretor um papel de liderança entre os seus perseguidores lembra bastante a conduta de Schreber para com seu médico, tal como descrito por Freud¹⁷. Naquele caso, Freud demonstrou inequivocamente a “transferência” ho-

17. Cf. S. Freud (1911) “Observações psicanalíticas sobre um caso de paranoia (*dementia paranoides*) relatado em autobiografia (‘O caso Schreber’)”. In: *Obras completas*, v. 10. Trad. P. C. de Souza. São Paulo: Companhia das Letras, 2010; pp. 13-107. (N. do T.)

mossexual do pai do paciente para o médico. Ora, a posição homossexual em relação ao pai e a sua posterior transferência é indubitavelmente a clássica forma de expressão do masoquismo homossexual. Também é digna de nota, no nosso caso, a situação de defesa supercompensatória; logo, na verdade, a homossexualidade reprimida à personalidade, da qual ele se encontra em dependência na maioria das vezes. Há aqui um alto grau de probabilidade de que se trate, em última instância, de uma tendência à submissão — superficialmente encoberta pela posição defensiva — que, no homem, pelas razões antes mencionadas, tendem necessariamente para a orientação homossexual.

Teríamos, portanto, no nosso caso, um indício do complexo de antagonistas típico: sadismo heterossexual e masoquismo homossexual no homem.

Isto é, mesmo em G., manifestam-se vestígios de tentativas de fugir do sadismo para a sensibilidade sexual compensatória oposta; logo, para a tendência à submissão e — como ela está representada, no inconsciente, como posição em relação a um objeto masculino — para a homossexualidade. Mas, de qualquer forma, essa tentativa de compensação experimentou um desenvolvimento insignificante e tem, na psicose, apenas um papel secundário.

O mote dominante da construção delirante é, indubitavelmente, o sadismo heterossexual.

O segundo caso que eu gostaria de esboçar traz o mote do masoquismo homossexual no homem para a superfície da psicose. Parece-me interessante, na medida em que permite mostrar bastante claramente a constituição dessa perversão no jogo de antagonistas com o seu oposto.

Trata-se de um marujo de trinta e três anos, T., na profissão civil de contramestre. A respeito da eclosão da doença eu, infelizmente, não pude ter maiores precisões.

Quando do seu internamento no hospital da guarnição, T. dá a impressão de um estado de estupor catatônico de grau leve.

Fica sentado, com o rosto teso, imóvel; também modifica bem pouco a sua postura; responde às perguntas com respostas curtas, coerentes, mas muito pobres em palavras. Parece constantemente absorto em seus processos internos; às vezes, pelo semblante, parece alucinar.

Alguns dias mais tarde, substancialmente mais aberto, admite entrar numa conversa mais longa. Está completamente norteado, fala de forma coerente e coesa, mas com uma dicção singular. Acontece de falar constantemente de motes religiosos; introduz expressões religiosas em todos os assuntos. Quando discorre mais longamente, a sua forma de expressão fica misteriosa, bastante incompreensível, mas deixa sempre comprovar que ele conserva a coesão e consolida, com as palavras, um sentido específico.

Como exemplo da sua forma de expressão característica, cito: T. esmigalhou entre as mãos pedaços do seu pão e os jogou pela janela; perguntado sobre o que fazia, responde: “Isso aqui é com a mão esquerda — isso se tem de saber”. Conjecturo: acaso ele está se referindo à passagem bíblica, “quando deres, a mão direita não deve saber o que faz a esquerda”¹⁸? T. afirma: “Todo mundo quer guardar algo para si, mas os pássaros do céu também querem comida”.

Indagado sobre a sua vida e os seus pensamentos, T. muito prontamente dá informações. Ele fora um pobre pecador, “um grande porco”, mas a graça de Deus o socorreu. “Nada é conosco, tudo vem do Senhor”.

Ele conta que, quando criança, tentou realizar atos sexuais com animais: uma vez com uma vaca, uma vez com um ganso. Quando moço, cometeu atos de violência sexual com meninas bem pequenas.

Então, mais tarde, a graça de Deus chegou até ele, de modo que se livrou dos seus pecados. Começou a deixar as “porcarias”; a ler textos, a Bíblia, e também sobre magnetismo terapêutico.

18. “Tu, porém, quando deres uma esmola ou ajuda, não deixes tua mão esquerda saber o que faz a direita” [Mateus 6:3]. (N. do T.)

Certa vez lhe aconteceu de um camarada ter ficado doente e Deus ter-lhe concedido poder ajudá-lo. Ele fez traços magnéticos no ar, por trás dele, e o camarada ficou curado alguns dias depois. Isso não era mérito seu, mas a graça de Deus. Sempre se deveria pensar em Cristo.

Um pouco mais tarde, quando era marujo, foi a primeira vez que Cristo apareceu para ele. Perguntado sobre outras alucinações, T. desconversa. Por ora, nenhuma informação em relação a isso.

No dia seguinte, T. está novamente como que desorientado, só reage após várias abordagens; depois, reage com a maior gentileza, embora muito brevemente. Entregue a si próprio, olha — com uma expressão facial tensa e extática — pela janela, para o vazio, visivelmente alucinado. *De repente atira-se no chão sem dizer uma palavra sequer; posiciona-se de maneira estranha, como se tivesse os pés e as mãos atados; contorce-se para lá e para cá; beija os pés da equipe que está à sua volta.*

Prossegue com isso por horas, intermitentemente, num completo mutismo. Por fim, interrogado diversas vezes sobre o que havia feito ali, dá a resposta: *aquilo era uma penitência e lhe fora ordenada por Deus.* Sem maiores explicações. Um pouco mais tarde, na enfermaria, quando um paciente se desnuda, T. vira a cara com um semblante paralisado e pronuncia, de repente: “isso não devia ser permitido; isso é um aquecimento do sangue; disso podem surgir coisas antinaturais, para o prejuízo da geração futura”.

Trata-se, em T., muito indubitavelmente, de um caso de esquizofrenia com construção delirante religiosa.

Que o delírio religioso — num homem — denote uma simbologia homossexual, *Freud* comprovou muito definitivamente no caso Schreber. No entanto, a simbologia sexual na exaltação religiosa, em T., não é tão crassa quanto em Schreber. Só que a tônica sexual — melhor dizendo: a simbologia sexual — na psicopatia religiosa quase não precisa mais de prova. E que ela, num homem, tenha de estar orientada homossexualmente, tão

logo fique em primeiro plano o ser divino pensado masculina-mente, isso é evidente.

Além disso, a última declaração de T. que foi mencionada, sobre o paciente que se desnuda, indica o quão fortemente o mote homossexual está representado em sua sensibilidade.

O que se expressa muito inequivocamente na psicose de T. é o elemento masoquista. A cena — como ele, ao comando de Deus, se atira no chão e beija os pés dos homens — é justamente a realização psíquica clássica de uma posição desejante masoquista homossexualmente orientada. Representando-se essa situação como conteúdo de um sonho, o sentido da sua simbologia não será duvidoso nem por um piscar de olhos.

Temos de considerar, então, o masoquismo homossexual, em T., como a perversão que se encontra imediatamente na base da psicose e que nela se realiza.

Ora, o relato do doente sobre a sua infância nos aponta, com especial clareza, a existência também de uma tendência oposta. Os atos de sodomia — e, mais ainda, aqueles cometidos contra meninas pequenas — bem manifestaram o caráter de violação; são, em sua essência, atos sádicos. E esse sadismo estava orientado heterossexualmente.

Do seu sadismo, T. fugiu total e completamente para a tendência à submissão: logo, para o masoquismo e, com isso — enquanto homem —, igualmente para a homossexualidade. Ele tentou recalcar tanto quanto possível essa tendência, que estava se tornando superpoderosa nele. A religiosidade patológica surgiu como criação de compromisso [*Kompromissgebilde*]. E por fim, é dentro desse último âmbito — de uma forma direta e que realiza o seu desejo — que isso chega a uma concretização delirante da necessidade de submissão homossexual: Deus lhe ordena beijar os pés dos homens ao seu redor.

Gostaria de declarar que não considero aqui a homossexualidade como verdadeiro motivo decisivo de todo o desenvolvimento que conduz à psicose, mas a tendência à submissão em si. A homossexualidade é, no homem, a sua forma de expressão simbólica.

O terceiro caso de que gostaria de falar diz respeito, novamente — na medida em que entra em questão o fator decisivo para o adoecimento —, a uma perversão heterossexual, ao masoquismo heterossexual de uma mulher.

Trata-se de uma dama de faculdades intelectuais extraordinariamente elevadas, artista, de cuja vida me é conhecido o seguinte:

Em seus anos de desenvolvimento, houve uma pronunciada inclinação masoquista em relação ao seu irmão, muito mais velho que ela, que lhe deixou uma impressão eternamente dura-doura. A brincadeira que ele fazia com as suas irmãs pequenas é característica. Colocava-as para correr com um chicote, e então beijava a primeira a vir de volta para perto dele.

Com dezessete anos a paciente deixou a casa dos pais e foi seguir a sua formação artística numa cidade maior. Lá fez uma amiga com quem manteve, durante um ano e meio, uma relação homossexual.

Em seguida, deixou a namorada e assumiu uma relação com um homem. Este, de caráter patológico e francamente violento, trouxe nela de volta à tona o impulso masoquista. Contudo, logo começou a sofrer com essa situação e foi se afastando progressivamente dele.

Conheceu, então, o seu futuro marido; e este, cujo caráter impossibilitava completamente qualquer relação masoquista da mulher com ele, ofereceu-lhe, primeiramente, a salvação para si mesma. Após alguns anos, porém, ela começou a se sentir infeliz em alguns momentos; assumiu, então, outras relações passageiras que, sem exceção, deviam-se considerar experiências masoquistas — mas sempre tornava a voltar para o marido. Nesse meio tempo, ela esteve quase sempre muito feliz com ele e florescia cada vez mais em seu desenvolvimento intelectual.

Após vários anos de vida conjunta, novamente uma experiência masoquista com um outro homem, a qual, dessa vez, parece ter tido o caráter de uma real violação que possibilitou a guinada decisiva para a sua vida interior.

Dali em diante, em relação ao marido, e de maneira desigual, ora ela se encontrava efusivamente feliz, ora — sem razão reconhecível — desesperada, por vezes incompreensivelmente irritada em sua conduta para com ele. Nas últimas semanas antes da eclosão da psicose, foram observadas oscilações de humor se situando — que, naquele momento, ainda foram consideradas dentro do raio fisiológico; mas, retrospectivamente, tiveram de ser consideradas oscilações cíclicas prodromicamente sintomáticas. (Como se sabe, um introito relativamente frequente nos adocimentos esquizofrênicos).

Depois de ter estado surpreendentemente animada e algo extática por alguns dias, seguiu-se, durante a noite, um acesso de desespero, em que implorou ao seu marido que morresse com ela. Ao amanhecer, calmaria.

Sobre a eclosão da psicose manifesta que ocorreu um dia depois, tomei conhecimento do seguinte. Ela está aparentemente calma, gentil e serena; deixa que o marido leia para ela uma revista. Ele lhe conta sobre a pretensão de um príncipe estrangeiro quanto a subir ao trono, príncipe que passou a juventude sendo um aguerrido aventureiro; e encerra com a observação sobre o que ele faria caso realmente chegasse ao governo. Ao que a mulher responde, bem bruscamente: “*Dai ele vai ser Deus*”.

Ele vê que o rosto dela ganhou uma expressão completamente estranha; ela fala de um jeito aturdido, com um conteúdo incompreensível; fica angustiada e corre dali subitamente. Só a reencontra depois de horas, num solilóquio, sentada na rua. Mais tarde fica sabendo que ela esteve escrevendo cartas numa taverna, mas ficou tão conspícua que, com a preocupação de que ela pudesse se ferir, tiraram-lhe a pena. O escrito ainda se encontra com ela; são rabiscos totalmente incompreensíveis.

Pouco tempo depois, ausente como que em sonho, fala de modo mais ou menos aturdido — no mais das vezes, serena e flexível —, aparentemente desorientada e alucinando oniricamente. Dos mal-entendidos da situação, o mais das vezes é só depois, em ocasiões mais descontraídas, que se fica sabendo dos

detalhes. Como, por exemplo, que ela considerava a ilha que eles habitavam uma “ilha dos mortos”; e o navio ao qual regressam — ou melhor, a sala de máquinas —, o inferno.

Constantemente deprimida e angustiada, certa vez tentou se afogar. Sente medo diante das impressões da natureza, da vegetação — a qual teria um significado simbólico oculto. Declara certa vez que, na natureza, tudo está coberto com pus, assim como ela própria. Fixada nessa declaração, chega a falar que — na primeira vez em que esteve junto de um homem — contraiu gonorreia. Ela toma essa recordação como uma praga que se abate sobre ela. (Em todos esses anos, essa foi a primeira vez que ela se pronunciou, nesse sentido, a respeito daquela doença curada há tempos).

Entrementes, conserva a serenidade de quem sonha, com uma expressão facial ausente, frequentemente exonoética. De vez em quando, ações bizarras. Assim, certo dia, rearranjou todos os objetos no quarto do hotel da forma mais estranha; alega, em seguida, que tinha de fazê-lo. Certa vez, não vigiada por um instante, sentou-se nua no parapeito da janela e acenou para a rua, de modo sereno e ausente, com um sorriso de quem está sonhando.

Algumas semanas mais tarde ela fica amigável, calmamente comunicativa; não se fecha mais diante do marido, mas conserva aquela característica estranha e claramente exonoética. Chegou, agora, a uma construção delirante ordenada, provisoriamente estacionária.

Acredita que já está morta e que se encontra no além, junto com o marido. Ali “tudo ficou bem”. Considera o nome do país em que residem uma expressão simbólica para o além. Ela nunca abandona seu quarto; evita olhar pelas janelas que dão para a terra, mas passa horas sentada com o olhar voltado para o mar. Sempre calma, terna, sonhadora, exonoética. Seu estado permanece assim durante meses, sem alterações.

Daí, repentinamente, uma recusa no semblante e nos movimentos, como que petrificada. Dá a impressão de um estupor

catatônico. A expressão facial é dura a maior parte do tempo; às vezes, algo vazia. Inexistem acessos depressivos.

Agora se encontra com o homem com quem teve a última experiência masoquista. Começa a se restabelecer. Vive, então, várias semanas junto desse homem. A rigidez psicomotora, o mutismo e a construção delirante desapareceram por completo. O humor é irregular; às vezes tem algo de exaltado, com um leve tom de angústia.

Após algumas semanas, rompe com ele e volta para o marido. Nas primeiras horas, de novo uma exacerbação psicótica — dessa vez com um caráter totalmente outro que não o de antes. Numa grande excitação, afirma repentinamente que o marido lhe dera cigarros envenenados.

Depois, calma. Pela manhã ela declara que tem a sensação de, no intercuro com o marido, ter ficado completamente anestesiada sexualmente. Com expressão de desespero, declara de repente ser culpada pelo pecado original no mundo. Poucos minutos mais tarde, aproveita um momento em que o marido dá as costas e se envenena.

Ao nos perguntarmos, primeiramente, sobre a rubrica clínica dessa psicose, pode emergir então a ideia de “insanidade maníaco-depressiva”.

A psicose se iniciou com alterações de humor inequívoca e manifestamente cíclicas. Mas geralmente vemos isso como um pródromo do adoecimento esquizofrênico, e o que temos ali para observar é apenas a expressão da tentativa derradeira e vã de recalcar aquilo que ascendeu do inconsciente¹⁹.

As oscilações de humor ulteriores — que se revelam no decorrer da própria psicose — também não devem ser nenhuma espécie de fator patognomônico; e, numa psique dilacerada pe-

19. Cf. o meu trabalho sobre “A ideogenidade freudiana e a sua significação na insanidade maníaco-depressiva de Kraepelin” [O. Gross, *Das Freudsche Ideogenitätsmoment und seine Bedeutung im manisch-depressiven Irresein Kräpelins*. Leipzig: F. W. Vogel, 1907 (N. do T.)].

las criações do inconsciente²⁰ que se tornaram superpoderosas, elas são bastante compreensíveis. No período em que se tornou uma realização delirante, elas desapareceram e deram lugar a um humor regular, mantendo seus traços característicos.

É mais difícil a pergunta sobre se acaso se tratou de uma assim chamada psicose histérica ou de uma esquizofrenia. Sabe-se que a esquizofrenia, em seu começo, possui muitas vezes extensas semelhanças com a psicose histérica; que, em estágio inicial, uma distinção diagnóstica é uma impossibilidade. Peremptório, aqui, é mesmo só o decurso ulterior.

No nosso caso, faltaram completamente todos os estigmas psicogênicos de fato — logo, as conversões somáticas, no sentido freudiano —; e, por outro lado, a dama adoentada, em seu período de enrijecimento motor, apresentou um quadro de mutacismo e posição defensiva que nós estamos acostumados a encontrar apenas na esquizofrenia. O que poderia falar em favor da histeria era, única e exclusivamente, o aparecimento de uma remissão, mais ou menos completa, na pendência inequívoca de uma influência externa, uma vivência real. Voltaremos a esse fator mais adiante.

Se considerarmos agora o fator substancial da psicose e a vida impulsional da enferma, encontramos, na história prévia, a posição masoquista precocemente mencionada na direção heterossexual: a relação com o irmão. Logo, a sensibilidade heterossexual-masoquista foi, bem cedo, o elemento dominante.

Mais tarde, a típica tentativa de fuga rumo à supercompensação, a fuga para o contrário: a experiência lésbica. Em oposição ao doente anteriormente discutido, T. — no qual a sensibilidade homossexual compensatória tornara-se crucial —, essa mulher retorna muito rapidamente à sua forma de agir anterior,

20. Jung, em colaboração com Aniela Jaffé, publicará trinta anos depois um livro intitulado justamente “criações do inconsciente”. Cf. C. G. Jung; A. Jaffé, *Gestaltungen des Unbewussten*, Zúrique: Rascher, 1950. (N. do T.)

a heterossexual-masquista; e esta será, dali em diante, o mote dominante da sua perversão e, por fim, da sua enfermidade.

Portanto, a próxima experiência é, novamente, heterossexual-masquista. A mulher luta, com todas as forças, contra esse impulso absolutamente contrário ao seu caráter fundamental; ela encontra uma libertação provisória numa relação que não lhe concede oportunidade alguma de autoexpressão masquista. Só que, de tempos em tempos, ela tem de retornar repetidamente ao masquismo; e, depois de uma experiência decisiva como essa, o retorno à relação normal não foi mais bem sucedido. Tenta isso com todas as forças, só que o impulso masquista se torna superpoderoso e, na medida em que se esforça — com toda a tensão — para recalá-lo, a eclosão da enfermidade advém.

Gostaria de dizer que me parece ser típica, para o sentido da psicose, a primeira expressão com a qual ela se anuncia. O comentário sobre aquele aventureiro aguerrido — que, devendo chegar ao poder, então seria Deus — não me parece necessitar de maiores explicações. É a eclosão vociferada da vontade de submissão ao poder e de a ele se entregar como a algo divino.

É o período da construção delirante temporariamente estacionária que nos dá, então, maiores explicações novamente. O fato de que essa mulher, até então absolutamente não religiosa, construa o seu delírio sobre representações religiosas parece-nos bastar para esclarecer as pistas a respeito do caso descrito anteriormente.

Além disso, implica-se aí a significação simbólica da ideia de estar morto. O desejo de morrer — proporei, para designar essa manifestação, o termo “*tanatofilia*” — é muito característico dessa enferma. Lembro que a estupenda manifestação da psicose a advir estava ligada ao desejo de morrer junto com o marido.

Creio que na tanatofilia é, em geral, a ideia de *entrega à morte* que parece estar implicada; e que, nesse caso, o mote da morte faz exatamente o mesmo papel que a entrega a Deus nos casos de delírio religioso descrito anteriormente, bem como nos análogos.

Bem se trata, antes de mais nada, do mote da *própria entrega*; da passividade em relação a algo superpoderoso; da eliminação de toda resistência própria em relação a uma força estrangeira.

Nesse sentido, o conteúdo do delírio de estar morta seria a realização simbólica da tendência à entrega como tal, simbolizada através da ideia da morte — como um superpoder ao qual se tenha submetido — e, como pano de fundo, da ideia de um ser divino ao qual agora se está entregue.

Toda a esfera emocional na qual estão construídos o preparativo, a eclosão, a remissão e a recaída da psicose; as experiências que a desencadearam; por fim, a simbologia do próprio delírio: tudo isso pertence total e exclusivamente ao masoquismo heterossexual. De um fator homossexual no conteúdo da psicose e da estruturação verificável das suas motivações encontramos aqui ainda menos do que no caso que descrevemos primeiro. A tentativa de supercompensação lésbica do masoquismo heterossexual decerto algum dia adveio na vida da mulher; acionou-se na realidade; mas, então, teve de ceder de volta ao masoquismo heterossexual superpoderoso e não se deixou verificar, nos destinos futuros, em lugar algum na construção e no conteúdo da psicose.

Vemos então, nesse caso, com total clareza, que a eclosão da psicose e a constituição do delírio reduzem-se, *sem envolvimento de uma motivação homossexual*, ao superempoderamento de uma outra perversão, *o masoquismo como tal*.

Regressamos agora, uma vez mais, à questão do caráter clínico da última enfermidade discutida.

Vimos que os sintomas da psicose cabem no tipo de adoecimento esquizofrênico; mas, por outro lado, também vimos que a influência de uma experiência real no curso da doença deixa concluir por um caráter histérico da psicose.

Se tentarmos estabelecer agora uma diferença de princípio entre esquizofrenia e histeria, crescendo de disposições anímicas internas — eu mesmo acredito que só se podem separar, aqui, dois grandes grupos que se mesclam de modo fluido —, então vai ser preciso levar em conta o que se segue.

Onde quer que o benefício da doença, no sentido *freudiano*, seja absoluto — isto é, onde a realização do mote do desejo combatido só pareça doravante possível na psicose —, é lá que ocorre uma fuga definitiva para o irreal, do qual — segundo a dinâmica das grandezas afetivas — não há nenhum retorno possível.

Num caso como esse, toda possibilidade de trazer satisfação à motivação pulsional superpoderosa encontra-se fora da realidade; não se pode esperar mais nada das experiências reais, e estas tampouco podem exercer influência alguma no desenrolar da doença.

As psicoses definitivas — a esquizofrenia e a paranoia — deveriam suceder, então, nos casos em que tornaram-se absolutas não apenas a pulsão combatida, mas também as resistências que se opõem ao fato de serem vivenciadas na realidade.

Nos casos em que, no inconsciente, ainda é sustentada uma última esperança de dar aval à perversão na realidade, a fuga para o irreal ainda não pode ser irrevogável e definitiva.

Em casos como esse, então, as realidades confrontadas — que agem no sentido da pulsão combatida — são capazes de fazer contrapeso ao benefício da doença que está situado na psicose.

Se se chega, então, a um estado definitivo, incurável, que não é mais influenciável a partir da realidade — logo, a uma esquizofrenia ou a uma paranoia —, ou a um estado ainda influenciável pela realidade externa atuante, e eventualmente ainda curável — logo, a uma histeria —, isso parece estar na pendência da questão de o quanto a repressão da pulsão combatida — na medida em que vivenciá-la *na realidade* entra em questão — é uma repressão completa e, com isso, o quão absoluto se tornou o benefício da doença alcançado através da fuga para a psicose em relação à realidade.

Portanto, é concebível que — tal como no último caso descrito — os caracteres psicogênicos e esquizofrênicos de uma doença possam se mesclar. Também é compreensível que uma psicose comece como histeria e, mais tarde — quando finalmente as

pulsões combatidas forem sentidas como não realizáveis na realidade —, possa se transformar numa esquizofrenia.

Vimos que, nos três casos descritos, a enfermidade do espírito — a construção delirante — era expressão de um componente reprimido do complexo de antagonistas masoquista-sádico. Em dois casos ele estava posicionado heterossexualmente; em um, homossexualmente.

Vimos ainda que, nos casos descritos, a orientação para o próprio gênero ou para o outro direcionava-se rigorosamente conforme a lei *adleriana* do símbolo. A relação entre um elemento que representa o poder e um elemento que se submete é sempre apresentada como a relação dos princípios masculino e feminino. A tendência à submissão, em todo e qualquer caso, encontra-se em torno do símbolo objetual masculino; a tendência à violação, ao feminino — independentemente do gênero próprio.

Por conseguinte, nos nossos casos, o sadismo de um homem e o masoquismo de uma mulher permaneceram no âmbito da heterossexualidade; o masoquismo de um homem associou-se com a homossexualidade. *Podemos supor que, nesse caso, a homossexualidade era uma consequência da posição masoquista.*

Gostaria de tentar generalizar essa conclusão e supor, sobretudo na homossexualidade, em última instância, a função de um componente pulsional pertencente ao complexo de antagonistas masoquista-sádico, tal como tentei efetuar no trabalho mencionado: “Conflito e relação”.

Tentemos considerar agora os casos de delírio — independentemente da orientação hétero ou homossexual —, em função da atitude fundamental masoquista ou sádica. Parece-me então que se pode deduzir um princípio que poderia permitir estabelecer uma diferença de essência entre a paranoia e os grupos associados à esquizofrenia, e que eu gostaria aqui de formular hipoteticamente.

Dos nossos três casos, o primeiro — em cuja perversão determinante nós encontramos um notável sadismo puramente desenvolvido — pertence inequivocamente ao grupo da para-

noia. Os dois outros casos, cujas psicoses estão assentadas no masoquismo, pertencem à esquizofrenia, ou melhor, a um tipo de doença relacionado à esquizofrenia.

Creio que não se trata aqui de uma coincidência fortuita, mas que investigações ulteriores irão provar uma correlação interna.

O empenho pelo controle da realidade é inerente à vontade de potência. Onde a fuga para o irreal é realizada, onde a construção delirante e as percepções falseadas têm de transformar a imagem da realidade, não se vai desistir da tentativa de estabelecer a conexão das novas impressões tanto com a realidade quanto entre elas mesmas. A atividade lógica do espírito segue em operação; ela procura amalgamar o aparentemente acontecido com a realidade; ela aspira fabricar ao seu redor uma realidade na qual seja possível orientar-se. A vontade de potência procura, também na psicose, atrelar-se à aquisição que permite ao espírito humano o controle do seu entorno: a concepção da sua continuidade²¹.

Peculiarmente, o masoquista tem uma tendência a se entregar para tudo: para as pessoas, para as figuras religiosas, para a morte, para os produtos do seu próprio inconsciente.

Lá onde o componente masoquista é a força motriz, falta, por conseguinte, também o controle da realidade. Não se empreenderá o estabelecimento de uma correlação interna entre as ideias delirantes surgidas do inconsciente, as percepções ilusórias e os humores, para manter fechada uma causalidade e fabricar uma realidade que se poderia dominar. Sucumbe a tentativa de autoafirmação através compreensão intelectual das coisas.

Nada me parece mais característico que a expressão facial extática de tais doentes, que se poderia traduzir com as palavras: "*Credo quia absurdum est*"²².

21. No manicômio, G. escreveu volumes inteiros sobre a natureza da telepatia e tentou estabelecê-la cientificamente.

22. Do latim: "acredito porque é absurdo". (N. do T.)

Logo, quando é a vontade de potência — o sadismo — que domina a gênese da psicose, desemboca-se em paranoia com conservação das funções do espírito que orientam e dominam o entorno. Quando o princípio formador da construção da psicose é o masoquismo, desemboca-se em esquizofrenia com autoren-dição ao que advém subjugadoramente do inconsciente e que tem outras leis que não as do entendimento e do que acontece no mundo externo.

TEXTOS INÉDITOS

Sobre o problema da solidariedade na luta de classes
e
Temas da psicologia revolucionária¹

-
1. Estes dois textos — encaminhados para esta edição por Gottfried Heuer — foram descobertos na Biblioteca Abraham A. Brill do Instituto Psicanalítico de Nova York, compondo o espólio de Dorian Feigenbaum (1887-1937), que aparece numa foto ao lado de Gross no prefácio deste volume (cf. acima, Figura 6). Feigenbaum — que esteve em análise didática com Gross ao longo de oito meses, fez sessões de supervisão com Sándor Rado e Helene Deutsch e foi o primeiro analista a pisar em solo palestino — manteve-se, durante anos, muito próximo de seu sobrinho, Leopold Weiss (1900-1992), que, em suas memórias, também relata encontros com Otto Gross. Por sua vez, Weiss — que, sob o nome de “Muhammad Asad”, se tornaria um famoso diplomata, jornalista e acadêmico — fora casado com a pintora Elsa Schiemann (1878-1927), que havia trabalhado com Gross, em Berlim, no periódico *Die freie Straße*. A importância de Gross para a formação de Feigenbaum se nota no fato de este ter legado ao Instituto Psicanalítico de Nova York uma coleção quase completa dos escritos do autor, tanto em suas publicações originais quanto em manuscritos e textos datilografados — dentre os quais estes dois, aqui traduzidos, que Franz Jung pretendia incorporar à edição que faria dos escritos de Gross. Em tempo, os números da paginação original encontram-se inseridos entre parênteses, sobrescritos, no início do trecho a que se aplicam. (N. do T. a partir da apresentação de Gottfried Heuer para a transcrição do texto original)

SOBRE O PROBLEMA DA SOLIDARIEDADE NA LUTA DE CLASSES

[*Zum Solidaritätsproblem im Klassenkampf*, 1920]

O ensaio que se segue é a tentativa de encontrar uma resposta para um dos diversos problemas que Franz Jung arrolou, diante de nós, em sua série de artigos neste periódico: “Zwecke und Mittel im Klassenkampf” [Os fins e os meios na luta de classes. Quatro episódios]¹.

A luta de classes é uma luta entre categorias de seres humanos e condições de vida totalmente incompatíveis.

Quando procuramos tomar essa definição em todo o seu rigor, ela conduz, entretanto, do âmbito da pura constatação daquilo que está dado para o da reivindicação. Só que no problema da luta de classes trata-se justamente de reivindicações. É justamente aqui que é preciso ocorrer um processo decisório que a aprofunde e lhe conceda a pureza das lutas internamente condicionadas e dos destinos inescapáveis.

A imagem que habitualmente vem a nós como a típica da luta de classes é a dos grupos opostos, proletariado e capital. A situação belicosa inevitável deve ser tangível aqui, pois se baseia na oposição, intensificada até à intolerabilidade, da parcela economicamente determinada da vida. Ela vem de uma

1. F. Jung (1919) “Zweck und Mittel im Klassenkampf. Vier Folgen”. *Die Erde*, vol. 1: “Das Gemeinschaftsbewußtsein im Klassenkampf” [A consciência comunitária na luta de classes], pp. 357-360; “Gemeinschaft und Solidarität” [Comunidade e solidariedade], pp. 427-431; “Die Etappen der revolutionären Atmosphäre” [As etapas da atmosfera revolucionária], pp. 530-533; “Proletarisches Klassenbewußtsein ist Klassenkampf” [Consciência de classe proletária é luta de classes], pp. 670-673. Reimpresso em: *Gesammelte Werke 1/1*, Hamburg: Nautilus, 1981, pp. 223-240. (Nota de Gottfried Heuer)

crença na inquebrantabilidade da natureza humana, quando se finge que essa conjuntura constritiva infligida, imposta pela violência como eterna opressão, tenha posicionado a totalidade das orientações internas do proletário contra o seu rival; tenha desenvolvido a oposição como algo interno e completamente irreconciliável. Só que bem agora, com a visão da desintegração também dos últimos resquícios de humanidade em legalidade, do extraordinário tensionamento de qualquer compromisso, toda crença na experiência interior colapsa contra o grande bonde da pureza de uma atitude bélica...

⁽²⁾ Anos atrás, no entanto, os êxitos assustadores do americano Ford² mostraram que, para um empreendedor — sobretudo para alguém altamente talentoso, íntegro e humano — é sempre possível, em sua esfera de influência, colocar um fim à luta de classes, tão logo consiga estabelecer para a família de cada um dos empregados o nível econômico da família pequeno-burguesa...

No todo dos acontecimentos, individualidades com capacidades são, de acordo com os objetivos de Ford, como que uma raridade do mais alto grau sem significado prático algum, e a estruturação de uma nova ordem econômica por meio da boa vontade dos elementos burgueses não se realizará; apenas os resultados advindos do reconhecimento acerca da questão do proletariado são inalienáveis.

A luta de classes vai, então, continuar. Enquanto houver classes, ela vai se impor aos proletários. Só que o mote propulsor da luta, para o proletário, é justamente apenas a intolerabilidade das relações econômicas forçadas, e não a incompatibilidade das duas classes na construção da vida comum.

Não são distinções de natureza interna que opõem o proletário ao burguês: há, antes, a impossibilidade infligida de poder

2. Henry Ford (1863-1947), um industrial estadunidense, foi o primeiro a aplicar a montagem em série e a produzir em massa os automóveis de sua fábrica, a Ford Motor Company. Suas reflexões e considerações sobre o trabalho podem ser encontradas em seus livros: *My life and work* (1922), *Today and tomorrow* (1926) e *My philosophy of industry* (1929). (N. do T.)

satisfazer exatamente as mesmas exigências vitais que a ordem social existente permite ao burguês satisfazer. Quando um grupo proletário, num caso excepcional — o que mostraram as tentativas de Ford —, perceber essa possibilidade, ele será desligado da luta de classes. Como o indivíduo se comporta num caso análogo — e, na prática, desproporcionalmente mais importante — é uma questão de natureza todopesarosa. E da ausência de todo tipo de motes, de alguma forma comuns, tais como aqueles conectados internamente segue-se, naturalmente, o fracasso da maior das questões: a da solidariedade.

Eis aqui o âmbito mais obscuro no qual mergulha a solidão ameaçada...

A reunião solidária da vontade comum sustenta apenas as lutas que são conduzidas não para o bem, mas para o cumprimento de princípios — logo, a partir da necessidade interna. Só a necessidade interna característica da reivindicação de amor reconhecida possibilita a pureza interna tanto da rivalidade quanto da coesão. O direito à revolução e a qualquer instrumento de revolução baseia-se em saber que cada um dos dois, tanto o indignado [revolucionário] quanto o seu rival, só pode viver sob condições comuns que, para o outro, tenham o efeito de decomposição.

⁽³⁾ Acontecimento incrivelmente grandioso dos dias de hoje é o fato de esse espírito ter podido permear todo o povo russo. Foi nesse espírito que a revolução e as guerras de defesa dos russos alcançaram a vitória; esse é o espírito no qual um povo, tendo de perder o que há de mais glorioso na Terra — e que por isso sabe, “com terrível coragem”, como relatam os rivais —, defende as fronteiras, enquanto que, na proteção dessa aliança, a genialidade dessa raça e de seus grandes homens uniu-se a serviço de um trabalho sublime: a preparação do futuro para as crianças; a criação de uma vida livre e de uma cultura livre para a geração que está germinando.

Em nossos países, em geral, falta ao revolucionário reconhecer que não é o proprietário do capital, e sim o tipo de ser humano que está no poder, que é para ser combatido.

Sabemos que a tendência soberana e o princípio vital formativo da espécie humana é a vontade de potência. Enquanto esse princípio fizer parte da construção e da regulação do mundo, o poder sempre será situado no centro das coisas, como único fator positivo no qual se acreditar. Fatores como o “instinto de ajuda mútua”, tal como entendido por Kropotkin, e a vontade de livre relação não serão compreendidos em si, nem sequer levados a sério. A construção da estrutura social será, dentro das condições legais do caráter de necessidade da manutenção estatal e a partir da dinâmica da luta por poder, vinculada ao acaso da vantagem hereditária e decidida em eternos combates de todos contra todos; e a forma da vida privada, da relação de pessoa com pessoa, mesmo a mais íntima, é, para essa espécie humana — cujas respectivas estruturas de vida ainda são capazes de se impor a nós — a da autoridade no sentido mais adverso: a dominação do homem em relação à mulher, a família patriarcal em vigor.

A pressuposição de toda expectativa colocada numa revolução, de todo pensamento colocado numa tentativa de libertação, é o fato — já livre, no presente, de toda e qualquer suspeita — de que a vontade de potência é um resultado antinatural de uma influência externa antinatural, e que está completamente ausente no estado inato e no plano de desenvolvimento preformado do ser humano.

⁽⁴⁾ Os povos que puderam, no feliz estado de total isolamento, conservar vivo, em grande parte, o comunismo matriarcal dos primórdios foram considerados inteiramente livres de todo e qualquer traço da vontade de potência — amparados, para isso, por uma natureza que lhes proporcionou o alicerce, o espaço para o livre acesso à vastidão e condições de vida ilimitadas: o Oceano Ártico setentrional. Em nossas circunstâncias, evidentemente, seria totalmente impossível encontrar um único homem sequer que estivesse livre da vontade de potência; a psicologia do inconsciente nos possibilita, entretanto, desde o primeiro momento da gênese do terrível processo de esclerosamento da alma, perseguir a alienação e a autoeducação sistemática rumo

ao egoísmo, à adaptação e à formação de compromisso com as sugestões estrangeiras, e o terrível e desesperante volume de medo na violência, através de cujas manifestações a hipertrofia do instinto puramente defensivo, inato, de autoconservação marca o feitio próprio com a vontade de potência agressivamente corruptora.

A evolução para a vontade de potência é igual em todas as posições e classes, pois ela se dá imediatamente na instituição da família, da família patriarcal, assentada no poder. A relação de homem e mulher e de pais e filhos está baseada, na ordem existente, numa dinâmica de poder; e da família, em sua forma existente, só pode resultar, sempre e em toda parte, o ser humano com vontade de potência — em todas as classes e posições.

Enquanto o proletário compartilhar com seu rival a instituição anti-humanitária da propriedade da mulher e dos filhos, ele será absolutamente cúmplice de todo burguês. Enquanto os filhos do proletário amadurecerem com todas as mesmas aspirações que os do capitalista, com a exigência de poder, de autoascensão pessoal, estará sempre presente economicamente a disposição para o êxito das tentativas de Ford e em lugar algum poderá se desenvolver uma oposição interna entre duas categorias de seres humanos (a dos existentes e a de uma nova espécie) e suas pretensões de totalidade do mundo, um contraste exclusivo dos dois tipos humanos.

A autoconservação da própria espécie é o bem inegociável, o qual, enquanto núcleo secreto do terrivelmente mal formado, emergido do novo impulso, precisamente da vontade de potência, torna agora internamente impossível o abandono dessa vontade terrível: o medo diante de ter de perder a própria essência (?), a própria individualidade, é a monstruosa força propulsora de, a qualquer preço, tornar-se o primeiro de todos em poder, ^(s) a quem, em si mesmo, ninguém mais ousaria outorgar uma mudança... E esse medo e essa pulsão frenética rumam exclusivamente ao ilimitado. O mais glorioso de todos os contos, “O pescador e sua mulher”, coloca em palavras o reconhecimento

do gênio de que só Deus está a salvo de toda intrusão estrangeira no íntimo³.

E assim foi constituído o tipo em sua completude, do qual até hoje se faz história: a ampliação das competências de majoramento do próprio poder como autodefesa e como um fim em si mesmo — na maioria das vezes como autoevidente, não como um conhecido fim em si mesmo...

O poder a serviço da ideia, do “condotiero⁴ do espírito” — conforme as gloriosas palavras de Lênin⁵ —, é a nova epifania que chegou até nós.

O princípio de potência na família, tal como ela existe hoje — a família patriarcal, com todas as suas inacreditáveis monstruosidades deflagradas no mais íntimo do anímico — é, em sua essência, de uma natureza puramente econômica: a mera consequência do encargo econômico de um só homem com a perda de trabalho que se segue à maternidade... Aqui está a verdade, um caso de tremendo e inapreensível efeito; uma causa de natureza efetivamente econômica presente na vida, na alma e no espírito, no valor ético interior, na dignidade humana da humanidade.

-
3. No conto em questão — coletado pelos irmãos Grimm —, um homem pescou um peixe que, ao ser retirado da água, alegou ser um príncipe encantado e pediu ao pescador que fosse solto. Retornando para casa com as mãos abanando, o homem explicou o acontecido à sua esposa, que, sempre insatisfeita, fez com o que o marido voltasse diversas vezes ao mar pedindo ao peixe mágico recompensas pela alforria. O último pedido da esposa foi que o peixe a transformasse em Deus — o que acaba resultando na perda de tudo o que havia sido concedido e o retorno à miséria em que o casal vivia no começo da história. (N. do T.)
 4. No original, *Kontordiere*. Gottfried Heuer aponta que, com essa palavra, claramente legível no original inédito, o autor poderia estar se referindo a *Kondottiere*: em italiano, *condottiere*, líder mercenário ou de milícia. (N. do T.)
 5. Através das buscas realizadas quando desta tradução, tal expressão apareceu, nas poucas ocorrências encontradas, associada a Paul Johann Anselm von Feuerbach [1775-1833]. Fundador da doutrina moderna do Direito Penal na Alemanha, Feuerbach é conhecido, para além da sua atuação como jurista, por ter sido o tutor legal do famigerado Kaspar Haugen. (N. do T.)

Neste ponto está uma reivindicação ao proletariado; não a todos, mas à elite, aos revolucionários natos.

A vocês, os escolhidos, cabe realizar um feito através do qual vocês se distanciem dos seus rivais para sempre e instale-se uma intransponibilidade, maior do que qualquer outra sobre a Terra, entre vocês e eles.

Quando chegarem do trabalho ressentidos e quebrados, renunciem ao direito de dirigir uma palavra rude às “suas” mulheres e a achar que “não sou um monstro, só estou me sentindo pressionado”; renunciem ao pobre júbilo de mandar os “seus” meninos às compras e de sentir que “eu mesmo também posso dar ordens a uma criatura”. Renunciem a toda “deplorável satisfação”⁶ de suas vidas familiares e digam a si mesmos, de novo e de novo, todo dia e a toda hora, toda a verdade: sou aquele que é pressionado pelo que vem de cima, estou unicamente sobre-carregado; só aqueles que estão acima de mim me comprimem; em toda a hierarquia não há, para mim mesmo ⁽⁶⁾ e para os meus irmãos, nada além de superioridade; não temos nada além de inimigos, inimigos, inimigos acima de nós.

Renunciem à cumplicidade com os burgueses; renunciem às suas famílias! Organizem um grande fundo maternal, tão grande em volume quanto o Partido, que então obteria o direito de se chamar “comunista”. Com uma sentença de validade perpétua, estabeleçam: a partir de agora toda criança, toda camarada é filha do Partido: os direitos maternos são para as camaradas o que as incumbências paternas são para o Partido. E se a camarada engravidar do filho do industrial, que essa criança também seja filha do Partido e aprenda a cerrar os punhos às palavras do pai; e vejam bem se essa criança não deve ser convocada a ser líder de vocês na luta...

6. Cf. F. Nietzsche, “Dos filhos e do matrimônio”. In: *Assim falou Zaratustra: um livro para todos e para ninguém*. Trad. P. C. de Souza. São Paulo: Companhia das Letras, 2011, pp. 67-69. (N. do T)

E com os irmãos, junto dos quais vocês são pressionados e pisoteados sobre a Terra, solidarizem-se com eles e ajudem os mais pobres, ajudem as mulheres. Façam em interesse próprio: pensem que, então, toda a carga burguesamente adversa da responsabilização pela gravidez da mulher terá saído dos seus ombros; que emergirá o grande fundo maternal para o amparo da criança... Vocês estão assumindo uma grande responsabilidade, a de livrar para sempre de um dever insidiosamente destrutivo tudo aquilo que há de alegre e de despreocupado na vida.

[Acredito que a elite do proletariado, os revolucionários realmente natos, pode depositar aqui o seu interesse; mas sei, ao mesmo tempo, que o êxito mais esplêndido de um novo efeito educacional será impedido enquanto o poder — darão razão a Walter Rilla⁷ (?)! — ainda estiver com os outros... Entretanto, um outro nasceria vivamente do novo solo conquistado, ao se estabelecer um fundo maternal; a tentativa de uma nova ordem na qual, pela primeira vez, a renúncia à propriedade e ao direito de exclusividade sobre a mulher como norma seria imposta a nós: a solidariedade]

⁽⁷⁾ [A terrível luta secreta de todos contra todos se dá abaixo do limiar da consciência acerca do direito exclusivo sobre a mulher — isso o psicólogo da vida anímica inconsciente sabe na qualidade de sua experiência mais obscura, mais inquietante. Enquanto houver vontade de potência, haverá no inconsciente a pretensão de poder sobre a mulher e, inconscientemente, a atitude bélica de um homem contra o outro. Nenhuma mulher precisa já estar ali. Alguma virá. E esta estará, por si só, em posse de si mesma. Quanto mais próxima a situação; quanto mais similar o outro homem — logo, mais relacionado ao mesmo gosto —; quanto mais fundamentalmente preformado for tudo na camaradagem, na solidariedade, mais acirrado o ódio de homem contra homem, fulgurando cada vez mais em segredo no inconsciente,

7. Organizador do periódico *Die Erde*, no qual este texto deveria ser publicado (Nota de Gottfried Heuer). [Cf. nota 1, p. 157. (N. do T.)].

e o psicólogo do inconsciente vê os desejos de morte latentes de caramadas contra camaradas, de amigo contra amigo] ...

Acredito que, na realidade, haverá — quando muito — apenas o pequeno grupo de elite dos revolucionários verdadeiramente natos que poderá depositar aqui o seu interesse em jogo; e bem sei que, enquanto o poder ainda permanecer com o outro, apenas na mais restrita extensão, no melhor dos casos exemplar, é que um resultado da educação seria alcançado. Porém, um outro nasceria vivamente do novo solo conquistado se considerássemos que fosse suficiente realizar um fundo maternal, a tentativa de estabelecer uma nova ordem, na qual, pela primeira vez, a renúncia à propriedade e ao direito de exclusividade sobre a mulher seria imposto a nós como norma: a solidariedade. A terrível luta secreta de todos contra todos se dá abaixo do limiar da consciência acerca do direito exclusivo sobre a mulher — de quase todo homem com toda mulher —, isso o psicólogo da vida anímica inconsciente sabe na qualidade de sua experiência mais obscura, inquietante. Enquanto houver vontade de potência, haverá no inconsciente a pretensão de poder sobre a mulher e, inconscientemente, a atitude bélica de um homem contra o outro. Quanto mais próxima a situação; quanto mais similar o outro homem — mais relacionado ao mesmo gosto —; quanto mais fundamentalmente preformado for na camaradagem, na solidariedade, mais acirrado o ódio inconsciente de homem contra homem, fulgurando mais altamente em segredo.

⁽⁸⁾ Nenhuma mulher precisa já estar ali. Alguma virá. E esta estará, por si só, em posse de si mesma.... O psicanalista conhece, no entanto, os desejos de morte latentes inconscientes de caramadas contra camaradas.

E é este o ponto: criar uma classe, ainda que ela seja insignificamente pequena em número, que estivesse preparada para prevenir, por meio de uma ação, esse envenenamento de toda solidariedade possível.

TEMAS DA PSICOLOGIA REVOLUCIONÁRIA

[*Themen der revolutionären Psychologie*, 1920]

1. Viabilização da nova disciplina através do novo ferramental da inconsciência (psicologia psicanalítica). Expansão do horizonte do até então recalcado — o que se tornou incapaz de consciência — através do solucionamento metódico dos conflitos internos. O sofrimento humano em si, com o mundo, com o enigmático e o obscuro; a enfermidade pandêmica, na realidade, nos conflitos intransponíveis entre a natureza humana (tal como nós, através do novo autoconhecimento avançado, aprendemos a vê-la) e as reivindicações constritivas das autoridades.
2. Os corpos estranhos psíquicos, trazidos à luz da consciência pela empiria psicanalítica, agora reconhecíveis como juízos de valor incutidos, sugeridos, estrangeiros, e como reflexos imperativos, continuamente levados direta e indiretamente adiante (por meio da articulação sequencial de associação com associação) desde a infância — enquanto período suggestionável —, sempre operantes no inconsciente, e a fragmentação interna constantemente desperta.
3. Fragmentação da alma: detectável como produto da intrusão de motes de vontade estrangeiros; estes, apenas possíveis através da constrição peremptória advinda do exterior — logo, através da violação (através da sedução, igualmente). Impossível atribuir à natureza da alma humana em sua forma originária!

4. Interesse pela subversão do que existe: libertar, em cada um, o que foi adaptado à transformação e ao existente — não através da adaptação aos valores estrangeiros, às normas em vigor —, independentemente da classe e da posição social por si sós: baseado na promessa da revolução, reconduzir o indivíduo às suas próprias e ínsitas possibilidades, capacidades e envergaduras institucionais, à sua individualidade sempre inconsciente, requerida e esperada em toda parte. Disposição para a revolução e preparação interna: reconhecimento do vínculo autoritário inconsciente e subconsciente estabelecido em cada um — inclusive nos mais livres.

Pendor ativo e passivo para o fator de autoridade:

Passivo, como tendência à submissão (masoquista) originada na posição indefesa da criança frente às autoridades familiares — como total entrega de si por medo da solidão —; a solução da questão advém da possibilidade de sustentação individual da violação autoritário-legal como sendo ilegal. Ativo, da vontade de potência (não protoprincípio, no sentido nietzscheano, mas efeito patológico, domesticador e corretivo de uma ⁽²⁾ supercompensação do sentimento de inferioridade — pandêmico como esse).

O sentimento de inferioridade como definição de humanidade: efeito da pressão da ordem social, prova e medida de sua antinaturalidade. Ilimitação patológica da supercompensação: vontade de potência, violação, crueldade, assassinato sexual — elementos strindberguianos do ódio de gênero —, o luluzismo¹ wedekindiano.

1. *Lulu* (“O espírito da terra”, “A caixa de Pandora”, “Morte e diabo”) é uma trilogia escrita por Frank Wedekind (1864-1918). “A tônica constante do seu teatro é o protesto contra os aspectos enganosos da vida burguesa e contra a dramaturgia naturalista. Nos dramas de *Lulu*, provavelmente os mais importantes de sua obra e certamente aqueles aos quais dedicou mais tempo de elaboração (de 1892 a 1913), Wedekind enaltece a moral da amoralidade e a beleza física, mas também nas demais peças ou procedem suas personagens principais do mundo decadente, ou então apresentam-se como párias da

A psicologia do subconsciente como objeto central do ensino: autoconhecimento como preparação revolucionária e ética, como entendimento interno da revolução e de seu sentido mais profundo, a universalidade: rompimento da solidão enquanto consequência da falta até então pervasiva de toda compreensão, tanto dos motes próprios como dos estrangeiros.

União — estabelecimento de relação entre os seres humanos em geral, através da revelação das possibilidades para o autoconhecimento e para a compreensão do outro. Objeto de ensino — competência da psicologia analítica —; ademais, como instrumento ideal para a aquisição de uma formação funcional. Formação é ampliação da vivência, do pensamento e da autocompreensão rumo à máxima eficiência funcional por meio da metodologia de exercício específica da função — não do conteúdo.

Competência da psicologia do subconsciente como meio pedagógico da aquisição de formação conteudística.

+

Exemplos em detalhe:

- a. o protesto revolucionário em latência no delinquente; sua exposição e seu valor a serviço da ideia como uma das funções da técnica psicanalítica aplicada etc. etc.
- b. o problema da democracia, sua incompatibilidade com o sentido da revolução e o caráter psíquico de base do revolucionário.

sociedade, aventureiros, artistas de circo, prostitutas e homossexuais, a desenvolver um humor caricato, resultado do choque sofrido pelo moralista e idealista ao enfrentar a realidade da vida burguesa no limiar do nosso século”. E. Theodor, “Frank Wedekind, precursor do teatro atual”, *Língua e literatura*, n. 1. São Paulo, 1972, p. 140. (N. do T.)

- c. o problema do receio da adoção da violência e das armas: um fator (inconsciente) de supercompensação, de luta contra um suspeitado impulso próprio (inconsciente) de tornar-se superpotente.
- d. Proteção contra um profundo impulso sádico próprio.
- e. A revolução sexual: a luta contra a família e a ordem existente, sobretudo no âmbito sexual

Tarefa: agir nas células individuais da estrutura social a fim de agitação e de sabotagem. Implementação da luta contra o princípio da família, isto é, da família patriarcal existente em prol do *matriarcado* comunista.

*[Pela reconstrução do verdadeiro humano]*¹

-
1. Este texto sem título — encaminhado para esta edição por Gottfried Heuer e por ele intitulado a partir de uma expressão constante no corpo da redação —, datiloscrito e não datado, foi encontrado nas proximidades de Sydney (Austrália), em janeiro de 2004, compondo parte do espólio da pianista Magda Weinig: uma caixa com diversos materias que haviam pertencido ao escritor austríaco Anton Kuh — amigo de Karl Weinig, com quem Magda havia se casado em 1931. Anton era irmão de Marianne “Mizzi” Kuh, mãe da filha de Otto Gross, Sophie Templer-Kuh. Por conta da Guerra, Magda e Karl estiveram separados em Londres e Sydney, até que se reencontraram na Austrália em 1949, onde passariam o resto da vida. A caixa com os materiais de Anton se viu em posse de um casal que era amigo dos Weinig, que entraram em contato, através da embaixada da Áustria, com a Biblioteca Nacional Austríaca, em Viena, comunicando o achado. Em tempo, os números da paginação original encontram-se inseridos entre parênteses, sobrescritos, no início do trecho a que se aplicam. (N. do T. a partir da apresentação de Gottfried Heuer para a transcrição do texto original)

[PELA RECONSTRUÇÃO DO VERDADEIRO HUMANO]

[(*Zum Wiederaufbau des wahrheitsgetreuen Menschen*)]

O inconsciente de fato, [o] de [uma] egocontinuidade associativamente fechada em si mesma¹, uma engrenagem funcional dilacerada em seu conjunto, é a decorrência de uma luta. Para ser preciso, é apenas secundário a uma luta interna. Primária, no entanto, seria a projeção compulsória de uma luta interior adentrando uma alma. Com isso está dito, ao mesmo tempo, que é preciso que se trate aqui também de uma luta de adversários com forças desiguais e posições desiguais — — —, caso contrário não poderia chegar a *imprensar o conflito no interior*. Na realidade, trata-se da terrível luta que — abaixo do limiar da consciência e acima do mesmo —, com uma monstruosidade igualmente devastadora, será travada entre pais e filhos.

Quando S. Freud, através de sua técnica psicanalítica, nos franqueou o novo território ilimitado e nunca dantes avistado do inconsciente, irrompeu em nós um medo ancestral de sermos arrebatados pelo mais obscuro, pelo mais profundo, determinado por *leis* estruturais, e de que o conjunto de funções das forças

-
1. No ano de 1904 falei em “egocontinuidade” [*Ich-Kontinuität*] pela primeira vez, e em 1906 seguiu-se, então, o “complexo do ego” de Bleuler. Num intervalo de tempo semelhante, a *esquizofrenia* de Bleuler seguiu-se à minha *dementia sejunctiva*. Que o “Significado do pai para o destino do filho” tenha advindo depois de uma análise conduzida mutuamente comigo, isso C. Jung admite. Quem está informado a respeito de que eu havia falado desse tema há anos admitirá que nenhuma outra versão teria cabimento, a não ser a formulação escolhida por C. Jung sobre [falta uma palavra no original] em termos de princípio e funcionalidade. Agora ouço dizer que o diferencial será associado ao nome de C. Jung. Se isso for verdade, teria então de mostrar que ainda estou vivo.

psíquicas cruciais fosse lançado a uma distância primeva e selada para todo o sempre. Quanto à investigabilidade das coisas anímicas mais ocultas e mais íntimas, não foi possível, mais tarde, se duvidar seriamente. Ao mesmo tempo, o novo método apontava justamente a localização das fronteiras nas quais estava provisoriamente constricto e que lhe permitiram precisar as áreas de reconhecimento abertas e impedidas como uma doença sistêmica. Agora era preciso soltar as amarras coimpostas e, a partir da disciplina *dada*, desobstruir o brilhante potencial: o fulgurante material psíquico explosivo e, simultaneamente, a espiritualização criativa da revolução.

A consciencialidade se acompanha da ausência de efeitos colaterais danosos e da intensidade da vivência — logo, da tensão dos afetos e da concentração do intelecto. Com essa tríade, o organismo reage às condições que demandam a adoção de uma nova conduta, ainda não conhecida e praticada — na verdade, portanto, uma criação nova.⁽²⁾ Quando houver uma reação sempre igual e o mais adequadamente fixa a um estímulo *externo* sempre igual — logo, o fazer praticado em toda repetição tiver diante de si uma situação conhecida e típica —, isso ocorre sem que a experiencição interna consciente, o trabalho intelectual e a afetividade sejam colocados em funcionamento. Chamamos um processo como esse — o qual, sem ser *experimentado* conscientemente, decorre dentro da esfera anímica negligenciável conscientemente no âmbito da “egocontinuidade”, e que também, de fato, sempre se desenrola sob o controle latente da consciência e que permanece o tempo todo acessível à tomada de consciência — não de “inconsciente”, mas de “automático”. Apenas onde uma nova situação obriga a encontrar uma nova reação adequada é que é inserida — sob o estabelecimento de qualquer processo habitual — a concentração do intelecto e da estimulação afetiva, junto com o que será vivenciado conscientemente, daquilo que é intensificado e acumulado, e do contato com a nova e elevada vida interior. A natureza do afeto engajado — o grau corresponde, naturalmente, ao nível de intervenção

no conjunto da *existência*! — está na fase da busca vã por um caminho para fora da natureza depressiva. Do seu funcionamento também resulta o complexo fenomênico das depressões: a inibição, o afeto a um dado conteúdo, a eliminação da troca, o estreitamento da consciência. Apenas no momento em que se alcança a solução final, em que o novo que se estipula é criado, é que se consuma a viravolta de humor para o afeto de prazer, simultaneamente à renovação da liberação das funções represadas. A reação recém-encontrada consuma-se posteriormente, em cada repetição da mesma condição, de acordo com o habitual: foi criado e estabelecido um novo automatismo como típico resultado final da típica reação produtiva.²

Talvez seja estranho que na tríade consciencialidade - empenho intelectual - tensão afetiva não exista nenhum paralelismo quantitativo entre afeto e consciencialidade. Parece que a natureza e o grau do afeto serão determinados mais pelo tipo da situação em geral e pelo tamanho de sua importância vital; no entanto, a experientiação da consciencialidade, pelos detalhes da *própria* reação criada. *Se todo processo atual enquanto tal é construído a partir de um elemento sensorial e de um elemento retrorepresado no interior, inconsciente e retardado em seu funcionamento externo, então podemos dizer: afeto e consciencialidade entram como correspondentes* [, de modo que] ambos, afeto e *consciencialidade*, enquanto componentes sensoriais do evento mental mais diferenciado, enquanto propulsão motocorrespondente, alcançam o mais alto grau das funções: a autoadaptação à ⁽³⁾ situação e — enquanto função motora represada — a criação da nova reação e do novo automatismo florescente.

A apresentação que se está ensaiando denota um esquema, naturalmente. Enquanto tal, ela deveria perspectivar intelecto e afeto, consciencialidade e vida crepuscular automática por meio de diretrizes de objetivos atemporais. Ademais, ele deveria esclarecer a mobilização de todas as forças enviadas para o exterior em

2. A partir daqui, datilografado com uma fonte menor. (Nota de Gottfried Heuer)

um *fazer*; o retropressionamento de toda vida disruptiva em dever e querer — concentradíssimos e internamente em ação —; a criação do novo enquanto essência e conteúdo de todo e qualquer procedimento intelectual em todas as formas, graus e valores. Agora é evidente que a realidade resulta em ínfimos automatismos verdadeiros, pois a suposição de legítimas autoreiterações de situações passadas é uma ficção. Provavelmente uma alteração mínima, bem como uma paralização volátil, quase que simultaneamente caída de novo no esquecimento, sempre terá tido efeito em relação ao controle da consciência — naturalmente, na realidade, “despercebida” e considerada praticamente “sem ter se tornado consciente”. Só que é da maior importância o fato de que, no âmbito da vida natural, a separação entre “consciência” e “inconsciência” seria procurada em vão nos reluzentes enigmas das preformações. O inconsciente verdadeiro — precisado, por uma expressão esclarecedora de Freud, como “insuscetível de consciência”³ — é produto da sabotagem humana. A avulsão da vida mental a partir da harmonia fechada do todo e da unidade internos é a mais grave das enfermidades — e são muitos aqueles, em meio à cultura e à sociedade, nos quais tais adoecimentos existem na qualidade de sina geral, sem exceção, bem como na de estado psíquico de todos.

[falta uma página!]⁴

Mostrou-se impecavelmente — e deixa-se provar novamente por meio de uma psicanálise, em cada caso individual, livre de pré-julgamentos — que o feitio humano inato é social em seu mais alto grau; logo, caso ainda se queira empregar a expressão, é dotado de qualidades éticas inatas. A psicanálise confere uma

3. Cf. J. Breuer; S. Freud (1893-95) “Representações inconscientes e insuscetíveis de consciência – cisão da psique”. In: *Obras completas de Sigmund Freud*, vol. 2: Estudos sobre a histeria. Trad. L. Barreto. São Paulo: Companhia das Letras, 2016, pp. 314-339; trad. modificada. (N. do T.)

4. Anotação presente no próprio original. (N. do T.)

brilhante ratificação da doutrina do instinto inato da ajuda mútua, efetuada em vias biológico-comparativas, de P. Kropotkin. Na predisposição humana inata encontra-se embutida uma série de engramas⁵, no sentido incorporado por Semon⁶, muito embora, antes de mais nada, ⁽⁴⁾ todo o conteúdo que entra em vigor na puberdade, o da sexualidade, através de uma culminância da maior complexidade e da mais alta propositalidade, já tenha ocorrido antes. Ademais, existe na predisposição humana inata uma pulsão defensiva extremamente forte de autoconservação da própria espécie; por outro lado, a predisposição preformada está livre de toda agressividade, sobretudo daquilo que chamamos de vontade de potência⁷.

Fourier⁸ disse essa frase cerca de cem anos atrás; foi, pelo que sei, a primeira vez que foi reivindicada uma investigação da alma humana — especialmente um estudo das forças pulsionais afetivas — para o estabelecimento de normas imperativas. Hoje conseguimos compreender por que essa reivindicação tinha de permanecer ainda insatisfeita naquele momento. O que da alma humana era acessível à pesquisa, o eu inteligível conscientemente, está centrado em fatores de cujo desenvolvimento participaram justamente os valores e normas imperativos — de

5. No texto original, depois dessa palavra há um ponto de interrogação datilografado. (Nota de Gottfried Heuer)

6. No original, grafado como “Simo”. Trata-se, ao que tudo indica, de Richard Wolfgang Semon (1859-1918), autor da obra *Die Mneme* [A mneme], publicada em 1904. Ali Semon define *engrama* — que, segundo o *Oxford English Dictionary*, tem origem nesse livro — como sendo “a modificação duradoura, embora primariamente latente, na substância irritável produzida por um estímulo”. A tradução inglesa da obra, realizada em 1921, está disponível em: <<https://archive.org/details/cu31924100387210>>. (N. do T.)

7. Os povos que — através do feliz isolamento, do livre acesso à vastidão e de condições de vida ilimitadas (logo, a conjuntura no Oceano Ártico setentrional) — conseguiram conservar mais ou menos vivo o comunismo matriarcal dos primórdios foram considerados inteiramente livres da vontade de potência. Para o esquimó, é a maior surpresa que, entre os brancos, um “obedeça” ao outro; e que o branco encontre satisfação em estar no comando...

8. O socialista utópico francês Charles Fourier (1772-1837). Em ambas as vezes o nome aparece escrito como “Fournier”. (Nota de Gottfried Heuer)

cujo questionamento se trata — com a mais alta intensidade da pressão sugestiva.

A inspeção do consciente raramente mostrará uma⁹ oposição às normas, menos ainda outro valor além daqueles que se encontram à nossa volta. Não era o caso de buscar um critério para as normas na vida interior inteligível conscientemente. Se decidirmos nos aproximar novamente do problema de Fourier, o faremos agora em condições totalmente novas com base na moderna psicologia do inconsciente. Nesse ínterim, conhecemos um novo território anímico que, em dimensões infinitamente maiores, rodeia o âmbito consciente do eu; e agora, por meio de metodologia adequada — o processo psicanalítico —, podemos recobrar pedaço por pedaço da egoconsciência, e essa nova empiria nos revela uma verdade sistematicamente esquecida, inconfessa: revela os impulsos ínsitos e ingênitos do íntimo que são sacrificados às pulsões artificiais sugeridas, aos impulsos inculcados. Com esses elementos anímicos que temos do inconsciente nós começamos a reconstrução da verdadeira figura humana. E essa comparação enquanto algo perdido — perdido em prol da ordem social existente! — da essência originária da alma humana com as normas vigentes e seus efeitos na imagem da humanidade resulta, agora, num substrato para uma questão quanto ao valor do valor .

[o texto termina aqui, com um espaço antes do ponto final]

9. Há aqui uma palavra ilegível inserida a lápis. (Nota de Gottfried Heuer)



COLEÇÃO ATO PSICANALÍTICO

A pele como litoral – Fenômeno psicossomático e psicanálise

Heloísa Helena Aragão e Ramirez / Tatiana Carvalho Assadi / Christian Ingo Lenz
Dunker (organizadores)

Dimensões do Ato em Psicanálise

Ronaldo Torres

Causalidade e desencadeamento na clínica psicanalítica

Ana Paula L. Gianesi

*Estrutura e constituição da clínica psicanalítica - Uma arqueologia das práticas de cura,
psicoterapia e tratamento – PRÊMIO JABUTI 2013*

Christian Ingo Lenz Dunker

Psicanálise lacaniana: revoluções em subjetividade

Ian Parker

O inconsciente: que é isso?

Colette Soler

Da fantasia de infância ao infantil na fantasia: a direção do tratamento na psicanálise com crianças

Ana Laura Prates Pacheco

O significante, o conjunto e o número: a topologia na psicanálise de Jacques Lacan

Paulo Marcos Rona

Os paradoxos da repetição

Dominique Fingermann (organizadora)

Poder e política na clínica psicanalítica

Marcelo Checchia

Escrever o trauma, de Freud a Lacan

Sandra Letícia Berta

O que é um homem? psicanálise e história da masculinidade no ocidente

Pedro Ambra

Mal-estar na maternidade: do infanticídio à função materna

Vera Iaconelli

Lacan :um novo Freud ? o paradigma lacaniano e seu alcance clínico
Luis Franscico Gonçalves de Andrade

Modelos, esquemas e grafos no ensino de Lacan
Alfredo Eidelsztein

Figuras do espaço: Sujeito, corpo, lugar
Paola Mieli

A Construção de Casos Clínicos em Psicanálise: Método Clínico e Formalização Discursiva
Christian Ingo Lenz Dunker / Heloísa Aragão Ramirez / Tatiana de Carvalho Assadi
(organizadores)

SÉRIE PSICANÁLISE E GÊNERO

História de uma regra não escrita : a proscrição da homossexualidade masculina no movimento psicanalítico
Lucas Charafeddine Bulamah

SÉRIE PSICANÁLISE, HISTÓRIA E POLÍTICA

Combate à vontade de potência
Marcelo Checchia (organizador)

A psicanálise e os lestes – volume 1
Paulo Sérgio de Souza Jr. (organizador)

Por uma psicanálise revolucionária
Otto Gross
Marcelo Checchia / Paulo Sérgio de Souza Jr. / Rafael Alves Lima (Organizadores)

